

90, 1, 18 m 4

CARTAS JESUITICAS

no 1

I

Cartas do Brasil

DO PADRE



Manoel Danobrega

(1549 - 1560)

RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1886



1926.
52

FAC-SIMILES

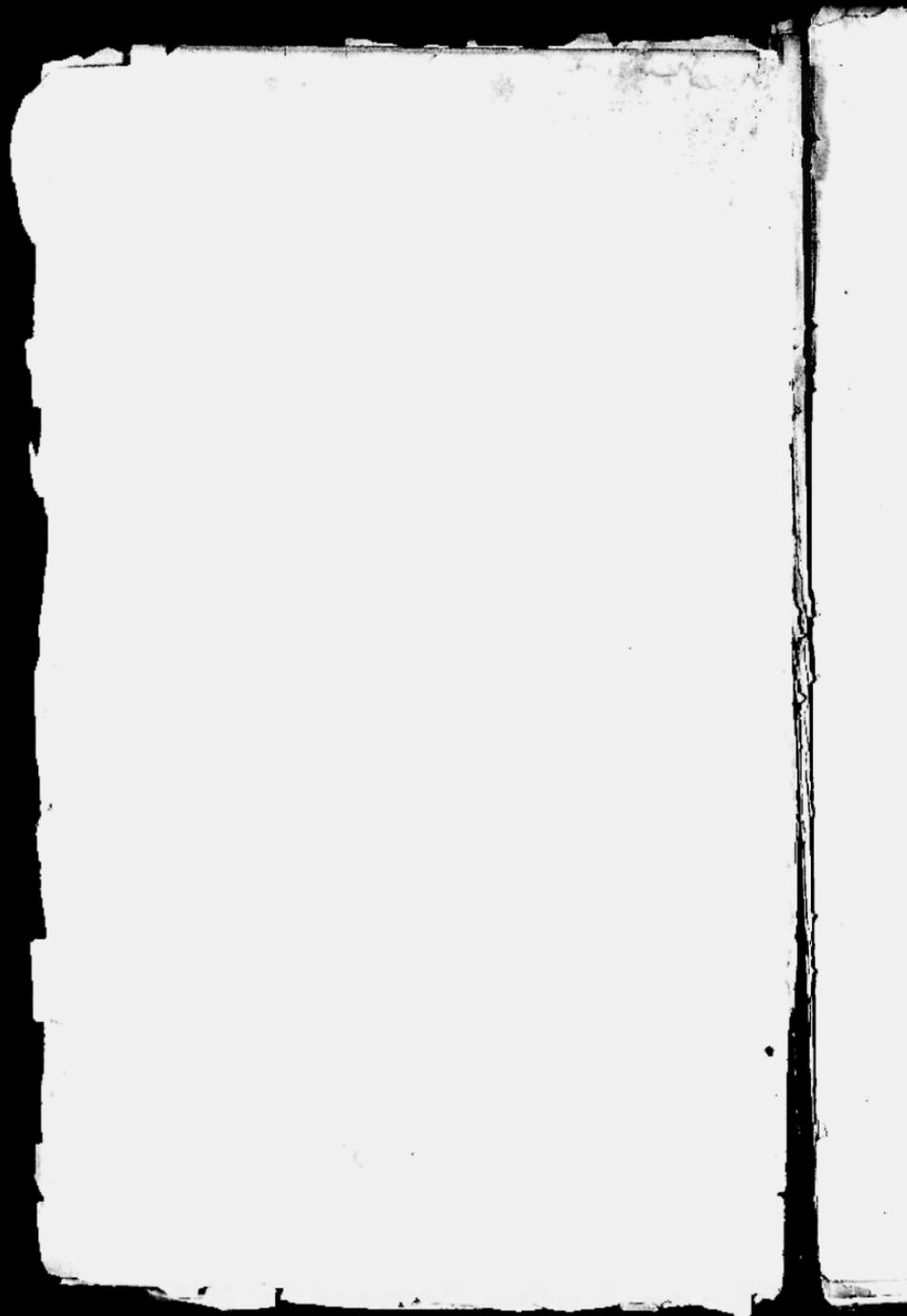
Manoel⁺ Danobrega

De Olinda, a 14 de Setembro de 1551.

Orada esendo de v. m. em xpi

Manoel⁺ Danobrega

Da Bahia, a 5 de Julho de 1559.



Posto que impressas estas cartas, excepto duas, havia muita conveniencia de apparecerem reunidas em livro e é o que se faz agora, dispensando assim a consulta dos volumes em que ellas se achavam dispersas. O texto foi cuidadosamente revisto: umas foram confrontadas com a cópia manuscrita e o original da Bibliotheca Nacional; outras com a cópia extrahida pela commissão Gonçalves Dias em Evora, pertencente ao Instituto Historico; uma com a cópia que possui o mesmo Instituto na collecção de documentos colhidos na Torre do Tombo de Lisboa; duas foram traduzidas do italiano.

E' provavel que ainda exista boa somma del'as. Domingos Alves Branco Muniz Barreto no *Plano sobre a civilisação dos Indios do Brasil* (Rev. do Inst., XIX, pp. 33/98), escripto em 1788, allude a um discurso de Nobrega, do qual transcreve uma passagem, e a outras cartas dos Jesuitas existentes no cartorio do Collegio da Bahia 1). E' possivel que ainda hoje alli existam ignoradas de todos e seu apparecimento seria de certo achado precioso.

1) No tomo 2.º das « Cartas escriptas das Missões » e na Copiador n.º 2.º das « Cartas escriptas para fora da Capitania ». E' de supôr que estes livros a que se refere Alves Branco, que os viu, sejam os proprios registos das cartas dos Jesuitas, escriptas da Bahia para a Europa e diversas partes do Brasil; ouve-lant o padre Antonio Franco na *Imag. da virt. em o nac. da Comp. de Jesus no Coll. de Coimbra*, II, pp. 1-1, diz: « Naquelle's primeiros tempos ascreviam-se muitas cartas pelos Padres e Irmãos dos servicos que a llois alli se faziam, e estas em Portugal se iam lançando em livros, onde hoje as temos; e lá não ficavam originaes nem copias; pois era tanto o que havia que fazer, que o tempo para escripturas era mui pouco. » Alves Branco tambem citando a seguinte phrase das memorias dos Jesuitas: « Nas guerras que nós intentamos de commun accordo com o Governador », acrescenta em nota: « Assim o referem varios manuscritos, que se acham no cartorio do Collegio da Bahia. »

Nobrega escreveu muitas cartas sobre as missões do Brasil, das quaes poucas são aqui conhecidas. Começou a publical-as no original portuguez Balthasar da Silva Lisboa nos *Annuaes do Rio de Janeiro*; seguiu-o a *Revista do Instituto Historico*. Destas duas obras passaram a ser reproduzidas em outras e as primeiras que sahiram na *Revista* do Instituto reuniu-as Innocencio Francisco da Silva no final da 2.^a edição (Lisboa, 1865) da *Chronica da Companhia de Jesus* de Simão de Vasconcellos. No proprio seculo em que foram escriptas, algumas appareceram em hespanhol e depois em italiano, publicadas em collecções jesuiticas. Tambem uma pelo menos foi traduzida em latim.

O padre Antonio Franco na *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Collegio de Coimbra*, tomo II, pg. 192, dizia em 1719 que, no cartorio da Companhia de Coimbra, havia « muitas cartas do padre Nobrega, que escrevia a esta Provincia das cousas do Brasil », e dellas reproduz alguns trechos que todos apparecem nas cartas da presente collecção.

Na Bibliotheca Publica de Evora existe uma carta de Nobrega, sem contudo saber-se aonde escripta ou de que data, porque assim não o accusa o respectivo *Catalogo dos Manuscriptos* da Bibliotheca, tomo III, pg. 137. Acha-se no Cod. CVIII/2-1, a ff. 147.

A mesma Bibliotheca possui em manuscripto *Respostas* de Nobrega sobre « Si o pae pode vender a seu filho e si um se pode vender a si mesmo? » São assumptos relativos aos Indios do Brasil. Regista-as o respectivo *Catalogo dos Manuscriptos*, tomo I, pg. 16. Vem no Cod. CVIII/1-33, a ff. 146 v.

A *Revista* do Instituto Historico (t. XLIII, p. 1.^a, pp. 133/152) publicou tambem de Nobrega, por cópia extrahida de Evora, um *Dialogo sobre a conversão do Gentio*, sendo interlocutores elle, Gonçalo Alves e Matheus Nogueira. Este é o Irmão ferreiro, como lhe chama Nobrega em uma de suas cartas. V. pp. 113 e 114.

A carta que em Barbosa Machado (*Bibl. Lusitana*, III, pg. 323) vem como escripta da Bahia a 10 de Julho de 1555 (aliás 1552) e impressa em italiano na collecção de Veneza de Tramezzino (vol. I [1559] dos *Diversi avvisi*), não é de Nobrega, como se vê do contexto.

Em 1550 e tantos imprimiu-se pequena collecção de cartas em hespanhol com declaração expressa na folha de rosto de serem de Nobrega e de outros Padres. Ainda não a pude ver nem obter cópia que pedi. Seu titulo é *Cópia de unas cartas embiadas del Brasil por el padre Nobrega... y otros Padres que estan debaxo de su obediencia...* *Trasladadas de port. en cast. Recebidas el ano de 1551.* Sem logar nem data, in-4.^o de 27 pp. Indica-a Innocencio da Silva, *Dioc. Bibl., Port.*, II, pg. 41, e Carayon, *Bibliogr. de la Comp. de Jesus*, n.^o 1226. Estas cartas, porém, talvez sejam as mesmas que se acham no vol. I (1559) dos *Diversi avisi*, ed. de Veneza, de ff. 38 a 60. Os titulos são identicos, notando-se apenas na edição veneziana a differença no anno em que ellas foram recebidas, que se diz ser no de 1552. Abi a ultima carta é de 24 de Agosto de 1551. Talvez que em Innocencio a data não esteja exacta, nem em Carayon, que o seguiu, pois não parece ter visto o opusculo. As alludidas cartas que se acham na edição de Veneza sahiram antes em Roma em 1552 na collecção *Acti partcolari*. V. Leclerc, *Bibl. Americana*, 1867, n.^o 93.

Alguns periodos das cartas de Nobrega não são bem claros: ás vezes a questão de pontuação faz tambem mudar muito o sentido da phrase. Em algumas além disto notam-se evidentes cortes de periodos, que ou desfiguram o sentido ou tornam obscuros o; que se lhes seguem. Disse-me o Sñr. Lino d'Assumpção, de presente entre nós, que encontrou indicações que em Portugal as cartas dos Jesuitas eram lidas nas horas do refeitorio e supprimiam-se os trechos que não pareciam edificantes. Provavelmente estes côrtes na leitura publica passavam tambem para os livros de registo. Os traductores italianos tambem faziam suppressões, como se ve no *Catalogo dos Manuscriptes* da Bibliotheca Nacional, vol. I, pg. 37.

Anotei as presentes cartas tanto quanto me foi possível fazel-o; uns factos ficaram mais ou menos assentados, outros devem ser estudados do novo até a sua completa elucidacão. Si tivessesmos todas as cartas dos Jesuitas do XVI seculo, de certo ahi encontraríamos elementos para a soluçã das duvidas que a cada passo se affloram á tela

da discussão. Por isso ás vezes soccorri-me de conjecturas fundadas nas proprias cartas dos Padres que possuímos e em outros documentos contemporaneos que pude consultar. Como tenho porém de dar um dos volumes de *Cartas avulsas de Jesuitas*, deixei de tratar por ora de outras questões : dos primeiros Padres que vieram missionar no Brasil antes dos Jesuitas, « dous Frades Castelhanos » que converteram Carijós além de S. Vicente (pp. 56 e 70), « alguns Padres Hespanhoes » em Porto Seguro (pg. 77), « certos Padres que mandou D. Manuel » (pg. 77), « dous Padres de Santo Antonio », Italianos, em Porto Seguro (pg. 78); de Diogo Alvares, o Caramuru (pp. 49, 74, 105), o celebre povoador da Bahia; de João Ramalho (pg. 107), que não parece ser o *Bacharel de Cananéia*, apesar da crudita memoria de Candido Mendes, que tanto discutiu o assumpto; do bispo D. Pedro Fernandes Sardinha (pg. 153); de Garcia d'Avila (pp. 161 e 164), o fundador da famosa casa da Torre da Bahia.

Quanto á biographia de Nobrega, nada temos que seja tão interessante como a sua *Vida* escripta pelo padre Antonio Franco. E como o livro deste publicado em 1719 é muito raro, podendo-se mesmo considerar quasi inedito, pelo menos no Brasil, a reproduzo em seguida. Não é trabalho completo e nelle nota-se mais de uma inexatidão; mas em quando não apparecerem novos documentos que orientem a quem se propuzer escrever a vida do veneravel Jesuita, é o trabalho mais amplo e satisfactorio que se pôde consultar.

As cartas desta collecção, são :

I. E' datada da Bahia em 1549, sem mez nem dia; mas foi escripta depois de 31 de Março e antes de 18 de Abril, como se deduz da 2.^a carta escripta em continuação. Na cópia que possui a Bibl. Nac. lê-se a margem *No mez de Abril*. Barbosa Machado na *Bibl. Lusitana*, III, pg. 324, tambem diz que é de Abril. V. a nota na pg. 51.

II. Da Bahia, 1549. É continuação do antecedente e não traz expresso o dia em que foi escripta; mas do contexto vê-se que é de segunda feira 15 de Abril. V. pg. 53. A Bibl. Nac. possui cópia.

III. Da Bahia a 9 de Agosto de 1549. V. pg. 61. A Bibl. Nac. possui cópia.

IV. Do porto e cidade do Salvador (Bahia) a 10 de Agosto de 1549. Traduzida do italiano; não se conhece original portuguez. V. pg. 68.

V. Não traz data; mas pelo seu contexto deve ser de 1549 e da Bahia. V. pg. 73. A Bibl. Nac. possui cópia.

VI. De Porto Seguro a 6 de Janeiro de 1550. Traduzida do italiano. V. pg. 82.

VII. Na cópia da Bibl. Nac. traz no fim 1549 e á margem *De Pernambuco*; mas a data está errada e em desacôrdo até com a que vem no titulo — 1551. Como se vê do contexto, foi de facto escripta em Pernambuco nesse anno, e, segundo Barbosa Machado, a 11 de Agosto. Nobrega chegou a Pernambuco a 27 ou 28 de Julho de 1551 (pg. 86). V. pg. 85.

VIII. Da capitania de Pernambuco a 13 de Setembro de 1551. V. pg. 89. A Bibl. Nac. possui cópia e d'esta foram extrahidas as duas que possui hoje o Instituto Historico.

IX. Da villa de Olinda a 14 de Setembro de 1551. O original conserva-se na Torre do Tombo e o Instituto Historico possui cópia extrahida d'elle. V. pg. 95. Disse-me o Sr. Lino de Assumpção, de passagem nesta côrte, que a carta é toda do punho de Nobrega.

X. Sem data; mas do contexto vê-se que é da Bahia, de 1552, escripta depois do dia de S. Pedro e S. Paulo (29 de Junho), dia em que pregou o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, de cuja chegada dá noticia e que foi vespera da vespera de S. João (22 de Junho). Cândido Mendes assignala-lhe o mez de Agosto. V. pg. 97. O Instituto Historico possui cópia extrahida da Bibl. Publ. de Evora.

XI. Sem data; mas vê-se que é da Bahia de 1552, depois da chegada do Bispo. Nobrega falla da primeira pregação do Prelado,

que foi a 29 de Junho, V. pg. 100. O Inst. Hist. possui cópia extrahida de Evora.

XIII. Sem data; mas foi escripta na capitania de S. Vicente (de S. Paulo de Piratininga?), em 1554, porque foi em Janeiro desse anno que os Jesuitas se passaram a Piratininga, e, como se ve do contexto, Nobrega já falla do fructo feito na nova povoação. Candido Mendes diz que é de 1553, mas não dá argumentos que o comprovem. V. pg. 108. O Inst. Hist. possui cópia extrahida de Evora.

XIV. Sem data; mas do contexto ve-se que foi escripta da capitania de S. Vicente em 1556, e portanto antes de 3 de Maio, porque nesse dia partiu Nobrega para a Bahia. V. pg. 110. O Inst. Hist. possui cópia de Evora.

XV. Sem data; mas vê-se que foi escripta em S. Paulo de Piratininga em 1556, entre Janeiro e 3 de Maio; porque nesse dia partiu Nobrega para a Bahia. No contexto lê-se « este anno passado de 555 » e « este anno de 56 ». V. pg. 115.

XVI. Quadrimestre de Janeiro até Abril de 1557. Não declara donde é escripta; mas foi da Bahia. V. pg. 121. O Inst. Hist. possui cópia de Evora.

XVII. Da Bahia; mas sem data, que deve ser de 1557, depois de 27 de Abril e antes de 27 de Maio, isto é, depois da Paschoa e antes da Ascensão, como se vê do contexto. V. pg. 126. O Inst. Hist. possui cópia de Evora.

XVIII. Sem data; mas vê-se que foi escripta na Bahia em 1557, provavelmente em Agosto, antes do dia 14; porque ainda não tinha chegado á Bahia a nau da India commandada por D. Luiz, « filho do Arcebispo de Lisboa » e junctamente a caravela que vinha com Men de Sá, de quem se havia desgarrado antes da Linha, como refere Blasques na carta do ultimo de Abril de 1558 (nota 66, pg. 135). V. pg. 133. O Inst. Hist. possui cópia extr. de Evora.

XIX. Da Bahia a 5 de Julho de 1559. A Bibl. Nac. possui cópia e desta foram extrahidas as duas que se acham no Instituto Historico.

XX. Da mesma data da precedente. A Bibl. Nac. possui o original. V. pg. 168.

XXI. De S. Vicente o 1.º de Junho de 1560. Possuem cópias a Bibl. Nac. e o Inst. Historico. V. pg. 176.

O padre Manuel da Nobrega, um dos primeiros civilisadores desta terra, representa papel muito importante na sociedade brasileira e exerceu tanta influencia que seu nome será sempre lembrado. Sua fama era geral em todo o Brasil e tambem aos sertões do Paraguay chegou a grande nomeada de seus trabalhos, das suas virtudes. Chegando á Bahia a 29 de Março de 1549, assistiu á fundação da nova cidade e em o 1.º de Novembro foi aos Ilhéos e Porto Seguro, onde ainda se achava em Janeiro de 1550. D'ahi voltou á Bahia e em Julho de 1551 dirigiu-se a Pernambuco, tornando de novo á Bahia em Janeiro de 1552. Em fins deste anno, ou começos do seguinte, foi á capitania de S. Vicente, accompanhando a Thomé de Sousa, a correr a costa, e ahi demorou-se até 3 de Maio de 1556, quando voltou de novo á Bahia, onde chegou á 30 de Julho. A 16 de Janeiro de 1560 sahio da Bahia com Men de Sá, á conquista do Rio de Janeiro, onde chegou a 21 de Fevereiro. Pouco depois de 31 de Março passou-se do Rio a S. Vicente. Desta capitania veiu em 1564 ao Rio ao encontro de Estacio de Sá, que ia conquistalo de novo aos Francezes e fundar a cidade do Rio de Janeiro; mas teve de voltar a S. Vicente com Estacio de Sá, que não podendo entrar na bahia foi alli receber novos soccorros para a conquista. Nobrega não voltou depois em 1565 com Estacio de Sá; deixou-se antes ficar em S. Vicente para d'ahi melhor soccorrer a armada e o povoamento do Rio. Ainda em Junho de 1565 achava-se em S. Vicente; depois veiu ao Rio de Janeiro, onde morreu a 18 de Outubro de 1570. Em todos os logares que percorreu tão bons serviços prestou que ligou seu nome á historia geral do paiz. Seu merecimento e bastante conhecido.

Todo o mundo sabe o que fez em prol da nova terra que se lhe rasgava aos olhos; e o movimento que imprimiu no Brasil entre os

dois povos, o civilizado e o inculto, o invasor e o indigena, foi de certo superior ao de Anchieta, ainda que este fallasse correntemente a lingua dos Indios, o que não alcançou Nobrega, provavelmente pelo deficit natural que tinha. Mas, apesar de gago, com a sua palavra soube conquistar Portuguezes e Brasis. Tinha o coração generoso, era verdadeiro amigo da Humanidade. Desbastou a terra, ganhou-lhe amor; não temia o encontro de milhares de Indios, fallando-lhes com toda a energia e desassombro por meio de interpretes, tanto que contando a Thomé de Sousa que o Bispo fugindo dos Gentios, « tendo poucos desejos de morrer em suas mãos, fosse comido delles », acrescenta: « e a mim que sempre o desejei e pedi a Nosso Senhor, e mettendo-me nas occasiões mais que elle, me foi negado. »

Nobrega ás vezes escreve com grande eloquencia, como, entre outros trechos, pode-se ver no relativo a morte do Bispo (pg. 154) e o que conta do padre João Gonçalves (pg. 141); tambem e muito eloquente quasi toda a carta á Thome de Sousa, a quem Nobrega na confidencia de amigo derramou toda a sua alma.

Nas cartas de Nobrega encontram-se elementos muito interessantes para a historia do povo brasileiro, sob diversos pontos de vista. Entre os factos que mais prendem a attenção notarei: a lucta intestina entre Christãos e Indios, o odio dos Christãos e as calamidades que commettiam contra os Indios, o desamor dos povoadores á terra, a guerra que soñriam os Jesuitas dos sacerdotes, que tinham « mais officios de Demonios que de clérigos » (pg. 85), a prejudicial população de degradados, a falta de mulheres brancas que eram tão desejadas « que quaesquer farão muito bem á terra (pg. 98) », « ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, com tanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha, a Deus e ao mundo (pg. 54). »

Quanto aos moradores não quererem bem á terra e que só desejavam ordenados do Estado e tudo usufruirem: « De quantos lá vieram nenhum tem amor a esta terra: todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja á custa da terra, porque esperam de se ir (pg. 97). » « Não querem bem á terra, pois tem sua affeição em Portugal; nem trabalham tanto para favorecer como por se

aproveitarem de qualquer maneira que puderem (pg. 99). » V. também pg. 104.

Sobre os serviços de Men de Sá e as contrariedades que soffria do povo (1557-1560), vejão-se as pp. 156, 157, 159, 161, 164, 170 e 175.

Referindo-se ao estado da terra em 1559: « Não ha paz, mas tudo odio, murmurações e detracções, roubos e rapinas, enganos e mentiras (pg. 149). »

Fallando de dois meninos que tinha para mandar ao Provinc'al de Portugal para se ordenarem e que já sabiam ler, escrever, contar e serem pregadores, chama-os « primicias desta terra » (pg. 96).

Na pg. 75 falla em « canções lascivas e diabolicas » que usavam os Indios, e na pg. 38 em cantigas dos meninos « a seu modo. » Não deixam de ser curiosas as perguntas que os Indios muitas vezes faziam a Nobrega sobre Deus, pois queriam saber: « Si Deus tem cabeça e mulher, e si come e de que se veste e outras cousas semelhantes (pg. 72). »

Allegando o seu estado de saude em 1557: « Fico deitando muito sangue pela boca; o medico de cá ora diz que e veia quebrada, ora que é do peito, ora que pode ser da cabeça; seja d'onde for, eu o que mais sinto é ver a febre ir-me gastando pouco a pouco (pg. 133). »

Pelo testemunho de Nobrega vê-se que os Indios eram docéis, mostravam grandes desejos de aprender, ter tracto com os Brancos e que eram « papel branco » para se escrever a vontade « as virtudes mais necessarias » (pp. 66 e 91). « A carne humana que todos comiam e mui perto da cidade é agora tirada e muitos tomam já por injuria lembrar-lhe aquelle tempo (pg. 139). » E referindo-se aos saltos que lhes faziam os moradores, dizendo alguns que o podiam fazer « por os Negros (Indios) terem já feito mal aos Christãos », acrescenta (pg. 55): « O que posto seja assim, foi pois de terem muitos escandalos recebidos de nós. » Men de Sá na carta de S. Vicente de 16 de Junho de 1560 1), diz: « Elle

1) V. nota 97, pg. 171.

(Villaganhão) leva muito diferente ordem com o Gentio do que nós levamos; e liberal em extremo com elles e faz-lhes muita justiça, enforca os Francezes por culpas sem processos; com isto é mui temido dos seus e amado do Gentio; manda-os ensinar a todo o genero de officios e d'armas, ajuda-os nas suas guerras; o Gentio é muito e dos mais valentes de costa; em pouco tempo se pôde fazer muito forte. »

Este e o 1.º volume da collecção de *Cartas Jesuicas* do XVI seculo. Do 2.º, que conterà as cartas do padre Joseph de Anchieta, encarregou-se o Dr. Teixeira de Mello, que já nos *Annuaes da Bibliotheca Nacional* publicou 8, das quaes 5 ineditas, deixando outras dispersas em varias obras. Do 3.º volume fico incumbido; o 4.º será publicado posteriormente, logo que se obtenham as cópias das que existem em Lisboa, cópias que vão ser tiradas sob os cuidados do Snr. Lino d'Assumpção.

No ultimo dar-se-ão indices que facilitem a busca facil do que se deseja consultar nos volumes da collecção; por isso deixam-se de fazer no presente.

Concluindo, com summo prazer agradeço aos meus amigos Sñrs. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos, nosso digno Consul em Liverpool, e Lino d'Assumpção, distincto jornalista em Lisboa, os excellentes serviços que prestaram a este volume. Devo tambem lembrar que si não fosse o Excellentissimo Snr. Senador Francisco Belisario Soares de Sousa, Ministro da Fazenda, não teriamos hoje reunidas as cartas do veneravel Jesuita, que conquistou o Rio de Janeiro com Men de Sá em 1560, que contribuiu mais que ninguem para a fundação e povoamento desta cidade e que tanto luctou em prol da terra. A Sua Excellencia, pois, é a quem devemos agradecer estes livros que vão sahindo e estas elucidacões que se vão fazendo sobre a historia do Brasil. De outro modo não teriamos nem uma nem outra cousa.

Rio de Janeiro 21 de Dezembro de 1886.

VALLE CABRAL.

VIDA

DO

PADRE MANUEL DA NOBREGA.

CAPITULO I.

Entra na Companhia: seu grande fervor em tratar do bem das almas.

Não posso deixar de dar principio á vida do padre Manuel de Nobrega com uma justa queixa contra os nossos antepassados: vem a ser, que, sendo este Padre um tal homem e tão grande, como se verá da narração de sua vida e virtudes, fundador da nossa Provincia do Brasil, nos não lleou em memoria qual fosse do nosso Portugal o logar, villa, cidade ou provincia em que nasceu. E' descuido mais de notar, ficando-nos em lembrança muitos indicios de sua nobreza, porque seu pae foi desembargador e um seu tio chancellor-mor d'este Reino. São honra dos povos os varões santos e tambem em suas vidas a circumstancia da patria ó das que se tem conta, pelo gosto que com isso costumam ter os que têm por nascimento o mesmo torrão de terra e mais si são parentes de simillhantes heroes. A maior clareza que pude descobrir, foi com os livros da matricula da Universidade de Coimbra, fl. 135, onde se diz, ser filho do desembargador Balthasar de Nobrega, já defuncto. Tambem se diz nos mesmos livros, em como tomara o grau de bacharel em Canones aos 14 de Junho de 1541, que lhe dera o Doutor Martim de Espilcoeta, que provara ter 5 annos de Canones em Salamanca. No archivo de Roma se fez tambem diligencia por sua patria e nada se achou.

Seu paé foi muito estimado d'El-rei D. João o Terceiro: por ser homem de muita inteireza, El-rei lhe recommendava cousas de grande peso. Por seus merecimentos tinha já dado a seu filho Manuel da Nobrega moradia e favor para seus estudos. Depois de aprender latim em Portugal, foi estudar Canones a Salamanca, nos quaes fez grandes progressos. Veiu continuar este seu estudo a Coimbra, onde teve por mestre ao insigne Doutor Navarro, que tizia, ser elle o melhor de seus discipulos.

Em Coimbra se graduou de Bacharel. No tempo que nella se davam logares, como elle era muito gago, não fazia conta de se oppor a elles; mas o Doutor Navarro o não consentiu. Como sabia o que nelle tinha, lhe aconselhou que se oppuzesse. Accomodando-se ao seu parecer, fez sua lição do ponto com tanta satisfação, que a juizo de todos se lhe devia o primeiro logar. Mas como o Reitor da Universidade tinha outros empenhos, fez o possível, porque se lhe não desse. Estava tão seu adverso, que publicamente, depois de acabar a hora da sua lição, disse, que fosse pordeante e fosse mais, que por ser gago não tinha lido hora inteira. Virou elle então o relógio e leu com a mesma satisfação tanto tempo que foi necessario fazerem-lhe signal algumas vezes que acabasse, e assim acedou. E porque o Reitor estava já inclinado a outra parte, não se lhe deu sinão o segundo logar, posto que levou a honra do primeiro a juizo de todos os doutores.

Continou seu estudo em Coimbra algum tempo e tomou ordens de missa. Neste tempo havia no Mosteiro de Santa Cruz algumas collegiaturas, que se davam por opposição. Fez sua opposição a uma dellas com outro canonista. Ainda que a juizo de todos fazia elle conhecida vantagem ao competidor, contudo, como os juizes do caso eram os mesmos Religiosos, tiveram mais conta com a boa pratica do outro que com o saber do padre Nobrega, por ser gago, e deram sentença contra elle. Este moio tomou a Divina Providencia para o tirar do mundo e o fazer um de seus grandes servos. Considerou consigo como o mundo o tinha abafado, quando esperava delle honras: determinou de se vingar e desprezou-o, e mettel-o debaixo dos pés. Pediu ser da Companhia. Nella entrou aos 21 do Novembro de 1544.

Como então se langavam os alicerees da Companhia em Coimbra, havia grandes fervores de espirito em todos os nossos, assim em procurar a perfeição propria, como a salvação das almas; em uma e outra cousa se assignalou muito o padre Nobrega. Exercitava-se, assina em casa, como fóra d'ella, em muitos exercicios de humildade e mortificação, que naquelles primitivos e dourados tempos eram muy ordinarios em todos. Vindo a Coimbra o padre Mestre Simão, por saber o que tinha em seus subditos, ordenou que cada um lhe desse por escripto o seu sentimento acerca do grau a que na Companhia se sentia inclinado: o escriptinho do padre Nobrega continha estas formaes palavras: *Quizera não saber o*

que quero, mas em todo o caso sômente querer a Jesu Crucificado, no qual significou bem sua grande indifferença.

Em especial lhe foi encomendado pela Obediencia o officio de tratar com o proximo em pregações, confissões, visitar carceres e hospitaes e acudir a outras necessidades espirituaes e corporaes de pessoas particulares, no qual se lieuve com tanto espirito e fervor de caridade que, depois que foi para o Brasil, no tempo que ainda estava fresca a memoria d'elle, não se fallava em Coimbra sinão no *Geyo*: assim o nomeavam, contando os que o conheceram seus fervores e virtudes.

Na conversação que tinha com os peccadores, para os trazer ao caminho da salvação, parecia que lançava a alma pela boca com o grande fervor não somente do pregar, confessar e praticar familiarmente, mas tambem tomando sobre si os peccados alheios, para dar por elles conta a Deus, para com isto livrar de desesperação alguns desesperados, como entre outros fez a dous em Coimbra, posto que um d'ellos se não quiz aproveitar de tanta claridade.

Esta foi uma mulher que vivia mal com um ecclesiastico, a qual chegando a morte foi visitada e soccorrida do padre Nobrega. Com ajuda do Nosso Senhor, por meio da confissão, tirou-a do mau estado, em que vivia e, sarando-a, viveu cousa de um anno bem em muito recolhimento, sendo ajudada do Padre. Depois vencida da tentação tornou ao mesmo peccado, nelle viveu o chegou ao fim da vida, sem tratar da salvação. Um dia estando acompanhada de algumas visitaes, começou a dizer consigo em voz que todos ouviam: *E' verdade que, por estar eu amancebada vinte annos com um clérigo, me hei de condemnar?* A esta pergunta respondia ella mesma: *Sim, hei-me de condemnar.* Repetindo isto tres vezes concluiu dizendo: *Pois eu creio que Belzebut creou os ceus, terra, mar e as areias, e a elle me entrego.* As mulheres que estavam presentes lhe acudiram fallando-lhe de Deus, mas ella a nada respondia, antes, si lhe punham o crucifixo deante dos olhos, virava o rosto para outra parte. Mandavam ellas muito à pressa chamar o padre Nobrega. Acudiu elle e, com seu costumado fervor, lidou muito com a infeliz, até lhe dizer que elle tomava sobre si seus peccados, para fazer penitencia por ella, que confiasse em Deus e se confessasse. Nada aproveitou e naquella obstinação acabou sua triste vida.

O outro caso foi com um mulato que havia na comarca do Coimbra, o qual era um valente e saltador de caminhos: tremia dello toda a terra, em especial os meirinhos, porque os tinha ameaçado. Depois de cruéis roubos, foi preso, mettido no Castello e sentenciado à morte. Acudiu-lhe o padre Nobrega alguns dias antes da sentença, achou-o desesperado, com odio mortal contra as Justicas, sem querer lhe fallassem em confissão.

Disse o padre missas, teve oração, pedindo a Deus o nao deixasse de todo. Entre outras palavras, lhe disse o Padre que

elle tomava seus peccados sobre si, para fazer delles penitencia.

Foi esta palavra como um relampago de luz do ceu, com que se desfez o nevociro, em que aquella alma estava mettida. Disse que se queria confessar e assim o fez. Querendo-lhe o Padre dar a communhão no dia da sentença, por ordem dos Padres tomou conselho com o Doutor Navarro. Este lhe aconselhou que lh'a desse : que elle acudiria, si quizessem executar a sentença. Com isso se foi o padre Nobrega e ao ler da sentença, estando elle presente, respondeu o mulato com grande ira : *Oh ! que injusta sentença !* E tornou a renovar os odios passados e desejo de matar os meirinhos ; com as exhortações do Padre tornou em si. O Padre o confessou e, dizendo missa no Castello, lhe deu a communhão por causa da qual não padecceu aquelle dia. No dia seguinte, o acompanhou até à forca e morreu com mostras de salvação.

Do grande zelo que tinha do bem das almas, nascia reprehender asperamente os peccados e desejar ser por isso injuriado. Fez uma peregrinação a Salamanca em tempo que ainda os nossos não eram ainda conhecidos. Nesta viagem, achando um dia santo os homens de um lugar jogando a bola, chegou-se a elles, começou a lhes fallar de Deus e movei-os à penitencia. Como si cousa nova, se perturbaram e o começaram a injuriar, dizendo : *Este e aquelle estudante que os dias passados furtou a mulher casada ? Prendam-o e levem-o ao corregedor Ledesma.* Como o Padre mais se afervorasse, tendo grande desejo de o maltratarem e prenderem e allegasse alguma auctoridade em latim, diziam elles : *Oh ! como falla latim, prendam-o, que este é.* Assim o injuriaram algum tempo até que desenfadados o deixaram.

Na mesma occasião chegando a uns casaca encontrou com um Conde, que andava à montaria com sua gente. Acertou de estar jantando tendo consigo á mesa um chocarreiro e rodeados de criados, servia uma moça á mesa, com a qual elle fallava graças e palavras pouco honestas. O padre Nobrega o conhecia do tempo dos estudos de Salamanca e sabia ser notado de pouco honesto. Parou o Padre deante da mesa, entrou em zelo, começou ao reprehender, fallando-lhe por vós com tanto espirito, que elle e os seus ficaram pasmados. O Conde, por se ver livre d'elle lhe dizia : *Irmão, sois dos atunbrados ? Quereis esmola ?* A isto respondeu o Padre : *« Pecunia tua tecum sit in perditionem. Sois um perdido, que tão sem temor estais offendendo a Deus. Olhai não se cumpra em vós o Vidi impium superexaltatum, que d'aqui a poucos dias não heis de ser nada. »*

O Conde estava pasmado sem comer nem fallar. Foi isto do maneira que o chocarreiro ouviu por elle, dizendo : *Si quereis esmola, tomai-a e deixai comer Sua Senhoria.* Aqui se voltou para elle o Padre e para o differenciar do Conde, fallou-lhe por tu,

dizendo: *Et tu, inimigo de Deus, não tens temor nem vergonha de estar incitando o Conde a peccados?* Desta maneira esteve um bom pedaço de tempo reprehendendo-os esperando por uma boa esmola de pancadas, que sempre enidou-lhe mandasse dar pelos criados. Mas elles e elle ficaram attonitos sem dizer nada, até que o Padre se sahio fora e apartado um pouco de casa se assentou á sombra de uma arvore, esperando ainda pela esmola das pancadas que desejava.

Acabado o jantar, o choocarreiro, que parecia homem grave, foi ter com elle e lhe disse: *Irmano, que mau jantar destes ao Conde, porque fizestes aquillo d'aquella maneira?* Respondeu o Padre já mais brando fallando por vós, dizendo: *Ainda vós cá tornais, que estais allí offendendo a Deus com truanarias?* Praticando com elle mais de espaço, o moueu tanto que começou a chorar, dizendo: *Irmano, que quereis que faça, que tenha mulher e filhos e não tenho outro modo com que os sustentar?* A isto respondeu o Padre: *Não haveis de sustentar vossa casa com offensas de Deus, buscai outro modo de vida que elle vos ajudará.* Finalmente o truão ficou com proposito de mudar a vida e deu um real de prata de esmola ao Padre, o qual acceitou, porque sahia ja de um coração contracto. Ao Conde fez Nosso Senhor mercê de o fazer depois tão devoto da Companhia que lhe fundou um Collegio no seu condado. Vendo-o depois o padre Nobrega no Brasil no rol dos fundadores, se alegrou muito e dando graças a Deus disse: *Este e o meu Conde, hei-lhe de dizer as suas missas com muita devoção.* Quem puzer os olhos nestos fervores e os julgar á primeira face, os terá por tontices; mas quem sabe os modos que Deus tem em chamar a si os que tem no livro da vida e considera os effeitos d'estas extravagancias, vê claramente que são d'aquellas que em São Pedro e mais apóstolos eram avaliadas por fumos do mosto, sendo Espirito Santo.

CAPITULO II.

De uma peregrinação que o padre Nobrega fez a Santiago e da missão pelo bispado da Guarda. Cousas que nestas occasiões lhe aconteciam.

Eram aquelles nossos primeiros Padres mui dados a peregrinação a diversos logares de devoção. Estas faziam a pé, vivendo de esmolas que pediam pelas portas, ensinando a doutrina a toda a sorte de gente, recolhendo-se de ordinario nos hospitaes. Uma destas peregrinações fez o Padre a Santiago de Galisa, em que padeceu muita fome e outros trabalhos e teve não poucas occasiões de se humilhar.

Estando um domingo em Compostella, depois de ter prégado, foi pedir esmola pelas portas, elle por uma parte, por outra o companheiro. Aconteceu que o Irmão foi ter a uma rua aonde estava uma roda de mulheres gallegas rindo e folgando: uma estava no meio das mais, arremedando o sermão e gagueiras do padre Nobrega, que pregara sobre aquelle passo: *Qui viderit mulierem*. Vendo as mais ao Irmão, disseram à pregadora: *Calate, que vem alli seu companheiro*.

O Irmão, com o pejo que teve, não se atrevendo a lhe pedir esmola, se foi desviando por outras ruas e ajuntando-se com o Padre não se acharam sinão com alguns céticos e com elles passaram o dia.

Chegando a noite se recolheram em um hospital. Deram nelle com muitos pobres pedintes peregrinos comendo e bebendo com muitas calaças de vinho e muitas alterações entre si, como quem estava contente da vida. Vendo elles o padre Nobrega, parecer-lhes ser do, seus, chamaram-no o dizendo: *Irmão, assentai-vos e comei, que estamos agora em grande disputa, qual de nós sabe melhor pedir para ganhar mais dinheiro e queremos que vos sejais o juiz*. O Padre, como estava morto de fome, accoitou de boa vontade a esmola. Começou a comer elle e seu companheiro. Entretanto dizia cada um a maneira que tinha de pedir e traça para enganar a piedade dos fieis. Sahiram alli varias impressões mui sublis e delgadezas dos que só cuidam nesta calaçaria e por se livrar do trabalho della vivem.

Um que os tinha ouvido a todos, disse no fim: « Irmãos, vejo que nenhum de vós sabe pedir; eu tenho este modo. Nunca peço esmola, mas em chegando a uma porta dou um grande suspiro, dizendo: *Oh! bendita seja a Madre de Deus! Os de casa como me ouvem, acodem logo. Oh! senhores, digo, quão grandes mereços em tem feito Deus! Eu estava em tal parte da Turquia captivo e o perro do Turco meu amo dava-me muito na vida e muitos acontes, porque eu não queria arrenegar da Fé, dizendo-me que a suas mãos havia de morrer de má morte. Oh! perro, dizia eu, não hei de arrenegar de meu Senhor Jesu Christo, e a Virgem Nossa Senhora me ha de livrar de tuas mãos (e si vou a Monserrate, digo, que ella me livrou; si a Santiago, que Santiago. Sinão quando uma noite, estando eu em grande attribulação, carregado de ferros, em uma masmorra escura encommendando-me à Madre de Deus (oh! bendita seja ella!), achei-me no outro dia pela manhã em tal parte, em terra de Christãos, e por lhe dar graças por tão grande mereço, vou agora em romaria a sua casa. »*

Concluiu pratica dizendo: *Com isto tolho me dito mais grassas esmolas; que vos parece, Irmão*, disse para o padre Nobrega, *não tenho ganhado a aposta!* O padre Nobrega que, enquanto elle dizia a sua lenda, calára e comera com o companheiro, tendo acudido à sua necessidade, deu a sentença com

grande zelo e gravidade dizendo: *Oh d'aus ladrões, inimigos de Deus, que andais roubando as esmolas dos pobres; todos vos merecêis ser enforcados.* A este tom lhe descantou em forma, que um após outro se foram saindo todos, cuidando vinha ja sobre elles, quanto o Padre dizia. Depois si algum d'estes se encontrava na rua com o Padre, se desviava a modo de quem fingia, temendo não os denunciasse a Justiça.

Fez o padre Nobrega uma missão discorrendo a pe pela provincia da Beira, na qual fructificou muito e lhe aconteceram cousas mui notaveis. Na cidade da Guarda achou uma mulher, na qual um demonio incubo tinha grande senhorio e por meio do Padre foi livre. Esta triste era mulher simples; veiu-lhe um dia ao pensamento buscar algum escholar, que a gente ignorante d'aquella terra cuidava, andava pelas ruínas nas trovoadas pés de vento e chuveiro. O intento era haver d'elle boa ventura. Com este pensamento tomou sua roca na cinta e saiu fora do logar por entre uns pães. Nesta paragem so lhe fez encontradico um demonio em habitos longos, como escholar estudante. Perguntou-lhe onde ia? Não quiz ella descobrir seus intentos. Aqui o estudante lh'os declarou, dizendo: *Tu és com tal casamento. Eu sou o escholar que buscas; que queres que te faça?* Confessou ella a verdade; e o demonio lhe disse que para lazer o que ella queria, havia de consentir com elle em cousas torpes. Ao principio lh'es pareceu isto difficilissimo. Por fim veiu a fazer o que o demonio queria. E logo elle de improviso desapareceu.

Vendo-se enganada, espantou-se muito e nada se arrependeu; checando a sua casa, o demonio lhe tornou a apparecer. Dahi por diante não somente continou em suas ruindades, mas teve nella tanto dominio que com pancadas a obrigava a commetter muitos e enormes peccados. Assim a trouxe por diversas partes de Portugal, por mar e por terra, fazendo-a cair em grandes maldades, e tendo nella um precipicio com que arruinou a muitos. Depois de alguns annos tornou para sua terra, onde a obrigava não só a ser laço infernal aos deshonestos, mas incitar aos virtuosos que no logar havia, e, si ella não queria, a obrigava com pancadas.

Perguntado, pois, alli o padre Nobrega da penitencia, tocou Deus a esta peccadora. Chegou-se ao Padre, contou-lhe a novella de sua vida, pedindo-lhe remedio para sua salvação. Animou-a e a ensinou a se confessar. Tratando ella em sua casa de se apparellhar, lhe appareceu o demonio, sem ousar chegar-se a ella, de longe a ameaçava si atrevesse a confessar com o Padre. Contando por todos estes temores, se chegou a confissão. Posta aos pés do Padre, se começou a alligir, dizendo: *Padre, eis-a aqui, esta juncto de mim nasce, e aben- de que me não confessé.* Animou-a o Padre, confessou-a e deu-lhe a communhão.

Contando o padre Nobrega em uma carta sua este caso, tem

estas palavras : « Depois que confessou o que lhe lembron, ditaei-lhe a absolvição para mais examinar sua consciencia e rezando-lhe o Evangelho de S. Marcos, lhe disse o demonio que eu era a causa do elle se ir d'ella ; porem como deixaria pousada tao antiga? Mandei-lhe que o vituperasse e não o ouvisse mais e que me fallasse a mim si alguma cousa pretendia. Foi de maneira que estando eu de noite só na casa da Misericordia que é hospital tudo juncto, onde havia muitas tunicas e tumbas, imaginava-se-me que o via e quiz Nosso Senhor mais prover a minha pouquidade, que olhar a minha tomeridade, com que o eu pecc. de maneira que tornando-se a confessar a mim, a absolvi e com muitas lagrimas tomou o Senhor das minhas mãos. Disse-me que ainda lhe fallara com muitas saudades que tinha, porém que ate a morte ou de uma maneira ou de outra a havia do perseguir. » Até aqui as palavras da carta do padre Nobrega.

Outra vivia por aquelles logares na qual o demonio entrava cada vez e quando. Fallava-lhe á orelha, dizendo-lhe cousas admiraveis de que todos pasmavam. Buscou esta triste ao padre Nobrega, pediu remedio para affugentar de si tao importuno hospede. Entretanto elle em santo zelo, lhe disse : *Irmã, dizai a esse maldicto quando se vier a vós, que si tem alguma cousa vossa ter commigo ; eu cá me haverei com elle.* Foram estas palavras de tanto effeito, que nunca mais o demonio a tornou a molestar nem lhe appareceu.

Outra victoria alcançou tambem muito assignalada do inimigo commum acastellado em um ecclesiastico nobre, que havia muito annos vivia com uma occasião de portas a dentro. Tinham-lhe tentado sem effeito todos os remedios e até o das censuras por ser o escandalo muito notorio. Sabendo de tudo o padre Nobrega se fez muito seu amigo. Depois de o grangear, procurou desviá-lo do peccado, propondo-lhe uma vez seu perigo. Ao principio levado do respeito, o ouviu sem dar por seus avisos: como o Padre instasse, lhe disse com resolução que si em tal cousa lhe tornava a fallar, lhe havia de tirar a vida.

Nao desistiu o Padre da empreza e nella desejava dar a vida. Posto o homem nestes apertos, fez commigo este discurso : « Terrivel cousa que, ou hei de matar a este homem porque me deixa, ou hei de cortar pelo gosto e appetite. Si o não mato, não me he de deixar viver como quero ; e si o mato fico perdido ; hei de largar casa, fazonda e até a mesma occasião porque o mato. Pois uma ha de ser, morra antes o meu appetite com vida de minha alma. » Penetrado deste discurso e da divina inspiração, poz fora de casa o seu precipicio, chorou seu peccado e d'alli por deante fez vida mui honesta e virtuosa, ficando sempre agradecido ao padre Nobrega, como seu libertador.

Indo nesta sua missão chegou ao Sabugal, onde então estava D. Duarte de Castello Branco, merinho-mór e alcaide-mór

aquele a vida que sabia muito bem que homem fosse o padre Nobrega e tinha noticia do seu modo de viver e de se hospedar nos hospitaes : procurou que se agasalhasse em sua casa e comesse a sua mesa. Resistiu o Padre a esta benevolencia, porem elle mandou por seus criados a porta da Igreja para que, em pregando, o levassem a jantar com elle. Presentindo isto o Padre, lá teve modo com que se escoar e se foi metter em um matto, porém, fazendo-se toda a boa diligencia, o acharam entre umas silvas. Querendo então satisfazer a cortezia de senhor tão illustre, foi até sua casa o com muita instancia lhe rogou não continuasse naquella sua benevolencia, pois em ordem a sua reissao lhe servia muito fazer vida pobre. Por um vieram a concerto, que o Padre ficasse embaraçado no hospital, mas que de sua casa lhe iria por esmola o sustento. Nesta forma se compoz a contenda, no que o Padre houve de consentir: ainda que desejava mais pedir o sustento pelas portas, como mendigo, o que até allí fizera.

Em um destes logares lhe aconteceu entrando em uma igreja ver allí uma folia com bailes e musicas malscoantes com que o sagrado se profanava. Cheio de zelo reprehendeu tamanho desaeato. Sentiram-se de lhe interromper o festejo, perderam o respeito ao Padre e um d'ellos foi tão atrevido que até contra Deus soltou palavras blasphemias. Pasmado o Padre de tal desaforo, se poz de joelhos pedindo a Deus não ouvisse taes desatinos. Acabada a folia, pondo-se a cavallo o blasphemo para ir jantar, todo o ar se cobriu de nuvens, desfez-se em trovões, despediu um raio, o qual reduziu em cinza ao blasphemo e todos conheceram ser evidente castigo de Deus. Este castigo fez ao Padre mui celebre naquellas terras e o respeitavam como a homem do céu, donde se seguiu abraçarem seus avisos e doutrina, como a de um anjo.

Por todos os modos que podia, trabalhava por tirar as almas dos peccados. Em uma carta em que falla desta missão diz o seguinte : « Visitei alguns logares, onde se fez algum fructo, admoestando os peccadores publicos e pondo-os a rol para os fazer por justicia apartar, porque, segundo os peccados são velhos, ha muito trabalho em apartar-os por amor o mais quem tem tão pouca caridade como eu. Alguns o fazem e isto pela bondade do Senhor, promettendo-me de se emendarem. Fazem-se muitas amizades. Aconteceu vir pregar a uma aldeia grande um domingo a tarde, a qual toda estava revoltada com bandos e odios ; acabou o sermão, onde me Nosso Senhor ajudou, estando todos na igreja junctos, me assentei em joelhos e pedi perdão para todos : perdoaram-se e pediram-se perdão com muitas lagrimas de todas as partes.

« Vespera de S. João parti para Covilhã, villa de muita gente, e porque me furtaram ou eu perdi o sombreiro no caminho, fui ao sul tres leguas : achei-mo lá meio doente, preguei

ao dia a muito descontentamento meu e do povo, porque eu sou quem sou: foi de maneira que quando veiu ao domingo seguinte que eu havia de pregar outra vez, disse um Cura que havia pregação em tal igreja, porém para que era ouvir-me que eu não dizia nada e outras palavras semelhantes. Aquelle domingo preguei melhor e publiquei que à tarde em todos os domingos e dias santos ensinaria os Mandamentos a toda a gente e pela semana todos os dias aos meninos. Dia de Nossa Senhora da Visitação preguei a muito concurso de gente e a contentamento meu e do povo: ao domingo também e melhor que nunca; foi de maneira que era honrado já e me lançavam bênçãos por onde ia. » Até aqui suas palavras em uma carta para os Irmãos do Collegio de Coimbra; de muitas clausulas d'ella se vê bem a grande bondade e singeleza santa do padre Nobrega, porque nello foi columbina e a prudencia de serpente, qual o Senhor a quer era seus discipulos.

Neste logar metterei um grande exemplo de caridade, antes que com elle saiamos de Portugal. Indo de Coimbra para o Porto, por ir mal disposto lhe deram uma cavalgada. Em uma villa, 12 leguas do Porto, encontrou em um hospital uma negra enferma, que alli padecia muito por não ter quem a levasse ate o Porto. O Padre a fez subir na cavalgada em que ia, e elle assim indisposto andou a péquellas 12 leguas

CAPITULO III.

*E' o padre Nobrega mandado ao Brasil: do que alli obrou
este primeira anno d' sua chegada.*

Neste tempo que o padre Nobrega discorria em missão na provincia da Beira, determinou El-rei D. João o Terceiro com os Superiores da Companhia mandar Padres ao Brasil, assim para ajudarem aos Portuguezes como para converter a nossa Fé os Brasis.

No anno de 1549, havendo de ir por primeiro Governador daquelle novo Estado Thomé de Sousa, pediu El-rei lhe dessem para ir com elle ao padre Manuel da Nobrega por haver de sua virtude e letras cabal satisfação para tudo o que era do serviço de Deus e do d'El-rei. Foi isto a tempo que a frota estava a ponto de partir, e não era possível estar o Padre em Lisboa para nella se metter. Sendo tanto o aperto, nunca El-rei quiz acerrar outro em logar do padre Nobrega.

Portanto, so lhe fez aviso da vontade d'El-rei e foi mandado vir a Lisboa.

Partiu o Governador de Lisboa ao 1.º de Fevereiro de 1549, levando consigo alguns Padres e Irmãos que iam a obediencia do padre Nobrega, pelo qual ficara esperando a nau do provedor-mor Antonio Cardoso de Barros: nesta se embarcou o Padre e foi avançar a frota do governador, do qual foi bem recebido.

No tempo que durou a navegação, fez grande fructo em toda a nau capitanea, a qual se passou, desterrando jogos e juramentos e fazendo muitos exercicios de devoção, com os quaes foi de muito proveito a todos os da nau. Nesta jornada traz a historia da nossa provincia e d'ella a do Brasil, o caso da cabeça do um peixe, que dizia succedera com o governador Thomé de Sousa, porem aconteceu noutra occasião e com outro. Fundou-se o padre Alvaro Lobo, no que lhe disseram, contara o nosso padre Francisco de Araujo, o qual consultado lhe respondeu em carta, que tenho na minha mão, feita em Fevereiro de 1606, que, como havia trinta annos, tinha fallado com Thomé de Sousa em Alenquer, não estava tão firme no particular da cabeça do peixe, mas que, si elle o contara ou fora por elle lh'o contar ou algum padre do Brasil.

No cartorio de Coimbra o achei escripto em um papel que denota boa antiguidade, pelas palavras seguintes: « O padre Manuel da Nobrega que morreu sendo Provincial no Brasil, foi homem de muy rara virtude e santidade: contou dello um cavalleiro chamado Pero de Goes, o qual sendo capitão ou governador em aquellas partes se confessava com o mesmo Padre e era muy devoto seu. Tinha este senhor superstição de nao comer cabeça de cousa viva, á honra de S. João Baptista, porque neste dia lhe tinham acontecido alguns desastros. Andando elle de armada e indo o Padre ao visitar ao mar, sendo horas de jantar, lhe fez o Capitão força que comesse com elle, como fez; e trazendo-lhe uma cabeça do um peixe estimado do Capitão, a poz elle e deu ao mesmo Padre, nao a querendo comer; e fazendo o Padre força que a comesse elle, lhes fez a saber o voto que tinha feito; e logo porfou que a comesse e não curasse d'isso; o que não querendo fazer, lhe prometteu que dalli por diante o faria. Chegando-se o dia de S. João Baptista, que parece estava perto ou era isto em sua vespera, lançou o Governador um anzol ao mar, atando a linha no braço; e ferrando logo um peixe do anzol, o levava com grande furia ao mar; tanto que acedendo-lhe outra gente se embrulhou o cordel no pescoco de um marinheiro e o apertou de tal maneira que o houvera de affogar, metendo-se-lhe muito pela carne dentro. Emfim que tirando suavemente o cordel, veio no anzol a cabeça de um peixe, cortada como com uma faca. E daqui entendeu ser vontade de Deus o que o Padre lhe tinha mandado e ser superstição, o que fazia: e mo contou isto por cousa milagrosa e que não podia acon-

tecor acoso : o porque me contou isto e outras muitas cousas de virtude do mesmo Padre e eu assim lh'o ouvi, ponho aqui meu signal. *Diogo Guerreiro.* »

Estas as formaes palavras do papel. Bem sei que para a substancia do caso vai pouco, ser nesta ou naquella occasião, com esto ou com aquelle homem ; mas quando se encontram as cousas com a certeza individual, que em si tem, não ha porque a deixar. Este papel não vein a mão dos ditos escriptores ; e lique logo aqui este caso, posto que não seja d'este logar, mas porque nelle o trazem succedido com Thomé de Sousa nesta viagem do Reino para o Brasil.

De sua chegada ao Brasil, diz assim em uma sua carta para o Padre Mestre Simão o padre Nobrega : « Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mez de Março de 1549. Andamos na viagem oito semanas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cincoenta moradores na povoação que antes era. Receberam-n'os com alegria. Achamos uma maneira de igreja, juncto da qual logo nos aposentamos os Padres e Irmãos em umas casas a par d'ella, que não foi pouca consolação para nós, para dizermos missas e confessarmos. E nisto nos occupamos agora. Confessa-se toda a gente da armada, digo, a que vinha nos outros navios ; porque os nossos determinamos de os confessar na nau. O primeiro domingo que dissemos missa, foi a quarta domingo da Quadragesima. Disse eu missa cedo e todos os Padres e Irmãos confirmamos os votos que tinhamos feitos e outros de novo com muita devoção e conhecimento de Nosso Senhor, segundo pelo exterior é licito conhecer. Eu prego ao Governador e a sua gente na nova cidade que se começa, e o padre Navarro à gente da terra. Espero em Nosso Senhor fazer-se fructo, posto que a gente da terra vive toda em peccado mortal. E não ha nenhum que deixo de ter muitas negras, das quaes estão cheios de filhos e é grande mal : nenhum d'elles se vem confessar ainda ; quera Nosso Senhor que o façam depois 1). » Estas suas palavras, e vai dando conta dos Indios e do que em seu bem se podia obrar.

Entrou o Padre Nobrega neste novo mundo com os padres Leonardo Nunes, João de Aspilcueta Navarro, Antonio Pires e com os Irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome, todos elles homens de singular virtude e dignos fundadores de uma tão santa e dilatada provincia. No que toca ao sitio da terra do Brasil, costumes dos naturaes, ainda que aqui pareciam pedir alguma noticia, por serem cousas, que andam escriptas de muitos, não ha, porque deter nisto. Só quero dizer de Santo Thomé a noticia que tem o Padre Nobrega ; são suas palavras:

1) Este trecho e todos os mais reproduzidos adeante por Franco, acham-se nas cartas da presente collecção.

« Dizem elles que Santo Thomé, a quem elles chamam Zome, passou por aqui. E isto lhes ficou perdido de seus passados e que suas pisadas estão signaladas junto de um rio, as quaes eu fui ver por mais certeza da verdade e vi com os proprios olhos quatro pisadas mui signaladas com seus dedos, as quaes algumas vezes cobre o rio quando enche. Dizem tambem que quando deixou estas pisadas, ia fugindo dos Indios, que o queriam frechar, e chegando alli se lhe abriu o rio e passou pelo meio, e outra parte sem se molhar e d'alli foi para a India. Assim mesmo contam que quando o queriam frechar os Indios, as trechas se tornavam para elles e os matos lhe faziam caminho por onde passasse. Dizem tambem que lhes prometteu que havia de tornar outra vez a vel-os. » Noutra carta diz: « Tambem me contou pessoa fidedigna que as raizes de que se faz pão, que Santo Thomé as deu, porque ca não tinham pão nenhum e isto o se sabe da fama que anda entre elles. » Até aqui o padre Nobrega.

D'esta materia traz cousas mui curiosas o padre Vasconcellos na Historia do Brasil 2).

Houve nestes principios grande trabalho. Mudando-se a outro logar fizeram os Padres com suas proprias mãos umas pobres casas do barro. Passaram muitas necessidades do temporal. Acudiam ao bem espirital dos Portuguezes, em especial o padre Nobrega os começou a ajudar com suas pregações e conselhos. Tratava mui familiarmente ao Governador e a outros capitães e pessoas principaes: todos pelo muito respeito que lhe tinham, se aproveitavam de sua conversação, tendo alguma maneira de oração mental, fazendo exame de consciencia pela ordem que lhes dava. Todas as cousas de importancia tratavam com elle.

Tomou logo particular assumpto dos escravos naturaes, que tinham os Portuguezes moradores antigos da Bahia, fazendo-lhes ensinar a doutrina christã e dizer uma missa particular para elles todos os domingos e dias santos, o qual se introduziu por toda a costa, por quanto nem antes nem depois os Curas tratavam d'elles. Com isto se fez muito fructo em todo o Brasil. Por estes se começou a promulgação do Evangelho, porque em tanta cegueira estavam estes como os Indios que não eram captivos. A servidão os fazia estar mais á mão aos Padres, seus senhores se edificavam muito e ajudavam obra tão santa.

Porém, como o seu principal intento era a conversão dos Indios, de que havia infinitos no contorno da Bahia e tinham pazes com os Portuguezes, começou a tratá-los e denunciar-lhes a Fé. Vendo que os paes como troncos velhos estavam mui indomitos em suas barrarias, lançou mão dos filhos: foi ensinando-lhes a doutrina: pouco a pouco se afeiçoaram e baptisaram alguns e depois

2) Refere-se a *Chronica da Comp. de Jesu do Estado do Brasil*.

d'elles tambem naquelle principio se baptisaram alguns dos paes, principalmente dos que moravam junto da cidade, onde chamam Monte Calvario 3), que foi nome posto pelos nossos, onde fizeram uma casa e igreja pequena, para os tratar mais familiarmente e lhes ganhar as vontades. Aqui se baptisaram muitos innocentes, que logo depois do baptismo morreram.

Era mui introduzido naquelles barbaros comer carne humana, e assim aos inimigos tomados na guerra cevavam e engordavam e depois, com grandes algazarras e festas a seu modo, os matavam e comiam. Houveram d'elles licença os Padres para instruirem na Fé a estas victimas da sua gula e assim antes de os matarem, baptisaram a muitos. Não se podia por então evitar esta carnificaria, por isso se contentavam com lhes acudir ás almas. Não tardou muito o demonio em impedir este bem. Metteu na cabeça aos Indios que o baptismo tirava o gosto ás carnes. Levados d'esta imaginação, revogaram a sua licença, impedindo baptisar os seus presos. Então os Padres buscaram outra traça. Tinham vigias de quando se haviam de celebrar as suas solemnidades; e como acaso procuravam achar-se no tal logar, convidavam-se para assistir a estas suas festas, cousa de que os Indios tinham grande vaidade. Com este pretexto, quando elles andavam embobidos nos seus festejos e com desenhados da attentar ao preso, se chegava algum Padre, dava-lhe uma noticia da Fé, o que soffria o aperto, e era o preciso, e fazendo que pedisse o baptismo, levando preparado o lenço, lhe esprimia na cabeça e baptisava.

Um grande impedimento para a conversão dos Indios era certo feiticieiro, porque d'esta casta de homens vive aquella triste gente mui dependente. Fazia-se o feiticieiro filho de Deus, senhor das tempestades e trovões, das doenças e saude. Davam-lhe grandissimo credito e nenhum caso faziam do que era contra o seu dito: o médo que lhe tinha era extranho. Desafiou-o o padre Nobrega para o convencer em publico terreiro, onde se ajunetaram infinitos barbaros a ver o espectáculo. Sahu elle mui arrogante, em companhia de muitos, batendo o pé e fazendo outros merceos a seu modo. Sahu pelo contrario o padre Nobrega e perguntar-lhe com imperio: quem lhe dera o poder que fingia, sendo elle um homem como os mais? Respondeu com soberba que elle tinha o poder de si mesmo, por ser filho de Deus, que morava lá sobre os ares, entre os trovões, onde seu pae lhe dizia o que havia de fazer. Entrou em fervor o padre Nobrega, deu-lhe um brado grande e lhe estranhou a blasphemia com tanta auctoridade, que o Indio lhe cahiu aos pés, confessando ser tudo mentira e rogando-lhe o fizesse seu discipulo.

Abraçou-o o padre Nobrega, fez uma pratica aos circumstantes do seu erro, do que resultou converterem-se 800 dos que o se-

3) É o logar onde está assentado o Convento do Carmo.

guiam; depois de instruidos se baptisaram com grande solemnidade 100 d'elles. Invejoso o demonio, metten em os baptisados taes enfermidades que pareciam peste. Logo os outros começaram a dizer que aquillo lhe viera de se deixarem molhar do Padre e que havia de durar muitos annos e que todos haviam de morrer; que o remedio estava em fugirem dos Padres. Acudiua isto o padre Nobrega, empenhando sua palavra de que a doença em breve passaria: e assim foi, porque, acudindo-se com o remedio da sangria, cousa nova entre os barbaros, cessou a doença e ficou mui acreditado o Padre.

Trabalhando o padre Nobrega com seus companheiros no districto da Bahia, teve novas de que na capitania de S. Vicente, distante 240 leguas, havia muita falta de doutrina, porque os Portuguezes viviam quasi como Genticos, captivavam por escravos os Indios, fazendo nesta materia grandes insolencias e infidelidades, pois, indo muitas vezes contratar com os Indios, vindo elles ás suas embarcações como amigos, tanto que os tinham dentro, davam á vela e nesta forma os tomavam por escravos e disto havia muito.

Não obstante serem os nossos tão poucos, como era mui grande o coração do padre Nobrega, mandou aquella missão dois de seus companheiros, a saber: o padre Leonardo Nunes, natural da villa de S. Vicente, no bispado da Guarda, e ao irmão Diogo Jacome. Partiram da Bahia no dia de Todos os Santos de 1549. Alli foram recebidos e obrou o padre Leonardo cousas mui gloriosas, como se dirá em sua vida.

CAPITULO IV.

De muitas obras do padre Manuel da Nobrega e como foi a diversas regiões do Brasil e da que nellas effectou.

No seguinte anno de 1550 lhe chegou do Reino novo soccorro de operarios mandados por orden de nosso santo Patriarcha, que fazia ao padre Nobrega Vice-Provincial do Brasil. Nesta occasião fez o padre Nobrega algumas experiencias mui notaveis dos seus subditos: a mais admiravel foi no padre Manuel de Paiva, a quem mandou vender em publico, sendo pregoeiro o padre Vicente Rodrigues, tomando por pretexto da venda a pobreza, em que se achavam os nossos. Chegou isto a tal extremo que o povo se persuadiu era veras e houve lançadores; até que no dia, em que se havia de arrematar, o padre Nobrega o deixou ficar em casa e declarou aos amigos o espirito d'aquella fingida

venda. Foi este padre Paiva homem de rara virtude, como em sua vida se dirá.

Uma das obras que o padre Nobrega fez neste tempo foi um Seminario, em que se criassem meninos fillos dos Indios. Os Padres com suas mãos fizeram de barro as casas em que os ngasalhar. Alli eram ensinados a ler, escrever e contar, ajudar a missa e a doutrina christã.

Neste tempo, sendo muita a seara e os obreiros tão poucos, entre elles o padre Vicente Rodrigues ia continuando com doença de um anno. Vendo isto o padre Nobrega lhe disse um dia com grande espirito : « Padre Vicente, o bem das almas tem necessidade de vós ; portanto vos ordeno em virtude de santa obediencia, lançais fóra essa doença e vades acudir a nossos ministerios. » Foi cousa estupenda que no mesmo ponto ficou o Padre são e com suas forças, e começou a trabalhar como si por elle não tivesse passado tão prolongada enfermidade.

No anno de 1551, tendo mandado dous obreiros á capitania do Espirito Santo, se determinou elle em pessoa a ir a Pernambuco, que é uma das principaes regiões do Brasil ; levou por companheiro ao padre Antonio Pires. A terra estava mui estragada de vicios : para isto se entender melhor, bastam as palavras seguintes de uma carta do padre Nobrega : « Os clérigos d'esta terra tem mais officio de demonios que de clérigos ; porque além de seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado com suas negras, pois que são suas escravas, e que podem ter os saltados, pois que são cães, e outras cousas semelhantes, por escusar seus peccados e abominações. De maneira que nenhum demonio temos agora que nos persiga, são estes. Quere-nos mal, porque lhes somos contrarios a seus maus costumes e não podem soffrer que digamos as missas de graça em detrimento do seu interesse. Creio que si não fóra pelo favor que temos do Governador e principaes da terra, e porque Deus não o quer permitir, que nos tiveram já tiradas as vidas. »

Bem se vê d'estas palavras quaes eram os curas das almas e quaes seriam as almas curadas ; pois a todos, segundo a opinião dos seus curas, era licito usar mal de suas escravas e captivar os Indios. Estes dous pontos deram muito que fazer no santo varão. Os que estavam enredados com peccados tão horrendos se defendiam com a doutrina dos seus clérigos, a qual julgavam elles lhes estava mais a conto, dizendo, que sem Indios e Indias ficavam perdidos e sem remedio.

Começou logo o Padre a batalhar contra estas enormidades, em que houve muita emenda. Dos clérigos teve o Padre tamanha perseguição e dos que se acostavam a elles, que, si não foram reprimidos dos homens principaes que o abrigavam, ou seria morto ou lançado fóra da terra. Os Indios das aldeias o convidaram para que os fosse fazer christãos. Instruiu bem e baptizou

a com delles que pudessem ser como mestres dos mais, por assim poder com melhor commodo acudir aos muitos que se queriam converter. Depois de assentar o melhor que ponde as cousas em Pernambuco, deixando alli o Padre seu companheiro para conservar e levar adeante o que estava feito, se voltou a Bahia aonde chegou em Março de 1552.

Vendo elle que os Brasis se levavam muito do canto, fez ordenar em solfa as orações e mysterios da Fè, cousa de que os Indios muito gostavam e teve este sinto artificio cheitos mui notaveis; e aos meninos do Seminario que as cantavam tinham os Indios tanto respeito que punham nelles os olhos como em cousa sagrada.

No anno de 1553, indo o governador Thomé de Sousa visitar a costa do Sul, foi com elle o padre Nobrega, assim para ajudar aos das naus, como para visitar os nossos Religiosos, que alli estavam em divesas partes. Indo para S. Vicente, nao longo do porto, houve uma cruel tempestade, na qual se foi ao fundo o navio em que ia o padre Nobrega. Bem se vê o sentimento que haveria em todos, sendo tão amado e venerado por suas excellentes virtudes. Porém não quiz o Senhor que o tinha para cousas grandes que alli acabasse; com espanto de todos e do mesmo Padre, por andar elle mui fraco e não saber nadar, foi visto sobre as ondas, com grande socego, até que uns Indios nadadores cortando as ondas o tomaram em braços e puzeram em salvo em uma ilha; onde o vieram buscar e foi levado a S. Vicente com alegria tão geral em todos, como si a cada um lhe resustara seu pae.

Sahindo o padre Nobrega d'esta tormenta no mar, teve outra na terra para elle muito mais brava e cruel.

Foi o caso que os Padres que alli assistiam, tinham recolhido em casa alguns mestiços para os ir provando e, si fossem capazes, mettel-os na Companhia; ou quando não, servir-se delles para interpretes. Estes, como não eram da Companhia, saham as vozes fora de casa e a partes de ruim suspeita. Certo João Ramalho, homem rico e perdido, grande inimigo dos Padres, e seus filhos taes como o pae, impuzeram, sem alma nem consciencia, aos nossos o crime dos mestiços. Divulgaram no povo grandes ruindades dos nossos. Foram accusal-os ao padre Nobrega. Ouviu o Padre coberto de pejo cousas tão topa de caminho; e respondeu aos accusadores que furia justiça.

Não eria elle taes cousas de homens tão santos e sabia mui bem quão malvados eram os accusadores.

Querendo pois que o mundo visse a innocencia de uns e a malicia dos outros, mandou em primeiro logar sair de casa os Religiosos. Eram estes os padres Manuel de Paiva, Francisco Pres, Manuel de Chaves e alguns Irmãos. Puz o caso deante do Vigario Geral, que em todo o rigor, tirasse devassa e sentenciasse; que si os da Companhia eram, quaes os accusadores diziam, nada era de lnero a Companhia e portanto se desfaria

logo d'elles ; e, si estavam innocentes, visse o mundo a maldade dos accus dores e não tivessem outros affoutesa para infamar os servo de Deus e impedir o fructo dos sous trabalhos. Feita exacta e juridica inquirição, se achou estarem os nossos innocentes e se publicou a malicia d'aquelles homens.

Fez tambem o padre Nobrega sua inquirição e achou que em verdade houvera culpa em um mestiço, ao qual deu um notavel castigo. Convencido elle, lhe encareceu o seu crime e aggravado, que fizera à pureza da Companhia, em cuja casa estava, e lhe disse: *Irmão, um tal peccado só se pode satisfazer sendo enterrado vivo: confessai-vos, commungai e tende santa paciencia, que amanhã a taes horas vos hei de mandar abrir a sepultura; ha se vos de cantar o officio de finados, dizer missa dos defunctos e heis de ser enterrado vivo.* Como o Padre era tão effieaz e inteiro no que dizia, o moço se deu por concluido. Confessou-se e commungou-se para morrer. Fez-se signal com os sinos, celebrou-se o officio e a missa dos defunctos, estando amortalhado e presente o mestiço. Passavam os Portuguezes e Indios, de cousa tão nova.

Acabado o officio e dito o ultimo responsorio foi o triste estendido na cova e si lhe foi lançando alguma terra. Neste passo o Irmão Pedro Corrê, que só em segredo sibia a ntenção do padre Nobrega, pediu com muitas lagrimas ao Padre tivesse compaixão d'aquelle miseravel: ao Irmão seguiram todos os presentes, a cujos rogos o Padre, que só queria metter horror no culp do e aviso aos mais, se dobrou mostrando nisso grandes difficuldades. E logo d'alli o deu por despedido de casa, ordenando que tal casta de gente nem para o serviço domestico se admittisse algum em nossas casas.

Compostas assim as cousas nesta capitania, determinou fazer uma entrada ao interior do sertão, para fundar alli christandade, que se criasse sem ter deante dos olhos os maus exemplos dos Portuguezes. Soube d'estes intentos o Governador e lh'os impediu com boas razões. Comtudo havendo uma loa lingua no irmão Antonio Rodrigues, que entrara na Companhia, e antes estivera entre os Carijós, entrou pela terra dentro cousa de 40 leguas até uma aldeia p'r nome Manicob; onde fez igreja e residencia, que continuou alguns annos e nella houve muito serviço de Deus, concorrendo alli os Indios ao bom nome do Padre, que se divulgou pelas nações do sertão, sendo chamado entre os barbaros com o nome de *Homem Santo* 4).

Vendo o Padre quão grande porta se lhe abria nesta terra de S. Vicente, determinou deter-se nolla mais tempo e fazer vir mais obreiros da Bahia. Acudiu o Senhor a estes seus designios, porque em Julho de 1553 com a frota e novo Governador

4) V. *Esclarecimentos* no fim d'este volume.

D. Duarte da Costa, lhe vier um de Portugal sete sujeitos, dos quaes era Superior o padre Luiz da Grã, Reitor que fôra do Collegio de Coimbra, homem em tudo cabal. Nelles chegou o incomparavel varão e thumaturgo do Novo Mundo Joseph de Anchieta, que ainda não era sacerdote.

Mandara o padre Nobrega à Bahia, para conduzir os novos obreiros ao padre Leonardo Nunes. Este trouxe consigo alguns dos quaes era um o irmão Joseph de Anchieta. Nesta occasião veio ao padre Nobrega patente de Santo Ignacio, em que o fazia Provincial do Brasil, porque até então só governara com titulo de Vice-Provincial, dependente do de Portugal. Tambem lhe chegou licença para que elle e o padre Luiz da Grã fizessem a profissão de quatro votos.

Achando-se o Padre com este novo soccorro, por boas razões e muitas conveniencias do bem das almas, que nisso havia, em Janeiro de 1554 mandou Padres e Irmãos, que dessem principio a um collegio nos cumpos de Piratininga, distante de S. Vicente 12 ou 13 léguas, mui abastados de viveres para o sustento humano, ainda que o caminho, por onde a elles se vai, é fragorissimo. Padeceram alli muito os nossos Religiosos em fundar esta nova colonia, d'onde ao depois se recolheram fructos copiosos. Correu o padre Nobrega grandes perigos em querer tirar d'aquelles barbaros o insaciavel appetite de comer carne humana; no que teve mui gloriosas victorias. Nas partes de S. Vicente se deteve o padre Nobrega até os principios do anno de 1556, e deixando alli em seu logar ao padre Luiz da Grã, que lhe era collateral no governo com iguaes poderes, elle se voltou a ter cuidado com as cousas na Bahia.

CAPITULO V.

De como foi causa de grandes augmentos da christandade: como por suas orações houve o Governador grandes victorias. Caso de uma fonte milagrosa. E outras cousas de grande serviço de Deus por meio d'este seu servo.

Chegou o padre Manuel da Nobrega a tempo que o governador D. Duarte tinha aquietado uma grande guerra, que os Indios lhe tinham feito. Pediu-lhe que reduzisse a aldeias os Indios novamente sujeitos e aos que já eram christãos em logares accomodados, onde os Padres pudessem levantar igrejas e assistir com elles, para nesta forma ir adeante a christandade, sendo melhor e mais à mão o commodo de a cultivar. Fez o Governador quanto se lhe pediu. Formaram-se diversas aldeias. Poz nellas

Padres e Irmãos e metteu escholae em que se ensinasse os meninos. Cresceu com isto notavelmente o ensino, porque os filhos bem industriados ensinavam a seus paes.

O culto divino se adeantou muito, porque aprendiam solfa e todos os instrumentos, com que se formavam coros de musica mui suaves e concertados, com os quaes os officios divinos se faziam com devoção e acceão. Extinguiu-se o uso de comerem carne humana.

No anno de 1558, indo por Governador do Estado Men de Sá, teve com elle o padre Nobrega estreita amizade. Fez leis mui proveitosas ao bem dos Indios, como foram prohibir-lhe aos confederados comnosco comerem carne humana; que não fizessem guerra, sem que elle e seu conselho a approvasse; que vissem em aldeias grandes, fizessem igrejas e casas aos Padres, que os cultivassem. Estas leis attribuiram todos a influxo do padre Nobrega. Fizeram a ellas muita resistencia os Portuguezes, dando muitas razões em bem do Estado, chamando-as violentas e occasião de se pôrem em guerra os Indios, pois lhe queriam tirar seus innatos appetites. Resistiu o padre Nobrega o desprezadas todas as difficuldades, se viram os desejados effeitos. Formaram-se grandes aldeias, entrando os Padres a amansar estes tigres.

Tambem promulgou outra lei em favor dos Indios, que fossem postos em liberdade os que estavam em captivo injusto feitos escravos dos Portuguezes. Esta lei, executada mui a riscá, causou nos Indios um retro das cousas prohibidas nas outras leis, vendo como o Governador attentava por sua liberdade. Succedeu neste tempo que alguns Indios de outra nação mui poderosa mataram e comeram a tres dos nossos Indios das aldeias. Beram conta ao Governador que, ou os vingasse ou que os deixasse ir vingar tamanha affronta. Mandou logo Men de Sá pedir os criminosos; responderam-se-lhe que os fosse elle buscar. Aqui cresceram as queixas do povo contra o padre Nobrega; porem elle animou ao Governador, com esperanza certa da victoria. Foi em pessoa a esta guerra, em que ia tambem o nosso padre Antonio Rodrigues. Estavam immuñaveis inimigos entrencheados em uma grande eminencia; alli os avançou Men de Sá e desappareceu do sitio com morte de muitos.

No dia seguinte foram os nossos rompendo caminho em demanda do restante do inimigo, abrindo caminho por densissimos arvoredos. Chegaram a certo posto em que o Principal de 200 aldeias se tinha guarnecido. Era o sitio formidavel, assim pelas aguas que o cingiam, como pela eminencia dos montes, quasi tachados a pique. Todas estas difficuldades se venceram. Foram entrados os inimigos, em que fez brava matança. Estas victorias fizeram mui respeito a Men de Sá de todo o sertão do Brasil e causaram veneração a pessoa do padre Nobrega; pois viu com seus olhos não ser vã a confiança, com que aos nossos

promettêra sahiriam vencedores nesta guerra em que a honra e serviço de Deus eram tão interessados. Foi o gosto e a victoria completa; quando tres dias depois de recolhido Men de Sá, chegou à Bahia uma embarcação d'aquella gente, que vinha entregar os matadores que foram a causa da guerra, e a pedir pazes e que se reduziriam a aldeias, onde seriam ensinados dos Padres; cousa para o padre Nobrega de gosto inexplicavel.

Por este tempo padecia o santo varão, muitos achaques, mas com nenhuns se rendia. Dava-lhe alento vêr que a gloria de Deus ia crescendo. Corria a pé com um borlão na mão estas aldeias de Indios. Em todos mettia fervor. Pelos fins do anno de 1559 chegou patente de nosso Padre Geral Diogo Laynes, em que fazia Provincial dos nossos ao padre Luiz da Grã. Achava-se mui enfermo o padre Nobrega e lançava sangue pela bocca. Ficou mui alegre por se vêr livre do peso do governo, mas nem por isso se desobrigou de trabalhar, como si de todo estivera com suas forças.

Antes que passe adeante, quero dizer aqui uma grande mercê de Deus, que na residencia de Porto Seguro se alcançou do céu, em que teve boa parte a fé do padre Nobrega. Assistindo o nosso padre Francisco Pires com outros nossos em Porto Seguro, fabricavam em um monte uma capella de Nossa Senhora da Ajuda. Ficava-lhe mui longe a agua assim para obra como para beber. Era preciso irem por ella ao baixo do valle pelas terras de um morador, que nisso tinha paixão, dizendo que devastavam suas fazendas. Formava por esta causa queixas contra a obra e contra os nossos.

Alligiam-se os servos de Deus com o seu trabalho e com o desassocego do homem. Rogaram à Senhora lhes acudisse. Achava-se alli o Padre Nobrega. Animou-os, dizendo-lhe tivessem fé e se foi dizer missa na capella, que ainda estava por acabar. Consta mui rara! no meio do sacrificio ouvem soar um borbolhão d'agua debaixo do altar e d'alli por baixo da terra foi salhir juncto a uma arvore perto da ermida. Fieram consolados e admirados com esta estralhesa. Esta fonte e ermida é no Brasil um perenne rio de favores do céu e o sanctuario de maior veneração naquellas terras até o tempo presente.

Corria o anno de 1560 e davam aos Portuguezes muito cuidado as cousas do Rio de Janeiro, porque tendo alli os annos antes entrado os Francezes, se iam fortificando e si não se acudisse a esto mal, seguir-se-lha grande detrimento aos Portuguezes. Neste anno chegou ordem da Rainha D. Catharina que governava na menoridade de seu neto D. Sebastião, a Men de Sá, puzesse todo o esforço em lançar lora do Brasil aos Francezes. Tinha a empresa muitas difficuldades, parecendo termos para ella pouco poder. Além de outras consultas, a de que Men de Sá fez mais caso, foi o conselho do padre Nobrega, que lho persuadiu a empresa e quasi segurou a victoria.



Aprestou logo Men de Sá uma armada de 11 vélas maiores, fôra muitos barcos, e se fez na volta do Rio de Janeiro, levando consigo o padre Nobrega, cujo conselho era para elle como oraculo. Fôra tambem parecer dos medicos que o Padre mudasse de clima e entendiam lhe seria mais favoravel o da capitania de S. Vicente. Chegou ao Rio a armada, e logo Men de Sá fez ir ao padre Nobrega para S. Vicente, por vir fraco e ter necessidade de remedios. O Padre alli fez artilhar um bergantim e preparou algumas canoas cheias de boa gente, que mandou ao Governador comboidas por dons Irmãos da nossa Companhia.

Foi assaltada com muito valor uma fortaleza que tinham os Francezes chamada Villagailhon 5), obra por natureza e arte ao parecer inexpugnavel. Mas, o valor de Men de Sá foi tanto e tão poderosas as orações de seu amigo o padre Nobrega, que a entrou com morte de muitos inimigos e com a fugida de outros que nos bateis se passaram à terra firme. Arrasou-se o que era obra da arte. Por então com isto se contentaram, porque o presidial tinha grandes inconvenientes.

Na volta decahiu o Governador com a armada em Santos, distante duas leguas de S. Vicente, onde se viu com o padre Nobrega e lhe agradeceu o socorro e, abaixo do Deus, a victoria. O Padre com extranha charidade agenciou provimento de mantimentos para a armada; acudiu aos soldados enfermos; tratou com Men de Sá sobre cousas dos soldados, como litigios e prisões; fez nisto taes obras de charidade com todos, que lhe não sülham outro nome, sinão o de *Pae dos Necessitados*. Tambem conseguiu em bem dos naturaes, da Companhia e d'El-rei, que o Governador mandasse mudar a villa de Santo André para Piratininga e que o Collegio da Companhia se passasse de Piratininga para S. Vicente; onde se abriram os estudos, que depois se passaram, e hoje perseveram, no Rio de Janeiro.

Nesta occasião com o favor de Men de Sá, fez o Padre abrir novo caminho de S. Vicente para Piratininga em uma espaçosa montanha, porque no ordinario eram os passageiros assaltados e comidos dos Tamoyos, inimigos erueis do nome Portuguez. Por

5) O Visconde de Porto Seguro escreve fortaleza de *Villegaignon*, acrescentando « o que, adulterado pela nossa gente, se ficou dizendo, mais aporтугuezolamente, *Villagailhão* »; e é de parecer que se d' ve conservar este antigo nome e orthographia. (*Hist. Ger. do Bras.*, I, p. 277.)

Pedro Tacques diz: « Ilha que se u tomou o nome de Villegaignon, que a pron ncição portugueza corromp u pelo decurso do tempo em *Verqalão*. » (*Hist. da cap. de S. Vicente*, 1772, in *Rev. do Inst. Hist.*, IX (1847), pg. 320.)

agencia de dois Irmãos nossos engenheiros, se abriu com grande trabalho este caminho, de que todos receberam grande segurança e proveito.

Ainda que o padre Nobrega estava ja neste tempo mui cortado dos trabalhos e achaques, nem por isso se desobrigava de trabalhar: discorria a pé encostado no seu bordão pelas aldeias, acudindo a todos com zelo incansavel. Andava a terra mui desinquieta com os continuos assaltos dos Tamoyos, amigos dos Francezes do Rio de Janeiro e inimigos capitaes do nome Portuguez. Servia este continuo agoute de Deus como de um aviso aos christãos, que andassem sempre preparados para a morte: a isso os exhortava o Padre e na sem fi acto.

Estando elle em Piratininga, deram os nossos um assalto nos Tamoyos. Captivaram um dos seus Capitães, grande saideador e comedor dos nossos. Tendo recio alguns Portuguezes não escapasse, consentiram que os Indios o matassem e comessem; para este fim lhe deram uma casa dentro na villa. Soube o padre Nobrega em Piratininga esta desordem e a sentiu tanto que escreveu aos Padres da villa de S. Vicente, sabissem disciplinando-se pelas ruas publicas, em ordem a aplacar a ira de Deus. E que bradassem alto pedindo ao mesmo Senhor, tivessem misericordia d'aquelle povo, porque não viesse sobre elle seu agoute.

Não eram estas cousas somente para terror, mas como mostraram os effeitos, devia ter o servo de Deus algum aviso do céu, de quão indignado estava Deus contra os Portuguezes e christãos Brasis d'aquella villa. Sobre ella veiu doença como peste, que fez cruel estrago e maior o fizera, si lhe não acudissem os nossos ainda com os remedios corporaes da sangria; exercicio que naquellas terras lhes ensinou a charidade; o perguntado sobre elle Santo Ignacio, respondeu que a tudo se estendia a charidade.

Além da sobredita disciplina, ordenou que houvesse oração nocturna continuada em casa, a qual era nesta forma. Tinha um por relógio de areia sua hora; acabada ella tomava uma disciplina e logo entregava o relógio a outro; nesta forma se iam succedendo em toda a noite. Durou a oração em todo o tempo da quaresma. Sobretudo houve procissões publicas pelas ruas. Com todas estas preces se entendeu que Deus aplacara muito sua ira.

CAPITULO VI.

Da jornada que o padre Nobrega fez aos Tamoyos; do que alli passou, até fazer paz entre elles e os Portuguezes.

Continuava o padre Nobrega na capitania de S. Vicente, na qual havia muito desasocego por causa das invasões dos Tamoyos.

Andavam estes em canoas mui equipadas de remeiros, faziam cruéis assaltos e captiweiros. Entendia o Padre que tudo era castigo de Deus por muitos desmanchos dos Portuguezes: gritava em pulpitos e praças, houvesse penitencias, porque Deus temperasse sua ira; pois os inimigos com os continuos assaltos tudo traziam assombrado e entravam em consideração de se fazer por uma vez senhores de todo o paiz.

O cuidado do Padre era ver como se podia divertir tanto mal. Instava com Deus e em suas orações sentia dentro de si grandes impulsos de se metter entre aquelles barbaros ou para fazer pazes entre elles e os nossos ou para alli acabar nesta demanda seus cansados dias. Tratou este seu sentimento com os do governo; a todos pareceram bem, porque sem perigo seu, poderiam conseguir o que unicamente desejavam; e quando não houvesse effeito, ficariam como estavam.

Não era isto tanto prudencia humana, quanto disposição divina. O santo padre Joseph de Anchieta disse que dois annos inteiros tratara o padre Nobrega com Deus este requerimento. Correndo pois o anno de 1563, depois de renovados os votos na oitava da Paschoa, se despediu dos mais Padres e Irmãos e tomando por compenheiro ao padre Joseph de Anchieta, que ainda era Irmão, se poz em caminho para os Tamoyos 6). Levou-os em uma sua embarcação Francisco Adorno 7), Genovez, homem rico da terra e grande amigo da Companhia. Tendo partido a 21 de Abril, a 4 de Maio do dito anno chegaram às praias do principal logar dos Tamoyos.

Ao principio se assustaram, cuidando serem inimigos. Porém vendo os Padres, dos quaes entre elles era cousa sabida serem amigos dos Indios, fallando-lhes o padre Anchieta na sua lingua, tomaram confiança e entraram na barca sem algum sobresobro. No dia seguinte acudiram os principaes, entendendo vinham a tratar de pazes. Deram por refens 12 manechos, que foram na barca para S. Vicente e elles levaram para suas terras os Padres. Foram hospedados na casa de um Principal chamado Caquira.

Primeiro que tudo amarraram entre um arvoredo uma igreja coberta de palmas; nesta se disse aos 9 de Maio a primeira missa que viram aquellas terras. Foi em acção de graças pelos bene-

6) Sobre esta viagem e omnesa veja-se a interessante carta de Anchieta de 8 de Janeiro de 1563, publicada pelo Dr. Teixeira de Mello nos *Annuaire da Bibliotheca Nacional*, vol. II, pp. 78-123.

7) Segundo Anchieta, o capitão era José Adorno, tio de Francisco Adorno, Irmão da Companhia de Jesus.

fícios recebidos e para pedir a Deus o bom successo de cousas tanto do seu serviço. Assim foram continuando com grande espanto dos Tamoyos : porque não havia sino, a voz chamavam os meninos e mais gente, para ouvir a santa doutrina, que o padre Joseph Ihes explicava com phrases e demonstrações da sua lingua, de que elles gostavam tanto, que si a terra fosse outra, segundo tomavam bem o que se Ihes dizia, poderiam ser baptisados muitos d'elles. Fazia nelles grande impressao o terror do castigo, que diziam estar apparelhados aos maus que comiam carne humana e faziam outras maldades.

A mesma doutrina pregavam nas aldeias circumvisinhas. Tinham os Tamoyos respeito aos Padres e como os reconheciam por paes dos Indios, Ihes descobriram seus segredos, dizendo o modo com que tinham disposto a guerra, para acabar com os Portuguezes; era este pôr duzentas canoas por mar, e por terra no mesmo tempo muitos mil arcus dos que habitavam as margens do rio Parahiba. Aquí viram os Padres o perigo da capitania de S. Vicente, pois não havia nella poder que pudessem resistir a tanto aparato de guerra.

Logo si divulgou pelos Indios da costa a chegada dos Padres e a causa de sua vinda. Com esta nova se alteraram os Indios do Rio de Janeiro, a quem a guerra servia mais que a paz. De diversas partes acudiram em suas canoas com intento de matar os Padres e impedir as pazes. Chegou em primeiro lugar Ambiro, amigo dos Francezes e aparentado com elles, inimigo cruel do nome Portuguez. Trazia este bravo Tamoyo 30 canoas, todas a ponto de guerra. Em chegando tomou por melhor assaltar de noite os Padres, matou-os e tomou o barco que os trouxera, o qual ainda não era partido.

Estando o barbaro neste pensamento, se ajuntaram os Principaes da terra a tratar das pazes. Pareceu-lhe entrar no conselho Ambiré. Assistiu á junta com muitos Indios armados. Bem viram os Padres seu perigo, porém estavam muy contados em Deus. Indo correndo os votos, o de Ambiré foi em primeiro lugar que lhe haviam os nossos de entregar tres Indios-seus, para os matar e comer, porque lhe tinham feito guerra com os christãos.

Depois de varios dades e tomares, se acabou com Ambire, que este ponto dos tres que queria fossem entregues, se propuzessem aos Principaes da capitania de S. Vicente. Vindo elle neste partido, quiz ser o embaixador da proposta. Tomaram os Padres este conselho para metter tempo, o qual costuma em negocios intrincados desfazer grandez embaracos e descobrir novos caminhos. Os Padres escreveram aos Principaes de S. Vicente, que por nenhum caso fizessem o que Ambiré requeria, amda que elles houvessem por isso de ser comidos dos Tamoyos, em cujo poder estavam. Fizeram-se em S. Vicente tão boas passagens a Ambiré, que depoz sua fereza e se contentou com as razões que lá se lhe deram.

Após este perigo, veio outro mais apertado. Andando ambos na praia viram que vinha voando com trinta remeiros uma canoa e nelli certo Indio, filho do Principal da aldeia, em que estavam os Padres; ficavam atraz outras oito canoas d'esta sua esquadra. Os intentos eram matar os Padres por serem, como dizia, perniciosos ao bem commum com as pazes que intentavam. Dera ordem a s seus que em chegando lançassem mão dos Padres, que elles os mataria.

Vendo os Padres o fio que trazia a canoa, suspeitaram o que poderia ser. A toda a pressa se foram recolhendo para a aldeia. Apressou-se o padre Nobrega quanto ponde e mais do que ponde até passar a praia; no fim da qual havia um ribeiro que dava pela cinta. Não tendo o padre Nobrega tempo para descalçar as botas que trazia por causa de muitas chagas, o irmão Joseph de Anchieta o tomou às costas, mas como ellas eram fracas, não o podendo acalar de passar, deu o Padre consigo no meio do ribeiro e passou todo ensofado em agua. Apenas houve tempo de se encontrarem no matto.

Como a aldeia estava em um oiteiro alto e o Padre não podia ir por deante, tirou todo o fito, descalçou-se, até ficar em camisa. O irmão que todo estava molhado, tomou às costas o fato do padre Nobrega e começaram a andar: mas nem com isso o Padre podia ir, não de vagar o lançando a alma pela boca. Vendo o irmão seu trabalho e que era impossivel d'aquella maneira chegar a aldeia, lhe disse, que se escondesse no matto, até passarem os Tamoyos, cujas vozes já se ouviam na praia. Neste aperto acudiu Nosso Senhor, porque vindo da aldeia um Indio, a poder de promessas acabou o irmão com elle, que lhe ajudasse a levar o Padre. Assim meio às costas, meio puxando por um bordão, entrou na aldeia mui pouco antes que chegassem os da canoa 8).

Era isto em conjunção que ali não estava o Principal, que os abrigava, por se ver mais o evidente favor de Deus. Entrou o da canoa em casa de seu pie, que estava ausente; um seu tio lhe deu conta das pazes. Não se deteve mais que enquanto o Padre resou vespersas de Corpus Christi, que era no dia seguinte. Dissimulou o barbaro seus intentos, fallou com os Padres sobre as pazes e se tornou quieto; confessou depois todo o proposito com que viera do Rio de Janeiro, mas que em vendo aquelle velho e ouvindo suas palavras, ficara fraco e sem forças e de todo mudado, dizendo que semelhantes pessoas não vinham com tração e bem si podiam flar d'ollas.

8) Anchieta na sua carta de 8 de Janeiro de 1565 conta minuciosamente esta curiosa passagem da viagem. V. *Ann. da Bibl. Nac.*, II, pp. 94 e 95.

Os Indios d'estas aldeias, principalmente o maioral d'esta chamado Pindobugá, trataram largamente com o Padre e Irmão, assim das pazes como do seu modo de viver. Por tudo lhe perguntavam mui particularmente. Offereciam-lhes suas filhas e irmãs por mulheres como costumavam aos mais christãos, quando tratavam com elles de pazes, porque tinham este uso por mais firmeza das mesmas pazes. Porém entendendo o modo de vida continente, que os Padres guardavam, ficavam espantados. Quasi incredulos nisto lhe chegavam a perguntar pelos pensamentos o desejos, dizendo: *sem quando veedes mulheres formosas não as desejais?* A isto respondeu o padre Nobrega, mostrando-lhes umas disciplinas e dizendo-lhes: *Quando vem semelhantes pensamentos e tentações, acullinos-lhe com este remedio 9).*

Ficaram com esta resposta mui espantados e tinham para si que os Padres fallavam com Deus e que elles lhes descobria tudo quanto passava. Este Principal pregava assim aos da sua aldeia como aos do Rio de Janeiro, que com seu filho iam para matar os Padres, que os Padres eram muito amados de Deus; que si algum agravo se lhes fizesse, logo havia de vir mortandade sobre elles. Com isto os mais se intimidavam e o bom Indio lhes rogava pedissem a Deus por elle, ja que os detendia e fallava em seu favor.

Tratando das pazes, dizia o bom velho aos Padres: « Antiga-mente fomos vossos amigos e compadres; mas os vossos tiveram toda a culpa das nossas guerras, porque nos começaram a saltear e tratar mal. Quando nós começamos a ter guerra com os Temiminos, gente do Gato Grande, os vossos confiados na multidão de nossos inimigos, que eram muitos mais do que nos e juntamente inimigos vossos, que tinham mortos muitos de vos outros, se metteram com elles contra nós; mas Deus ajudou-nos e pudemos mais. »

Como padre Nobrega sabia ser tudo verdade, cada vez fo-gava mais de ter tomado entre mãos esta empresa desejando aplacar a ira de Deus contra os Portuguezes. Por isso, quando tratava com elles nesta materia lhes dizia: « Porque sei que Deus está irado contra os meus pelos males que vos tem feito, sendo vós seus amigos, vim cá a fazer pazes com vós outros para aplacar a Deus e fazer que perdoe aos meus, os quaes da sua parte não hão de quebrar estas pazes; por isso trago ou cá minha cabeça e de meu irmão sem medo nenhum, porque trato ver-

9) « Pindobugá... y sabiendo que no teniamos Mujeres se espanto mucho preguntand-nos, *si las deseas, quando vees algunas hermosas?* Nos otros por respuesta le mostramos las disciplinas, con que se domava la carne, quando se demandava a semejantes deseos malos. » *Anchieta*. Carta citada.

dade; mas si vós outros as quebrais, entendei que a ira de Deus se ha de virar contra vós outros e haveis de ser destruidos de todo. »

Dizia estas cousas não como ameaças e medo, que lhes quizesse metter, si não com tanta certeza e firmeza que parecia ter-lho Deus revelado. Elles assim o criam. Portanto estes fronteiros nunca tornaram atraz, antes quebrando as pazes os do Rio de Janeiro e Cabo Frio, que era toda a multidão dos Tamoyos, estes se toram para o sertão, pelos não ajudar contra os Portuguezes. A prophesia do padre Nobrega ficou tão cumprida nos demas que toda aquella nação por tempos foi destruida, excepto alguns que no Rio de Janeiro se tornaram christãos e os descendentes dos Indios d'estas aldeias.

Esteve o padre Nobrega com os Tamoyos quasi dous mezes. Nelles dizia missa todos os dias. Ainda que o fazia muito ante manhã, sempre madrugavam muitos Indios e o iam ver. A estes se dava conta do que era, conforme sua capacidade e se lhes explicava a doutrina. Neste tempo já muitos do Rio de Janeiro caminhavam seguros para S. Vicente e estavam lá alguns dias; portanto parecendo já ao Capitão que estavam as pazes fixas, mandou um bergantim ao padre Nobrega, em que se pdesse retirar.

Os Indios como estavam ainda tenros não consentiam em sua partida nem o Padre lhes fez instancia. Comtudo encommendou a Deus o negocio e pareceu ser mais necessario sua presença em S. Vicente, ainda para as mesmas pazes, em ordem a agasalhar os Tamoyos que lá fossem e lhes tirar de todo algum resabio de medo. Portanto, consentiram os Indios que fosse só o padre Nobrega e ficasse o irmão Anchieta, sabendo que em quanto consigo o tivessem não receberiam danno algum dos Portuguezes.

Não havia acabar com o padre Nobrega ir-se e deixar alli o irmão só; mas enfim á instancia do mesmo irmão se embarcou e partiu. No caminho padeceu uma noite tal tempestade, que já todos se davam por perdidos e dous valentes mestigos tractavam entre si de levar o Padre á praia sobre uma escotilla; porém abrandando a tormenta, no fim de Junho chegou a S. Vicente. Com sua chegada se dava tal tractamento aos Tamoyos, que se deixavam estar lá muitos dias, como em suas casas. O padre Nobrega os levou ás aldeias dos Indios nossos discipulos, onde se abraçavam uns aos outros sem lembrança das guerras passadas. O mesmo so fazia em Piratininga, indo os Tamoyos do sertão muito seguros, tractando com muita paz com os Portuguezes e com os nossos Indios.

O irmão Anchieta ficou entre os Tamoyos, dizendo-lhe o padre Nobrega que quantos meios se lhe offerecessem para se poder ir, todos lh os deixava mandados. Delevese alli o irmão quasi tres mezes, nos quies lhe succederam cousas mui notaveis.

que se contam em sua prodigiosa vida e não são d'este lugar. Depois os mesmos Tamoyos o levaram a S. Vicente, onde chegou dia de S. Matheus. Estas tão proveitosas pazes quebraram depois os Tamoyos do Rio de Janeiro, do qual se lhes originou sua destruição e o principio da cidade, que alli tem hoje os Portuguezes e o do nosso Collegio, que nella ha. Aquelle bom Indio, que foi o amparo dos Padres entre os Tamoyos, em premio desta sua obra o fez Deus filho seu pelo baptismo e veio a morrer como bom christão.

CAPITULO VII.

Do grande zelo que o padre Nobrega teve na conquista do Rio de Janeiro e do que nisso passou e como alli falleceu santamente.

Hayendo em Portugal noticia do estado das cousas do Rio de Janeiro, entendendo os do governo, quanto convinha fazer alli cidade e fortificação, mandou a Rainha D. Catharina alguns galeões e por capitão delles a Estacio de Sá, sobrinho de Men de Sá, o qual sujeito em tudo as ordens do tio fosse povoar o Rio de Janeiro e lançar de todo fora os Francezes. Nada mais desejava Men de Sá. Aviou com presteza o sobrinho e o despediu para o Rio nos principios do anno de 1564, com regimento que em tudo se regesse pelo conselho do padre Nobrega e lhe obedecesse como a elle em pessoa, tendo para si, que pelo grande ser que reconhecia no padre Nobrega, teriam as cousas o desejado acerto, como em verdade o tiveram.

Em chegando Estacio de Sá ao Rio, despediu um barco á S. Vicente a chamar o padre Nobrega. Logo se embarcou com deus companheiros e chegou ao Rio em Abril, sexta-feira da Semana Santa 10), á meia-noite, com grande tempestade, onde correu evidente perigo de ser tomado dos Tamoyos, que tinham já quebrado as pazes. Acudiu Deus neste aperto, porque annunciando viu entrar no porto a armada de Estacio de Sa, que o padre Nobrega imaginara estar dentro. Fôra o caso que Estacio de Sa cuidando pelo que lhe dissera um Tamoyo, que a capitania de S. Vicente estava em guerra e que esta era a causa da lardanga do padre Nobrega, se resolvera o dia antes a partir para ella e quiz Deus que o mesmo vento tempestuoso que metten ao padre Nobrega dentro no rio, obrigou os galeões a nella se recolherem. Em que bem se viu o favor que Deus

10) 31 de Marco, segundo o calendario J-Pano; 11 de Abril, segundo o calendario Gregoriano.

fizera a todos, pois o Padre por não poder sahir para fóra, seria tomado dos Tamoios e Estacio de Sã faria a jornada de balde, porque nem S. Vicente estava em guerra nem lá acharia ao padre Nobrega.

Em dia de Paschoa 11) se disse missa na ilha dos Francezes, onde o padre Nobrega fez uma practica a todos, em que procurou tirar-lhes o grande medo que tinham dos T. moyoc, pelo que dellos tinham experimentado. Exhortou-os a confiar em Deus, cuja vontade era que se povoasse o Rio. Ficaram todos mui animados. Houve contudo muitas difficuldades em continuar a empresa, assim por falta de canoas sem as quaes nada si podia obrar, como de mantimentos; e de tudo estava o inimigo mui pujante como em paz proprio. Portanto, assentaram ir-se refazer a S. Vicente, para onde se partiram com boa viagem.

Estava a capitania por causa das guerras passadas, falta de mantimentos; por isso foi necessario mais tempo do que se cuidava, para refazer a armada. Como os mais d'ella tinham pouca vontade de tornar ao Rio e muitos de ir para suas casias, não cessavam requerimentos e inquietações desuadindo ao Capitão-mór a empresa. O padre Nobrega como tinha por mui certo ser vontade de Deus esta empresa e grandissima confiança, por não dizer cortsia, que se havia de povoar o Rio, se poz contra todos com invencivel constancia, assim nas progações como em praticas particulares. Ia muitas vezes de S. Vicente a outra villa, que distava d'ahi duas leguas, onde estava o Capitão-mor, a esforçal-o e animar-o, ajudando-o entudo. Por esta causa era murmurado de todos. Tanto que chegava, logo começavam quasi em sua presença a dizer: *Cá vem o tyranno, demonio, Pharaó, que nos tem quasi captivos.*

Estas cousas e ditos fazia o Padre que não ouvia, continuando sem affrouxar em nada; antes levou o Capitão-mór com algum dos mais honrados á nossa casa de S. Vicente, onde os agasalhou com todo o necessario alguns dias, instruindo o Capitão-mór no que havia de fazer, dando-lhe animo, tanto assim, que dizendo uma vez o Capitão: *Que conta darei a Deos e a El-rei, se deitar a perder esta armada?* Lhe respondeu o Padre: *Eu darei conta a Deos de tudo e si for necessario, irei deante d'El-rei a responder por vós.*

Não contente com isso, levou-o com muitos dos seus a Piratinga, onde havia mais abundancia de mantimentos: alli os proveu muitos dias com o de casa e mandou mensageiros aos Principes do sertão, que ainda estavam de guerra, dando-lhes seguro da parte do Capitão-mór que viessem a fazer pazes. Elles vieram e as fizeram e tornou a ficar o sertão quieto, como

11) 2 12 de Abril.

antes : d'onde se seguiu tambem virem muitos a receber o santo baptismo.

A todos os moradores que via com alento, incitava para esta empresa. A outros que podiam por terem gente e familia, emprestava dinheiros da esmola que dava El-rei a casa. A alguns grandes de outras capitancias que poderiam obrar muito na empresa, porque pretendiam escrupulos de consciencia com restituções que deviam antepor a outros gastos, levava-os a casa ; alli os tinha com muito bom tratamento, confessava-os, dava-lhes remedio. Desta maneira andou o santo varao tendo mão em todos. Mandaram-se juntamente alguns barcos a Bahia e a capitania do Espirito Santo por mantimentos, fazendo-se outros na terra e tambem canoas. Esforçou os manebos mesticos que eram valentes e aos Indios. Todos lhe obedeciam. Nesta fórma se moveram muitos, uns para irem conquistar, outros para ficar logo povoando.

Neste tempo não deixava de ajudar a todos os que tinham negocios e culpas deante do Ouvidor Geral, que tam em acompanhava o Capitão-mór, fazendo dar remedio a todos e prometendo perdões da parte do governador Men de Sa; tudo ao depois cumpria. Com ajuda de Deus e zelo incansavel, acatou de vencer todos os impedimentos que dificultavam a jornada : ella se veiu a por em effeito no Janeiro seguinte de 1565, dia de S. Sebastião, a quem logo tomaram por P-droeiro da empresa. Nesta armada mandou o padre Nobrega a dous nossos, o Padre Gonçalo de Oliveira e Irmão Joseph de Anchieta. Nos principios de Março lançou ancora junto as ilhas visinhas a barra do Rio de Janeiro, esperando até chegar a capitania, que vinha mais de-vazar.

Houve nesta guerra cousas mui notaveis e toda ella foi cheia de prodigios e favores do ceu ; em que bem se via pelejava alli Deus pelos Portuguezes, para desempenhar a seu servo. Podem vê-las os curiosos no livro terceiro da primeira arte da Historia de nessa Provincia do Brasil. Durante esta conquista andou o padre Nobrega ao Irmão Joseph de Anchieta, que fosse tomar ordens á Bahia e elle em pessoa acenou ao Rio de Janeiro ; aonde de S. Vicente de continno fazia acudir com bastimentos e canoas, que do novo por sua agencia se armavam, em forma que se pôde bem dizer que o muito que alli tem o Reino, se deve ao zelo deste santo Padre.

Havendo na Bahia muito mudas noticias de todas estas cousas por relação do padre Joseph de Anchieta, e que ainda que os successos eram prosperos da nossa parte, por ser muito o inimigo ajudado dos Francezes, a guerra se dilataria mais do que era conveniente, tomou resolução Men de Sa de passar com novo poder em pessoa e acabar de uma vez com o inimigo. Em 18 de Janeiro de 1567 entrou com uma boa armada pelo rio. Logo dia de S. Sebastião deu com tal furia nos inimigos, que estavam bem

fortificavos, que os entron e desbaraton e poz fim a tão porfiada guerra. Como não ha gosto perfeito, houve geral sentimento na perda de Estacio de Sá, o qual no conflicto foi no rosto ferido com uma flecha, e desta ferida veio a morrer d'aquí a um mez. Era homem de tanta christandade, que quando se trasladaram seus ossos despediam de si um cheiro suavissimo.

Aceitou-se nesta conquista o santo varão Ignacio de Azevedo, que viera de Portugal por Visitador do Brasil e passara a estas partes com Men de Sá e com grandes aneias de tratar ao padre Nobrega. Portanto, acabada a conquista, partiu para S. Vicente em companhia do bispo D. Pedro Leitão e dos padres Luiz da Gra. Provincial, e do padre Joseph de Anchieta. Não é explicavel o gosto que houve entre estes santos homens. Andava o padre Nobrega mui g'gado de trabalhos, annos e enfermidades. Alli assentaram entre si a fundação de um Collegio no Rio de Janeiro, conforme a vontade e dote que para isso dava El-rei D. Sebastião.

De S. Vicente voltou o Padre Visitador ao Rio, levando consigo ao padre Nobrega, que pois era pae d'aquella Provincia, o fosse do novo Collegio e alli como em doce remanso, grandado com suas fadigas e orações passasse o restante de sua cansada velhice. Nesta viagem succedeu junto a uma paragem chamada Britioga, que sahindo os quatro Padres a terra em um batel para dizerem missa, se chegou no batel uma baleia assanhada e esteve a ponto de o metter no fundo; mas por orações de taes servos de Deus, a tempo que tinha a cauda levantada para descarregar no batel, se foi subindo sem lhe fazer mal.

Chegando ao Rio, acharam a Men de Sá dando ordem á nova cidade. Deu sítio aos Padres para o Collegio no logar que escolheram e em nome d'El-rei, cuja era a fundação, lhes assignou dote para cincoenta Religiosos. Ficou o padre Nobrega por Superior desta novo Collegio e das outras coisas, que havia para aquellas partes. Men de Sá deixando por Capitão-mór a seu sobrinho Salvador Corréa de Sá, lhe ordenou se governasse pelo conselho do padre Nobrega.

Andando o Padre dispensando os seus do Collegio e ajudando a fundação da nova cidade, sentiu vir-se chegando sua ultima hora: pôde-se mui os enfermidades com todas ellas não affrontava em seu zelo.

Atendia aos Portuguezes com pregação, dirigia ao governador Salvador Corréa de Sá, junto com isto teve cuidado de continuar os Indios, que da capitania do Espírito Santo tinham vindo á conquista. Fez que se ajuntassem em uma grande aldeia nas terras do Collegio, p'dos ter mais que los. Esta aldeia foi sempre um grande augmento e veio a ser uma valente defensão da cidade contra Tamoyos, Francezes e Inghezes.

Passou no Rio o padre Nobrega o restante de sua vida, que foram tres annos, sempre com muito trabalho; porque como

era muito doente e a terra nova, na qual se não ousavam os moradores ainda estender com medo dos inimigos, havia muita falta do necessario para o sustento corporal. Os maiores mimos que tinha oram alguma esmola que lhe mandava o Superior do S. Vicente. E assim quiz Nosso Senhor que o que toda a vida andou com tanto zelo e cuidado ajuntando sustentação para todos os Irmãos do Brasil no fim delles carecesse de tudo abraçado com a cruz da obediencia, que alli o deixou falto do corporal, mas mui cheio de consolações espirituaes.

Sentindo elle muito antes que se lhe acalava a vida, assim o escreveu a S. Vicente. Quanto mais se lhe chegava o tempo, tanto mais se chegava a Deus, recolhendo-se com as meditações de Santo Agostinho e gastando muita parte do dia em colloquios e suspiros, porque era mui terno, devoto e facil nas lagrimas. Dois dias ou tres antes de seu fallecimento se andou pela cidade despedindo dos amigos o devotos da Companhia: perguntando-lhe elles onde queria ir, pois não havia no porto embarcação? Respondia: *A nossa patria celestial.*

Sobrevieram-lhe umas grandes dores causadas do sangue, que havia muito tempo se lhe não sangrava. Caiu em cama, onde esteve só um ou dois dias. Logo se preparou com os Sacramentos que no tal aperto se costumam receber. Chamou um Padre dando-lhe muita pressa, para que logo o ungesse. Recebida a extrema unção, disse a um dos Padres que dissesse logo missa, antes que elle expirasse e o outro ficasse para depois.

D'ahi a pouco espaço de tempo, lançando um pouco de sangue corrupto pela bocca, deu seu espirito ao Senhor, em 18 de Outubro de anno de 1570, dia de S. Lucas, no qual dia elle nasceu. O santo padre Anelicta tem que nelle entrara tambem na Companhia; mas o que disse no principio desta vida, e o que consta dos livros das entradas dos novigos do Collegio de Coimbra

Foi sua morte mui sentida, porque era como pae de toda aquella nova cidade do Rio de Janeiro, em cujo Collegio falleceu e na sua Igreja foi sepultado, entre as lagrimas de seus filhos e dos seus Indios e Portuguezes, que muito o amavam. Era este grande homem como pae universal das christandades do Brasil, que viu copiosamente fundadas e feitas numerosas aldeias de gente bruta trazida dos matos, onde vivia a modo de feras e a viu cultivada com costumes christãos. Agora direi com mais especialidade os exemplos de suas virtudes.

CAPITULO VIII.

Da morte e chorizade que tinha a seus penitens e aos inimigos.

Até agora fui seguindo um como discurso da vida do padre Nobrega, contando seus santos e virtuosos empregos; agora

referirei os exemplos das virtudes christãs e religiosas que delle nos ficaram em memoria. Escreveu-as o admiravel padre Joseph de Anchieta.

Ea as quero contar em diversos capitulos com as palavras do mesmo Padre que, por serem suas, tem outro espirito mui diverso das minhas; e, como são cercceadas, não farão a lição molesta. Escreve, pois, as virtudes do padre Nobrega na fórma seguinte.

« A vida do padre Manuel de Nobrega foi insigne e tanto mais quanto menos conhecida dos homens, os quaes elle amava intimamente, desejando e procurando a salvação de todos para gloria de Deus, que elle, cheio de seu amor, sobretudo tinha diante dos olhos; para dilatação do qual e conhecimento de seu nome, todo o Brasil lhe parecia pouco, o qual, como dava pouco de si ao principio, pretendia que fosse sua fé pregoada por outras regiões que pareciam dar mais de si. Fazendo, porém, grande caso do que tinha entre mãos, nisso se empregava todo, e além do principal, que era a conversão dos Brasis, em particular acudia a todas as necessidaes espirituaes e temporaes dos proximos com quanto podia, como se viu claramente em dar sua vida pela de muitos, pondo-a nas mãos dos Tamoyos, confiando muito que a Divina Providencia tiraria disso para os Portuguezes e Brasis muito fructo que depois se seguiu.

Era pai de desamparados, fazendo casar muitas orphas com esmolas que lhes havia e tirando d'entre os Indios alguns filhos e filhas dos Portuguezes, que lá andavam perdidos do tempo antigo, e dando-lhe vida, além dos pequenos que tirava com tempo e os fazia criar por pessoas virtuosas. Tinha mui especial caridade com os enfermos, acudindo-lhe com a pobreza que havia em casa e quando os visitava parecia que se derrotia com piedade, principalmente com os pobres Brasis. Uma noite, vindo chamar um Padre para um homem que estava quasi morto ás estoradas e sem falla, elle mesmo lhe foi acudir e fazendo-lhe coser as trapas que tinha rotas, começando o ferido a fallar, tomou o Padre juramento de segredo ao cirurgião e a outro que lh'o ajudava a curar e logo diante d'elles o confesso, curando-lhe a alma, enquanto elles curavam o corpo, o qual depois viveu.

Disse-lhe uma vez um moço de casa que na villa de Santos, duas leguas de S. Vicente, havia pranto: caíam o padre Nobrega, que seria fallecido um homem honrado e rico, que de ordinario andava mal disposto, o qual, posto que nos fazia algumas charidades, contido no tocante á sua consciencia era pouco rosso devoto e mui afastado da confissão. Logo no outro dia lhe fez um officio de defuncto de nove lições com muita solemnidade. Indo li um homem da dita villa, perguntava quem morrerá, por quem faziam aquelle officio? E ouvindo que por aquelle homem, disse elle: *Agora o deixei eu rico e sou em sua casa.* Foi-lhe dizer o que o padre Nobrega fizera. Ao que elle respondeu: *Quero*

isso me faz cuidando ser eu morto, sendo eu vivo, não quer hevdar minha fazenda, mas deseja a salvagão de minha alma.

Dalli por diante deu tal volla á vida que foi um exemplo para todos: tomou particular cuidado de prover os Padres, que do iam pregar e confessar aquella villa; ainda que se detivessem lá muitos dias, continuamente lhes mandava o jantar e a coiza de sua casa mui bem concertada e ás vezes por sua propria mão, nempo era sofferto. Quando lhe parecia que eram heres, mandava logo um escravo que espremasse os Padres quando vinham da igreja de confessar, para logo vir a provisão. (Outras muitas obras de charidade e virtude conta deste homem o padre Anelieta e não ha porque aqui deter nellas; todas mostram bem a rara mudanca que fez em sua vida.) Por morte deixou parte de sua fazenda para a nossa igreja, que alli então se edificava: parte a Misericórdia e a outra parte aos pobres. Houvo neste homem, enquanto se não deu a Deus, soffrão ro vicio da luxuria; mas por respeito de Nossa Senhora nunca quiz peccar com mulher que tivesse o nome de Maria.

Com esta charidade e benignidade com que abraçava a todos, era muito amado dos bons e mui severo e rigoroso contra os vicios e peccados.

Os publicos publicamente os reprehendia, assiu nas pregações como em particular. Achou-se um a vez e uma grande turmenta no mar e um marinheiro, tomando a vida, começou a *Acoso de S. Lourenço*. Ouviu-o o Padre e saluado do camarote o reprehendeu asperamente fallando-lhe por tu; e virando-se ao Santo, posto de joelhos, lhe disse: *Beatus sejas vis, Señor S. Lourenço, que a Deus me não nos castigue pelas ouphorias mandisse contra eis este maldito*. Com o que o homem ficou castigado e os mais que o ouviram, amedrontados e acudiu S. Lourenço a pressa em que estava com bonaga.

Tendo avisado por vezes a um clerigo escandaloso, como se não emendasse, sabendo o Padre estar com a occasião do seu peccado, se foi á porta da casa, gemendo a grandes vozes que acudisse gente, que estayam alli encerrando a Christo. Acudiu gente e hearam lá o carilhos os fols peccadores que se apartaram e cessou o escandalo.

Era acerrimo defensor da fidedade dos Brancos, sem querer admitir a confissão alguma que nisso fosse culpado. Sentia sumamente os roubos e assaltos que se faziam nellas; chorava-os, bradava sobre isso publicamente e para remediar o que nelle da sua parte, se metten com os *Tauogos*, mandado á para fazer pazes com elles e aplacar a justia ira de Deus contra os Portuguezes, pelos muitos roubos e mortes que tinham feito nellas. Com este zelo, pregando diante do capião mor Estacio de São de toda sua armada, que elle exhorava a povoaem o Rio de Janeiro e aplacarem com penitencia a ira de Deus pelos roubos feitos aos Indios da Baía, que foram gravissimos, e captivando-os

e vendendo-os, trouxe a história dos Gabaonistas, que pediam sete da geração de Saul, para enforcarem e com isso se aplacar a ira de Deus; concluiu com grande vehemencia: *Si agora tomassem sete destes ladraões salteadores que têm destruido os pobres Indios da Bahia e de toda a costa, Nosso Senhor se aplacaria e seria favoravel para esta empreza que queremos fazer.*

Estas e outras similhantes reprehensões e desarganos ganhava mal aos culpados e cubigosos, principalmente porque em nenhuma maneira queria consentir em nenhum modo de captivoiro dos Brasis, salvo nos que tos em tomados com guerra justa. E assim dizia muitas vezes: «Não posso acatar com minima sciencia e consciencia approvar os remedios que se buscam para captivar os Brasis, ainda que venha da Meza da Consciencia, porque lá não são informados na verdade. Porque nunca se achou que pae no Brasil vendesse filho verdadeiro, porque os amam grandissimamente. Os que dizem que se vendem a si mesmos, fazem-no em porque não entendem que cousa é vender a liberdade, ou induzidos com mentiras e enganos e ás vezes com muitos agóites (como confessam os mesmos linguas do Brasil) e assim os pobres, achando-se enganados, fogem e antes querem ir a morrer por esses matos e a mãos de inimigos que soffrerão grave captivoiro que têm.

«Pois obrigal-os a servir toda a vida com o título de livres, e verdadeiro captivoiro, porque não têm mais que o nome de liberdade, pois os deixam em testamento aos filhos que os serviam toda a sua vida e assim os avallam e vendem como escravos, com título de lhes venderem somente o serviço.» *Epydquid sit de jure*, dizia elle que *de facto* constava o contrario: pois os homens pervertiam os remedios que se lhe buscavam, usando delles para sua perdição, e, si dous timorales cumpriam as condições que se punham, a maior parte as não guardavam, e finalmente os Padres letrados nisso se vêm a resolver, ensinados pela experiencia.

Contudo isto não deixava o Padre de buscar todo o remedio possível a algumas pessoas que lhe pediam para restituicao e satisfação da mesma.

Porém para o futuro nunca de sua parte quiz abrir porta para se usarem semelhantes remedios, que se buscavam para os homens poderem ter serviços e em boa consciencia, comprando e vendendo Indios livres, das quaes remedios dizia muitas vezes: *Parva a Deus qui pro remedio os homines a se nos evasit nisi cum illis in baptis.*

Era tão inflexivel que, como se fundava diante de Deus em uma verdade, bem se podia pôr todo o mundo contra elle, como foi isto de Alaplate dos Brasis, em debrabar as fazendas dos collegios, por serem terras da Igreja, sobre o qual era muitas vezes affrontado por palavras e escriptos em resposta de feitos muito feios, que elle deixava passar sem nenhum sentimento.

prosequindo com muita paz a justiça dos collegios e orando pelos injuriadores e tratando-os com muito amor; em fazer com o governador Men de Sá, que usasse de força com os Indios da Bahia para se ajunarem em aldeas grandes e egrejas para ouvirem a palavra de Deus, contra o parecer e vontade de todos os moradores, o qual depois se estendeu por toda a costa, que foi meio unico de salvacao de tantas almas e propagação da Fé, e na constancia da povoação do Rio de Janeiro, que a experiencia tem mostrado ser elle movido com o espirito de Deus e puro zelo de seu serviço e salvacao das almas.

Para estas cousas procurava o remedio com Deas por continua oração e dos reis, principalmente d'El-rei D. João o Terceiro e de sua mulher D. Catharina, por cartas, e El-Rei lhe escrevia mui familiarmente, encommendando-lhe a conversão dos gentios e o mais tocant ao bom governo do Brasil e que o avisasse de tudo, e assim mais faziam por uma carta do padre Nobrega que por muitas outras informações e instrumentos.

Por este seu grande zelo e constancia era dos que mal viviam murmurado, perseguido e tido por tyranno, e algumas vezes affrontado com palavras, em ausencia e presença de pessoas ainda baixas e vis. Em um certo tempo, porque o Padre estranhava muito em particular e em publico um caso feio de um poderoso e então Ouvidor da Capitania, que tinha tomado a mulher a um pobre, comparando-o com o caso de Herodes, houve muito provavel suspeita e indícios que se lhe machimava a morte, e assim dizia elle aos irmãos: *Eu, si houber de ser martyr, ha de ser à mão de vossos Portuguezes christãos e não dos Brasís.*

Com tudo isso, a todos acudia em suas necessidades, quando havia mister sua ajuda. Entre estes, foi o sobredito poderoso, que, estando preso e indo-se já o Padre do Santos para S. Vicente, despellido do governador Men de Sá, que se embarcava e o deixava por alguns dias em poder do Capitão da terra, de que elle, com razão, muito se temia, movido de compaixão, tornou do caminho e acabou com o Governador que lhe desse remedio, que depois de sua partida nenhum lhe levava sino ser muito vexado do Capitão.

CAPITULO IX.

Da charidade que o padre Nobrega tinha com os da Companhia, culto das cousas santas, devoção e lagrimas.

Ao grande zelo da conversão dos Brasís juntava outro que lhe era consequente, convém a saber: grandissimo cuidado e diligencias de criar Irmãos da Companhia que pudessem ser instrumento desla conversão.

Por esta causa ajuntava em casa moços pequenos mestiços e outros de todo Portuguezes, nascidos na terra, por serem linguas. E trabalhava pelos fazer chegar ate onde alcançasse sua habilitade, assim no espirito como no estudo, e por não deixar cousa por indagar para este fim, determinava mandar a Portugal alguns de melhor indole e habilidade, para que de lá viessem feitos bons obreiros, como em effeito mandou dois que morreram na Companhia, no collegio de Coimbra.

Era para com os irmãos muito benigno e piedoso e pelas entranhas de amor com que os amava, sempre conservou a santa simplicidade antiga de Coimbra, filando a todos por *cós*: e alem de lhe ser muito trabalho so de pronunciar este nome *índio*, pelo impedimento da lingua, parece que o nome de *Índio* lhe excitava mais amor e assim aos mesmos Padres faltava por estes termos dizendo: *Índio, cós tal e tal*. E posto que os homens de leão e odiavam que tratava com os irmãos asperamente, pelo zelo que nelle collocam, contudo a benignidade passava sempre pela severidade para com elles, assim nas reprehensões e penitencias como nas praticas espirituas, que fazia a modo com muita suavidade e lagrimas.

Com as mesmas entranhas de caridade procurava todo o possível de conservar um na Companhia depois de admitido, ainda que não fivesse tantas partes e outros tivessem diverso parecer, confiando sempre em que não estava abreviada a mão de Deus. Um moço de boa habilitade tinha elle admitido quando chegou a S. Vicente o Padre Visitador Ignacio de Azevedo, o qual querendo-o despedir com parecer do Padre Provincial e de outros, e em tudo o padre Nobrega com sua caridade intercedeu por elle, resignado, porem, na vontade e parecer do Padre Visitador, o tratou com elle que o levasse para a Bahia, porque lhe dava Nosso Senhor particularmente boas esperanças delle. E assim foi, que procedeu sempre muito bem em tudo, assim na virtude como nas letras, chegando a ouvir o curso e alguma theologia e neste tempo lhe deu Nosso Senhor bom fim na Companhia com estílicão, consolidação e sentimento de todos.

Fracurava que fizesse muito exercício de oração mental e vocal e mortificação. Aos estudantes fazia peser o Officio Divino. Aos pequenos não faltavam disciplinas quando era necessário, que lhes mandava dar, as quaes aceitavam com muita humildade, e com ser a pobreza muita e o comer muito fraco, faziam-os jejuar os dias que a Igreja manda e ainda toda a quaresma e para tudo lhes dava força Nosso Senhor. Com o grande desejo que tinha de accrescentar a Companhia no Brasil, deitando os olhos ao Brazil com grande espirito de providencia, logo em elgando a Bahia houve terras e algumas vacas para fundação de collegios e o mesmo fez em S. Vicente e depois no Rio de Janeiro, e ainda que a alguns dos nossos pareceu sobreja sollicitude, por serem poucos os irmãos daquelle tempo, dizia:

Não subeis, Irmãos, o que dizeis: eu faço isto para os que hão de vir, porque ainda ha de haver grande multidão de Padres e Irmãos no Brasil que ajudem as almas.

E bem se pôde cuidar que além do espirito de providencia foi isto mais particular lumen de Deus, com quem elle conversava muito na oração, como tambem se viu em outras cousas, principalmente no cumprimento do que disse os Tamoyos que, si quebravam as pazes, haviam de ser todos destruidos. Sendo o padre Vicente Rodriguez grandissimas e quasi continuas dores de cabeça, muitos annos sem remedio algum, lhe disse o padre Nobrega: *Vós, Irmão, não haveis de sarar senão quando vos faltar t do o necessario e então vos calarão os dentes.* E assim se cumpriu, porque na missão em que veio acudir ao Rio de Janeiro no Brazil, onde se padecera grandissima fome e falta de tudo, sarou da cabeça e começou a perder os dentes sem lhe ficar senão poucos ou tres.

De maneira que com a certeza que tinha da multipheação dos Irmãos no Brasil, no principio em Piratininga ainda que se padecia muita fome, mui raramente mandava matar alguma vacca, emquanto eram poucas as vaccas, para que multiphassem para os vindouros. Bem mostra a experiencia o espirito de Deus que o movia, porque ainda que os collegios da Bahia e Rio tem fundação d'El-Rei, contudo era impossivel sustentarem-se com ella, si não foram as terras e vaccas que o padre Nobrega com tanta caridade foi trangeando, que e a melhor sustentação que agora têm, e em que se criam tantos Irmãos que fazem tantos serviços a Deus no Brasil.

No culto divino, ainda que faltavam ornamentos ricos, procurava houvesse toda a perfeição. Dizia as missas cantadas com toda a solemnidade, com canto de órgão e frantás, por amor dos Indios, eijos d'elles se ajudavam a officiar. Nunca deixava de lavar os pés aos Irmãos a quinta feira santa publicamente na igreja. Era tão zeloso de se pregar sempre a palavra de Deus até aos Irmãos que lhe pareciam para isso, fazia pregar em portuguez e Brasil, ainda que não fossem sacerdotes. Por esta diligencia e por impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas, fez tan tanto com os principaes da terra que deixassem de representar ao que tinham, e mandou-lhes fazer outro por um Irmão 12), a que elle chamava *Pregação Universal*, porque além de se representar em muitas partes da costa com muito fruto dos ouvintes que com esta occasião se confessavam e communicavam, em particular em S. Vicente, a fama delle, por ser

12) Este Irmão é o proprio Azobena. O manuscrito do auto não se sabe onde para; talvez em Roma. V. Noberto, *Catechese e instr. dos selv. bras. pelas Jesuitas in Rev. Popolar*, t. 3.º (1859), pp. 295/297.

parte na lingua do Brasil, se ajuntou quasi toda a Capitania vespera da Circumcissão, e estando se representando a noite no adro da igreja, sobreviou uma grande tempestade, pondo-se uma nuvem muito negra e temerosa sobre o theatro e começou a lançar umas gottas de agua muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, até que acabou a obra com muito silencio e todos se recolheram quietamente a suas casas e então descarregou com grandissima tormenta do vento e chuva, e a gente movida com muita devoção ganhou o Jubileu, que era o principal intento da obra.

Dizia sempre missa e como era muito gago, gastava de ordinario nella uma hora e ali se lhe communicava muito Nosso Senhor. Era mui solícito no resar do Officio Divino, no qual usava sempre do companheiro pelo mesmo impedimento da lingua; mas não bastava isso para deixar o officio da pregação, o qual exercitava visitando as povoações dos Portuguezes a lingoa; mas não bastava isso para deixar o officio da pregação, o qual exercitava visitando as povoações dos Portuguezes a todos; e as de suas mulheres, filhos, escravos e Indios livres ouvia por interprete, enquanto os Irmãos lingoas não eram sacerdotes.

Era na pregação muito fervente e suave, e por uma parte movia muito a compaixão os ouvintes pelo trabalho que nella tinha, por outra à devoção. E não era muito abrangeo aos outros, pois nelle era tanta, que bem se lhe sentia nas palavras affectuosas, nos suspiros e colloquios com Nosso Senhor e lagrimas, as quaes, assim quando tratava com elle como compadecendo-se dos proximos em suas afflicções, facilmente derramava.

Abrunas vezes, estando em Piratininga com poucos Irmãos, mais afastado de negocios, se mettia na sacristia com um devoto amigo, que lhe tangia uma viola as portas fechadas, e elle entretanto se estava desfazendo em lagrimas com muita serenidade. Quando deixou o Irmão companheiro entre os Tamoyos, indo-se para S. Vicente, os Tamoyos que la estavam muito quietos, uma noite por lhe metter um escravo em cabeça que os queriam matar os Portuguezes, fugiram todos para suas terras. Sabendo-o o padre Nobrega, temendo-se que lhe matariam lá o Irmão, teve tanto sentimento e lagrimas que fez um grande pranto cheio de devoção diante de Nosso Senhor e dos Irmãos, arremessado sobre um leito, dizendo entre outras cousas: — *Ah! meu Irmão, que vos deixei só entre inimigos e vo fô eu merecedor de morrer comecoso por amor de Christo.*

Isto era com tanta desconsolação que não bastara a o consolar sinão o mesmo Deus, que ordenou que daquella fugida se tornassem algumas principaes para S. Vicente, com o qual se assegurou da vida do Irmão, e confidido lhe es-reveu uma carta sobre isso, cujo principio era: *Irmão, si ainda estais vivo.* Nos derradeiros annos, que andava já muito fraco em S. Vicente, com as muitas doenças que levou da Bahia, dormia um pouco

à noite e o mais della gastava em oração, resar o Offício Divino, em cuidar e trazar as cousas do governo, não somente as tocantes à Companhia, mas de tudo o que entendia pertencer ao bem commum, pretendendo em tudo o augmento da Christandade e salvação das almas, e assim diziam delle pessoas graves que era para governar todo o mundo.

CAPITULO X.

Da cecação com que se houve na guarda dos votos religiosos.

No tocante ao voto de castidade tinha especialissima vigilância, e grandecendo muito a integridade e pureza da Companhia, foi conhecida e louvada de todos nesta parte, e assim dizia muitas vezes com grande sentimento: *Mel recebido da seccão avellê por quem se quebrar o sello virginal da Companhia.* Achando-se uma vez no mar em uma grave tormenta, dizia que uma das cousas que mais o consolavam naquelle tempo era a guarda do voto de castidade. Nisso todo resguardar lhe parecia pouco, procurando que toda a espécie de mal, ainda em cousas mínimas, se evitasse. E com isto fez e fez Nosso Senhor mil especiaes mercês nos verdadeiros filhos da Companhia nesta parte, com tão pequena admiração e louvor das sciencias.

O padre Ignacio de Azevedo, vendo as muitas e muy propinquas occasiões pelas quaes, quasi por fogo e agua, passam os noissos por amor das almas com victoria pela graça divina, dizia que era milagre a castidade dos da Companhia no Brasil. (Neste logar traz o padre Anchieta o castigo que alguns dissennos fizera no mesteço que fugira quizeria enterrar vivo. E logo Janco graças a Nosso Senhor, dizia: *Trabalha, avito de vent: a Deus que me não tocou sinto a culpa, sem chegar ao corpo, que são os irmãos membros da Companhia.*)

Como os Padres sacerdotes não sabiam a lingua da terra, serviam os irmãos intérpretes para as doutrinas e pregaçãoes e confessões, ainda dos mesteços, mulheres e fillos dos Portuguezes, principalmente nas confessões gerais, para melhor se darem a entender e ficarem satisfeitos. Acconteo que uma mulher casada das mais graves da villa, que fazia uma confissão geral com um irmão que se então ali havia e tinha cargo de doutrina, veio um domingo à tarde perguntar algumas davelas do confessorario e estando as tratando com elle, passou o marido pela igreja, acorrecado de muitas da villa, a tratar alguns negócios da república com o padre Nobrega, e indose para fora lhe disse o que o acompanhava: *Sabed, como encontis que vossa mulher esteja*

fallando com um moçoço no confessorio / Como o credito do irmão era muy grande para com todos, não fez elle caso disto. Com tudo deu d'isso conta á sua mulher, ficando muito satisfeito com sua resposta. Ella contou o que passara ao mesmo irmão e o irmão sem mais detença ao padre Nobeza.

Posto que elle tinha tanta satisfação do irmão nisto e em tudo o mais, como de sua propria pessoa, comtudo, pelo grande zelo que tinha da limpeza da Companhia nesta parte, alegrou-se muito e disse-lhe: «O irmão, vem-nos Deus a ver com este aviso, não falteis mais com ella nem com outra no confessorio sem o presente o sacerdote ou em publico na igreja, como costumais a fallar e a ensinar a todos.»

Finalmente não soffria nesta parte cousa, por pequena que fosse, procurando, conforme a perfeição que elle nisto tinha, que vissem os irmãos com tanto resguardo quanto devida a castidade angelica que nosso padre S. Ignazio de Loyola pede nas Constituições.

Não tinha menos zelo e cuidado que a obediencia dos subditos para com os superiores fosse exacta em tudo e da sua parte a ensinava com o exemplo. Em cousas graves esperava, quanto era possível, resposta de Roma ou Portugal, ainda que lhe parecesse que as podia determinar por si. Quando, depois de muito tempo encaminhar o negocio a Deus, se resolveu de ir ao rio da Prata por terra, estava tão dependurado de querer saber a vontade de nosso padre S. Ignazio de Loyola, que esperava lhe seria clara como o parecer do padre Luiz da Gra, seu confessor, que estava ausente, que tinha prometido 20 missas de alvicaras a quem lhe desse novas de sua chegada a S. Vicente, o posto que estava ja para se partir, por não perder a occasião boa, que então tinha daquella gente castelhana, principalmente para que com sua presença e autoridade que tinha com os Indios, os ajudasse a passar para suas terras a salvamento, comtudo deixava ordenado que si chegasse o padre Luiz da Gra o fossem chamar a muita pressa, e ella que fosse muitas leguas pelo sertão a dentro.

Como Nosso Senhor ordenou que no mesmo dia que estava para partir lhe chegasse a nova, logo desistiu de tudo até se ver com elle. E chegando-lhe o rovado a Piratimanga aos 10 ou 11 horas antes do meio dia, logo no mesmo dia se partiu para o mar, sem querer deixar descansar o irmão, que elle levava, e chegando a uma villa d'ali a tres leguas a pousar, lhe mandou fazer a doutrina aos Indios da terra. Ao seguinte dia andou muy grande e aspero caminho a pé mais o que parecia soffrer suas forças e chegando quasi morto ao mar se embarcou em uma pequena canoa de casca para passar umas tres leguas que havia até a villa. Sobreveiu a noite com grande escuridade, tormentas e chuva e foi obrigado recollar-se á terra.

Estava ali um homem poderoso pouco bem affecto ao padre

Nobrega o que então de fresco estava mui indignado contra elle ; á casa deste se recolheu, afinando com a porta ás apalpaçadas, contando em Deus de o ganhar com isto e tornou-o a reconciliar e disse ao irmão seu communicado : *He vós adiante e disci-pleo que estou aqui e faça elle o que quizer.* O herzen, ouvindo o recendo, esquecido de seus agravos, sahiu logo acompanhado de seus escravos com muito lume e levou o Padre nos braços e o vestiu com seus proprios Vestidos e o mesmo fez ao irmão, agasalhando-os com muita caridade e querendo-se por querer passar o Padre com tal tempo, estando alli sua casa, e alli por diante ficou grande amigo do Padre e da Companhia, na qual depois mesmo Padre lhe tornou um filho. Finalmente não descansou até o outro dia se ver com o padre Grã e tratando com elle o negocio deste parecer e seguindo o do Padre, que logo se persuadiu seria mais conforme á vontade de nosso padre Santo Ignacio.

Ao padre Luiz da Grã, seu collateral, tratava com tanto respeito e reverencia como si fôra seu superior, não fazendo cousa de imparlancia sem seu parecer e conselho, o qual facilmente tomava e seguia. Depois que o Padre foi provincial, a todos dava exemplo de obediencia. Para elle bastava a minima significação da vontade de madre Luiz da Gra, provincial. Desoheu muito e procurou que um irmão pregasse em portuguez : o irmão exco-sava-se : finalmente veio-se a pertaço, lhe respondem : *O padre Luiz da Grã me disse a sua partida que não era nada dos irmãos pregarem sem ordens por falta de autoridade.* Com isto se calou o padre Nobrega, sem insistir mais, como que fôra obediencia expressa, posto que tinha para si que nada faltava ao irmão para isso. Dahi a algum tempo foi necessario acudir o mesmo irmão a pregar uma paizão, ao qual depois de a pregar, disse o Padre : *Vós haveis de dar conta a Deus, porque não quizestes pregar até agora.* E contudo nunca mais o convidou para isso, pelo que tinha nito do padre Luiz da Grã.

Não era muito ter elle esta obediencia aos superiores, porque era tão humilde que aos mesmos subditos se sujeitava facilmente, seguindo o parecer delles, quando lhe davam boa razão, e deixando o proprio. Estava elle muito determinado, quando se começou a novonga do Rio de Janeiro, de mandar um Padre e com elle um irmão por superior : dissimulou o irmão com isso por alguns dias e depois de empenhar a cousa a Deus, disse ao padre Nobrega que nao devia mandal-o por superior por algumas razões que lhe deu. Ouviu-o o padre e cuidando nisso andou logo o parecer despendando-os para aquella missão, juntos os mais de casa, disse : *O Padre, e o irmão não se deve ter a superior : mas lembrem-se-l, pois o irmão foi seu mestre, do respeito e reverencia que se lhe deve ter e de tomar seus conselhos.*

Tomava muito bem e folgava que os irmãos fossem avisados de outros Padres e irmãos, que lhe parecia o poliam fazer

ainda que fosse deante delle mesmo. Uma vez, queixando-se o Irmão mestre de grammatica de si mesmo, porque diante delle os reprehendia algumas vezes, respondeu-lhe o Padre: *Faz-o assim, Irmão, faça, folgo muito que n'isso me ajudas*. Quando se achava alguns tempos so sem sacerdote, confessava-se com algum Irmão, desejando descobrir suas faltas e ser reprehendido e recebia delle a absolvição geral da missa. Uma vez com este espirito de humildade praticando com os Padres e Irmãos em um repouso, disse: « Daqui por diante quero ter dous confessores, um Padre que me absolva e um Irmão que me reprehenda ».

No tratamento pessoal era necessario terem cuidado delle, porque elle o não tinha de si. Seguia sempre a comunidade sem singularidade alguma, salvo para mais estreiteza. Era de pouco comer: e ainda que de compleição delicada, nenhum trabalho recejava, como andar sempre a pé por caminhos muito asperos de matos e serras, com grandes frios, chuvas e alagadiços. E as vezes, por não poder com o peso da roupa, caminhava sem ella, por excusar ser levado ás costas alheias. Seu vestido era o peor e não podia trazer roupa nova, sino velha e remendada e sem uso de manto, porque então pela muita pobreza o não havia.

Quando andava fora de casa, de toda a pessoa que lhe offerencia a pousada a aceitava de boa vontade e jantava e dormia ali todo o tempo que era necessario, assim por ser esmolto, como por se confisso ganhava as vontades a todas; a uns para se tirarem do mau estado e a outros para no seu viverem conforme a lei de Deus e serem mais promptos para boas obras. Em especial usava disto com um vigário muito velho e honrado, que conformava pouco com o proceder da Companhia no governo de suas ovelhas, que achavam nelle refugio para suas consciencias, com pouco escrupulo da verdade que dos Padres ouviam e criam. Com este pousava muitas vezes e recebia suas esmolas, advertindo-o que faceva a sua consciencia e de suas ovelhas. E tendo elle alguns tempos impedimentos de enfermidade e outros, supplicava o padre Nobrega por si e pelos Padres nas missas e em tudo mais por elle e depois pondo-lhe embargo em sua paga pelos officios d'El-Rei lhe fez pagar tudo.

Com estas boas obras o vigário se chegava cada vez mais aos Padres, até que já no cimo da vida fez uma confissão geral com um dellos e por seu conselho deixou muitos mezes de dizer missa, por ser tremulo pela muita velhice e fazer o mais do seu officio, deixando tudo aos Padres, e com isto acabou em paz, com muita edificação de todas suas ovelhas, que com esta occasião se deixavam tambem reger pelos da Companhia. Era o padre Nobrega em suas enfermidades muito paciente, dando pouca occupação e trabalho aos Irmãos e como sua ultima idade for uma continuação da mesma, esta passou alguns annos com muita falta de remedios temporaes. E abraçado com este pobreza deu com muita paz seu espirito ao Senhor. »

Até aqui a narração das virtudes do padre Nobrega, com as mesmas palavras do santo padre Anchieta, dignissimo discipulo de tal mestre.

Na materia de sua polresca traz o nosso padre Simão de Vasconcellos que na Bahia não tendo muitas vezes camisa que vestir e succedendo nesse tempo vir a nossa casa o Governador Men de Sá, o padre Nobrega puzha no pescoco um lenço, com que disimulava a falta da camisa e costumava chamar por graça a este lenço a sua hypocrisia. As affeas do seu uso todas eram a mesma polresca. Em tudo foi este santo Padre homem grande. Sua vida escreverem muitos auctores, em especial o nosso padre Simão de Vasconcellos na primeira parte da Historia da nossa Provincia do Brasil e o santo varão Joseph de Anchieta na Relação dos principios daquella provincia, cujo traslado trazillo a este Reino pelo padre Fernão Cardim, tenos em o nosso cartorio de Coimbra, onde tambem ha muitas cartas do padre Nobrega, que escrevia a esta Provincia das cousas do Brasil. De todos estes documentos me aproveitei para esta narração, a qual é só um como indice de quão grande foi o padre Manuel da Nobrega.

Quero acôrter com um paragrapho de uma carta do irmão Ambrosio pires sobre o que lhe dissera certo homem que lhe touxera carta do Padre Nobrega, quando assistia em S. Vicente, que certo me fez devação a primeira vez, que o li: é o seguinte. « Quem me estes dias passados deu a carta do Padre, em que me manda ir a Bahia, é uma pessoa devota e conversava com os Padres mysticamente, quiz-me informar nelle da vida dos irmãos e Padres. E contou-ma elle de maneira com nao ser um rhetorico, que eu desejei mais, que o ouviram a elle contar me escrever o que elle me disse. Eu lhe perguntava por sua maneira de vida e elle me contou sua maneira de morte; disse-me que os irmãos eram umas mortas vivas ou umas vivas mortas. Disse-me: O Padre, si vísseis os Padres que andam em S. Vicente, por esses malos e rampes. Si vísseis o Nobrega que o seu superior, verios um E. m. e. que o não parece e um homem de engomos e de muita caridade, que está de fora a navella, ainda que muito alegre sempre e cheio de riso: mas o hes sumido, com um castiço que não solta si o foi alguma hora; os olhos desalpis, estalados do sol. Sem canoa são suspiros, sem beber lagrimas pela conversão dos infieis e pela má vida dos Christãos, mais infieis nas obras que oñes. Para sustentar o corpo, sem mangar e almorças de grama cozidas em agua e quando he fazem alguma festa d'it-m-lhe sumido de harrãa: a E. m. e. a ventura do fogo, sem a que padre em e arde. Si com isto vísseis sua affabilidade, a vida espiritual e charidade dentro e fora de casa: si vísseis seus comprados caminhos com poucos alforge e borsoletes, porque a sua vida não pode com elles ainda que vastos: e passar dos rios, alagoas, lamas, matos e n. caminho, fomes, sedes nos despoventos, os perigos das arugas e

bichos, e bichos que suspiram mais por carne humana que lobos por cordeiros: o cuidado de visitar agora a uns e agora a outros irmãos, que tem postos entre os Indios tão longe uns dos outros e que elle tanto ama e com que tanto se consola, O Padre, vos verieis quão boa vida ea levais ao longo do mar e rogareis a Deus que vos uzesse companhia dos trabalhos, pois é certo que o quereis ser das consolações e da gloria.»

P. ANTONIO FRANCO.

I

AO PADRE MESTRE SIMÃO RODRIGUES DE AZEVEDO.

(134)

Chogada á Bahia. — Estado da terra. — Oconações dos Padres e Irmãos. — Padre Navarro, irmão Virante Baldeguer. — Catarina. — Uma India christã. — Leonardo Nunes, Diogo Jacome. — Os sacerdotes da terra. — O Governador.

A graça e amor do Nosso Senhor Jesus Christo seja sempre em nosso favor e ajuda. Amen.

Sómente darei conta a Vossa Reverendíssima de nossa chogada a esta terra, e do que nella fizemos e esperamos fazer em o Senhor Nosso, deixando os factos de nossa prospera viagem aos Irmãos que mais em particular a notaram.

Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mez de Março de 1549. Andamos na viagem oito semanas: Vimos a terra de paz e quietude em cinquenta moradores na povoação que antes era; receberam-nos com grande alegria e achamos uma maneira de egreja, junto da qual logo nos aposentamos os Padres e Irmãos em umas casas a par doella, que não foi pouca consolação para nos para dizermos missas e confessarmos. E nisso nos occupamos agora.

Confessa-se fora a gente da armada, digo a que vinha nos outros navios, porque os nossos determinamos de os confessar na

1: Nogueira veio com o 1.º Governador do Brasil Thomé de Sousa, que partiu de Lisboa a 1 de Fevereiro de 1549. Seus companheiros foram os padres Leonardo Nunes, João de Espilheira Navarro e Antonio Pires e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

nao. O primeiro domingo que dissemos missa foi a quarta domingo da quadregesima 2). Disse eu missa cedo e todos os Padres e Irmãos confirmamos os votos que tinhamos feito e outros de novo com muita devoção e conhecimento de Nosso Senhor, segundo pelo exterior é licito conhecer. Eu prégo ao Governador e à sua gente na nova cidade 3) que se começa, e o padre Navarro a gente da terra. Espere em Nosso Senhor fazer-se fructo, posto que a gente da terra vive em peccado mortal, e não ha nenhum que deixe de ler muitas negras das quaes estão cecias de filhos e e grande mal. Nenhuma delles se vem confessar; ainda queira Nosso Senhor que o façam depois. O irmão Vicente Rijo 4) ensina a doutrina aos meninos cada dia e tambem tem eschola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os Indios da terra, os quaes têm grandes desejos de aprender e, perguntados si querem, mostram grandes desejos.

Desta maneira ir-lhes-hei ensinando as orações e doutrinado-os na Fé até serem habéis para o baptismo. Todos estes que tratam connosco, dizem que querem ser como nós, sinão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm. Si ouvem tanger à missa, já acodem e quanto nos vêm fazer, tudo fazem, assentam-se de giolhos, batem nos peitos, levantam as mãos ao Ceu e já um dos Principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado e em dois dias soube o A, B, C todo, e o ensinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão e não comer carne humana, nem ter mais de uma mulher e outras cousas; somente que ha de ir à guerra, e os que captivar, vendel-os e servir-se delles, porque estes desta terra sempre têm guerra com outros e assim andam todos em discórdia, comem-se uns a outros, digo os contrários. E gente que nenhum conhecimento tem de Deus. Tem idolos 5), fazem tudo quanto lhe dizem.

2) 31 de Março.

3) A primitiva cidade, fundada por Francisco Pereira Coutinho, 1.º donatario da Bahia, ficava no sitio da Victoria, segundo Jabatão (*Nova Orbe*, part. 2.ª, vol. I, pg. 18), e chamou-se depois Villa Velha. A nova cidade era comprehendida entre o lugar que depois tomou o nome de Terreiro de Jesus e o lugar do Theatro, actual praça Castro Alves. Esta estabeleceu-se no dia 1.º de Novembro, tomando posse o Governador, ao que accusa Jabatão (l. c., pg. 21).

4) Altijs Rodriguez. Viveu no Brasil 49 annos, fallecendo no Rio de Janeiro a 9 de Junho de 1598. Seu irmão o padre Jorge Rijo foi quem educou Joseph de Anchieta no Collegio de Coimbra. V. Franco, *Levy da hist. do Coll. de Coimbra*, l. c., pg. 334.

5) E' o que se lê no col. n.º de da Bild. Nac.; mas os Indios da costa não tinham idolos, como se vê da 2.ª carta e de muitos outros documentos contemporaneos. Houve, poi., erro de cópia.

Trabalhamos de saber a lingua delles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos os. Temos determinado ir viver com as aldeias, e nos esforcarmos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingua e il-os doutrinando pouco a pouco. Trabalhei por ficar em sua lingua as orações e algumas praticas de Nosso Senhor e nao posso achar lingua que n'õ saiba dizer, porque são elles tão brutos que nem vocabulos tem. Espero de as ficar o melhor que puder com um homem 7) que nesta terra se criou de novo, o qual agora anda mui occupado em o que o Governador lhe manda e nao esta aqui. Este homem com um seu genro 8) e o que mais confirma as pazes com esta gente, por serem elles seus amigos antigos.

Tambem achamos um Príncipe delles ja christão baptisado, o qual me disseram que muitas vezes o pedira, e por isso está mal com todos seus parentes. Um dia achando-me em perto delles, deu uma bofetada grande a um dos seus por lhe dizer mal de nós ou outra coisa semelhante. Ando muito fervente e grande nos o amigo; demos-lhe um barrete vermelho que nos ficou do mar e umas calças. Trazemos peixe e outras cousas da terra com grande amor; não tem ainda noticia de nossa Fé, ensinamo-l'ha; mandamos muito cedo a tomar feição e depois vai aos mecos a ajudal-os a obras. Este diz que fará christãos a seus irmãos e mulheres e quantos puder. Espero em o Senhor que este ha de ser um grande inicio e exemplo para todos os outros, os quaes lhe vão já tendo grande inveja por verem os millos e favores que lhe fazemos. Um dia comen comoseo a meza perante dez ou doze ou mais dos seus, os quaes se esbentaram do favor que lhe davamos.

Barcei-me que não pudessem deixar de dar a roupa que trouxemos a estes que quizerem ser christãos, repartindo-l'ha até ficarmos todos eguaes com elles, ao menos por nao escandalisar aos meus irmãos de Coimbra, e consideram que por falta de algumas coizellas deya a uma alma de ser christão e confiear a seu Creator e Senhor e dar-lhe gloria; *non, Petrus ait, in tanto positis ipse christus una creatura*. Certo o Senhor quer ser conhecido destas gentes e communicar com elles o thesouro dos mercimentos da sua Paixão, *sicut alligavit adhaec prophetam*. E por tanto,

7) A este primeiro que ficou na terra, classifica algumas orações de Fr. Pedro de S. Garcia P. = S. de Vasez, *Chesca*, t. I, u.º 18.

8) Diego Alvarez, o Camamuí.

9) Procede-me o Padre D. João Adriano, V. a carta publ. por Porto Seguro, *Hist. G. e. do Brasil*, 12, 236 e a nota 2 da p.º 239. A noticia da noticia do dia, foi publ. no *Diário Official* de 13 de Dezembro de 1872 e nao se lembra como diz a nota 1 da p.º 237 da *H. L. Ger.*

mi Pater, compelle multas intrare naves et venire ad hanc quam plantat Dominus vineam suam. Cá não são necessarias letras mais que para entre os Christãos nossos, porem virtude e zelo da honra de Nosso Senhor é cá mui necessario.

O padre Leonardo Nunes mando aos Ilheos e Porto Seguro, a confessar aquella gente que tem nome de Christãos, porque me disseram de la muitas miserias, e assim a saber o fructo que na terra se pode fazer. Elle escrevera a Vossa Reverendissima de la largo. Leva por companheiro a Diogo Jacome, para ensinar a doutrina aos meninos, o que elle sabe bem fazer; eu o fiz já ensinar na nau, e um bom filho. Nos todos tres confessaremos esta gente; e depois espero que irá um de nós a uma povoação grande, das maiores e melhores desta terra, que se chama Pernambuco 9) e assim em muitas partes apresentaremos e convidaremos com o Crucificado. Esta me parece agora a maior empresa de tolas, segundo vejo a gente dócil. Somento tenho o mau exemplo que o nosso Christianismo lhes dá, porque ha homens que ha sete e dez annos que se não confessam e parece-me que põem a felicidade em ter muitas mulheres. Dos sacerdotes ouço cousas feias. Parece-me que devia Vossa Reverendissima de lembrar a Sua Alteza um Vigário Geral, porque sei que mais movera o temor da Justiça que o amor do Senhor. E não ha oleos para ungrir, nem para baptisar; faça-os Vossa Reverendissima vir no primeiro navio, e parece-me que os havia de trazer um Padre dos nossos.

Tambem me parece que mestre João 10) aproveitaria cá muito, porque a sua lingua é similhante a esta e mais aproveitar-nos-hemos cá da sua theologia.

A terra cá achamol-a boa e sã. Todos estamos de saude, Deos seja louvado, mais sãos do que partimos.

Jaboatão já o conhecia e o transcreve no seu *Catálogo genealogico*, 1768 (msc. do Inst. Hist.), declarando a margem: « Achou-se no Liv. 4 de Serviços da Camera da Id., fol. 21, e adu as certidões dos Tabaliães, que a reconhecerão. » Cândido Mendes *Rec. do Inst.*, XL, 1877, p. 2^a, pg. 26) duvida da sua authenticidade.

Segundo Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Bras.*, liv. 3^o, cap. 10), Paulo Dias era commandador de Santiago e esteve na conquista do Rio de Janeiro com Estacio de Sá.

9) E' palavra tupij, então alterada. Veja-se a sua orthogr. e etymologia nos *Ann. do Bibl. Nac.*, vol. VIII, pg. 215. Ahí escaparam dous erros typographicos que ora se corrigem; na interpretação do Dr. Baptista Castano em vez de *paranamburá* e *paritamburá* leia-se *paranambuká* e *paritambuká*.

10) Refere-se provavelmente ao padre Misser João, aragonéz. D'elle diz Franco: « Foi capellão das Infantas de Castella D. Maria, Imperatriz, e D. Joanna, mãe d'El-Rei D. Sebastião; foi recebido pelo padre Pedro

As mais novas da terra e da nossa cidade os Irmãos escreverão largo e eu também pelas naus quando partirem. Crio Vossa Reverendíssima muitos filhos para cá que todos são necessarios. Eu um bem acho nesta terra que não ajudará pouco a permanecerem depois na Fè, que é ser a terra grossa, e todos tem bem o que hão mister, e a necessidade lhes não fará prejuizo algum. Estão espantados de ver a magestade com que entramos e estamos, e temem-nos muito, o que também ajuda. Muito ha que dizer desta terra; mas deixo-o ao commento dos charissimos Irmãos. O Governador é escolhido de Deus para isto, faz tudo com muito tento e siso. Nosso Senhor o conservará para reger este seu povo de Israel. *Tu autem, Pater, ora pro omnibus et presertim pro filiis quos emisti.* Lance-nos a todos a benção de Christo Jesu Dulcíssimo.

Desta Bahía, 1549.

Fabro em Lovayna e dali mandado ter seu noviçado em Coimbra no anno de 1544. Sempre deu mostras de muita virtude, em especial sendo companheiro do padre mestre Simão, quando sendo mestre do Principe D. João o acompanhava á corte, na qual todos era exemplo de rara santidade. Era amparo de pobres, viúvas e necessitados, zeloso do bem das almas, incansavel em confessar; tinha particular graça para trazer a gente ás confissões. Morreu em Lisboa na Casa de Santo Antão o Velho aos 2 de Marco de 1553. » (*Imag. da virt. no Coll. de Coimbra*, II, p. 572.)

Esta carta não tem m e z nem dia; mas foi escripta depois de 31 de Marco e antes de 15 de Abril, como se dediz da 2.ª carta escripta em continuação. No códice mac. da Bibl. Nat. lê-se á margem *No me: de Abril*. Barbosa Machado (*Bibl. Lus.*, III, pg. 324) tambem diz que e e Abril, e que o autographo se conservava no archivo do Collegio de S. Roque de Lisboa.

Publicou-se pela primeira vez em 1813 no tomo V da *Rec. do Inst. Hist.*, pp. 429/432; foi republicada no 2.º vol. da *Chron. da Comp. de Jesu* de Simão de Vasconcellos, ed. de Lisboa de 1865, pp. 289/292.

II

PARA O PADRE MESTRE SIMÃO.

(1541)

Os sacerdotes da terra.— Conversão de um contrario.— S. Thome e suas pegadas.
— Espanto dos Indios.— O Governador.— Necessidade do Vigario Geral.

A graça e amor de Christo Nosso Senhor seja sempre em
nosso favor. Amen.

Depois de ter escripto à Vossa Reverendissima, posto que brevemente, segundo meus desejos, succeden não se partir a caravela e deu-me logar para fazer esta e tornar-lhe a encomendar as necessidades da terra e o apparelho que tem para se muitos converterem. E certo é muito necessario haver homens *qui queant Jesum Christum soluta crucifigere*. Ca ha clorigos, mas e a escoria que de lá vem: *omnes querunt que sua sunt*. Não se devia consentir embarcar sacerdote sem ser sua vida muito approvada, porque estes destruem quanto se edifica; *sed mitte, Pater, filios tuos in Domino nutritos fratres meos, ut in omnem hanc terram erent solum eorum*.

Hontem que foi domingo de Ramos 11), apresentei ao Governador um para se baptisar depois de doutrinado, o qual era o maior contrario que os Christãos até agora tiveram: recebeu com amor. Espero em Nosso Senhor de se fazer muito fructo.

Tambem me contou pessoa fidedigna que as raizes de que cá se faz o pão, que S. Thome as deu, porque cá não tinham pão nenhum. E isto se sabe da fama que anda entre elles, *quii patres eorum nutriaverunt eis*. Estão d'aqui perto muitas pisadas figuradas em uma rocha, que todos dizem serem suas. Como tivermos mais vagar, havemol-as de ir ver.

Estão estes Negros 12) muy espantados de nossos officios divinos. Estão na egreja, sem lhes ninguem ensinar, mais devotos

11) 14 de Abril.

12) Assim eram as vezes chamados os que mais tarde ficaram conhecidos, não menos impropriamente, pelo nome de Indios.

que os nossos Christãos. Finalmente perdem-se à mingua. *Mitte igitur operarios quia jam satis alba est messis.*

O Governador nos tem escollido um bom valle para nós, parece-me que teremos agua, e assim m'o dizem todos. Aqui deviamos de fazer nosso vallacouto, e d'aqui combater todas as outras partes. Ha ca muita necessidade de Vigario Geral para que elle com temor o nós com amor procedendo, se busque a gloria do Senhor. O mais verá pelas cartas dos Irmaos.

Vale semper in Domino, mi Pater, et benedic nos omnes in Christo Jesu.

Da Bahia, 1549.

Continuação da antecedente, não traz expresso o dia em que foi escripto, mas do contexto vê-se que é de segunda-feira 15 de Abril. Segundo Barbosa Machado, o original conservava-se tambem no archivo do Collegio de S. Roque.

Imprimiu-se pela primeira vez em 1813 no tomo V da *Rec. da Fac. Hist.*, pag. 433; transcripta no 2.º vol. da *Chron. da S. de V. de V. de V.*, ed. citada, pp. 300/331.

III

AO PADRE MESTRE SIMÃO.

(124)

Falta de mulheres.— Saltos dos Indios.— Causa da guerra da Bahia.— Carijós.— Padres em S. Vicente.— Necessidade de Bispo.— Lugar escolhido para o Collegio.— Pedido de officiaes.— Os degradados.— Falta de roupa.— Antonio Pres.— Loumaro Nanes, Diogo Jacome, Navarro, Vicente Rodrigues.— Missa cantada.— Procição do Corpus Christi.— Agradecimentos ao Governador e outros.— Pedidos.

A graça e amor de Nosso Senhor Jesus Christo seja sempre em nosso favor. Amen.

Pela primeira via escrevi a Vossa Reverendissima e aos Irmãos largo, e agora tornarei a repetir algumas cousas, ao menos em somma, porque o portador desta, como testemunha de vista, me escusara de me alargar muito, e algumas cousas mais se poderão ver pela carta que escrevo ao Doutor Navarro.

Nesta terra ha um grande peccado, que é terem os homens quasi todos suas Negras por manochas, e outras livres que pedem aos Negros por mulheres, segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres. E estas deixam-n'as quando lhe apraz, o que é grande escandalo para a nova Igreja que o Senhor quer fundar. Todos se me escusam que não têm mulheres com que casem, e conheço eu que casariam si achassem com quem; em tanto que uma mulher, ama de um homem casado que veio nesta armada, pelexavam sobre ella a quem a haveria por mulher, e uma escrava do Governador lhe pediam por mulher e diziam que l'h'a queriam torrar. Parece-me cousa mui conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá tem pouco remedio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, com tanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casarão mui bem, porque é terra muito grossa e larga, e uma planta que se faz uma vez dura dez annos aquella novidade, porque, assim como vão apañando as raizes, plantam logo ramos, e logo arrebetam. De maneira que logo as mulheres teriam remedio de vida, e estes homens remediariam suas almas, e facilmente se povoaria a terra.

E estes amanechados tenho mostrado, por vezes, assim em pregações em geral, como em particular, e uns se casam com

algumas mulheres si se acham, outros com as mesmas Negras, e outros pedem tempo para venderem as Negras, ou se casarem. De maneira que todos, gloria ao Senhor, se põem em algum bom meio: somente um que vem nesta armada, o qual como chegou logo tomou uma India gentia pedindo-a a s'u pae, fazendo-a christã, porque este é o costume dos Portuguezes desta terra, e cuidam nisto *obsequium se prestare Deo*, porque dizem não ser peccado tão grande, não olhando a grande irreverencia que se faz ao sacramento do Baptismo, e este annunciado, não dando por muitas admoestações que lhe tinha feito, se poz a permancecer co n' ella, o qual eu mostrei no pulpito; que dentro daquella semana a deitasse fora, sob pena de lhe prohibir o ingresso da igreja; o que fiz por ser peccado mui notorio e escandaloso, e elle pessoa de quem se esperava outra cousa e muitos tomavam occasião de tomarem outras. O que tudo Nosso Senhor remediou com isto que lhe fiz, porque logo a deitou de casa, e os outros que o tinham imitado no mal o imutaram tambem nisto, que botaram tambem as suas, antes que mais se soubesse e agora ficou grande meu amigo. Agora ninguém de que se presuma mal merea estas escravas. Neste officio me metti em ausencia do Vigario Geral, parecendo-me que em cousas de tanta necessidade, Nosso Senhor me dava ruidados destas ovelhas.

Alguns blasphemadores publicos do nome do Senhor havia os quaes admoestamos por vezes em os sermões, lendo-lhes as penas do direito, o admo stando ao Onvidor Geral 13) que attentasse por isso. Gloria ao Senhor, vai-se ja perdendo este mau costume e, si acontece cair alguém pelo mau costume, vem-se a mim pedir-me penitencia. Nestes termos esta esta gente. Agora temo que, vindo o Vigario Geral que ja e enegado a uma povoação aqui perto, seousem a allegar mais. Eu ladrarei quanto puder.

Escrevi a Vossa Reverendissima acerca dos saltos que se fazem nesta terra, e de maravilha se acham em escravo que não fosse tomado de salto, e de tanta maneira e fazem pazes com os Negros para lhe trazerem a vender: e não têm e por engano ouchem os navios delles e fazem com ellos; e alguns dizem que o podem fazer por os Negros terem ja feito mal aos christãos. O que posto que seja assim, foi depois de terem muitos escandalos recebidos da mae. De maravilha se achará na terra, onde os Christãos não fossem causa da guerra e dissengio, o tanto que nesta terra, que é fido por um Gentio das peiores de todos, se levantou a guerra por os Christãos, porque um Padre 14), por lhe

13) Dr. Pero Borges, que veio com Thome de Sousa.

14) Provavelmente o Bezerra, a quem se refere Porto Seguro, *Hist.*, pg. 200.

um Principal destes Negros não dar o que lhe pedia, lhe lançou a morte, no que tanto imaginou que morreu, e mandou aos filhos que o vingassem.

De maneira que os primeiros escandalos são por causa dos Christãos, e certo que, deixando os maus costumes que eram de seus avos, em muitas cousas fazem vantagem aos Christãos, porque melhor moralmente vivem, e guardam melhor a lei de natureza. Alguns destes escravos me parece que seria bom juntal-os e tornal-os à sua terra e ficar la mudos nossos para os ensinar, porque por aqui se ordenaria grande entrada com todo este Gentio.

Entre outros saltos que nesta costa são feitos, um se fez ha dous annos muito cruel, que foi irem uns navios a um Gentio, que chamam os Carijós (5), que estão alem de S. Vicente, o qual todos dizem que é o melhor Gentio desta costa, e mais aparelhado para se fazer fructo: elle somente tem duzentas leguas de terra: entre elles estavam convertidos e baptisados muitos. Morreu um destes clérigos, e ficou o outro e proseguiu o fructo: foram alli ter estes navios que digo, e tomaram o Padre dentro em um dos navios com outros que com elle vinham e levantaram as velas: os outros que ficaram em terra vieram em paus a bordo do navio, que levassem embora os Negros e que deixassem o seu Padre, e por não quizerem os dos navios, tomaram a dizer que, pois levavam o seu Padre, que levassem tambem a elles, e logo os recolheram e os trouxeram, e o Padre puzeram em terra, e os Negros desembarcaram em uma capitania, para venderem alguns delles, e todos se acollheram à igreja, dizendo que eram christãos, e que sabiam as orações e ajudar a missa, pedindo misericordia.

Não lhes valen, mas foram tirados e vendidos pelas capitancias desta costa. Agora me dizem que é lá ido o Padre a fazer quixume; delle podera saber mais largo o que passa. Agora temos assentado com o Governador, que nos mande dar estes Negros, para os tornarmos à sua terra, e ficar lá Leonardo Nunes para os ensinar.

Desejo muito que Sua Alteza encaminhasse isto muito ao Governador, digo, que mandasse provisão para que entregasse

(5) No ms. da Bibl. Nac. de *Chacabuco*, evidentemente erro de cópia. Os Carijós dos Portuguezes e os Carriós e Cartos dos Hespanhoes são os Guaranis. V. Gusman, *Argentina* (1624), publ. por Ang. de em 1875, Liv. I, Cap. V, pg. 17. Já em 1527 Diego Garcia os conhecia com o nome de *Guaranies* (*Rel. do Inst.*, XV, 1852, pg. 130); Luiz Ramirez na carta do Rio da Prata de 10 de Julho de 1528 (*Ibid.*, *ib.*, pp. 21 e 27) tambem os chama *Guaranés y p. e otro nombre Carolis II*. Ainda em 1536 Bartholomeu Garcia os chamava em Assumpção do Paraguay de *Guaranies*. (*Cartas de Indias*, Madrid, 1877, pg. 609).

todos os escravos salteados para os tornarmos a sua terra, e que por parte da Justiça se saia e se tire a limpo, posto que não haja parte, pois disto depende tanto a paz e conversão deste Gentio. E Vossa Reverendíssima não seja avarento desses irmãos e mande muitos para socorrerem a falta, e fãõ grandes necessidades, que se perdem estas almas a mingua, *petentes panem et non est qui frangat eis*. Lá bem abadam Santos Religiosos e pregadores, muitos Moysés e Prophetas lá lá.

Esta terra é nossa empresa, e o mais Gentio do mundo. Não deixo lá Vossa Reverendíssima mais que das poucas para aprender, os mais venham. Tudo lá é miseria quanto se faz: quando muito ganham-se com almas, posto que corraõ todo o Reino: ea é grande manchaõ. Sera cousa muito conveniente haver do Papa ao menos, os poderes que temos do Nuncio e outros maiores, e podermos levantar altar em qualquer parte, porque os do Nuncio não são perpetuos, e assim que nos commette sous poderes acerca destes saltos, para podermos commutar algumas restituções e quietar e as sciencias e ameaças que cada dia neõtoberem, e assim tambem que as leis positivas não obriguem ainda este Gentio, até que vão aprendendo coõ nós por tempo, *scilicet*: jejuar, confessar cada anno, e outras cousas semelhantes; e assim tambem outras graças e indulgencias, e a bulla do Santissima Sacramento para esta cidade da Bahia, e que se possa communicar a todas as partes desta costa, e o mais que a Vossa Reverendissima parecer.

É muito necessario ea um Bispo para consagrar oleos para os baptisados e d'antes e tambem para confirmar os Christãos que se baptisam, ou ao menos um Vigario Geral para castigar e emendar grandes males, que assim no ecclesiastico como no secular se commettam nesta costa, porque os seculares tomam exemplo dos sacerdotes e o Gentio de todos; e tem-se ea que o vicio da carne que não é peccado, como não é notavelmente grande e consente a heresia que se reprova na igreja de Deus. *Quod est dolendum*. O oleo, que mandamos pedir nos mande, e vindo Bispo, não seja dos que *querant sui, sed que Jesu Christi*. Venha para trabalhar e não para ganhar.

Eu trabalhei por escolher um bom lugar para o nosso Collegio dentro na cora e somente achei um, que lá vai por mostra a Sua Alteza, o qual tem muitos inconvenientes, porque fica muito junto da So e duas igrejas juntas não é bom, e é pequeno, porque onde se ha de fazer a casa não tem mais que dez braças, posto que tenha ao comprido da costa quarenta, e não tem onde se possa fazer horta, nem outra cousa, por ser tudo costa muy ingreme, e com muita sujeição da cidade. E portanto a todos nos parece muito melhor um lito que está logo além da cora, para a parte d'onde se ha de estender a cidade, de maneira que antes de muitos annos podemos ficar no meio, ou pouco menos da gente, e está logo ahí uma aldeã perto, onde nós começamos a

baptisar, em a qual já temos nossa habitação 16). Está sobre o mar, tem agua ao redor do Collegio, e dentro d'elle tem muito logar para hortas e pomares; é perto dos Christãos, assim velhos como novos. Somente me põe um inconveniente o Governador: não ficar dentro na cidade e poder haver guerra com o Gentio, o que me parece que não convence, porque os que hão de estar no Collegio hão de ser filhos de todo este Gentio, que nós não temos necessidade de casa, e posto que haja guerra, não lhes pôde fazer mal; e quando agora nós andamos, la dormimos e comemos, que é tempo de mais temor, e nos parece que estamos seguros, quanto mais depois que a terra mais se povoou. Quanto mais que primeiro hão de fazer mal nos engenhos, que hão de estar entre elles e nos, e quando o mal for muito, tudo é recolher á cidade, momente que eu creio que ainda que façam mal a todos que a nós nos guardarão, pela affeição que já nos começam a ter; e ainda havendo guerra, me parecería a mim poder estar seguro entre elles neste começo, quanto mais depois. De maneira que cá todos somos de opinião que se faça alli, e Vossa Reverendissima devia de trabalhar por lhe fazer dar logo principio, pois disto resulta tanta gloria ao Senhor e proveito a esta terra.

A mais custa é fazer a casa, por causa dos officiaes que hão de vir de lá, porque a mantença dos estudantes, ainda que sejam duzentos, é muito pouco, porque com o terem cinco escravos que plantem mantimentos e outras que pesquem com barros e reboes, com pouco se manterão; e para se vestir farão um algodoad, que ha cá muito. Os escravos são cá baratos, e os mesmos paes hão de ser cá seus escravos. E' grande obra esta e de pouco custo; nos vindo agora o Vigario nos passamos para lá, por causa dos convertidos, onde estaremos, Vicente Rodrigues, eu e um soldado que se metteu connosco para nos servir, e está agora em exercicio, de que eu eston muito contente. Faremos nossa egreja, onde ensinarremos os nossos novos Christãos; e aos domingos e festas visitarei a cidade e pregarei.

O padre Antonio Pires e o padre Navarro estarão em outras aldeas longe, onde já lhes fazem casas. E portanto, é necessario Vossa Reverendissima mandar officiaes, e hão de vir já com a paga, porque cá diz o Governador que, ainda que venha alvára de Sua Alteza para nos dar o necessario, que não o leverá li para isto. Os officiaes que cá estão têm muito que fazer, e que o não tenham estão com grande saudade do Reino, porque deixam lá suas mulheres e filhos, e não aceitarão a nossa obra depois que empírem com Sua Alteza, e tambem o trabalho que têm com as viandas e o mais os tira disso. Portanto me

16) No monte Calvario.

parece que haviam de vir de lá, e, si possível fosse, com suas mulheres e filhos, e alguns que façam tápas, e carpinteiros. Cá está um mestre para as obras, que é um sobrinho de Luiz Dias 17), mestre das obras d'El-rei, o qual vein com 30\$ de partido; este não é necessario, porque basta o tio para as obras de Sua Alteza, a este haviam de dar o cuidado de nosso Collegio; ó bom officia!

Serão cá muito necessarias pessoas que toquem algodão, que enlia muito e outros officiaes. Trabalhe Vossa Reverendissima por virem a esta terra pessoas casadas, porque certo é mal empregada esta terra em degradados, que cá fazem muito mal, e já que cá viessem havia de ser para andarem aferrollados nas obras de Sua Alteza. Tambem peça Vossa Reverendissima algum petitorio de roupa, para entretanto cobrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada mulher, pela honestidade da Religião Christã, porque vem todos a esta cidade à missa aos domingos e festas, que faz muita devoção e vem resando as orações que lhe ensinamos e não parece honesto estarem nuas entre os Christãos na egreja, e quando as ensinamos. E d'isto peço ao padre mestre João tome cuidado, por elle ser parte na conversão d'estes Gentios, e não fique senhora nem pessoa a que não importune para causa tao santa, e a isto se haviam de applicar todas as restituções que lá se houvessem de fazer, e isto agora somente no começo, que elles farão algodões para se vestirem ao deante.

Os Irmãos todos estão de saude, e fazem o officio a que foram enviados: somente Antonio Pires se acha mal das pernas que lhe arrebentaram depois das maleitas que teve, e não acaba de ser bem são.

Leonardo Nunes mandei aos Ilhéos, uma povoação daquy perto, onde dá muito exemplo de si e faz muito fructo, e todos se espantam de sua vida e doutrina; foi com elle Diogo Jacome, que fez muito fructo em ensinar os meços e escravos. Agora pouco ha vieram aqui a consultar-me algumas duvidas, e estiveram aqui por dia do Anjo 18), onde baptisamos muitos: tivemos missa cantada com diacono e subdiacono; eu disse missa, e o padre Navarro a Epistola, outro o Evangelho. Leonardo Nunes e outro clerigo com leigos de boas vozes regiam o coro; fizemos procissão com grande musica, a que respondiam as trombetas. Ficaram os Indios espantados de tal maneira, que depois podiam ao padre Navarro que lhes cantasse como na procissão fazia. Outra procissão se fez dia de *Corpus Christi* 19), mui solemne,

17) Este vein com Thomé de Sousa. (Perlo Seguro, *Hist.*, pg. 235.)

18) 19 de Julho.

19) 13 de Junho.

em que jogou toda a artilharia, que estava na cerca, as ruas muito enramadas, houve danças e invenções à maneira de Portugal. Agora é já partido Leonardo Nunes com Diogo Jacome, e lá me hão de esperar quando eu for com o Ouvidor, que irá daqui a dois mezes, pouco mais ou menos. O padre Navarro faz muito fructo entre estes gentios, lá está toda a semana. Vicente Rodrigues tem cuidado de todos baptisados. Antonio Pires e eu estamos o mais tempo na cidade para os Christãos, e não para mais que até chegar o Vigario. Todos são bons e proveitosos, sinão eu que nunca faço nada; e assás devoção ha, pois meu mau exemplo os não escandalisa.

Temos muita necessidade de baptisterios, porque os que cá vieram não valiam nada e hão de ser romanos e brachareusos, porque os que vieram eram venezianos, e assim de muitas capas e ornamentos, porque havemos de ter altares em muitas partes, e imagens e crucifixos, e outras cousas semelhantes, o mais que puder; tudo o que nos mandaram que lá ficava, veio a muito bom recado.

Folgaríamos de ver novas do Congo; mande-nol-as Vossa Reverendissima. A todos estes senhores devemos muito, pelo muito amor que nos tem, posto que o de alguns seja servil.

O Governador nos mostra muita vontade. Pero de Góes 20), nos faz muitas charidades. O Ouvidor Geral é muito virtuoso e ajuda-nos muito. Não fallo em Antonio Carloso 21), que é nosso pae. A todos mande Vossa Reverendissima os agradecimentos.

Antonio Pires pede a Vossa Reverendissima alguma ferramenta de carpinteiro, porque elle é nosso official de tudo; Vicente Rodrigues, porque é ermitão, pede muitas sementes; o padre Navarro e eu, os livros, que já lá pedi, porque nos fazem muita mingua para duvidas que cá ha, que todas se perguntam a mim. E todos pedimos sua benção e ser favorecidos em suas orações com Nosso Senhor.

Agora vivemos de maneira que temos disciplina às sextas-feiras, e alguns nos ajudam a disciplinar; e por os que estão em peccado mortal e conversão deste Gentio, e por as almas do Purgatorio, e o mesmo se diz pelas ruas, com uma campainha, segundas e quartas-feiras, assim como nos Ilhéos. Temos nossos exames à

20) O desafortunado donatario de Campos dos Goytacazes, irmão do chronista Damiao de Góes, segundo Varnhagen (*Hist.*, p. 135). Veiu ainda uma vez ao Brasil com Thomé de Sousa como capitão-mór da costa.

21) de Barros, que veiu com o Governador como provedor-mór da Fazenda. Foi um dos primeiros donatarios do Brasil, mas a respeito da sua donataria quasi nada se sabe.

noite, e ante-manhã uma hora de oração, e o mais tempo visitar o proximo e celebrar, e outros serviços de casa. Resta, *mi Pater*, que rogue a Nosso Senhor por seus fillos e por mim, *ut quos dedisti non perdam e eis quemquam*. Pedimos sua benção.

Desta Bahia a 9 de Agosto de 1549.

Publica-se pela primeira vez em 1883 na *Rev. do Inst. Hist.*, t. V, pp. 435-442; depois reproduzida no vol. 2.^o da *Chronica* de Simão de Vasconcellos, ed. de Lisboa de 1865, pp. 293-303.

Barbosa Machado diz que o autographo igualmente se conservava no archivo do Collegio de S. Roque.

IV

AO DR. NAVARRO, SEU MESTRE EM COIMBRA.

(1549)

Cidade do Salvador.—Clima.—Os naturaes.—Anthropophagia.—Immortalidade da alma.—Noção do Demónio.—Notícia do Dilúvio.—S. Thomé.—Pregações e baptismos.—Padre Navarro.—Morto de um Christão.—Uma execução.—Medo dos Indios.—Apêgo aos Padres.—O nome de Jesus popularizado.—Um Indio revolta ter estado com Deus no Paraiso.—Conversão de um feiticeiro.

*Gratia et pax Domini Nostri Jesu Christi sit semper nobiscum.
Amen.*

Pensando em muitas vezes na graça que o Senhor me fez, mandando-me a estas terras do Brasil, para dar principio ao conhecimento e louvor de seu santo nome nestas regiões, fico espantado de ter sido para esse fim eleito, sendo eu a escoria de toda essa Universidade; mas, além da divina graça, cuído que o ter sido discípulo da doutrina e da virtude de Vossa Reverendissima e as suas orações me impetraram esta misericórdia de Deus, *qui potens est de lapidibus istis suscitare filios Abrae*; e porém é de razão que eu dê contas a Vossa Reverendissima do que o Senhor começa a obrar nesta sua nova vinha, a qual talvez queira estender *a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos orbis terrarum*; para que Vossa Reverendissima louve por sua parte ao Senhor, á quem só se deve toda gloria e honra.

Depois que partimos de Portugal, o que foi em 1.º de Fevereiro de 1549, toda a armada trouxe-a Deus á salvamento; sempre com ventos prosperos e de tal arte que chegamos á Bahia de Todos os Santos dentro de 56 dias 22, sem que sobreviesse nenhum contratempo e antes com muitos outros favores e

22) O Visconde de Porto Seguro (*Hist. Ger.*, pg. 235) diz que sendo assim Thomé de Sousa chegaria a Bahia a 26 de Março. Esqueceu-se que Fevereiro tem 28 dias e que o anno não era bissexto. Nobrega na primeira carta diz que gastaram na viagem 8 semanas, que são exactamente 56 dias.

graças de Deus, que bem mostrava ser sua a obra que agora se principiou.

Desde logo se fez a paz com o Gentio da terra e se tomou conselho sobre onde se fundaria a nova cidade, chamada do Salvador, onde muito ainda oitrou o Senhor, deparando logo muito bom sitio sobre a praia em local de muitas fontes, entre mar e terra e circundado das águas em torno aos novos muros. Os mesmos Indios da terra ajudam a fazer as casas e as outras cousas em que se queira empregar-os; pôde-se já contar umas com casas e se começa a plantar cannas de assucar e muitas outras cousas para o mister da vida, porque a terra é fértil de tudo, ainda que algumas, por demasiado pingues, só produzem a planta e não o fructo. É muito salubre e de bons ares, de sorte que sendo muita a nossa gente e mui grandes as fadigas, e mudando da alimentação com que se nutriram, são poucos os que enfermam e estes depressa se curam. A região é tão grande que, dizem, de tres partes em que se dividisse o mundo, occuparia duas; é muito fresca e mais ou menos temperada, não se sentindo muito o calor do estio; tem muitos fructos de diversas qualidades e mui saborosos; no mar igualmente muito peixe e bom. Similliam os montes grandes jardins e pomares, que não me lembra ter visto panno de raz tão bello. Nos ditos montes ha animaes de muitas diversas feituraz, quas nunca conheceu Plinio, nem delles deu noticia, e hervas de diferentes cheiros, muitas e diversas das de Hespanha: o que bem mostra a grandeza e belleza do Creator na tamanha variedade e belleza das creaturas.

Mas é de grande maravilha haver Deus entregue terra tão boa, tamanho tempo, a gente tão inculta que tão pouco o conhece, porque nenhum Deus tem certo, e qualquer que lhes digam ser Deus o acreditam, regendo-se todos por inclinações e appetites sensuaes, que esta sempre inclinado ao mal, sem conselho nem prudencia. Tem muitas mulheres e isto pelo tempo em que se contentam com ellas e com as dos seus, o que não é condemnado entre elles. Fazem guerra, uma tribu a outra, a 10, 15 e 20 leguas, do modo que estão telos entre si divididos. Si acontece aprisionarem um contrario na guerra, conservam-o por algum tempo, dão-lhe por mulheres suas filhas, para que o sirvam e guardem, depois do que o matam com grande festa e ajuntamento dos amigos e dos que moram por alli perto, e, si delles ficam filhos, os comem, ainda que sejam seus sobrinhos e irmãos, declarando ás vezes as proprias mães que são o pae, e não a mãe, tem parte nelles. É esta a cousa mais abominavel que existe entre elles. Si matam a um na guerra, o partem em pedaços, e depois de moqueados os comem, com a mesma solemnidade; e tudo isto fazem com um odio cordial que tem um ao outro, e nestas duas cousas, isto é, terem muitas mulheres e matarem os inimigos, consiste toda a sua honra. São estes os

seus desejos, e esta a sua felicidade. O que tudo heclaram do primeiro e segundo homem, e aprenderam daquelle *qui locutus est ab uallo*. Não se guerreiam por avariza, porque não possuem de si mais do que lhes dão a pesca, a caça e o fructo que a terra dá a todos, mas somente por odio e vingança, sendo tão sujeitos a ira que, si acaso se encontram em o canitulo, logo vão ao pau, a pedra ou á dentada, e assim comem diversos animaes, como pulgas e outros como este, tudo para vingarem-se do mal que lhes causam, o que bem deixa ver que não tomaram ainda aquelle consellio evangelico de pagar o mal com o bem. Quando morre algum delles, enterram-o em posicao de quem esta assentado, em frente lhe põem de comer com uma rola e ali dormem, e dizem que as almas vão pelos montes e allí voltam tara comer. Têm grande noção do demonio e têm dello grande pavor e o encontram de noite, e por esta causa sabem com um timão, e isto é o seu defensivo.

Sabem do diluivio de Noé, bem que não conforme a verdadeira historia; pois dizem que todos morreram, excepto uma velha que escapou em uma arvore.

Têm noticia igualmente de S. Thome e de um seu companheiro e mostram certos vestigios em uma rocha, que dizem ser delles, e outros signaes em S. Vicente, que é no fim desta costa. Dello contam que lhes dera os alimentos que ainda hoje usam, que são raizes e hervas e com isso vivem bem; não obstante dizem mal de seu companheiro, e não sei porque, sinão que, como soube, as frochas que comia elle atiravam voltavam sobre si e os matavam. Muito se admiravam de ver o mesmo culto e veneração que temos pelas cousas de Deus. Entre elles, os que são amigos vivem em grande concordia e amor, observando bem aquillo que se diz: *Antiochena omni sua communitio*. Si um delles mata um peixe, todos comem deste e assim de qualquer animal. Nesta terra alguns ha que não habitam casas, mas vivem pelos montes; dão guerra a todos, e de todos são temidos. Isto é o que me occorre sobre a terra e sobre a gente que a habita e que é cousa muito para estimar e se ter compaixão dessas almas.

Fallarei agora da porta que Nosso Senhor se dignou de abrir nestes poucos mezes para escolher dentre elles os que foram predestinados; porém convocados a visitar as suas aldeias, quatro companheiros que somos, a conver-ar familiarmente e a annunciar-lhes o reino do Ceu, si fizerem aquillo que lhes ensinarmos; e são estes aqui os nossos bandos. Convidamos os mesmos a ler e escrever e conjunctamente lhes ensinamos a doutrina christã e lhes pregamos para que com a mesma arte com que o inimigo da natureza venceu o homem dizendo: *Etis scietis Dú scietis, homo et ualtem*, com arte igual seja elle vencido, porque muito se admiram de como sabemos ler e escrever e tem grande inveja e vontade de apren ler e desejam ser chris-

tões como nós outros. Mas somente o impede o muito que custa tirar-lhe os maus costumes delles, e nisso esta hoje toda fadiga nossa.

E já por gloria do Senhor nestas aldeias que visitamos em torno à cidade, muitos se abstêm de matar e de comer carne humana; e si algum o faz, fica segregado daqui.

Onde quer que vamos somos recebidos com grande boa vontade, principalmente pelos meninas, aos quaes ensinamos. Muitos já fazem as orações e as ensinam aos outros. Dos que vemos estarem mais seguros, temos baptisado umas cem pessoas pouco mais ou menos: começou isto pelas festas do Espirito Santo, que é o tempo ordenado pela Igreja: e devem haver uns 600 ou 700 catecúmenos promptos para o baptismo, os quaes estão bem preparados em tudo.

E alguns vêm pelos caminhos a nosso encontro, perguntando-nos quando os havemos de baptisar, mostrando grande desejo e prometendo viver conforme o que lhes aconselhamos; costumamos baptisar marido e mulher de uma só vez, logo depois casando-os, com as admoestações daquillo que o verdadeiro matrimonio reclama; com o que se mostram elles muito contentes, prestando-nos muita obediencia em tudo quanto lhes ordenamos. D'entre muitas cousas referirei uma que bastante me maravillhou, e foi que ensinando um dia o padre João de Aspiliceta os meninos a ler e a fazer o signal da cruz, e tendo os ditos meninos co' tas pedras de varias cores nos labios, que é uso trazer furados, e muito estimam, embaraçando as pedras de fazer-se o signal da cruz, vein a mãe de um d'elles e para logo tirou a pedra dos labios de seu filho e atirou ao telhado; de repente os outros fizeram o mesmo: e isto foi logo quando começamos de ensinar. Outra vez descobriu o mesmo Padre em uma aldeia, que se cozinhavam o filho de um inimigo, afim do comorem-n'o: e porque fossem reprehendidos, subenemos mais tarde que o enterraram e o não quizeram comer.

Outras cousas semelhantes se tem dado, que seria longo enumerar, e a maior parte dellas com o dito Padre que anda sempre pelas aldeias e ali dorme e come para ter mais facilidade em pregar à noite, porque a esta hora é que estão juntos na aldeia e mais descomodados: e já sabe a lingua delles que, ao que parece, muito se conforma com a biscainha, de modo que com elles se entende; e a todos nos leva vantagem, que parece Nosso Senhor ter feito especial graça a nação de Navarra, em acudir aos indios como fazem Mestre Francisco 23) nas outras Indias do Rei de Portugal e este Padre nas terras do Brasil: onde corre com

23) São Francisco Xavier, Apostolo das Indias, fallecido a 2 de Dezembro de 1552.

tanto fervor de uma terra à outra, que parece abrasar os montes com o fogo da claridade.

Em duas das principais aldeias de que tem cargo, fizeram-lhe uma casa onde esteja e ensino aos catecúmenos; em outra aldeia, também proximo a esta cidade, fizemos uma casa a modo de ermida, onde um de nos está incumbido de ensinar e pregar aos baptisados de pouco, e a outros muitos catecúmenos, que nella vivem.

Os Principaes da terra baptisaremos em breve, que outra cousa não se espera sião que tornem à suas mulheres, que têm esperança em que conservem a fidelidade: porque é costume até agora entre elles não fazerem caso do adultério, tomarem uma mulher e deixarem outra, como bem lhes parece e nunca tomando alguma firme. O que não praticam os outros infieis de Africa e de outras bandas, que tomam mulher para sempre e si a abandonam é mal visto: o que nao se usa aqui, mas ter as mulheres simplesmente como concubinas.

De muitas partes somos chamados, para irmos ensinar as cousas de Deus e não podemos chegar, porque somos poucos; e certo, creio que em todo o mundo não se nos depara terra tão disposta para produzir o fructo como esta, onde vemos almas perecerem, por se não poder remedial-as; em falta, vamos lhes accendendo a vontade de ser christãos, para que se morrem, neste comenos, enquanto dura o catholicismo, delles Deus haja misericordia. Aos que amam a Deus e desejam a sua gloria não sei como lhes sollre a paciencia de se não embarcarem logo e virem cavar nesta vinha do Senhor que tão espacosa é, e que tão poucos operarios possui. Poucas letras bastariam aqui, porque tudo é papel branco, e não ha que fazer outra cousa, sião escrever à vontade as virtudes mais necessarias e ter zelo em que seja conhecido o Creator destas suas creaturas.

Estando tudo nestes termos e em tão bom principio, pelos poucos mezes que aqui estamos, esforcou-se o inimigo da natureza humana (como sóe sempre fazer) em impedir o bom successo da obra: e assim determinou que a 7 ou 8 leguas d'aquí matassem um Christão da armação que viemos: o que nos poz em perigo de guerra e nos adreia, à nossa gente, em má occasião, desprevenidos e mal fortificados em a nova cidade. Mas quiz o Senhor, que do mal sabe tirar o bem, que os mesmos Indios trouxessem o homicida e apresentaram-no ao Governador: o qual logo o mandou collocar à bocca de uma bombarda e foi assim feito em pedações: isto poz grande medo aos outros tolos, que estavam presentes: e os nossos Christãos se abstiveram de andar pelas aldeias, o que foi serviço de Deus, por evitarem os escandalos que aos Indios davam, andando pelas suas terras.

Quando viajamos nós outros da Companhia, nunca nos abandonam, e antes nos acompanham para onde se queira, maravilhados com o que pregamos e escutando com grande silencio.

Dentre outras coisas, recordo-me que por meio de um menino lingua eu lhes dizia, uma noite em que eu pregava ao luar (não lhes podendo ensinar mais), que tivessem fô em Jesus Christo, e que ao deitar e ao levantar o invocassem dizendo: *Jesus, eu te encomendo a minha alma*, e depois que dellos me parti, andando pelos caminhos, notei a alguns que diziam em voz alta o nome de Jesus, como lhes havia eu ensinado, o que me dava não pequena consolação. E cousa admiravel, e quanto por sua bondade e consolação, o Senhor todos os dias nos communica e ainda mais avantajadamente aos outros irmãos, porque visitam mais vezes aldeas que eu, e mais o merece a sua virtude.

Um dos que baptisamos veio à nos, dizendo por acenos e de modo que o comprehendiamos, que naquella noite estivera com Deus no Paraíso, com grande alegria; e assim nos vinha contar muito contente.

Uma cousa nos acontecia que muito nos maravillava a principio e foi que quasi todos os que baptisamos, cahiram doentes, queas do ventre, queas dos olhos, queas de apostema: e tiveram occasião os seus feiticeiros de dizer que lhes davamos a doença com a agua do baptismo e com a doutrina a morte: mas se viram em breve desmascarados porque logo todos os enfermos se curaram. Quiz por ventura o Senhor a estes seus filhos perillhados em seu sangue, provar-lhes desde cedo e ensinar-lhes que é preciso soffrer e que esta é a mesinha com que se purgam os eleitos do Senhor. Procurei encontrar-me com um feiticeiro, o maior desta terra, ao qual chamavam todos para os curar em suas enfermidades: e lhe perguntei em virtude de quem fazia elle estas cousas e se tinha communicação com o Deus que creou o Ceu e a Terra e reinava nos Céus ou acuso se communicava com o Demonio que estava no Inferno? Respondeu-me com pouca vergonha que elle era Deus e tinha nascido Deus e apresentou-me um a quem havia dado a saúde, e que aquelle Deus dos céus era seu amigo e lhe apparecia frequentes vezes nas nuvens, nos trovões e raios; e assim dizia muitas outras cousas. Esflorei-me vendo tanta blasphemia em ouvir toda a gente, gritando em altas vozes, mostrando-lhe o erro e contradizendo por grande espaço de tempo aquillo que elle tinha dito: e isto, com ajuda de um lingua, que eu tinha muito bom, o qual fallava quanto eu dizia em alta voz e com os signaes do grande sentimento que eu mostrava. Finalmente ficou elle confuso, e fiz que se desdisse de quanto havia dito e emondasse a sua vida, e que eu pediria por elle a Deus que lhe perdoasse; e depois elle mesmo pediu que o baptisasse, pois queria ser christão, e e agora um dos cathecumens. Vi entre os que estavam presentes alguns homens e mulheres como attonitos daquillo que eu fallava, das grandezas do Deus. Estas e outras cousas obra o Senhor por nosso ministerio *inter gentes*. Vossa Reve-

rendissima, pois que tem o zelo da Divina honra, nos ajude com as suas orações e escrevendo-nos o que Deus lhe faça sentir.

E assim fico pedindo a benção do Pai e Mestre em Jesu Christo Senhor Nosso.

Deste porto e cidade do Salvador a 10 de Agosto de 1549.
De V. R. P. servo no Senhor.

Foi publicada em italiano no 1.º vol. (1558) dos *Discorsi acti*, ed. de Veneza, de ff. 32 v. a 37 v., e agora traduzida em brasileiro pelo Sr. João Ribeiro Fernandes, digno official da Bibliotheca Nacional.

V

INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO BRASIL.

(1549)

Clima, fructos e mantimentos.— Goyanazes, Carijós, Gaimares, Topiniquins e Topinambas.— Frades Castelhanos.— Pae Tupane.— Os femizeiros.— Morte dos prisioneiros.— Agouros.— Liberalidade dos Indios.— O diluvio.— Porquintas sobre Deus.— S. Thomé.

A informação que destas partes do Brasil vos posso dar, Padres e Irmãos charíssimos, é que tem esta terra mil leguas de costa, toda povoada de gente que anda nua, assim mulheres como homens, tirando algumas partes mui longe donde estamos, onde as mulheres andam vestidas á maneira de ciganas, com pannos de algodão, pela terra ser mais fria que esta, a qual e aqui mui temperada, de tal maneira que o inverno nao e frio nem quente, e o verão, ainda que seja mais quente, bem se pode soffrer: porém é terra mui húmida, pelas muitas aguas que chovem em todo o tempo mui a miudo, pelo qual as arvores e as hervas estão sempre verdes, e por esta causa e a terra mui fresca. Em partes é mui aspera, por causa dos montes e mattas, que sempre estão verdes.

Ha nella diversas fructas que comem os da terra, ainda que não são tão boas como as de lá, as quaes tambem creio se dariam cá, si se plantassem, porque vejo que se dao uvas, e ainda duas vezes no anno, porém são poucas por causa das formigas, que fazem muito damno, assim nisto como em outras coisas. Cidras, laranjas, limões, dão-se em muita quantidade, e figos tão bons como os de lá. O mantimento commum da terra e uma raiz de pau, que chamam mandioca, da qual fazem uma farinha de que comem todos, e dá tambem vinho, o qual misturado com a farinha, faz um pão que escusa o de trigo.

Ha muito pescado e tambem muito marisco, de que se mantêm os da terra e muita caça de matto e patos que eram os indios; bois, vaccas, ovelhas, cabras e gallinhas se dao tambem em a terra e ha dellas grande quantidade.

Os Gentios são de diversas castas, uns se chamam Goyanazes, outros Carijós. Este é um Gentio melhor que nenhum desta

costa. Os quaes foram, não ha muitos annos, dois Frades Castelhanos ensinar e tomaram tão bem sua doutrina que têm já casas de recolhimento para mulheres, como de Freiras e outras de homens, como de Frades. E isto durou muito tempo até que o d'el Rey levou la uma nau de salteadores e captivaram muitos delles. Trabalhamos por recolher os tomados e alguns tem-os ja para os levar a sua terra, com os quaes ira um Padre dos nossos. Ha outra casta de Gentios que chamam Gaimares (24); é gente que mora pelos mattos e nenhuma communicação tem com os Christaos, pelo que se espantam quando nos vêm e dizem que somos seus irmãos, porque trazemos barbas como elles, as quaes não trazem todos os outros, antes se rapam até as pestanas e fazem buracos nos beiços e nas ventas dos narizes e põem uns ossos nelles, que parecem demonios. E assim alguns, principalmente os feiticeiros, trazem todo o rosto cheio delles. Estes Gentios são como gigantes, trazem um arco mui forte na mão e em a outra um pau mui grosso, com que pelejam com os contrarios e facilmente os despedaçam e fogem pelos mattos e são mui temidos entre todos os outros.

Os que communicam com nós outros até agora são de duas castas, uns se chamam Topinaquis e os outros Topinambás. Estes tem casas de palmas mui grandes, e dellas em que pousarão cinquenta Indios com suas mulheres e filhos. Dormem em redes d'algodão junto do fogo, que toda a noite têm aceso, assim por amor do frio, porque andam nus, como também pelos Demonios que dizem fugir do fogo. Pela qual causa trazem fições de noite quando vão fora. Esta gentildade nenhuma coisa adora, nem conhecem a Deus: sómente aos trovões chamam Tupane, que é como quem diz coisa divina. E assim nós não temos outro vocabulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pao Tupane.

Sómente entre elles se fazem umas ceremonias da maneira seguinte: De certos em certos annos vêm uns feiticeiros de mui longas terras, fingindo trazer santidade e ao tempo de sua vinda lhe mandam limpar os caminhos e vão recebê-os com danças e festas, segundo seu costume; e antes que cheguem ao logar andam as mulheres de duas em duas pelas casas, dizendo publicamente as faltas que fizeram a seus maridos umas as outras, e pedindo perdão dellas. Em chegando o feiticeiro com muita esta ao logar, entra em uma casa escura e põe uma cabuca, que traz em figura humana, em parte mais conveniente para seus enganos e mudando sua propria voz em a de menino junto da

24 Mais tarde conhecidos com o nome de Aymovés, de quem descrevem, segundo se diz, os actuaes botocudos, que entretanto não são brachões.

cabaca, lhes diz que não curam de trabalhar, nem vão à roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará que comer, e que por si vira à casa, e que as enxadas irão a cavar e as frechas irão ao matto por caça para seu senhor e que hão de matar muitos dos seus contrários, e captivarão muitos para seus comeres e promette-lhes larga vida, e que as velhas so hão de tornar moços, e as filhas que as dêem à quem quizerem e outras cousas semelhantes lhes diz e promette, com que os engana, de maneira que crêm haver dentro da cabaca alguma cousa santa e divina, que lhes diz aquellas cousas, as quaes crêm. Acabando de fallar o feiticheiro, começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem demoniadas (como de certo o são), deitando-se em terra, e escumando pelas bocas, e nisto lhes persuado o feiticheiro que então lhe entra a sanidade; e a quem isto não faz tem-lho a mal. Depois lhe offerecem muitas cousas e em as enfermidades dos Gêntios usam também estes feiticheiros de muitos enganos e feitiçarias. Estes são os mores contrários que cá temos e fazem erer algumas vezes aos doentes que nós outros lhes mettemos em corpo facas, tesouras, e cousas semelhantes e que com isto os matamos. Em suas guerras aconselham-se com elles, além dos agouros que têm de certas aves.

Quando captivam algum, trazem-n'o com grande festa com uma corda pela garganta e dão-lhe por mulher a filha do Principal ou qual outra que mais o contente e põem-n'o a cevar como porco, até que o hajam de matar, para o que se ajuntam todos os da comarca a ver a festa, e um dia antes que o matem lavam-n'o todo, e o dia seguinte o tiram e põem-n'o em um ferreiro atado pela cinta com uma corda, e vem um delles muy bem ataviado e lhe faz uma pratica de seus antepassados; e, acabada, o que está para morrer lhe responde, dizendo que dos valentes é não temer a morte, e que elle também matára muitos dos seus e que cá ficam seus parentes que o vingarão e outras cousas semelhantes. E morto, cortam-lhe logo o dedo pollegar, porque com aquelle tirava as frechas e o demais fazem em postas para o comer, asado e cozido.

Quando morre alguns dos seus, põem-lhe sobre a sepultura bacias cheias de viandas e uma rede, em que elles dormem, muy bem lavada; e isto porque crêm, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sepultura. Deitam-nos em umas covas redondas e, si são Principaes, fazem-lhes uma choça de palma. Não têm conhecimento de Gloria nem Inferno, somente dizem que depois de morrer vão a descansar à um bono lugar, e em muitas cousas guardam a lei natural. Nenhuma cousa propria têm que não seja commum e o que um tem ha de partir com os outros, principalmente si são cousas de comer, das quaes nenhuma cousa guardam para o outro dia, nem curam de entesourar riquezas.

A suas filhas nenhuma cousa dão em casamento, antes os genros ficam obrigados a servir a seus sogros. Qualquer Christão que entra em suas casas dão-lhe de comer do que têm, e uma rede lavada, em que durma. São castas as mulheres a seus maridos. Têm memoria do diluvio, porém latsamente, porque dizem que cobrudo-se a terra d'agua, uma mulher com seu marido subaram em um pinheiro e, depois de mingoadas as arvoas, se desceram, e destes procederam todos os homens e mulheres. Têm mui poucos vocabulos para lhes poder hem declarar nossa Fé. Mas, contudo, damos-lhas a entender o melhor que podemos, e algumas cousas lhes declaramos por rodeios. Estão mui apegados com as cousas sensuaes. Muitas vezes me perguntam si Deus tem cabeça e corpo e mulher, e si come e do que se veste e outras cousas semelhantes.

Dizem elles que S. Thomé, a quem elles chamam Zomé (25), passou por aqui, e isto lhes ficou por dito de seus passados e que suas pisadas estao signaladas juncto de um rio; as quaes eu fui ver por mais certeza da verdade e vi com os proprios olhos, quatro pisadas mui signaladas com seus dedos, as quaes algumas vezes cobre o rio quando enche; dizem tambem que quando deixou estas pisadas na fugindo dos Indios, que o queriam frechar, e chegando ali se lhe abriu o rio e passara por meio delle a outra parte sem se molhar, e dalli foi para a India. Assim mesmo contam que, quando o queriam frechar os Indios, as trechas se tornavam

25) O conego Fernandes Pinheiro (nota 10 da *Chron. de S. de Vasconcellos*, ed. brasileira de 1867, suggerer que a tradigão de S. Thomé é creação dos Jesuitas; entretanto a *Copia der Neuen Zeitung aus Pessilly Landt*, que deve ter sido impressa em 1598, segundo Wiesse (*Magisches-Streus*, 1881, pg. 92), diz: Sie haben auch auß der selbigen Costa oder Landt gedocht dass von sant Thomas. Sie haben auch den Portugalesern die schritt im Landt dynnen wollen zeigen. Zuygen auch an das Creutz im Landt dynnen seuen. Und wann sie von sant Thomas reden, So sagen sie er sey der kleyne got, Doch es sey ein ander got der grosser sey. Es ist wol zuzuhauen, das sie gedechtnuss von sant Thomas haben, dann wissenlich ist, das sant Thomas bynder Malacca leibhefftig byt, auß der Cost Siramati, im Gulffo de Celon. Sie haussen auch im Landt Ire kynder fast Thomas. » (O. c., pg. 102.)

Accresce ainda que Thevet encontrou a mesma tradição entre os famovos do Rio de Janeiro, ainda não visitados pelos Jesuitas.

« O nome (Zomé), diz Sautley, segundo todas as probabilidades, é uma corrupção do Zemi do Hayti, divindade ou pessoa divinizada. No Iaraçua chamavam-no Payzame, palavra composta, com que designavam os seus sacerdotes. » (*Hist. do Bras.*, trad., t. 1, pg. 321.)

« *Suaé*, diz Candido Mendes (*Hist. do Inst.*, XLII, 1878, p. 2.^a, pg. 91), segundo a interpretação do padre Vasconcellos, é S. Thomé, mas parece-nos mais natural Nôé. »

para elles, e os mattos lhe faziam caminho por onde passasse : outros contam isto como por escarneo. Dizem tambem que lhes prometteu que havia de tornar outra vez a vel-os. Elle os veja do Ceu e seja intercessor por elles a Deus, para que venham a seu conhecimento e recebam a santa Fé como esperamos.

Isto e o que em breve, charissimos Irmãos meus, vos posso informar desta terra; como vier a mais conhecimento das outras cousas que nella ha, não o deixarei mui particularmente de fazer.

Não traz uma : mas deve ser de 1549. Balthasar da Silva Lisboa, publicando-a no vol. VI dos *Anues do Rio de Janeiro*, assignalou-lhe o anno de 1550. Com data de 1552 apparece em italiano, traduzido de hespanhel, no vol. I dos *Discorsi avisi*, ed. cit., ff. 38/40. Em latim tambem sahio com data de 1552 nas *Epistole Japonice*, ed. de 1569, ff. 177-185, e na ed. de 1570, ff. 396-401.

VI

AO PADRE SIMÃO RODRIGUES 2º).

(1550)

Padre Navarro. — Caramuru. — Odio aos Christãos. — Sublevação. — Visconde Rodriguez e Simão Gonçalves. — Antonio Pires. — Feitçarias. — Anthropophagia. — Leonardo Nunes e Diogo Jacome — Ilhéos. — Porto Seguro. — Padres Hospiaños. — Tupiniquins. — Padres mandados por D. Manuel. — Maus exemplos dos Christãos. — Um sacerdote de má vida. — Padres de Santo Antonio em Porto Seguro. — Necessidade de mulheres. — Eseravos. — Praguiza dos senhores. — Pedidos. — Clima da terra. — Fumo. — Ouro.

A graça e o amor eterno de Jesu Christo Senhor Nosso seja sempre em ajuda e favor nosso. Amen.

Pelas naus da Bahia escrevi acerca de nossas occupações nesta terra e de quanto se serve o Senhor Deus dos filhos de Vossa Reverendissima que aqui estão. Agora, passarei adiante. Partidas as naus da Bahia, fiquei com os Iruãos dois mezes ou mais, tempo que foi distribuido deste modo.

O padre Navarro estava (como ainda está) em suas aldeias, prégando aos grandes e ensinando a ler e a fazer orações aos pequenos e ajudando a se afervorarem no amor de Deus e no desejo do baptismo alguns homens e cathecumenos, entre os quaes alguns o pedem com muita instancia. Esperamos por todas as vias fazer-lhes deixar os muitos maus costumes que têm, e desejamos congregar todos os que se baptisam apartados dos maus, e por isso ordenamos que Diogo Alvares fique entre elles como pae e governador, estando em bons creditos e muito na graça delles todos.

Ainda não podemos cumprir esta intenção, pela se ter denotado com peccio de guerra, pois certo é que alguns povos do mais longe têm em muito odio os Christãos e um escravo que em outro tempo fora christão tem sublevado a maior parte delles, dizendo que o Governador os quer matar a todos ou fazel-os escravos, e que nós procuramos os enganar, e a todos queremos

2º) Não declara a quem e dirigida mas deve ser a este Padre.

ver mortos, e que baptisar-se é fazer-se uma pessoa escravo dos Christãos e outras cousas semelhantes; juntamente com elle ainda fizeram pressão os peccadores portuguezes, e nao ha muito tempo que mataram em uma aldeia o filho de um Christao nascido de uma Negra da terra, o que trouxe muito resentimento ao Governador, e pensamos que será origem de um bom castigo e de grande exemplo aos outros Gentios, e talvez por meio se convertam mais depressa do que o fazem por amor; tanto vivem corrompidos nos costumes e apartados da verdade.

Fizemos construir em logar mais conveniente uma igreja onde os Christãos ouvem missa e junto uma casa onde o irmão Vicente Rodrigues e Simão Gonçalves 27) ensinam aos meninos, e existe entre a cidade e a aldeia ao pé de um rio um logar, segundo o parecer de todos os Irmãos, muito á proposito e conveniente para se fazer um collegio, como ja escrevi a Vossa Reverendissima.

Os meninos christãos e egualmente as mulheres sabem ja muito bem fazer as orações e assim os filhos dos catechumenos, os quaes não baptisaremos sinão quando esteja a terra mais pacifica.

O padre Antonio Pires está na cidade em outra casa que temos, e cura do ensino da doutrina christã e dos pobres nos hospitales, e diz missa e confessa, de modo que nos convergonha a todos nos com ser muito diligente em trabalhar na vinha do Senhor e em procurar soffrer por amor de Christo.

Na lingua deste paiz alguns somos muito rudes e mal exercitados, mas o padre Navarro tem especial graça de Nosso Senhor e esta parte, porque andando pelas aldeias dos Negros, em poucos dias que aqui estamos, se entende com elles e prega na mesma lingua e finalmente em tudo parece que Nosso Senhor lho presta favor e graça para mais poder ajudar as almas. A sexta-feira quando fazemos a disciplina, juntamente com muitos da terra e depois de predica sobre a Paixão de Christo, ainda elle se reúne a nós, nos outros dias visita ora um, ora outro logar da cidade e á noite ainda faz cantar aos meninos certas orações que lhes ensinou em sua lingua d'elles, em logar de certas canções lascivas e diabolicas que d'antes usavam. Remettendo-me aos Irmãos, não escreverei muitas cousas que aqui obra o Senhor por meio d'elles e que são, todavia, bastantes.

Não cantei, porém, esta que eu vi: o filho do senhor de uma aldeia que estava *in extremis*, de modo que estavam todos desesperados de que voltasse á vida e o pai chorava-o ja, vendo que nem mészilas nem encantamentos ou feitiços davam proveito;

27) Este Irmão foi admitido no Brasil Anchieta, *Cart. quad.*, de Maio a Set. de 1554, publ. nos *Ann. da Bibl. Nav.*, t. pg. 62).

sabendo o que, o padre Navarro foi vel-o e achiando-o no meio daquellas feitiçarias, começou de o reprehender e tirou-o d'alli para fora, pedindo ao pae do mancebo que couvesse em deital-o baptisar, e que só puzesse a esperança em Jesus Christo, o qual podia curar o seu filho.

Suspeitando o Negro que o Padre antes viera ajudal-o a morrer, como lhe haviam dito os feiticeros, nao quiz estar por mal e poz-se a fazer mofa.

E assim o Padre procurou-me para me perguntar si podia baptisar sem consentimento do pae, e porque São Thomaz diz que não se deve deixar de fazel-o quando de ante-mão se emprega diligencia em fazer que consinta, tal como fez com muitas e muy diligentes exhortações, e assim foi baptisado e aprouve depois ao Senhor restituir-lhe a saude com muita edificação dos outros e grande credito do padre Navarro; de maneira que todos se querem baptisar e aprendem a doutrina e o mesmo Chelo com toda a aldeia nada fazem sinão o que lhes manda o Padre, e porque d'antes costumavam por pouca cousa matarem-se uns a outros e comeram carne humana, ao encontrar o Padre em qualquer casa, logo se excusam dizendo que não mataram pessoa alguma e muito menos da gente em cujo logar elle está. Em outra aldeia de Christãos que tinhamos, baptisados, um dia os Gentios comeram uma perna de um inimigo que tinham trazido da guerra, mas secretamente e sem fazer as festas do costume; e porque nunca o soubessemos e porque ali se achava uma mulher christã, foi esta muito espantada pelo marido, o qual veio a ter comosco, excusando-se com declarar que não comia carne humana. Fiz por esta razão congregar os Christãos todos para exhortal-os a abandonar esses costumes tão brutos, e porque muito se envergonhava aquella mulher de vir à nossa presença, serviu isto de edificante exemplo.

Quando alguns enfermam mandam-nos chamar para que lhes demos remedio e desta sorte muitos têm recobrado a saude por graça de Deus, pelo que muito se tem nelles augmentado a Fé christã.

O padre Leonardo Nunes fez muito fructo em Ilhéos, juntamente com o irmão Diogo Jacome, n'o só em predicas, mas em ensinar aos meninos. No dia de Todos os Santos 28) partinos, elles e eu, com a armada que veio visitar a costa, e chegando a Ilhéos encontramos o irmão Diogo Jacome 29) doente de febre, mas ligeiramente, depois ponde rebaver a saude por graça de Deus. Dahi seguimos até a fortaleza e guarnição de Porto Seguro, onde achamos toda a terra revirada pelas muitas inimidades que ali havia, e quiz o Senhor que por taes voltas conhecessemos todos,

28) 1.º de Novembro de 1549.

29) Como se vê, aqui ha engano; provavelmente deve ser outro.

que elle veio para trazer a paz à terra, porque muitos se reconciliaram com seus inimigos, perdendo todas as injurias. Aqui ficaram o padre Leonardo e irmão Diogo Jacome, buscando a crescer o fructo nas almas, começado antes por alguns Padres Hespanhoes, como ja escrevi a Vossa Reverendissima.

Para S. Vicente foram-se dez ou doze (30) com o padre Leonardo, não podendo ir mais por ser a embarcação pequena. Quando vier o Governador mandaremos os outros. Neste comens fara o padre Leonardo algum fructo e sabe Vossa Reverendissima que elle é forte na pregação, e quando vamos juntos os dons, elle me parece o meu Aarão e eu o seu Moysés.

Diogo Jacome e eu ficamos neste Porto Seguro. Eu prego os domingos e festas, elle ensina a doutrina christã e ja os meninos estão bem adiantados nella. Esta festa de Natal confessamos muita gente por graci do Senhor, de modo que se faz ainda assim algum fructo, bem que a tudo impidam os meus peccados. Neste Porto Seguro e em Ilhéos encontrei uma certa gente que é casta de Topinichins, entre os quaes existem muitos dos nossos e dos naturaes, ainda que dos Christãos tenham muitos maus exemplos e escandalos, e me parece gente mais mansa que a da Bahía e se mostram sempre amigos; e entre esses ha cerca de 20 ou 30 christãos e alguns que foram baptisados por certos Padres que mandou a boa memoria d'El-rei Dom Manoel à este paiz, os quaes Padres foram mortos por culpa dos mesmos Christãos, segundo ouvi. Vivem elles à maneira de Gentios, por carencia de quem lhes apoite a verdade, e posto veaham alguns a missa na matriz, seria necessario que alguns Irmaos houvessem por ajudar os Christãos e mesmo converter os Gentios. Visitei algumas aldeias delles e acho-lhes bons desejos de conhecer a verdade; e instavam para que ficasse no meio delles, e si bem seja difficil fazer desarrugar aos mais velhos as suas más usaneas, com os meninos, porém, se pode esperar mu to fructo, porque não se oppoem quasi nada à nossa lei e assim me parece que esteja aberta a porta para muito ajudar as almas nesta terra (ainda que aquelles que *dicit hominem, malum, et malum hominem*, pensam diversamente), pois que não tem feito resistencia nem matado aos que queriam fazel-os christãos e se deixam arrastar para a Fè, conquanto não sejam induzidos pelos Christãos que aqui vêm com o exemplo ou com a palavra ao conhecimento de Deus, mas antes os chamam cões e fazem-lhes todo o mal. E toda a intenção que trazem é de os enganar, de os roubar e por isso permitem que vivam como Gentios sem a sciencia da lei e têm praticado muitos desacatos e assassínios, de sorte que

quanto mais males fazem *vident obsequium se prestare Deo* e assim é de todo perdido nesta terra o zelo e a caridade para com as almas que tanto ama o Senhor.

E dahi vem o pouco credito que gozam os Christãos entre os Gentios os quaes não estimam mesmo nada, sinão vituperam aos que de primeiro chamavam santos e tinham em muita veneração e ia tudo o que se lhes diz hereditam ser manha ou engano e tomam à sua parte. Esses e outros grandes males fizeram os Christãos com o mau exemplo de vida e a pouca verdade nas palavras e novas crueldades e abominações nas obras. Os Gentios desejam muito o commercio dos Christãos; pela mercancia que fazem entre si do ferro e disto nascem da parte destes tantas cousas illicitas e exorbitantes que nunca as poderei escrever, e não pequena dor sinto n'alma, maxime considerando em quanta ignorancia vivem aquelles pobres Gentios e que podem o pão do verbo de Deus e da santa Fé, sem haver *qui frangat eis*.

A Vossa Reverendissima direi uma cousa mais para se lastimar do que se escrever; um sacerdote da religião, communicado do Diabo, levou um dia o principal de uma aldeia ao seu adversario para fazel-o matar e comer, o que não querendo pôr em pratica o adversario, allegando que para tal effeito quizera apanhal-o na guerra e não por astucia, o sacerdote começou de incital-o chamando-o vil e pusillanime por não matar o seu inimigo, tanto que o fez e o comen, sem outro proveito daquelle Religioso sinão que teve ao sei que pouca de fazenda. Egnacs casos frequentes vezes acontecem e por isto digo que quanto mais longe estivermos dos velhos Christãos que aqui vivem maior fructo se fará.

Chegarão aqui dous Padres de Santo Antonio, os quaes estiveram alguns mezos neste Porto Seguro e deixaram de si muito bom exemplo e grande nome pelas suas virtudes e eram Italianos, mas querendo passar para além para os Gentios, desejosos de soffrerem pela Fé, a umas dez millias daqui um delles se affogou em um rio (que eu já atravessei com muito pouco perigo) e por isso voltou o outro a procurar um companheiro, e onde pareça que Nosso Senhor com esses signaes nos chama a nos para tal empreza, elle nos dê as forças e a graça de servir-o em toda a parte.

Visitando estas aldeias encontrei um menino de tres ou quatro annos, que alguns o tendo tirado aos adversarios queriam matar e comer, cousa na verdade digna de grande lastima, e é tão difficil fazer o resgate com esta geração de Tupiniquins como nunca se poderia imaginar, de modo que não nos foi possível rebavel-o, mas por graça de Deus, de tal sorte obreei que consegui baptisal-o e a outros que haviam na prisão, para o mesmo fim. Visitando os povos visinhos desta terra, confessei a muitos e grande fructo se fez, porque muitos deixaram os peccados e tomaram por mulheres as concubinas ou as abandonaram, posto

que entre estes se vêm muitos Christãos que estão aqui no Brasil, os quaes tem não só uma concubina, mas muitas em casa, fazendo baptisar muitas escravas sob pretexto de bom zelo e para se amancebar-n com ellas, cuidando que por isso não seja peccado, e de par com estes estão alguns Religiosos que cahem no mesmo erro de modo que podemos dizer: *Omnes commixti sunt inter gentes et dilicerunt opera eorum.*

Muitos Christãos, por serem pobres se tem casado com as Negras da terra, mas bastantes outros tencionam voltar ao Reino e não queremos absolvel-os (ainda que tenham filhos) por se terem casado em Portugal e antes muito os reprehendemos nas predicas. Si El-Rei determina augmentar o povo nestas regiões, é necessario que venham para se casar aqui muitas orphãs e quaesquer mulheres ainda que sejam erradas, pois tambem aqui ha varias sortes de homens, porque os bons e ricos darão o dote ás orphãs. E desta arte assaz se previne a occasião do peccado e a multidão se augmentará em serviço de Deus.

Nesta terra, todos ou a maior parte dos homens, tem a consciencia pesada por causa dos escravos que possuem contra a razão, além de que muitos, que eram resgatados aos paes não se isentam, mas ao contrario ficam escravos pela astucia que empregam com elles e por isso poucos ha que possam ser absolvidos, não querendo abster-se de tal peccado nem de vender um a outro, posto que nisto muito os reprehenda, dizendo que o pae não pode vender o filho, salvo em extrema necessidade, como permittem as leis imperaes, e nesta opinião tenho contra mim o povo e tambem os confessores daqui e assim Satanaz tem de todo presas as almas desta mane ra e muito difficil é tirar este abuso, porque os homens que aqui vêm não acham outro modo sinão viver do trabalho dos escravos, que possuem e vão buscar-lhes o alimento, tanto os domina a preguiça e são dados as cousas sensuaes e vicios diversos e nem curam de estar excomungados, possuindo os ditos escravos.

Pois que nenhum escrupulo fazem os sacerdotes daqui, o melhor remedio destas cousas seria que o Rei mandasse inquisidores ou commissarios para fazer libertar os escravos, ao menos os que são saltcados e obrigar-os a ficar com os Christãos até que larguem os maus costumes do Gentio já baptisados e que a nossa Companhia houvesse delles cuidado, amestrando-os na Fe, da qual pouco ou nada podem aprender em casa dos senhores e antes vivem como Gentios, sem conhecimento algum de Deus. E com esta base poderemos principiar a ogreja do Senhor na capital onde se casariam e viveriam junto do nós Christãos.

Vossa Reverendissima faça encomendar isto a Deus pelos Padres e Irmãos, conseguindo tambem de Sua Alteza que ponha aqui qualquer ordem conveniente. Seria ainda muito a proposito e de grande proveito, haver licença da Sé Apostolica

para fazer-se regulamento e outras cousas necessarias sobre a restituicão dos ditos escravos saltados porque já passaram a terceiros, e sobre os salarios que lhes devem e sobre outras cousas injustas, pelo que não se pode mais restituir aos mesmos e cousas eguaes que todos os dias acontecem, por amor dos quaes bom expediente seria que tivéssemos da Sê Apostolica a facultade de absolver e consolar muitas almas, maxime não havendo aqui Bispo ou Vizario Geral, bem que tenhamos esperanza de que o haja em breve.

Deus queira que nos venha de tal obliçãõ que delle se possa dizer: *Qua episcopatum desiderat, id est bonum unius*, e não que venha para enriquecer, porque a terra é pobre, sinão para alcançar as ovelhas desencaminhadas do rebanho de Jesu Christo e ainda que muitas ha aqui, que *omnibus sicut ea ejus ovili, tamen oportet illas adducere ut sit unus Pastor et unum ovile et recumbant cum Abraham, Isaac et Jacob in campo colorum si quidem unum filii Regni se indignos faciunt*. E si, entretanto, por meus peccados nao se puder introduzir aqui a justiça ecclesiastica, deveria ao menos Sua Alteza conter a esses amanceitados sob as penas que merecem, e com maior razão isto se alcançaria, como disse, mandando para cá mulheres, e tão mau exemplo se deixaria de dar aos fiéis que vêm estas cousas.

Recebemos aqui tudo segundo nos haveis escripto, isto é, duas caixas com os livros e ornamentos para as egrejas, os quaes eram muito necessario, porque com a ajuda do Senhor se farão egrejas em muitos logares. Quizeramos que nos mandasseis mais algumas campanhas pequenas e grandes e egualmente calices, ainda que sejam de metal, não podendo mais ser, e tudo o que é preciso para a missa, como vinho e farinha, mas acima de tudo, muitos Irmãos para plantarem esta nova vinha do Senhor.

Esperamos tambem resposta de Vossa Reverendissima para começar o collegio do Salvador na Bahia, no qual não tanto gastaremos como pensaes, porém com cem erusulos se poderão fazer moradias de taipa que bastem para principiar.

Os estudantes com pouco se manterão. Poder-se-hia até fazel-as de pedra, si assim parece a Vossa Reverendissima, porque agora ha muito boa cal.

Alguns Padres d'aqui nos inquirim sobre a facultade que temos de confessar e absolver, por isso desejaría poder-lhes mostrar. Vossa Reverendissima veja si o faz pelos primeiros que para cá venham, interpondo-nos a auctoridade do legado ou de outros quaes-quer que portem fe.

Esta terra, como já escrevi a Vossa Reverendissima, e muito sã para habitar-se e assim averiguamos, que me parece a melhor que se possa achar, pois que desde que aqui estamos nunca ouvi dizer que morresse alguém de febre, mas somente de velhice, e muitos de mal gallico; para a hydrophisia não é boa por serem imundos os alimentos. A agua é muito boa, a terra é natural-

mente quente e humida. Para se estar de saúde, é preciso trabalhar e suar como faz o padre Navarro. Todas as comidas são muito dillíceis de desgastar, mas Deus remediou a isto com uma herba 31), cujo fumo muito ajuda a digestão e a outros males corporaes e a purgar a flemma do estomago. Nenhum de nosso Irmãos a usa e nem assim os outros Christãos por não se conformarem com os Indios, que muito a apreciam. Tinha muita precissão por causa da humidade e do meu catarrho, mas abstenho-me considerando *non quid mihi utile est sed quod multis ut salvi fiant.*

Ate agora os negociantes e forasteiros não têm feito fazendas com medo de serem saltados pelos Genticos. Si vier mais gente e tiver segura a terra, espero em Jesus Christo que muitos e não perdidos frutos se farão em servigio de Deus com os Genticos os quaes se hão de baptisar.

Dizem que aqui se encontrara grande quantidade de ouro que pelas poucas forças dos Christãos não está descoberto, e

31) Damão de Goes (*Chron. de D. Manuel*, ed. de Lisboa, 1566-67, p. 1.^a, cap. 56, fl. 52), tratando das herbas do Brasil diz: « e a que chamamos do fumo e em chamam a herba Santa, a que dizem que elles (Indios) chamam *Petun*. . . Esta herba trouxe primeiramente a Portugal Luiz de Goes, que depois sendo viuvo se fez na India das da Companhia do nome de Jesu. »

Também, que escreveu *Petun*, foi quem o introduziu em França e não nosa (V. Gallard), na *Not. hist.*, que precede a nova ed. das *Singulieritez de la Roüme Antroptique*.

Hans Staden, escreve o *Bittin*; Levy, *Petun*; Cartão (*Do petu*, e *not. das Ind. do Brasil*, 1881, pg. 11), *Petiqua*, e observa o Dr. Baptista Caetano na nota correspondente a esta palavra: « Muito frequentemente o *y* guttural é expresso pelos portuguezes (inclusive Anchieta) por *iq* em vez de o *sr* por *y*, como posteriormente se observá mais usado até em Guarani). *Pety* ou *petya* ou *petyua* e também *petua*, e nome indiano da Nicotiana (tabaco) e o verbo brasileiro *petar* vem evidentemente de *pety* ou (tomar ou chupar o *petun*). A palavra *petu*, exprimindo « cachimbo », evidentemente vem do verbo *petar* por um processo de derivatio interamete á pronuncia, tal e qual « cachimbo » é « cachimbar », « mando de « mandar » e castigo » de « castigar », etc. E de notar-se que no Chilliuzi ha *pitica* (tabaco), *pitica* (petar, tomar o tabaco) e *pitica* (petar-se). O *Dr. de Chilliduzi* escreve exactamente o *y* da Abacozia. » Gabriel Soares diz: « *Petun* é a herba a que em Portugal chamam Santa. » No Vocabulario guarani do XVI. seculo, ainda referido. V-se: *Petiqua* (*petyua*), e no *Dicc. Port. Bras.*, *Petun*, *Mochova* escreve *Petü*.

Pogo Seguro (Comm. á G. Soares, pg. 392), referindo-se a Luiz de Goes, acrescenta: « E de quem nenhum botânico tem feito caso até hoje, apesar do serviço que fez, muito maior do que Nest. »

Luiz de Goes era irmão de Pero de Goes com quem veio ao Brasil para a donataria de Catupós. (P. Seg., *Hist.*, pg. 191.)

egualmente pedras preciosas. Deus queira que o verdadeiro thesouro e as verdadeiras joias, isto é, as almas suas que estão nas trevas, comecem à ver a luz como esperamos que será, mediante a sua misericórdia.

Os nossos Irmãos estão todos de saude. Dois que admitti em Porto Seguro foram para a Bahia e são de muito boas partes. Queira Deus Nosso Senhor que para cá venham muitos Irmãos plantar esta sua vinha e nos de tambem graça abundante e força para servir a Sua Magestade e sem dizer mais nada sobre isto, pedindo a benção de Vossa Reverendissima nos recommendamos as orações de todos os Padres e carissimos Irmãos nossos em Jesus Christo.

Deste Porto Seguro, a 6 de Janeiro de 1550.

Indigno filho de Vossa Reverendissima em Christo Nosso Senhor.

Foi publicada em italiano no 3.º vol. (1550) dos *Discorsi arisi*. Não existindo aqui esta collecção completa, o illustrado e prestimoso Sr. Conselheiro J. M. da Silva Paranhos enviou-me a copia de que me servi, ex rubrica do exemplar da Bibl. Nacional de Paris.

A traducção brasileira é devida ao Sr. João Ribeiro Fernandes.

VII

AOS PADRES E IRMAOS.

(1551)

Gentios e Christaos.— Casamentos.— Padre Navarro.— Os orphãos de Lisboa.— Pernambuco.— Perda de dois barcos de Indios na Bahia.— O Governador determina correr a costa.— Estado de Pernambuco.— Maus costumes dos clerigos.— Obras da casa da Bahia.

Em estas partes depois que cá estamos, clarissimos Padres e Irmãos, se fez muito fructo. Os Gentios, que parece que punham sua bemaventurança em matar os contrarios e comer carne humana e ter muitas mulheres, se vão muito emendando, e todo nosso trabalho consiste em os apartar disto; porque todo o demais é facil, pois não tem idolos, ainda que ha entre elles alguns que se fazem santos, e lhes promettem saúde, e victoria contra seus inimigos.

Com quantos Gentios tenho fallado nesta costa em nenhum achei repugnancia ao que lhe dizia. Todos querem e desejam ser christãos; mas deixar seus costumes lhes parece aspero. Vão contudo pouco a pouco cahindo na verdade.

Os escravos dos Christãos e os mesmos Christaos muito se têm emendado, e certo que as capitãias que temos visitado têm tanta differença do que dantes estavam, assim no conhecimento de Deus, como em obrar virtude, que parece uma Religião. Fazem-se muitos casamentos entre os gentios, os quaes em a Bahia estão junto à cidade, e têm sua igreja junto a minha casa, onde nos recolhemos, em a qual reside agora o padre Navarro. Estes determinamos tomar por meio de outros muitos, os quaes esperamos com a ajuda do Senhor fazer christaos. Tambem procuramos de haver casamentos entre elles e os Christãos. Nosso Senhor se sirva de tudo, e nos ajude com sua graça que trabalhemos, que todos venham a conhecimento de nossa Santa Fé, e a todos a ensinemos, ue a queiram ouvir, e ulla aproveitar-se. Principalmente pretendemos ensinar tem os moços, porque estes hem doutrinados e acostumados em virtude, serão firmes e constantes, os quaes seus paes deixam ensinar e folgam com isso, e por isso nos repartimos pelas capitãias, e

com as linguas que nos acompanham nos occupamos nisto; aprendendo pouco a pouco a lingua, para que entremos pelo sertão dentro, onde ainda não chegaram os Christãos, e tenho sabido de um homem Gentio que está nesta terra, que vivem em obediencia de quem os rege e não comem carne humana, andam vestidos de pelles, o que tudo é uma disposição para mais facilmente se converterem e sustentarem. Isto será o primeiro que commetteremos, como Vossa Reverendissima mandar quem sustente est'outras partes, e as quaes por cada uma das capitánias tenho ordenado que se façam casas para se recolherem e ensinarem os moços dos Gentios, e tambem dos Christãos: e para nellas recolhermos algumas linguas para este effeito.

Os meninos orphãos, que nos mandaram de Lisboa, com seus cantares attrahem os filhos dos Gentios e edificam muito os Christãos. Em esta capitania de Pernambuco, onde agora estou, tenho esperança que se fará muito proveito, porque, como é povoada de muita gente, ha grandes males e peccados nella. Andam muitos filhos dos Christãos pelo sertão perdidos entre os Gentios, e sendo Christãos vivem em seus bestiaes costumes. Espero em Nosso Senhor de os tornar a todos a virtude christã, e tirar-os da vida e costumes gentilicos, e o primeiro que tenho tirado é esse que lá mando, para que, si acharem seu pae, lh'o dem. Os Gentios aqui vêm de muito longe a ver-nos pela fama, e todos mostram grandes desejos. É muito para folgar de os ver na doutrina, e, não contentes com a geral, sempre nos estão pedindo em casa que os ensinemos, e muitos delles com lagrimas nos olhos.

Escreveram-me agora da Bahia que á partida se haviam perdido dous barcos de Indios que iam a pescar, em os quaes iam muitos, assim dos que eram já christãos, como dos gentios. E aconteceu que todos os Gentios morreram e escaparam os christãos todos, até os meninos que levavam consigo. Parece que Nosso Senhor faz tudo isto para mais augmentar sua Santa Fé.

O Governador determina de ir cedo a correr esta costa e eu irei com elle, e dos Padres que Vossa Reverendissima mandar levarei alguns comigo, para deixar as capitánias providas. El-Rei Nosso Senhor escreveu ao Governador que lhe escrevesse si havia já Padres em todas, as quaes, sem ficar nenhuma, temos visitado, e em todas estão Padres sinão em esta de Pernambuco, que é a principal e mais povoada, e onde mais aberta está a porta, á qual até aqui não tinhamos vindo por falta de embarcação, e por sermos poucos.

Os clérigos desta terra têm mais officio de demonios que de clérigos: porque, além de seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado com suas negras, pois que são suas escravas e que podem ter os salteados, pois que são cães, e outras cousas semelhantes, por escutar seus peccados

e abominações, de maneira que nenhum Demônio, temo agora que nos persiga, sinão estes.

Querem-nos mal, porque lhes somos contrarios a seus maus costumes e não podem soffrer que digamos as missas de graça, em detrimento de seus interesses. Cuido que, si não fora pelo favor que temos do Governador e principaes da terra, e assum porão Deus não o quer permittir, que nos tiveram já tradas ás vidas. Esperamos que venha o Bispo, que proveja isto com temor, pois nós outros não podemos por amor.

A casa da Bahia, que fizemos para recolher e ensuar os moços, vai muito adeante, sem El-Rei ajudar a nenhuma cousa, somente as esmolas do Governador e de outros homens virtuosos. Quiz-nos o Senhor deparar um official pedreiro, e este a vai fazendo pouco a pouco; tem já feito grande parte da casa e têm tambem cercadas as casas de uma tupa muy lorte.

Christo Nosso Senhor nos cerque com sua graça nesta vida, para que na outra sejamos recebidos em sua gloria. Amen.

(De Pernambuco, 1551).

No cod. da Bibl. Nac. traz no fim — 1549, data errada e que está em desacôrdo até com a que vem no titulo — 1551. Foi escripta em Pernambuco nesse anno e, segundo Barbosa Machado, a 11 de Agosto.

No original foi publicada pela primeira vez no t. VI (1844) da *Rev. do Inst.*, pp. 104/106, e d'ahi transcripta no *Ostensoy Brasileiro*, t. I (1844-46), pp. 228/229, e na *Chron. de S. Vascócellos*, ed. de Lisboa de 1865, vol. 2.º, pp. 309/311.

Em italiano anda sem o nome do auctor nem data no vol. 1.º (1808) dos *Diceri avisi*, ed. de Venza, ff. 48/50.

O original conservava-se no archivo do Collegio de S. Roque, diz Barbosa Machado.

VIII

PARA OS IRMÃOS DO COLLEGIO DE JESUS DE COIMBRA.

(1551)

Chegada a Pernambuco. — Padre Antonio Pires. — Fructo feito entre Indios e Christãos. — Orlas reconciliadas. — Maus exemplos dos sacerdotes. — Uma India moirinha. — Casamentos. — Predicas e confissões. — Duarte Coelho.

Porque me quero consolar escrevendo-vos, clarissimos Irmãos, escrevo esta e não por ter novas que vos escrever, porque vossos Irmãos que cá estão têm este cuidado. De cá vos estou contemplando e pelos cubieulos visitando e com o coração amando e somente em os Ceus vos desejo ver e lá vos aguardar. E isto porque o Senhor Jesu Christo e bom e vós, clarissimos, muitas vezes lhe rozaos por mim. Porque, segundo crescem meus peccados e desvios, já tudo se perdéra si tantos Moyses não tiveram de continuo cuidado de mim.

Haverá um mez pouco mais ou menos que chegamos a esta capitania de Pernambuco. 32) o padre Antonio Pires e eu, a qual nos faltava por visitar e tinha mais necessidade que nenhuma outra por ser povoadá de muito e ter os peccados mui arraigados e velhos. E' feito muito fructo, gloria ao Senhor, por meio destes dois pobres, ou, por melhor dizer, por meio de vossas orações e pela fama da Companhia, a qual é cá tida em muita veneração. Em somente verem que somos membros della (posto que eu padre e prouve-se a Nosso Senhor que não cortado) isto faz em todos abato, a emendar-se de suas vidas. Os mais aqui tinham Indias de muito tempo de que tinham filhos e tinham por grande infâmia casarem com ellas. Agora se vão casando e tomando

32) O padre Antonio Pires em carta aos Irmãos da Companhia datada de Pernambuco a 2 de Agosto de 1551, diz: « Desta capitania de Pernambuco não haverá poucos dias que o padre Nobrega e eu somos chegados. » Ainda na mesma carta acrescenta: « O padre Nobrega e eu partimos haverá 15 dias ou 20 para es a capitania de Pernambuco, onde ha 6 ou 7 dias q e somos chegados. »

Assim os Jesuitas entraram pela primeira vez em Pernambuco entre 27 e 28 de Julho de 1551.

vida de bom estado. São feitas muitas amizades porque esta capitania estava em bandos com os principaes da terra, e os fizemos amigos á porta da igreja com que já todos estão em paz. Havia muitas moças fillas de Christãos dadas á soldada a solteiros, com que publicamente peccavam e d'iva-ll'as a Justiça; ill-as ajuntar em casa de casados virtuosos e agora se vão casando e amparando Pelo sertão ha muitos, assim machos como femas e algumas já mulheres, fillos de Brancos. Damos ordem a se tirarem todos e já são fora alguns, dos quaes já la mandei um mancebo que estava perdido e comia carne humana com o Gento para lá servir e ter alguma noticia da Christandade.

Havia cá mui pouco cuidado de salvar almas; os sacerdotes que cá havia estavam todos nos mesmos peccados dos legos, e os demais irregulares, outros apostatas e excommungados. Alguns conheceram seu peccado e principalmente um pediu perdão a todo o povo com muita edilicção. Alguns que foram contumaces não dizem mi-sa e andam como encartados sem apparecerem, por seus erros serem mui publicos e escandalosos; os outros nos amam muito. Estavam os homens cá em uma grande abusão que não commungavam quasi todos por estarem amancebados, e todavia os absolviam sacramentalmente, de maneira que pelas Constituições ficavam excommungados e homens que havia 20 annos que estavam nesta terra sem commungarem. Tudo se vai remediando como Nosso Senhor ensina. As Indias forras que ha muito que andam com os Christãos em peccado, trabalhamos por remediar por não se irem ao sertão porque são christãs e lhes ordenamos uma casa á custa dos que as tinham para nella as recolher e d'alli casarão com alguns homens trabalhadores pouco a pouco. Todas andam com grande fervor e querem emendar-se de seus peccados e so confessam já as mais entendidas e sabem-se mui bem accusar. Com se ganharem estas se ganha muito, porque são mais de 40 só nesta povoação, afora muitas outras que estão pelas outras povoações, e acarretam outras do sertão, assim já christãs como ainda gentias. Algumas destas mais antigas pregam ás outras. Temos leito uma dellas meirinha, a qual é tão diligente em chamar á doutrina que o para louvar o Nosso Senhor: estas, depois de mais arraizadas no amor a conhecimento de Deus, hei de ordenar que vão pregar pelas aldeias de seus parentes e certo que em algumas vejo claramente obrar a virtude do Allíssimo. Ganharemos tambem que estas nos trarão meninos de Gento para ensinarmos e criarmos em uma casa que para isso se ordena e ja fazem nella com muita pressa e fervor todo o povo assim homens como mulheres. Muitos casamentos tenho acertado com estas forras: querera Nosso Senhor por esta via accrescentar sua Fé Catholica e povoar esta terra em seu temor e será facil cousa casar todas

porque como os não absolvem e lhes mandarem tomar estado, hão-se de casar e mo puderem os homens, como a experiencia das outras capitãias nos tem ensinado, onde se casaram todas quantas negras forras havia entre Christãos.

Ha cá muita somma de casados em Portugal que vivem cá em graves peccados: a uns fazemos ir, outros mandam basear suas mulheres. Porém de tudo o que me alegra mais o espirito é ver por experiencia o fructo que se faz nos escravos dos Christãos, os quaes com grande desenido dos seus senhores, viviam gentilmente em graves peccados. Agora ouvem missa cada domingo e festa e têm doutrina e pregação na sua lingua ás tardes. Andam taes que assi festas como pela semana o tempo que podem furtar vem a que lhe ensinemos as orações e muito antes de irem pescar ou a seus trabalhos hão de ir resar á egreja e o mesmo da tornada antes que entrem em casa. E destes é a multidão tanta que não cabem na egreja e muitas vezes é necessario fazerem duas equipações delles, de maneira que assi nós como os meninos orphãos, é necessario o mais do tempo gastalo com ellos.

Os que estão amancebados com suas mesmas escravas, fazemos que casem com ellas e, por ser costume novo a seus senhores, hão medo que casando lhes fiquem forras, e não lho podemos tirar da cabeça. Isto é coisa mui proveitosa para estas partes; e para S. Thomé e outras partes onde ha fazendas de muitos escravos, devia El-Rei de mandar enganar aos senhores, que não fleam forros, porque isto atrecciam: que d'outra maneira todos os casariam.

Destes escravos e das pregações, corre a fama ás aldeias dos Negros, de maneira que vem a nós de mui longe a ouvir nossa pratica. Dizemos-lhes que por seu respeito principalmente viemos a esta terra e não por os Brancos. Mostram grande vontade e desejos de os conversarmos e ensinarmos. Mui facil cousa é serem todos christãos si houver muitos obreiros que os conservem em bons costumes, porque d'outra maneira far-se-a a grande injuria ao Sacramento.

Vinde, charissimos Irmãos, ou chorai tanto que Nosso Senhor vol-o outorgue. Em todas as capitãias se ordenam casas para os filhos do Gentio se ensinarem, de quo se creó resultar grande fructo e para mais em breve o Senhor ajuntar seus escolhidos que nesta gentildade tem. Em prego domingos e festas duas vezes a toda a gente da villa que é muita e ás sexta-feiras tem pratica com disciplina com que se muito aproveitam todos. Não se confessando e juntamente fazendo penitencia. Assi em Brancos como nos Indios ha grande fervor e devoção. O Capitão desta capitania 33) e sua mulher são mui virtuosos e somente por

33) Duarte Coelho, a quem coube a donavaria. Sua muller chamava-se Brites de Albuquerque, mas Fr. Vicente de Salvador (*Hist. do Bras.*, t. 2.^o, c. 8.^o e 10.^o) chama-a Beatriz.

ignorancia se deixavam de fazer muitas cousas do serviço do Nosso Senhor; muito nos favorecem e ajudam em tudo.

Isto vo, quiz escrever assim em breve para que vejaes, clarissimos, quanta necessidade ca temos de vossas orações. *Non solum vobis adi-mis*: um corpo somos em Jesus Christo; si lá nao sustentardes, este vosso membro perecera.

Com as novas e cartas que recebemos nos alegramos muito no Senhor. Queira elle sempre augmentar o fervor com que se obra, pois é por seu amor: e grande cousa é a India e o fructo d'ella, e eu em muito tenho tambem o que se ca fara, si vós vierdes, carissimos. Lá converter-se-ão muitos reinos e casalvar-se-ão muitas almas, e das mais perdidas que Deus tem em todas as gerações. Me agora pouco podemos conversar o Gentio, porque os Christãos estavam taes que nos occupam muito suas confissões e negocios com elles. Das outras partes creio que vos terão escripto os irmãos. *Valete, mi fratres.*

Desta capitania de Paramambuco, a 13 de Setembro de 1551.

Inedita. O original, segundo Barbosa Machado, conservava-se no archivo do Collegio de S. Roque.

IX

A' EI-REI (D. João III).

(1551)

Maus costumes de Pernambuco.— Os ecclesiasticos.— Odios.— Reconciliações.— Duarte Coelho.— Pragações.— O Gentio da terra.— Necessidade do Padres e Irmãos.— Os escravos.— O Collegio da Bahia.— Pedido de escravos do Reino.— Thomé de Sousa.— Noticias do ouro.

JESUS.

A graça e amor de Christo Nosso Senhor seja com Vossa Alteza sempre. Amen.

Logo que a esta capitania de Duarte Coelho chegamos, outro Padre e eu, escrevi a Vossa Alteza dando-lhe alguma informação das cousas desta terra, e por ser novo nesta capitania e não ter tanta experiencia della, me ficara por escrever alguma cousa que nesta supprirai.

Nesta capitania se vivia muito seguramente nos peccados de todo o genero, e tinham o peccar por lei e costume; os mais ou quasi todos não commungavam nunca e a absolvição sacramental a recebiam perseverando em seus peccados. Os ecclesiasticos que nheci, que são cinco ou seis, viviam a mesma vida e com mais escandalo e alguns apostatas, e por todos assim viverem não se estranha peccar. A ignorancia das cousas da nossa Feo catholica e era muita e parece-lhes novidade a pragação d'ellas. Quasi todos têm negras forras do gentio e quando querem se vão para os seus.

Fazem-se grandes injurias aos Sacramentos que ea se ministram.

O sertao esta cheio de filhos de Christãos, grandes e pequenos melhos e femens com viverem e se crearem nos costumes do gentio. Havia grandes odios e bandos. As cousas da Igreja muy mal regidas, e as da Justiça pelo consequente; finalmente *conversati sub inter gentes et didicerunt opera eorum*. Começamos com a ajuda de Nosso Senhor a entender em todas estas cousas e

faz-se muito fructo e já se evitam muitos peccados de todo o genero, vão-se confessando e emendando e todos querem mular seu mau estado e vestir a Jesu Christo Nosso Senhor. Os que estavam em odio se reconciliaram com muito amor, vão-se ajuntando os filhos dos Christãos que andam perdidos pelo sertão e já são tirados alguns e espero no Senhor que os tiraremos todos. E posto que por todas as outras capitánias houvesse os mesmos peccados e, porém, não são arraigados, como nesta, e deve ser a causa por que foram já mui castigados de Nosso Senhor, e peccavam mais a medo, o está não.

Duarte Coelho e sua mulher são tão virtuosos quanto é a fama que tem, e certo creio que por elles não castigou a justiça do Altissimo tantos males até agora e, porém, e já velho e falta-lhe muito para o bom regimento da Justiça e por isso a jurisdicção de toda a costa devia de ser de Vossa Alteza.

Com os escravos que são muitos se faz muito fructo, os quaes viviam como gentios sem terem mais que serem baptisados com pouca reverencia do Sacramento. Das pregações e doutrina que lhes fazem corre a fama a todo o Gentio da terra e muitos nos vêm ver e ouvir o que de Christo lhe dizemos e, segundo o fervor e vontade que trazem, parecem dizer o que outros Gentios diziam a S. Philippe: *Voluntas Jesum videre*: esperam-nos em suas aldeias e promettem fazerem quanto lhe dissermos.

Este Gentio está mui aparelhado a se nelle fructificar por estar já mais domestico e ter a terra Capitão, que não consentiu fazerem-lhe agravos como nas outras partes. O converter todo este Gentio é mui facil cousa, mas o sustental-o em bons costumes não pôde ser sinão com muitos obreiros, porque em cousa nenhuma crêm e estão papel branco para nelles escrever a vontade, si com exemplo e continua conversação os sustentarem. Eu quando vejo os poucos que somos, e que nem para acudir aos Christãos lastamos, e vejo perder meus proximos e creaturas do Senhor a mingua, tomo como remedio chamar ao Criador de todos e a Vossa Alteza que mandem obreiros e a meus Padres e irmãos que venham.

Damos ordem a que se faça uma casa para recolher todas as moças e mulheres do Gentio da terra que ha muitos annos que vivem entre os Christãos e são christãs e têm filhos dos homens brancos e os mesmos homens que as tinham ordenem esta casa porque alli, doutrinadas e governadas por alguns velhas dellas mesmas, pelo tempo em diante muitas casarão e ao menos viverão com menos occasião de peccados, e este é o melhor meio que nos pareceu por se não tornarem ao Gento. Entre estas ha muitas de muito conhecimento e se confessam e sahem bem conhecer os peccados em que viveron e as que mais fervor têm pregam as outras, e assim destas como dos escravos somos importunados de continuo para os ensinar, de maneira que assim

os meninos orphãos que commoseo temos como nós, o principal exercicio e ensinal-os. Com estas forras se ganharão muitas já christas que pelo seplão andam e assim muitos meninos seus parentes do Gentio para em nossa casa se enstuaarem, alem de outros muitos proveitos, que disto a gloria de Nosso Senhor resultara e a terra se povoara em tenor e conleicimento do Criador.

Por toda e da cada ha muitos homems casados em Portugal e vivem ca em grandes peccados com muito proujizo de suas mulheres e filhos, e devia Vossa Alteza mandar nos Capitães que nisto tenham muito enbido.

Nestas partes ha muitos escravos e todos vivem em peccado com outras escravas; alguns dos laes fazemos casar, outros recebem ficaram seus escravos forros e não onstam a casal-os. Sena serviço de Nosso Senhor mandar Vossa Alteza uma provisao em que declare nao ficleem forros casando, e o mesmo se devia prover em Santo Thomé e outras partes, onde ha fazendas com muitos escravos. Com a vinda do Bispo o esperavamos remediar, e agora me parece ser necessario Vossa Alteza prover nisto por se evitarem grandes peccados.

Os moradores destas capitancias ajudam com o que podem a fazerem-se estas casas para os meninos do Gentio se criarem nellas, e será grande meio e breve para a conversão do Gentio.

O Collegio da Bahia seja de Vossa Alteza para o favorecer porque esta ja bem principiado e haverá nelle vinte meninos pouco mais ou menos, e mande ao Governador que faça casas para os meninos, porque as que têm são feitas por nossas mãos e são de pouca duracao e mande dar alguns escravos de Guino a casa para fazerem mantimentos, porque a terra e tão fertil que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos, si tiverem alguns escravos que façam rogas de mantimentos e algodones, e para nos não é necessario nada, porque a terra é tal que um só morador é poderoso a manter a um de nós.

Para as outras capitancias mande Vossa Alteza mulheres orphãs, porque todas casarão. Nesta não são necessarias por agora, por haverem muitas filhas de homems brancos e de Indias da terra, as quaes todas agora casarão com a ajuda do Senhor, e si não casavam d'autes, era porque consentiam viver os homems em seus peccados livremente, e por isso não se curavam tanto de casar, e alguns diziam que não peccavam, porque o Arcebispo do Funchal lhes dava licença.

O governador Thomé de Sousa me pediu um Padre para ir com certa gente que Vossa Alteza manda a descobrir ouro; eu lh'o prometti, porque tambem nos releva descobri-lo para o thesouro de Jesus Christo Nosso Senhor, e ser cousa de que tanto proveito resultará á gloria do mesmo Senhor e bem a todo o Reino e consolação a Vossa Alteza, e porque ha muitas novas

delle e parecem certas, e parece-me queirão 34. Seja isto tambem em ajuda para Vossa Alteza mandar mandar Padres, porque qualquier que for fara muita falta no começado, si não vierem Padres para o sustentar, e porque por outra tenho dado mais larga conta, e com a vinda do Bispo, que esperamos, a quem tenho escripto, o mais eguardamos ser soccorridos.

Cesso pedindo a Nosso Senhor lhe e sempre a conhecer sua vontade santa para que, cumprindo-a, seja augmentada sua Fé Catholica para gloria do nome santo de Jesu Christo Nosso Senhor *qui est benedictus in seculo.*

Desta villa do Olinda a 14 de Setembro de 1551 annos.

Manoel Tanobrega

O original desta carta conserva-se na Torre do Tombo de Lisboa (C. Chron. Pari. 1.ª Mag. 86. D. 125) e o Instituto Histórico possui cópia extrahida delle.

Publicada pela primeira vez no t. II (1899) da *Rev. do Inst.*, pp. 277/280, foi reproduzida no vol. 2.º da *Chron. de Vasconcellos*, ed. de Lisboa de 1865, pp. 301/308.

Hayendo duvida si a data era 14 de Setembro, e não está na cópia do Inst. Hist., ou 17, como sahio na citada *Rev.*, foi consultado a este respeito o Sr. Lino de Assumpção, que escreve: «A data da carta de Nobrega é 14. Essa letra visível *clij*o para não haver duvida está escripta duas vezes no subscrito em algarismo 14. São duas folhas de papel amarellado do tempo e em boa letra do seculo quinto firme.» Ainda no Sr. Lino de Assumpção vemos o fac-simile da assinatura que aqui se vê na gravura e do diameter xilographo Sr. Manoel J. da Costa Pinheiro.

34) Esta empresa parece que se se realizou em 1553 e foi nella o padre Aspiçeneta Navarro, que em carta de Porto Seguro de 21 de Junho de 1555 da conta da expedição, diz não que passava de anno e meio que andava nella. Vasconcellos (*Chron.*, t. I, n.º 129) e Franco (*Itin. da Coll. de Coimbra*, II, p. 201) dizem que ella si foi em 1552 e acrescenta este: «Chegou ao fim da viagem as minhas, so as descoloca o padre Aspiçeneta em grande multidão de Indios, que em sua companhia o vieram seguir até Porto Seguro.»

A carta de Navarro foi publicada em Espinosa no mesmo anno de 1555 na pequena colleção (*Cópia de cartas dadas de alguns Padres y Religiosos de la Comp. de Jesus que escriu de lo Indio, a p. p. n. Brasil... transl. de p. et. en cast.*) de Coimbra; e em tanto S. de Vasconcellos (no n.º 121 do t. I da *Chron.*) da a expedição terminada em principio de 1553 e diz que Nobrega partindo da Bahia em Janeiro do mesmo anno estivera em Porto Seguro com o padre Navarro.

X

PARA O PADRE PROVINCIAL DE PORTUGAL.

(1552)

Chegada do Bispo.— P. Antonio Pires.— O Collegio.— O Governador.— Pedro de Póvoa e outros.— Necessidade de escravos do Guiné.— Virente Rodrigues, Salvador Rodrigues, Navarra, Affonso Braz, Leonardo Xaus, Diogo Jardim, Parva, Antonio Pires, Francisco Pires.— Dois monjas da Serra pedreadora.— Francisco.— Thom. de Sousa.— O soffrê.

Uma recbi de Francisco Henriques, escripta por mandado de Vossa Reverendissima; alegron-nos muito com as noticias que dos irmãos trahemos.

Vespera da vespera de S. João 35), chegou o Bispo a esta Bahia, com toda a nau e gente de saude, posto que trouxeram proluxa viagem, e ca parecia a todos que não viria, de que a cidade era muito triste. E muito nos tenemos querer Nosso Senhor castigar os peccados desta terra com não nol-a trazer, *sed tristis nostra versa est in gaudium*, com a trazer, com tanto trabalho, que, como todos dizem, foi muita obra do Nosso Senhor. O Bispo veiu pensar como se o, até que lhe ofereceram umas boas casis, em que agora e ta; e mu lo benigno e zeloso, e mostra-se na a bem ter amor, e sentir as cousas da Companhia; prégou dia de S. Pedro e S. Paulo com muita edificação, com que muito ajuhou os corações de suas ovelhas; eu trabalharei sempre por lhe a'dever em tudo, o elle não mandara cousa, que prejudique a nosso Instituto e Lem da Companhia.

O Bispo determina occupar-nos na visitação das capitánias, e agora neste navio encarrega ao padre Antonio Pires, que esta

15) D. Pedro Fernandes Sardinha, que, como se vê, chegou a 22 de Junho de 1552 e nao em 1551 como diz o Visconde de Porto Seguro na sua *Hist. de Bhas.*, pg. 231. O Bispo partiu de Lisboa a 24 de Março e nao em fins de Setembro d' 1551, como diz o mesmo autor. Esta data nos dá o proprio Bispo na carta escripta a D. João III da ilha de S. Thome de Cabo Verde a 11 de Abril de 1551 (ahs 1552), existente na Torre do Tombo e da qual possui copia o Inst. Hist. O prelado assina-se *O Bispo do Salvador*.

em Pernambuco 36), até elle ir, visitar; e, considerando eu a obediencia que lhe deuo ter, e não nos occupar mais que inquerir e admoestar, e não julgar ninguém nem tomar conhecimento de coisas, e a falta que disso ha de homens, e assim esta primeira vez ha de ser tudo por amor, me determinei fazel-o por me parecer muito serviço de Deus Nosso Senhor; si Vossa Reverendissima lhe não parecer bem, escreva-lhe que não nol-o mande; porque diz que Vossa Reverendissima lhe disse que nós o ajudaríamos nisto.

Este collegio dos meninos do Jesus vai em muito crescimento, e fazem muito fructo; porque andam pelas aldeias com pregações e cantigas de Nosso Senhor pela lingua, que muito alvoraça a todos, do que largamente se escrevera por outra via; o mantimento e vestiaria, que nos El-Rei dá, todo l'ho damos a elles, e nós vivemos de esmolas, e comemos pelas casas com os criados desta gente principal, o que fazemos por que se não escandalizem de fazermos roças e termos escravos, e para saberm que tudo é dos meninos.

O Governador ordenou de dar dez 37) que viemos de Portugal um cruzado em ferro cada mez, para a manutença de cada um, e cinco mil e seiscentos réis para vestir cada anno, com o qual nenhuma roupa se poderá fazer nesta terra; e porém eu não lhe puz groza, porque nem ainda esse merecemos.

Já tenho escripto sobre os escravos que se tomaram, dos quaes um morreu logo, como morreram outros muitos, que vinham já doentes do mar; tambem tomei doze vaquinhas para criação, e para os meninos terem leite, que é grande mantimento; em toda maneira este anno fragam os Padres provisio d'El-Rei, assim dos escravos como destas doze vaccas, porque tenho dado flador para dentro de um anno as pagar a El-Rei, e será grande fortuna si deste anno passar; nas vaccas se montaram pouco mais de trinta mil réis, e tambem os outros collegios das capitánias querem fazer os moradores, o escrevem-me cartas sobre isso, e querem dar escravos e muita ajuda.

D'aqui a dous mezes irá o Governador correr a costa e irei com elle visitando as casas, e darei ordem, como meu Nosso Senhor ensinar, para que se comecem a fazer; posto que algumas estão já bem principiadas.

Mande Vossa Reverendissima Padres, e com elles alguns meninos de bom exemplo e boas fallas, para lhes darem bom prin-

36) Nobrega deixou Pernambuco em Janeiro de 1552, como declara Antonio Pires em carta de 5 de Julho do mesmo anno. Chegou à Bahia em Marco, segundo Franco (*Imag. do Coll. de Coimbra*, II, pg. 17).

37) Os seis primeiros já ficaram indicados; os outros quatro vieram em 1550 e foram os padres Salvador Rodrigues, Manuel de Paiva, Afonso Braz e Francisco Pires.

cipio. Nesta terra, custa muito pouco fazer-se um collegio e sustentar-se, porque a terra é muito farta, e os meninos da terra sustentam-se com muito pouco, e os moradores muito alleicoados a isso, e as terras não custam dinheiro: este da Bahia foi mais trabalho, porque se fez sem ajuda dos moradores em terra povoada de pouco, e os mais della serem degradados e gente pobre; si El-rei favorecer este e lhe fizer egreja e casas, e mandar dar os escravos, (que digo) me dizem que mandam mais escravos a esta terra, de Guine, si assim fór, podia vir logo provisão para mais tres ou quatro, alem dos que a casa tem, antes de um anno se sustentara bem meninos e nris: porque, assim como ella está agora, mantém a 30 pessoas, e mais agora mando fazer algodoes para mandar lá muito algodão, para que mandem pannos, de que se vistam os meninos, e não será necessario que o collegio de Coimbra cá nos ajude sinão com orações, antes de cá lhe sermos bons em alguma cousa.

Vicente Rodrigues era muito doente e enfermo, sempre se queixava da cabeça; mandei-lhe que não fosse mais doente, e assim o fez, já o não é, de um anno para cá, e nos ajuda muito bem em tudo; Salvador Rodrigues tem cuidado dos meninos, e tal-o muito bem, e tambem se acha já melhor; o padre Navarro está em Porto Seguro, faz seu officio; Alfonso Braz tem cuidado do Espirito Santo, tem grande collegio, manda-me pedir meninos para o principiar; Leonardo Nunes e Diogo Jacome estão em S. Vicente, ha dias que não tenho novas delles; este anno mandei o padre Paiva³⁸⁾ e alguns meninos a visital-os, por eu não poder ir agora, irei cedo com a armada, a fama delles é grande; Antonio Pires está em Pernambuco; Francisco Pires está agora aqui nesta Bahia, todos servem a Nosso Senhor, e empregam bem seus talentos: *Pater, quos dedisti mihi non peritisti...* por suas virtudes, e pelas orações de Voss. Reverendissima, posto que meu mau exemplo bastava bem a destruir tudo, e, quando regidos por mim, são tão bons, que faria, si Vossa Reverendissima mandar um bom, que delles e de mim tenha cuidado: *Veniat, pater, corizat, si unat Jesum Christum.*

Eu tinha dous meninos da terra para mandar a Vossa Reverendissima, os quos serão muito para a Companhia; sabem bem ler e escrever, e cantar, e são cá pregadores, e não ha cá irais que aprender, e mandava-os para aprenderem lá virtudes um anno e algum pouco de latim, para se ordenarem como tiverem idade, e folgará El-Rei muito de os ver, por serem príncias desta terra; e por não ter embarcação boa, e ser já tarde, e andarem Francezes, os não mando este anno; para outro irão com o Governador, si Vossa Reverendissima me não escrever o contrario.

³⁸⁾ Manuel de Paiva, que falleceu no Espirito Santo a 21 de Dezembro de 1581. (Anchieta, *Mat. e. Loh.* I, pp. 11 e 72.)

O Governador Thomé de Sousa eu o tenho por tão virtuoso e entende tão bem o espirito da Companhia, que lhe falta pouco para ser della; não creio que esta terra lora avante com tantos contrastes, como teve, si houvera outro Governador; dizem que se vai este anno que vem, que tememos muito vir outro, que destrua tudo; de quantos lá vieram nenhum tem amor a esta terra; só elle, porque todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja a custa da terra, porque esperam de se ir; parece-me que si El-Rei lhe der ja o que tem á sua filha, e a casar, e lhe mandar sua mulher, que folgará muito de viver cá, não por Governador, sinão por morador, com o que cá tem; dizo de sua criação e seus escravos; porque e muito contente desta terra, e acha-se muito bem nella, e muitas vezes conlincei isto delle, nem querera ordenado de El-Rei mais que qualquer favor de honra em sua vida; e si este homem cá assentar, sera grande favor da terra, e com elle se ganharão muitos moradores; dé Vossa Reverendissima disso conta a El-Rei, e veja-se o espirito de suas cartas; Vossa Reverendissima lhe escreva os agradecimentos de muitos favores que nos cá faz, porque certo nos ama muito em o Senhor.

Muito desejosos andamos todos de ir pelo sertão, porque a nenhuma parte iremos onde não haja apparelho melhor para se fazerem bons christãos que nas capitánias, os quaes para bem nos crevem e necessario que por tempo nos experimentem e venham a conhecimento da verdade; porque inda agora á medo nos querem, por razão das muitas maldades dos Brancos, até agora o porque o dilatamos e por dar principio a estas casas das capitánias onde fique fundamento da Companhia, a que nos matem e comam a todos os que formos; mande Vossa Reverendissima logo muitos para que haja para deixar nos collegios, e levar dous ou tres, e com elles e com o Bispo teremos logar a ir ganhando terra adiante, porque temos novas de Genéticos, onde acharemos alguns escolhidos para o reino dos Ceus.

A nossa igreja, que fizemos, se nos cahé; porque era de taipa de mão e de palha, agora ajuntarei estes senhores mais honrados que nos ajudem a reparal-a, até que Deus queira dar outra igreja de mais dura, si a Vossa Reverendissima parecer bem fallar nisso a El-Rei; sinão, os Padres que vierem farão outra; que virão com fervores, que dure outros tres annos, porque nossas mãos ja não poderão fazer outra, sinão si for daqui quinhentas leguas pelo sertão.

(Da Bahia, 1552.)

Som data, Candido Mendes (*Rev. do Inst.*, XI, p. 2.^a, pg., 365) assignala-lhe o mez de Agosto.

Publicada pela primeira vez no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1.^a, pp. 100, 101.

M. o Ach. II.

XI

A' EL-REI D. JOÃO.

(1552)

O Bispo. — Pedido de mulheres. — Desafiação dos moradores a terra. — Thoma de Sousa. — Pedido de Padres. — Necessidade de moradores.

JESUS

Nosso Senhor Jesus Christo dá muita graça e consolação a Vossa Alteza sempre, Amen.

De Pernambuco escrevi a Vossa Alteza mais largo, do que agora farei, porque de lá não havia tantos, que informassem da terra a Vossa Alteza como ha de cá; o Bispo nos trouxe Nosso Senhor tão desejado de todos, posto que com muitos trabalhos e prolixa viagem, apezar do principio das escuridades, que bem quizera estorvar sua vinda, pois com ella *efficientur foras*, e darão muitas almas gloria ao Senhor.

Já que escrevi a Vossa Alteza a falta que nesta terra ha de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos peccados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas orphãs, e si não houver muitas, venham de mistura dellas e queoquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que queoquer farão cá muito bem á terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-hão do peccado.

Esta terra é tão pobre ainda agora, que dará muito desgosto aos officiaes de Vossa Alteza que lá tem com terem muito gasto, e pouco proveito ir de cá, maiormente aquelles, que desejam mais irem de cá muitos navios carregados de ouro, que para o Céu, muitas almas para Christo; si se não remediar em parte, com Vossa Alteza mandar moradores que rompam o queiram bem á terra, e com tirar officiaes tantos e de tantos ordenados, os quaes não querem mais que acabar seu tempo e ganhar seus ordenados, e terem alguma acção de irem importunar a Vossa Alteza; e como este é seu fim principal, não

querem bem a terra, pois tem sua afeição em Portugal; nem trabalham tanto para favorecer como por se aproveitarem de qualquer maneira que puderem; isto é o geral, posto que entre elles haverá alguns fora desta regra.

Accrescenta-se agora gastos de Bispo e Cabido, o que a terra neste principio não poderá sustentar juntamente com os officiaes: bastava cá um Governador com um Ouvidor Geral, sem assignaturas para não haver muitas demandas, e pouco mais para tudo o que no presente na terra ha por fazer, porque não sei que parece haver offiçes de 200000, com fazerem pouco mais de nada, dos dizimos da Igreja, e os Padres morrerem de fome, com rezarem todo o dia; o mais do que aproveitaram até agora foi de representarem gente, elles e seus criados, o qual bem se excusaria, si vieram moradores: algumas vezes eu não quero bem empregada seria, entretanto que a terra ajuda mais dar, Vossa Alteza uma igreja ao Bispo e Cabido do mestrado de Christo ou Santiago, pois o tanto para serviço do mesmo Christo.

Temos por nova que manda Vossa Alteza ir para o anno a Thome de Sousa; obriga-me Nosso Senhor a dizer o muito que tenho vir outro, que destrua isso pouco que esta feito, o que favoreça mais os peccados, vicios que este, e que queira ir aproveitado a custa da terra; sei que folgaria muito de viver nesta terra si eu tivesse sua mulher, ainda que não fosse Governador, si uma filha que tem a tivesse casada. Isto tudo não sei como possa ser; os meus desejos em Nosso Senhor são que ou elle se não vá, ou facua lá outro por elle: porque o maior mal que lhe achamos é ser mais amigo da Fazenda um pouco de Vossa Alteza do que devo: ao menos, lembro a Vossa Alteza que não mande a esta terra Governador solteiro nem manco, si a não quer ver toda destruida, e grande bem seria si fosse casado, e viesse com sua mulher por darnos principio e fundamento a estas casas das capitonias, que começamos a fundar.

Não somos ja fidos a descobrir a terra, segundo as novas que temos, posto que com todos meus irmãos muito o desejamos ja: e certo que o espirito do Senhor nos compelle e força ja muito. Mande Vossa Alteza muitos da Companhia, que sustentem este pouco que está ganhado, para que nós possamos ir buscar thesouro d'almas para Nosso Senhor, o descobrir proveito para este Reino e Rei que tão bem o sabe gastar em serviço e gloria do Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores.

As mais novas da terra, houvera muitos que as dirão a Vossa Alteza: o que me a mim ocorre para dizer é que viu tudo em crecimento, assim no espirital como temporal; alguns se fazem christãos, depois de muito provados, e vai-se pondo em costume de, ou serem bons christãos, ou apartarem-se de tudo da nossa conversação; e os que se agora baptisam os

apartamos em uma aldeia, onde estão os Christãos, e têm uma igreja e casa nossa, onde os ensinam; porque não nos parece bem baptisar muito em multidão, porque a experiencia ensina que poucos vêm a fim, e é maior condemnação sua, e pouca reverencia do Sacramento do Baptismo; o temporal tambem vai em crescimento, posto que de vagar, porque Vossa Alteza não mandá moradores, que aproveitem a terra.

Para mim tenho por averiguado que, si vierem moradores, que este Gentio se senhoreará facilmente, e serão todos christãos, si vindo elles se defender resgatar com os Gentios, permittindo-se somente resgatar com os Christãos e catecumenos, que viverem apartados dos outros, deliaixo da obediencia de um pae que os reja, e de um Padre nosso que os doutrine, e desta opinião acho eu a todos os que da terra mais sabem, porque gente que não tem Deus, por quem morram, e tem tanta necessidade do resgate, sem o qual não terão vida, ainda que muito a seu salvo nos pudessem botar da terra, não lhes convinha, e si os obrigarem a serem christãos para poderem resgatar facilmente o farão, e já agora o fariam, si llo defendessem; e, porém, a necessidade, que temos delles e de seus serviços e mantimentos o não permite, e si vierem moradores, que rompam a terra, escusar-se-ha o trato com elles, e a terra de todo se assegurará.

A terra recebe muito bem ao Bispo, e já se começa de ver a olho o fructo, o qual esperamos que cada vez mais ira em crescimento, porque da primeira pregação que fez já, cada um começa a cobrir e dar roupas a seus escravos, e vêm vestidos à igreja, o que faz a auctoridade e magestade de um Bispo! Espero ao Senhor que, com sua vinda e doutrina, se faça nesta terra um bom povo christão; favoreça Vossa Alteza de lá, e não bastem friezas e desgostos de estorvadores a estorvarem o santo zelo e proposito de augmentar a Fé catholica, que Deus Nosso Senhor tem dado a Vossa Alteza.

(Da Bahia, 1552.)

—

Sem data; mas o de 1552, depois da chegada do Bispo, que foi a 22 de Junho.

Publicada no 4, XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1.^a, pp. 96/100.

XII

AO PADRE MESTRE SIMÃO.

(1552)

O estado da terra.— Carijós.— O Governador.— O Bispo.— Duvidas a respeito dos Gêntios.— Diogo Alvares, o Caramuru.

Por todas as vias, que posso, escrevo a Vossa Reverendíssima, *quæ non patrem meum, qui et ipse amat me*; e porque me parece que tenho já bastantemente escripto, nesta sómente darei conta a Vossa Reverendíssima de algumas cousas, que nas outras fui fulto.

Todos os Padres e Irmãos estamos de saude, gloria á Nosso Senhor, corporal, e quietos no espirito; cada um trabalha segundo seu talento e graça, que Nosso Senhor lhe dá.

Já tenho escripto por vezes a Vossa Reverendíssima como nestas partes pretendiamos criar meninos do Gêntio, por ser elle muito, e nós poucos, e sabermos-lhe mal fallar em sua lingua, e elles de tantos mil annos criados e habitados em perversos costumes, e por este nos parecer meio tão necessario á conversão do Gêntio: trabalhamos por dar principio á estas, que ilhevi para enquanto o mundo durar, vendo que na India isso mesmo se pretende, e em outras partes muitos collegios, em que se criem scidade, para Christo. Confirmou isto mandarem de lá meninos, os quaes, como não fossem para este fim, e para darem principio a casa, não sei para que cá eram; e que tudo praticando com o Governador, e vendo a difficuldade de manter os meninos que de lá vieram, por razão da terra ser nova, e pouca gente nella, que lhes pude-se dar esmolas, por serem os mais degradados e outra gente pobre e miseravel: assentamos com o parecer dos mais Padres nossos de tomarmos terra, e ordenarmos casas de meninos, e logo assim, nós, por nossas mãos, como aprendo aos Indios da terra, como os escravos dos Brancos, e elles mesmos, por sua devoção, começamos a rocar, e fazer mantimentos aos meninos; e, entretanto que não eram para se comerem, suppriu o Governador com todo o necessario aos meninos, como zeloso e virtuoso que é, porque as esmolas que se pediam não basta-

vam a um só comer. Depois que de lá mandaram o alvará de El-Rei para nos darem mantimentos e vestuario, ordenaram os officiaes de darem a dez que viemos, um cruzado em ferro a cada um, que sahia pouco mais de dois tostões em dinheiro, para a mantença nossa, e cinco mil e seiscientos reis para vestido de cada Padre, cada anno; o que tudo applicamos a esta casa para os meninos, e no no vestido remediamo-nos com o que ainda do Reino trouxemos; porque a mim ainda me serve a roupa com que embarquet, que Vossa Reverendissima por especial mandado me mandou trazer, a qual ja tinha servido no Collegio, em Sao Pius 39); e, no comer, vivemos por esmolas.

Depois que vieram os escravos, d'El-Rei, de Guiné a esta terra, tomaram os Padres fiados por dois annos tres escravos, dando fiadores a isto, e acaba-se o tempo agora cedo. Desta vestiaaria fiz mercar outros escravos da terra; este anno, que vieram vacas d'El-Rei, tambem tomei doze fiadas a El-Rei, dando fiadores para d'ahi a um anno se pagar, para criação e leite para os meninos; tenho principiado casas para os meninos conforme a terra: ate agora passamos muito trabalho para os manter; ja agora que os mantimentos se vão comendo vai a casa em muito crescimento, e os meninos têm o necessario cada vez melhor, de maneira que d'onde antes com muita fortuna mantinhámos a sete ou oito, agora mantem a casa a cinquenta e tantas pessoas, sem o sentir; tem a casa um barco e escravos, que matam peixe.

Alguns escravos destes, que fiz mercar para a casa, são fêmeas, as quaes em casa com os machos e estão nas roças apartados todos em suas casas, e buspei um homem leigo, que delles todos tem cuidado e os rege e governa, e nos com elles não temos conta, e com o homem nos entendemos, e o homem com elles. A causa por que se tomaram fêmeas é porque d'outra maneira não se pôde ter roças nesta terra, porque as fêmeas fazem a família, e todo o principal serviço e trabalho e dellas; os machos sómente roçam, e pescam e caçam, e pouco mais; e como nesta terra os machos homens sejam solteiros e sem escravos com que peccam, os quaes não absolvemos sem que primeiro as não apartam de si, e elles acham outros Padres que os absolvem, tomam occasião de dizerem que tambem nós temos escravos, que se não escusam.

Acerca-se não bem algumas vezes sermos causa de se formarem Negros saltedos; porque d'outra maneira não absolvemos, no que lhes não falta os outros Padres; ajunta-se tudo para lançarem mão de ummurarem, e principalmente os

Em Residencia Justitia na provincia de Entre Douro e Minho, (Franco. *Imaj. da civ. em o noc. da Comp. de Jesus na corte de Lisboa*, pg. 32.)

Carijós, que fizemos forrar por serem salteados, sendo christão: já na sua terra; e os puzemos no espirito Santo casados os machos com as fêmeas em sua liberdade, e somente recolhi comnosco dois moços para a aprenderem contrasco a serem bons christãos. Tambem nos pediam dizimus do peixe e mantimentos dos meninos, o qual, por eu não consentir que se pagassem, se queixaram alguns: estas cousas e outras, que por serem de pouca substancia as não digo, e ver que me inquietava muito porque esta casa fosse avante e quanto mais a nosso sabor viveramos si fôrmos e viveramos sós, e com se fallar menos que temos terras e escravos, posto que se fizera menos, e ganhara menos para Christo, ma determinei com meus irmãos de darmos a entender ao mundo que desta casa não queramos nada para nós sinto para os meninos, por todas as vias que podemos, e assim orientamos do ir pedir de comer pelas casas, e no mais dos dias, dias que estamos na cidade, mais comer com os criados do Governador, o qual dá de comer com seus criados, a todos que o não têm e o queirem allí e comar, e entre outros somos nós destes, e em parte nos foi feita a murmurarem de nós, porque d'antes as mães das vezes passavamos como Nosso Senhor hum sabe, e não só a vida que levavamos com tanto trabalho, si pudera muito durar e agora uma vez ao dia comemos de maneira que e melhor que duas, que antes comiamos em casa; e nos tiramos de negocios temporaes, quando podemos, emmatticando-os a leigos.

Neste comenos chegou o Bispo tanto de nós e de toda a terra desajuda, ao qual chegou um lago as vezes dos murmuradores e elle como zeloso e pae n'ro disse, aconselhando-me o que devia de fazer, e me tudo posto em seu parecer e communicando com o Governador e outros, que muito em Christo nos amam, determinamos escrever assim tudo a Vossa Reverendissima, e entretanto que em nenhuma maneira desobrisse não da casa, a qual eu dava a Misericordia desta cidade, e que tivesse em cuidado dos meninos, e que nem elles, nem ninguém, quizeram aceitar; e as de algumas destas praias são muito necessarias, não se podem ter sem boas temporaes e de maneira que esta casa está fundada, e sendo assim ha de haver estes e outros escandalos; para a Companhia se lançar de todo disto não se podem sustentar estas casas nem ha zelo, nem virtude, nem homens para isto, que basta, podemos pagar no temporal por homens leigos, e em seu a superioridade do tempo da Companhia, e do Padre los nemmas no espirital haver cuidado; si ha trouvessem homens ou Padres do espirito e virtude do padre Domenico 40), a quem isto tudo encarregassem,

40) Pedro Domenico.

tudo estaria em seu lugar. Agora veja Vossa Reverendíssima e dê conta disso muy larga a Nosso Senhor, e mande-nos o que faltar de desta casa e das outras; tambem me parece que o Bispo dara conta a Vossa Reverendíssima.

Com a vinda do Bispo, foi a terra muy alegre, e estão todos muy edificadlos de suas pregações; é muyto zeloso da gloria e honra de Nossa Senhora, e em qual esta terra havia moster, porque a vir um Bispo passageiro, floquematico e negligente, como tenho visto outros, e morrera de triste, e por ventura fora ao Inferno com ter pouca paciencia. Disse missa em pontifical, dia de Nossa Senhora de Agosto, coisa lão nova e de tanto espanto nesta terra e em outros Padres ministrantes alli com canas, e alegre muito Vossa Reverendíssima de nos ver por quão tem o fazamos, não a havendo feito nunca. É muy desconsolado, a terra lão pobre que nem seu ordenado lhe podem pagar, e elle tem obrigações de manter a muitos, e sua cidade muyto soffre ja os desamparos desta terra; é necessario que Vossa Reverendíssima tome isto a mão, pois E. não tem outro ninguém, que suas cousas lembrem, e fazendo a elle fal-o-ha à toda terra, e a honra do nome de Christo, e a Companhia e a fides; e em nos parecia bem a todos que fosse e outra alguma commenda de Christo ou Santiago grossa a esta terra, em pensão em outro bispado para o Bispo e Cabido, até esta terra dar de se muyto amor, porque até agora ha nella pouco mais de matos, e boas aguas, e bons ares, e alguma miseria si de farinha, e para mim, que nunca me fartei de pão e tem, porque me farte nella cada dia de farinha, sem haver medo a que venha anno de fome, nem muita chuva, nem muita sêcca, o que a cidade do Bispo não soffre, e doutra maneira nem nos heredes prelado, nem a terra podera ir muyto avante. De's Vossa Reverendíssima fu principio de no grande bem, apparelle-se nos trabalhos de o levar avante.

Com a vinda do Bispo se moveram algumas dividas, nas quaes eu não duridava porque são scelerio e muyto confiado em meu parecer, as quaes nos pareceu bem communicar-as com Vossa Reverendíssima para que as ponha em disputa outro parecer de letrados e me escreva o que devo fazer.

Primeiramente: si se poderão confessar por inbaptizo a gente desta terra que não sabe fallar nossa lingua; e parece cousa nova, e não usada em a Christandade, posto que *Chiet. in summano*, 11.^a *codit.*, e os que allega *Xvi. c. fortres n.º 83. de penit. dist. 7.^a* digam que pode, posto que não seja obrigado.

Item: ha costume nestas partes de se permitirem os Gentios nas igrejas, a missa juntamente com os Christãos, e não os dellam fora por os não esmandar; si se guardará o direito antigo ou se se permitirã estarem todos de mistura?

Item: si nos ultrajarmos com alguns costumes deste gentio, os quaes não são contra a nossa Fé Catholica, não são pões

dedicados a ídolos, como é cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingua pelo seu tom e tanger seus instrumientos de musica, que elles em suas festas, quando rittam cantarias, e quando annu-ni bebados, e isto para os altribir a deixarem os outros costumes essenciaes, e permittindo-lhes e approvando-lhes estes, trabalhar por lhe tirar os outros, e assim o pregar-lhes a seu modo em certo tom, ardarão, passando o baterde nos peitos, como elles fazem, quando quere-a persuadir alguma coisa, e dizei-a com muita efficacia, e assim tosqnarem-se os meninos da terra, que em isso temos, a seu modo, porque a similitanea é causa de amor, e outros costumes similiahtes a estes?

Resp. : como nos haveremos áfrica los Genfios que vêm-nos a pedirem o baptismo, e nao vêm cunhos nem roupas para se vestirem : si, somente por razão de andarem nus, tendo o mar apparelhado, lhes negaremos o baptismo e a entrada na igreja, a missa e doutrina : porque parece que annar nu é contra a lei de natura, e quem a nao guarda peccá mortalmente, e o tal não é capaz de receber Sacramento, e por outra parte eu não sei quando tanto Genfio se pouverá vestir, pois tantos mil annos ando sempre nu, não segra rão sei lom persuadir-lhes, e pregar-lhes, que se vistam e metta-l-os u - o quanto puder ser?

Item : si é licito fazer guerra a este Genfio e captiva-lo, *loc nomine et titulo* que não guarla a lei de natura por teidas vias?

Isto e as mais duvidas que o anno passado escrevi, as quates ainda me não satisfizeram, faga Vossa Reyve-ndissima pôr em dispo- pta no collegio de Coimbra e mande-me e receber dos principaes letrados da Universalidade, oraue, assim como para cá, como para a India e outras partes de Indias, sera proveitoso saber-se, ou por melhor dizer, ma de Vossa Reverendissima quem de todo nós tenha cuidado, ensinado, ensinado e amestrado na que cá devamos de fazer em tudo.

O Bispo mostra grande áyvor de se entender na conversão destes Genfios, ordena um pre dos que se converterem, o qual é muito para isto, que é Diágo Alvarez, muito acreditado entre este Genfio; andará contosoce pelas aldeas pergunta: favoreça Vossa Reverendissima de la com faz e que El-Rei d'ho escreva e agradeça, e lhe ordene algum poble ordenado por isso, pois tão hem empregado sera.

(Da Bahia, 1552.)

Não traz data; mas, como se vê, foi scripta da Bahia pouco de- pto de 15 de Março de 1552.
Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1.ª, pp. 105/111.

XIII

PARA EL-REI D. JOÃO,

(1554)

Gentio do sertão.— Orphãos da terra.— Povoação de João Ramalho.— Martin Afonso de Sousa.— Potatunga.— Guerras da Bahia.— O B. 900.

A graça e consolação do Espírito Santo seja com Vossa Alteza sempre. Amem.

Porque mando este anno um Padre de cá a dar conta a Vossa Alteza e à Companhia das cousas destas partes (1), e por Thome de Sousa, haver pouco, que de cá partiu, pelos quaes do tudo será bem informado, não tinha eu para que escrever; mas para cumprir com a devoção de Vossa Alteza, e com os desejos, que em Nosso Senhor eu tenho, destas partes serem favorecidas delle, somente lhe darei alguma conta desta capitania de S. Vicente, onde a maior parte da Companhia residimos, por ser ella terra mais aparelhada para a conversão do Gentio que nenhuma das outras, porque nunca tiveram guerra com os Christãos, e o por aqui a porta e o caminho mais certo e seguro para entrar nas gerações do sertão, de que temos boas informações; ha muitas gerações que não comem carne humana, as mulheres andam cobertas, não são cruéis em suas guerras, como estas da costa, porque somente se defendem; algumas têm um so Principal, e outras cousas muy amigas da lei natural, pela qual razão nos obriga Nosso Senhor a mais presto lhes soccorremos, mandando que nesta capitania nos proven de instrumentos para isso, que são alguns irmãos linguas, e por estas razões nesta capitania nos occupamos mais que nas outras.

Esta principada uma casa na povoação de S. Vicente, onde se recolheram alguns orphãos da terra e filhos do Gentio; e do mar dez leguas, pouco mais ou menos duas leguas de uma

1) Foi Leonar Lo Nunes, que naufragando na viagem, morreu a 30 de Junho de 1554, Segundo Simão de Vasconcelos, em S. Vicente o chamavam *Pa-dê-ê-ê*. * Padre que vza. *

povoação 42) de João Ramalho 43), que se chama Piratiniã 44), onde Martin' Alfonso de Sousa primeiro povouou, ajuntando todos os que Nosso Senhor quer trazer a sua Igreja, e aquelles que sua palavra e Evangelho engendra para pregação, e estes do lado deixam seus costumes e se vão estremando dos outros, e muita esperança temos de serem verdadeiros Filhos da Igreja, e vai-se fazendo uma formosa povoação e os filhos destes são os que se doutrinam no collegio de S. Vicente.

Na Bahia não se entende agora com o gentio por falta de linguas, que não tem se somente se sustenta na péla casa e se doutrinam alguns negros, e assim também porque andam elles agora todos fatigados em tão cruéis guerras, que visinhos com visinhos e casa com casa se combatem, e o grande Juizo de Nosso Senhor, e e agora o mais conveniente tempo para a todos sublevar e os trazerem ao que quizerem; e já agora a terra estava honestamente segura e cheia de gente para se poder fazer, si os Indios o quizessem contradizer, quanto mais que por certo se tem, que assim uns como os outros, que dentro daquelle g. racão de dez ou onze leguas estão, lles viriam bem, e folgariam aceitar qualquer suplicação moderada, antes que viverem nos trabalhos em que vivem; e, porém, os honras continuamente vivem e buscam *que seu sãõ, não que Jesus Christõ*, e querem mais qualquer rep. ao seu que o muito que Nosso Senhor ganharia, e não querem aventurar qualquer paz sua, por ganharem muito para Christo e para o bem da terra, e por isso se permite que junto d's portas da cidade se espedacom corpos humanos e se comam, o que é opprobrio do Christo e deshonra da nobreza portugueza, e todos dizem: *par, par, et non erat par; caventibus Indis, et non est parata*. Parece razão deixarmos esta par e o minnao ao Bispo e a seus Padres, o qual que leva outro estilo com elles diferente do nosso proceder, e o seu deve ser o melhor, pois o muito virtuoso, zeloso e letrado e em tudo muito experimentado.

(Da capitania de S. Vicente, [de S. Paulo de Piratiniã?], 1551.)

42) Esta povoação chamava-se Santo André.

43) É o famoso povoador de S. Paulo sobre quem tanto se tem escripto. Delle Vercel escreveu de tractar nas *Cartas annuaes de Jesuitas*, pois é uma destas cartas 4. collige que elle ainda vivia em Abril de 1608. E' a que se refere o Visconde de Porto Seguro na sua *Hist.*, pag. 96.

44) Chamavam tambem Piratiniã; e a actual cidade de S. Paulo.

Sem data; mas é de 1554, porque foi em Janeiro deste anno que os Jesuitas se passaram a Piratininga; e com relação do contexto, Nobrega já não dá o crucio luto na nova povoação. V. Anchieta (*Ann. da Bibl. Nat., 7, 55 e Mat. e Ach. I, pg. 15*). Candido Mendes (*Rec. do Inst.*, XI, p. 2.^a, pg. 311) diz que esta carta é de 1553, o que não pôde ser, porque ella mostra ter sido escripta de Piratininga.

Publicada no t. XLIII (1880) da mesma *Rec.*, p. 1.^a, pp. 94/96.

XIV

PARA O PADRE IGNACIO [DE AZEVEDO].

(1556)

Chogada do padre Luiz da Grã a S. Vicente. — Sobra da ida do Bispo ao Reino.
— Os Gentios da Bahia. — O Gentio da terra. — Os mosteiros.

A summa graça, &c.

Depois de ter escripto a Vossa Paternidade o anno passado de 1555 por cuas, veiu o padre Luiz da Grã no mez de Maio, com cuja vinda nos alegramos todos e tomamos novo fervor e esforço para o serviço do Senhor, e eu me determinei com seu conselho em algumas dividas que tinha.

Por este navio que veiu subtercoz como El-Rei mandava ir o Bispo de cá e creio que ja o não achará na Bahia, e portanto nos determinamos, o Padre o eu, de fazermos nossa provincia desta maneira: elle a fez em muitas mãos, como Provincial, por não haver outro prelado na terra, o qual eu depois nas suas, como professo e, porque as embaraços desta terra são difficilissimas e não nos esperamos ver tão cedo, o padre Luiz da Grã o eu, l'la accettou com tal intenção, que V. P. o haja por bem e com vontade de elle e eu a tornarmos a fazer, quanto na feita houvesse alguma duvida.

Si eu deixar o Bispo na Bahia, ou outro Provincial, como espero, l'la tornarei a ratificar, e o mesmo fara o padre Luiz da Grã, quando tiver quem l'la accete; e si nisso acertamos, ou si omo liamos fazer, o si a acceta, nos faz escrever V. P.

Na Bahia temão novas estarem os gentios subjugados por guerra, e muy aplos para receberem lã doutrina; levo de cá alguns irmãos para nisso se entender lo proposito, e o mesmo querera Nosso Senhor que seja por toda a costa.

O Gentio desta terra, como não tem matrimonio verdadeiro, com animo de perseverarem todã a vida, mas tomam uma mulher e aparta-lhe quando querem, da maravilha se acatã em uma povoação, e nas que estão ao darredor perta, quem se possa casar, dos que se convertem legitimamente à nossa Fé, sem que haja impedimento de consanguinidade ou affinidade, eu

de publica honestidade, e este nos é o maior eslorvo que temos não os poder nór em estado de graça, e por isso nao lhe ousamos a dar o Sacramento do Baptismo, pois é forçado hearem ainda servos do peccado. Será necessario haver de Sua Santidade nisto largueza destes direitos positivos, e si parecer muito duzo ser de todo o positivo, ao menos seja de toda affinidade, e seja tio com sobrinha, que é segundo grau de consanguinidade, e a ca o seu verdadeiro casamento, a sobrinha, digo, da parte da Irma porque a filha do irmão é entre elles como filha, e não se casam com as tues; e, posto que tenhamos poder de dispensar no parentesco de direito positivo com aquelles que, antes de se converterem, já eram casados, conforme as nossas bulas, e ao direito canonico, isto não pode cá haver logar; porque nao se casam para sempre viverem juntos, como outros Infieis, e si disto usamos alguma hora e fazendo-os primeiro casar, *in lege naturali*, e depois se baptizam.

Nestas cousas estamos muito atados e desejamos ver a clareza e um largo poder; e o mesmo é dos mestigos da terra, que nisto são eguaes com o gentio; e tambem ha destes impedimentos entre os Christãos que cá vivem, e muitos não podem ter recursos a Roma, e apartarem-se seria escandalo.

Sabera V. P. como me entarvo para a Bahia 43), muito chegado á morte de uma enfermidade de que nesta terra nao tenho visto escapar nenhum, que é inebração do estomago; vou muito confiado de achar na Bahia Provincial, assun por se me acalhar os tres annos, como por ser ja razão que me deixo ja retrigoriar algum pouco, como por vezes já tenho escripto a V. P. e creio que já deve de ter ouvida a petição deste seu pobre filho.

(Da capitania de S. Vicente, 1556).

Sem data; nos. como se vê, foi escripta em 1556, antes de 3 de Maio.

Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1.^a, pp. 111/113.

15) Nobrega partiu a 3 de Maio de 1556 e chegou a Bahia a 30 de Julho. (Blasques, Carta de 4 de Agosto de 1556, p. 64, no t. XLIII da *Rev. do Inst.*, p. 1.^a, pp. 1.)

XV

PARA O PADRE IGNACIO [DE LOYOLA].

(1556)

Padre Luiz da Grã. — Orphãos. — Meninos da terra doutrinado em S. Vicente. — Occupações dos Padres. — Mathens Nogueira. — Informações do estado da Companhia.

Saberá Vossa Paternidade como a estas partes me mandaram os Padres e irmãos que viemos, e ate agora vivemos sem lei nem regra mais que trabalharmos de nos conformar com o que haviamos visto no Collegio, e, como nelle haviamos estado pouco, sabiamos pouco.

Chegámos a Bahia ende comegámos de exercitar-nos com o Gentio, e com os Christãos, vivendo de esmolas; o anno logo seguinte vieram outros quatro Padres e com estes sete ou o to meimos orphãos da Casa de Lisboa, com uma procuração do padre Pedro Domencico, que delles tinha cuidado, para eu poder fazer casas e confrarias da maneira que em Lisboa se fizera, e com elles não veio nenhum aviso, mas estes vinham encarregados aos Padres. Vendo eu isto, determinei-me com os mais Padres e irmãos que aqui nos achamos, parecêdo-nos ser conste de que a Companhia se encarregava, fazer-lhes casa, e peff terras ao Governador, ovelhas, alguns escravos d'El-Rei e umas vacas para criação, determinando, com aquelles que vieram, metter outros orphãos da terra, que havia muito perdidos e fillos de criação e doutrina, e dos fillos do tien lo quantos se pulessem manter na casa. E entendendo-se nisso, chegem o padre Luiz da Grã e os mais Padres e irmãos, que com elle vieram já, com a vinda dos quaes soubeimos, como se a Companhia

Eu cheguei a Bahia em 1552, no nome de D. Duarte da Costa, trazendo em sua companhia, segundo Anchieta (*Inform. do Brasil*, 1554, cap. Mal. e Idem, l. p. 34), o padre Bez Lourenço e os irmãos João Gonçalves, Antonio Bispoas, Gregorio Serrão e Joseph de Anchieta, e o seminarista Vascoellos (*Chron.*, t. I, n.º 131) e Francisco (*Synopsis ann. Soc. Jesu*, 1706), mais o padre Ambrosio Pires.

mos, até sabermos recado de V. P.; e quanto aos orphãos, de que o padre Domeaico tinha cargo, trabalharia que não mandassem mais; todavia este anno passado de 555 annos, mandaram 18 ou 20 a Bahia, que não foi pequena oppressão para os Padres que ali estavam, para lhes buscarem a sustentação, porque o que elles tinham não lhes bastava.

Agora que eu vou a Bahia 48), trabalharei quanto for possível pelo apartar a elles, e a outros da terra, dando cargo delles e de seus bens temporaes a quem delles tenha cuidado, ficando-os o ensinal-os e doutrinal-os somente; V. P. me avise disto e que lhe parecer mais gloria de Nosso Senhor.

Nesta capitania de S. Vicente o padre Leonardo Nunes fez o mesmo, ajuntou muitos meninos da terra do Gentio, que se doutrinavam nesta casa, e estavam de mistura com alguns Irmãos, que elle recolheu nesta terra; a todos era muito difficilissima, e obrigavamo-nos a cousas que nao eram de nosso Instituto, porque a mantença delles e na terra haver poucas esmolas para tanta gente, foi-me forçado, des que á esta capitania vim, a passar os meninos a uma povoação de seus paes, donde eram a maior parte delles, e com elles passei alguns Irmãos e fizemos casa e egreja, e tivemos o mesmo somente alguns que eram de outras partes. Esta casa servia de doutrinar os fillos e os paes e mães, e outros alguns, como pelas cartas dos quadrimestres veja; daqui se visitam outros logares de Gentio, que estão ao redor.

Nesta Casa se lê grammatica a quatro ou cinco da Companhia e lição de casos a todos, assim Padres como Irmãos, e outros exercéios espirituaes; a mantença da casa, a principal é o trabalho de um Irmão ferreiro 49), que, por concertar as ferramentas dos Indios, lhe dão de seus mantimentos, e é á boa industria de um homem leigo que, com tres ou quatro escravos da Casa e outros tantos seus, faz mantimentos, criação, com que mantém a Casa, e com algumas esmolas, que alguns fazem a casa, e com a esmola que El-Rei dá; tem tambem esta casa muitas poucas de vacas, as quaes, por nossa contemplação, se deram aos meninos, quando estavam em S. Vicente, e do leite dellas se mantem a casa; a casa de S. Vicente se ficou para se viver de esmolas, os que se nella se pudessem sustentar, que serião dois ou tres somente.

Desta maneira vivemos até agora nesta capitania, onde estavamos seis Padres de missa e quinze ou dezeseis Irmãos por todos; e aos mais sustentava aquella casa de S. Paulo em Piratini com alguns meninos do Gentio, sem se determinar si

48) Partiu a 3 de Maio de 1556.

49) Matheus Nogueira, recebido no Espirito Santo pelo padre Leonardo Nunes.

era collegio da Companhia, si casa de meninos, porque nunca me responderam a carta que escrevesse sobre isto, e nestes termos nos tomaram as Constituições, que este anno de 56 nos fez Nosso Senhor mercê de nol-as mandar, pelas quaes entendemos não devermos ter cargo nem de gente para doutrinar na Fé; ao menos em nossa conversação conhecemos também não poderem os irmãos ter bens temporaes nenhuns, si nao for collegio; vemos que para se fazer daquella casa de S. Paulo collegio, não tem mais que a grangearia daquelles homens com aquelles escravos, os quaes morreram, e nos nao buscamos outros; assim mesmo o irmão ferreiro é doente e velho: nao sei quanto durara 50).

As vacas foram adquiridas para os meninos da terra e suas suas; a esmola d'El-Rei é incerta; para não ser collegio, suao casa, que viva de esmolas, é impossivel poderem se sustentar os irmãos daquella casa em toda esta capitania, nem com eu agora levar cinco ou seis que imos, delles para o Espirito Santo, delles para a Bahia, porque as povoações dos Christaos são muito pobres e, si neste caso de S. Vicente se não podem manter mais de dois ou tres, que e a principal villa, quanto mais nas outras partes! Vendo-nos, o padre Luiz da Grã e eu, nesta perplexidade, dando conta aos Padres, que nos aqui achamos, nos pareceram escrever estas cousas todas a V. P. e ao padre-mestre Ignacio 51), para que com o que lá se assentarem, se tomar resolução nas cousas seguintes.

Primeiramente si nos convém que aquella casa de Iratuim seja de meninos; a nós cá parecia-nos que não, e que e melhor andal-o doutrinando por suas povoações a paes e a fillos; e, si todavia El-Rei quizesse casa delles, e os quizesse manter, nós não termos mais que a superintendencia espiritual sobre elles: e já que El-Rei os não queira manter, nem nos convencia tal-os, si sera bom fazermos daquella casa collegio da Companhia; e nisto o nosso voto é que, si Sua Alteza quizesse dar aquella casa alguns dizimos de arróz e mungas, ja que allí hão de estar Padres e irmãos, applican lo aquella casa para sempre, e firar de nos li da esmola que cá nos dão, que era muito bom fazer-se collegio e se serviria muito Nosso Senhor delle, e a Sua Alteza custaria menos do que lhe custa o que nos agora dá, e podia dar-nos alguns moios de arróz do dizimo, e o dizimo da manduqa da villa de S. Andre, que credo que tudo e menos do que nos cá dão; e a nós escusar-nos-lia de man-

50) Morreu em S. Vicente a 10 de Janeiro de 1561. (Anchieta, Carta de 12 de Junho de 1561, publ. nos *Annuaire do Rio de Janeiro* de B. da Silva Lisboa, t. VI, pg. 61.)

51) Provavelmente Ignacio de Azevedo.

darmos fazer mantimentos, nem termos necessidade de ter escravos, e com isto e com o mais que a casa tem, seria collegio fixo, porque já tem casas e igrejas e cerca em muito bom sitio, posto o melhor da terra, de toda abastança, que na terra pode haver, em meio de muitas povoações de Indios, e perto da villa de Santo André, que é de Christãos e todos os Christãos desejam ir alli viver, si lhes dêssem licença: alli foi a primeira povoação de Christãos, que nesta terra houve em tempo de Martin Alfonso de Sousa e vieram a viver ao mar, por razão dos navios, de que agora todos se arrendem, e, todavia, a alguns deixaram lá ir viver: assim tambem ensinase já alli grammatica a alguns estudantes nossos, e ligao de casos a todos: e, sendo collegio, alargando-se de todo o cuidado dos meninos da terra, sera necessario haver trespassação do Nuncio ou de quem o poder fazer, para aquellas vacas, que são dos meninos, ficarem no collegio nosso, no qual não houvera escandalo nenhum; porque, como se houveram por contemplação do nosso irmão Pero Corrêa (2), todos as tem por dos irmãos, mas ellas, na verdade, dellas foram doadas com umas terras, assim mesmo do irmão Pero Corrêa.

Na Bahia, si El-Rei ordena de fazer collegio da Companhia, devo-lhe de dar cousa certa e dotar-lho para sempre, que seja mantença para certos estudantes da Companhia, e nao deve aceitar V. P. dada de terras com escravos, que façam mantimentos para o collegio, sinão cousa certa, ou dos dizimos, ou tanto cada anno de seu thesouro, salvo si la acharem maneira com que nos em nada nos occupemos nisso, o qual eu nao sei como possa ser, e ordene V. P. que não nos dêa cá nada aos Padres, que entendemos com os próximos; porque parece que é dar-nos renda e como salario de nossos trabalhos; mas o que nos Sua Alteza havia de dar, se devia repartir por estes dois collegios; *scilicet*: o da Bahia e este de S. Paulo de Piratininga, que está principiado, de tal maneira, que a maior parte fôsse para a Bahia, e os mais Padres, que não estiverem nos collegios viverão de esmolas; nisto assentamos o padre Luiz da Grã e eu.

(De Piratininga, 1556.)

Sem data; mas foi escrita entre Janeiro e 3 de Maio de 1556.
Publicada no v. XLIII (1890) da *Rev. do Inst.*, n. 1.º, pp. 113/118.

2º) Este irmão foi admitido em S. Vicente pelo padre Leonardo Nunes. Morreu a 8 de Junho de 1555.

XVI

QUADRIMESTRE DE JANEIRO ATÉ ABRIL DE 1557,
AO PADRE IGNACIO

(1557)

Índios e Christãos. — Anthropophagia. — Padres Navarro, Antonio Pires e João Gonçalves. — Um feiticeiro. — Confissões de Gêntios e escravos dos Christãos. — Ambrosio Pires. — Falta de mantimento.

Este quadrimestre de Janeiro até Abril relatará cousas que muito aos d'cã nos hão consadado, e outras que nos hão entristecido: porque a maneira de lavradores nos havemos que se vêm suas sementeyras n' bem, se alegram, e si tempo contrario lhes succede, se entristecem: de um e de outro será Vossa Paternidade informado, para que lhe caiba parte das consolagões e assim das desconsolagões de seus filhos, para que, apresentando tudo a sua divina magestade em seus sacrificios e oraçõens, negociem com a divina misericórdia o que cumpre a estes seus filhos desterrados, e para este novo povo que em Christo e para Christo se começa a criar.

A estes Índios, que flearam e qui junto com os Christãos, posto que lhe defenderam o comer carne humana, não lhes tiram o ítem a guerra e lá matarem, e por conseguinte comerem-se uns a outros, o que bem se podera defender a estes vizinhos dos Christãos, segundo estão amedrentados, mas é a pratica commum de todos os Christãos fazerem-nos guerra e matar, e induziram-nos a isso, por d'cã porq' q' estã estã mais seguras; o que é total estorvo de sua conversão, e por este causa o outro, não construaas Padres a q' fil'os, até se elles não prover. Aconteceu, pois, que a vesp'ra dos Reis 53), na villa do Tufarrio, onde residia o padre Navarro, sendo ido o Príncipe com sua gente á guerra nos contrarios, que está além da Barra, os mesmos contrarios vieram por outra parte, e deram em nos

53) 3 de Janeiro de 1557.

poneos, que estavam fazendo sul para o Governador 54), menos do moia legua d'esta cidade, e mataram muitas mulheres da aldeia do Tubarão, e outros feriram e levaram: a vinda, que este Principal vinha, deu com es que haviam tomado os seus, e depois de muita peleja, tomou a alguns dos mesmos que haviam dado o salto, dos quaes lhe coube um ao quinião da aldeia do Tubarão: pediu elle licença ao Governador para matar aquelle, pois era dos que haviam mortos aos seus, para consolar o moço, que tinha, dos que lhes haviam mortos; deu-lhe o Governador licença para o matarem fora da aldeia; fizeram-no assim, e mataram-no, e comeram-no, porque l'ho acharam a cozer; mostraram os Padres muito sentimento de tao grande abominacão, e veio-se o padre Navarro da aldeia, que muito sentiu a aldeia toda, queixaram-se ao Governador, por haver dado tal licença, o que elle muito sentiu; mas Nosso Senhor, que sabe do mal tirar bem, o permittiu assim pelo bem, que disse se seguiu, porque o Governador fez nisso grandes ameaças aos Indios e mandou apregoar por suas aldeas, sob pena de morte, que ninguém comesse carne humana; de maneira que os Indios ficaram muito atemorizados, e contudo isto nao quizeram os Padres levar à aldeia ate o Principal mostrar signaes de muito arrependimento, e os que comeram da carne fizeram penitencia e nao entraram na igreja por certo tempo. Nessa vera Yessa Palmitalade o padrao conção a epheidade dos Christãos d'esta terra, que, podendo defender a sua e a outros que nao guerreem, e todos obedeceriam, pelo grande medo que têm de mais a guerra passada; todavia lhes consentem que junto as portas da cidade venham matar aos que estão em serviço dos mesmos Christãos, e aprendem a doutrina com desejos de se baptisarem; estas e outras semelhantes são as angustias dos que zelam a honra e casa de Deus.

Nesta igreja de S. Sebastião, povoação do Tubarão, tornou a residir o padre Navarro com o padre Antonio Pires, e d'aqui visitavam a outra aldeia de Simão, de que nos outros quadros-moitos faço menção: o trabalho que se com elle, l'ey, é desigual e fizesse os maiores do Tubarão, para quando parecer l'ey, da l'ey; aqui ha de mais de esmola nesta aldeia, e na do Simão: l'ey, no l'ey, mais, aprendem muito bem e ha muitos entre elles de muito bom engenho; os mais d'elles sabem a doutrina toda e sabem o essencial da Fe, que em perguntas, a natureza do diazão, l'ey ensinam na sua l'ey; têm grande obediencia aos Padres, ninguém da aldeia vai fora sem pedir licença aos Padres, e si algum faz a gema travessura, faz a penitencia, que lhe dao, e as vezes é disciplinar-se na igreja; os que nosti

54) D. Duarte da Costa.

aldeia residem, se mantêm das esmolas dos Índios, porém não deixam de padecer muita falta, porque, como esta aldeia não está junto de mar, mas pelo sertão um pedaço, está a pescaria longe, e por amor dos contrários que allí os costumam de esperar, não osam de ir pescar, sinão todos juntos, o que é causa de muitas vezes elles e seus mestres padecerem muita fome.

Na casa de Nosso Senhor, que está no rio Vermelho, se continou o exercicio acostumado de doutrinar aquellas duas aldeas, no que se passou muito trabalho, por estarem mais espalhados e os meninos terem allí a pescaria, onde todo o dia andam, ora uns, ora outros, de maneira que, si os não iam a buscar, não vinham, por mais que lhes tangesse a campainha, nem seus padros eram mais diligentes em vir, si primeiro não lho rogavam, importunavam, no que se experimentava grande trabalho e afflicção de espirito, até que Nosso Senhor quiz abrir mais caminho para nos consolar, e foi que, na povoação, perante o padre João Gonçalves, foram muitos ou todos da aldeia a fazer offerta das raizes de seu mantimento a um seu feiticeiro, para que lhes fizesse crescer a que tinham plantada, dando-lhe chuvia e tempo conveniente: outras muitas ofertas destas haviam feito, quando partiam para a guerra, mas era em secreto, posto que não faltava quem os descobrisse dos mesmos seus, a quem aquillo parecia mal e haviam sua reprehensão, mas esta foi em publico perante o Padre seu mestre, e sobre isso se ajuntou blasphemarem da nossa doutrina e desprezarem-na, o que sabido pelo Governador, mandou prender ao feiticeiro e a outro que contra a doutrina fallava, estiveram presos sete ou oito dias, até que por rogos dos Padres, os soltaram, de que ficaram todos amedrontados, que dali por diante se começaram a encher as egrejas; favorecer a isto muito mandou o Governador por sua lingua pregar-lhes e autorisar-lhes, que nos ensinavamos, de maneira que subitamente vimos o notavel proveito que nasceu de se castigar áquelle feiticeiro, porque d'onde antes nem com rogos nem com importunações queriam vir á igreja, depois logo, como ouviam a campainha acudiam todos, e logo os meninos, que antes vinham a escola com tanto trabalho de os irem buscar, vinham todos, como os chamavam com a campainha os domingos e festas, em que se ajunta a gente de duas povoações, não cabiam na igreja: e d'onde antes offerciam a seus feiticeiros, trazem a offerecer á igreja: e vêm já a pedir saúde á igreja a Nosso Senhor para si e para os seus, si estão doentes, antes si tinham algum filho pequeno para morrer, não queriam que lhe o baptissem, por lhe dizerem seus feiticeiros, que morreriam logo, nem elles, si adoeciam, negavam estarem doentes por lhes não fallarem no baptismo, mas já agora de boa vontade dão seus filhos, antes que morram, ao baptismo, e d'estes mandamos bono quinhão de innocentes regenerados com o santo baptismo aos Deus.

O Governador vendo que succedia tão bem á prisão do feiticeiro e que tanto fructo disso sahira, *apposuit ut accubiterent illi malefactoribus*, os que impediam a palavra do Evangelho do Senhor; do que resultou muito maior Lem, e os Indios se sujeitaram com isso mais, e se fizeram muito nossos obediētes; assim que por experiencia vemos que por amor é muy difficullosa a sua conversão, mas, como a gente serviu, por meno fazem tudo, e posto que nos, grandes por não conceber sua livre vontade, presumimos que não terao fe no coração, os filhos, creados nisto ficarão firmes christãos, porque é gente que por costume e criação com sujeição farao d'ella o que quizerem, o que não será possível com razoes nem argumentos. Já agora dá os filhos de sua vontade para filhos em carne, e lhes levam disso que têm para ajuda de sua manutença, mas destes se acertaem poucos, por causa da sustentação que não temos para lhes dar; nesta egreja do rio Vernuelho se começaram já a fazer a extremar dos seus e vieram a fazer casa junto da egreja, com desejos de em tudo ser melhor exterior, e vê-la christã; escolheram uma só mulher, são muy castos, e quanto pare e ao de fora não pode ser melhor exterior, porque nestem sentimento ao cargo o que dizem pela boca; mas talavia não se baptisam ate mais serem juvenes, porque como estes Indios têm muitas occasiões para tornarem atraz e muitos tornarem, não osam os Padres a baptisar, sem primeiro muito os provarem; as occasiões que têm são terem outras aldeas perto, e tão perto que uma está a uma legua da cidade, e outras a duas, e outras a mais, e onde se come carne humana, e são importunados e convidados para as luas, festas; assim mesmo os seus das outras aldeas tem-nos em pouco si se fazem christãos, e ficam deshonrados para com os seus alem das occasiões dos outros pecados, como é seu beber e luxurias, nos seus vícios, como se nestes criaram o nellas v. veram sempre é muy difficullosa tirar-lhe-o.

A um d'estes, que estão junto da egreja, nasceu um filho, e fez muito que lho baptisassem logo como a filho de Christão com solemnidade, o que se fez em um domingo, com festa e solemnidade; fizeram-lhe o officio solemne e cantado, os meninos fizeram procissão com todos pela aldeia, cantando a ladainha; alli se fez uma boa pregação a todos, que eram mais de trescentas pessoas; o Terceiro este com seu filho uma o Terça da peixe assado e farinha; com este se baptisaram outros innocentes, por serem filhos de Indios, que creem estarão quados sem se mudarem dalli por terem criação ao lugar.

Esta quarta-feira nos quiz Nosso Senhor muito consolar com as confissões dos gentios; mandamento das escravas das Christãs, no que se confessaem muito fervor e devoção, quando não não cuidavamos; o padre Navarro confessava por si só, os outros Padres por interpretes; e foi de natureza, posto que todos con-

fessassem, sempre sobejavam muitos, que não se podiam confessar; foram tão proveitosas estas confissões, que enxergamos muita emenda de seus vícios e maus costumes, e temos alcançado, que si os senhores puzessem qualquer cuidado em os fazer viver em bom estado, casando os que fossem para isso o fazel-os ir domingos e festas à missa e doutrina, que seriam meliores christãos que seus avos, porque tirados do vicio da carnalidade, todo o mais nelles é muito venial.

Disto havia muitas particularidades que dizer; mas basta o dito; uma se direi, pela qual conhecerão as outras: poucos dias ha que veio uma velha com uma offerta a egreja do rio Vermelho, rogando ao padre João Gonçalves que sarasse a um seu neto, que trazia, que tinha muito doente; e quiz o Senhor, por virtude de suas palavras, que sarasse, para confusão do Demonio, que lhes mette em cabeça que lhes deitamos a morte com o baptismo; outras crianças trazem a egreja enfermas, e com lhes rezar o padre João Gonçalves o Evangelho, quer o Senhor que saem por sua bondade e misericordia.

Acham-se já Indias escravas dos Christãos, que admoestadas nas confissões que nao pequem com seus senhores, nem outrem ninguem, antes se deixam espantar e se offerecem a matarem-nas antes que tornarem ao peccado passado.

O padre Ambrosio Pires fez muito fructo esta quaresma, com suas pregações, as quaes fazia todos os domingos e festas e alguns dias outros da semana; é muy acceito a todos. Os Christãos nos tom muito credito e amor, o que bem vimos esta quaresma, que succedeu a terra estar necessitada de mantimentos, porque os Indios nao o tinham e padecem inda agora muita fome; a causa disso foi nao ouzerem os Indios plantar, por terem para si, que os haviam de deitar da terra e lhes haviam de dar guerra, no que elles tinham muita razão de cuidarem; porque era pratica de muitos maus Christãos, por qualquer cousa que lhes não queriam dar os Indios, ou fazer-lhes, os ameaçavam com o Governador, dizendo que logo os haviam de matar e deitar fora da terra, pelo qual não ousavam a fazer nada de novo, mas somente e amam o mantimento que tinham feito, depois que estas duas egrejas se fizeram entre elles e os Padres os seguraram, começaram a fazer roças, depois que aos Indios se lhes acabou mantimento velho e o que tinham feito de novo não eram ainda de vez, veio-lhes grande trabalho de tomá-lo, de maneira que, nem a si nem a seus mostres podiam soccorrer.

No Collegio da cidade tambem houve grande necessidade por haver muita gente e não haver remedio da sua mananca, porque nem tinha com que merear mantimento aos Christãos, por não ter dinheiro, nem o haver d'El-Rei para lh'o darem, o que sabido

pelos que regem a cidade, determinaram de nos manter a todos, sem ninguém lh'o pedir, nem nisso nenhum de nos intervir; mas elles, vendo nossa necessidade e falta tão manifesta, soccorreram com muito mantimento, que alasta a esta casa da cidade, e daqui se provem tambem os Padres e Irmãos, que estão nas outras egrejas com os Indios.

(Da Bahia.)

Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1.^o, pp. 118/125.

XVII

AOS MORADORES DE S. VICENTE.

(1557)

Exhortações aos moradores. — Padre Antonio Pires. — Falta do Bispo.

Muito amados em Jesus Christo. Irmãos, aquelle Nosso Senhor, que já se nos vai à dextra de seu Padre, tenha por bem enviar-nos seu Santo Espirito, amen.

Obrigou-me o amor que em o Senhor Nosso tenho a escrever estas regras a todos, já que com cada um particularmente não posso cumprir: porque como a todos eu tenho escriptos em meu coração com o sangue do Novo Testamento, que o Cordeiro, poucos dias ha crucificado, derramou por toda a cidade de Jerusaleu com grande e igual amor por todo o mundo, assim tambem me pareceu bem com todos juntamente me alegrar, escrevendo a todos, pois o amor é todo um, e a todos igual.

Muito me alegrei no mesmo Senhor que caminhavam bem muitos para a vida eterna, e não lhes esquecer logo de todo a doutrina que por boca d'este peccador pobre ouviram: quererá o Senhor dar graça para se acabar, pois a deu para se começar algum fructo, porque aproveitara doutra maneira correr um pouco após dos unguentos cheirosos do Senhor, após dos quaes corriam as que diz a esposa nos cantares, sinão achegardes à botica onde elles estão, que é a vida eterna, assim como diz o apóstolo S. Paulo que cheguéis, não como gente que aguenta o ar, e que corre, e não sabe para d'onde nem a que fim, mas como gente a quem espera Jesus Christo para dar a coroa e forçaca da vida eterna, que os dias passados apparelhou a todos aquelles que o amam, podendo e resuscitando, e agora subirá aos céus apparelhar o logar, assentado à dextra de seu Padre, que somente faltava, e para dalli nos mandar o seu espirito consolador a todos aquelles que, com as portas de seus sentidos fechadas, por medo das tentações diabolicas, estão com o discipulo do Senhor juntos em oração, e conformidade de vontade; porque, assim como o fogo de amor do Padre e do Filho, que é um Deus verdadeiro, assim tambem não obra sua infinita

virtude sinão onde achá uns mesmos corações, uns mesmos desejos, uma paz, uma opinião, um amor, uma bondade, uns propositos, uns mesmos servidores de Christo, o qual na oração que no horto fazia, quando nossos peccados lhe doeram tanto que obrigou a charidade sua infinita, com que amava sua creatura, a suar gottas de sangue que de seu corpo aos vestidos corria, e dos vestidos a terra regava, por ser muito para o tal tempo guardou pedir a seu Padre, que, assim como elles eram uma mesma cousa, todos seus escolhidos fossem uma mesma cousa com elles, porque tambem na vida eterna tudo sera um com Deus; pois esta escripto que os que querem bem a Deus, um mesmo espirito serão com elle: está o aquella cousa so, que o Senhor Jesus Christo dizia a suas amigas Martha e Magdalena que lhes era necessaria, porque todo o mais perturba muito, e faz loerrar este mundo ainda em suas maldades com pouco gosto, e faz perder o outro, porque arduidos, nem odios, nem presumpções, nem murmurações, nem desinquietações e outras cousas similhantes, não moram na casa de Christo, a qual, posto que tenha muitas moradas, em nenhuma se recolhem as taes obras, pois que já tem a potencia e justiça deputados outros aposentos no centro da terra para os taes, onde para responder uma cousa com outra ha choro e bater de dentes, e outros trabalhos, os que queira o Senhor por sua bondade ordenar de maneira que nunca os experimenteis; porque grande mal e de trabalhos deste mundo ir a possuir outros maiores no outro, e já que é posta a lei no mundo que os filhos de Adão pedegam trabalhos, sejam antes os da penitencia proveitosa, os quaes o Senhor, com sua graça de consolação e alegria espiritual, faz muy pequenos, pois o seu jugo e sempre suave e leve, e é fiel senhor e bom, que nol-o ajuda a levar, ainda agora por sua parte, e sempre quer levar o maior peso, des que se avezou uma vez a levar a cruz ás costas para o Calvario, elle de uma parte, e Simão Cirineu da outra: com tal companheiro, com tao amoroso Senhor, quem podera ser tão fraco, que nao possam fazer penitencia de seus peccados, com tanto sangue derramado, que e veyladeira mesinha de nossas chagas? quem não se curará? Curai-vos, irmãos, curai-vos, si ainda não abastou quaresma, nem padecer Christo, nem resuscitar, nem abrirem-nos lá o thesouro todo da santa Egreja, para pagardes com elle todas vossas dividas, porque, muy coitado será aquelle por quem passarem estas cousas todas, e ficar ainda por curar, e muito mais coitado aquelle, do qual se despede Jesus Christo, subindo-se a dextra do Padre, e o deixa ainda em peccado mortal, e sobretudo muito mais mal aventurado aquelle a quem, nem com tudo isto, nem com o Senhor nos mandar o seu espirito de vida abrasador de todos os corações de Jesus Christo, pôde acabar romsigo apparellhar-se para recolher seu quinhão; pois tanto de graça se dá, e em tanta abundancia muitas vezes eu lo eu, e é para mim

grande signal do mundo durar pouco, pois Nosso Senhor vejo que quer espendir tanto sua gloria, e busca tant as maneiras para andar e a da, e promette tão barata, como cousa que muito já deseja encher o numero dos es oífidos e recolher os chamados e convidados ás bodas de seu filho; porque, quando eu vejo que a um Abrahão, Isaac e Jacob, tanto seus servidores, não lhes dava mais que muito gado e muitos oífios, e destes outros muitos, que dirá agora de mo bens tão largo e liberal, que não contente com dar-nos a seu unigenito filho para trinta e tantos annos nos servir e ensinar, e por derradeiro morrer por nos, agora nestes tempos derradeiros não deixa nada por trazer á praça, para cada um, com somente uma pouca de contrição, merque o que lhe fizer mister: vós, irmãos, a quem eu nas entranhas de Jesus Christo desejo ver salvos, mereci muito perseverança, muita temperança, grande castidade, e si não pudesdes guardar tanto cousa dos ladrões, que por nossos sentidos entram a roubar, enchei vossa alma de charidade, e misto empregai todo vosso mentalheiro, porque é fogo tão forte que fogem d'elle os demonios, e não ousam a entrar na casa onde se elle accende: e, porque sempre traz todas as virtudes após si, logo tereis tudo, si a elle tiverdes. O meu amado irmão e padre Antonio Pires vol-o dirá lá de mais perto, com mais charidade, do que o eu escrevo: ouvi-o, que creio que lhe dará o Senhor lingua para vol-o dizer, pois deu muitas de fogo nas palavras e ignorantes pescadores, e tambem lhe dará correção para chorar vossos peccados, juntamente com os seus e meus.

Muito desejo saber a vantagem que achais da confissão continuada, a qual conhecereis da emenda da vida, com o qual rogo a Nosso Senhor me queira consolar, vindo-me disso boas novas, e folgaria muito que muitos me escrevessem um particularmente; porque, posto que eu a todos não escrevia, com todos fallo muitas vezes, e em minha alma os converso, e ás vezes, passando com elles por essas ruas, e em minhas polvas orações e sacrificios, cada um tem seu quinhão; queir o Senhor, por quem é, accõitar meus desejos, os quaes são fazer-vos Nosso Senhor fues quaes eram os da primitiva Igreja; porque, si ali não houber grande fogo de charidade, como sera possível encenderem-se os corações do thio? Primeiro accenden o Espirito Santo fogo de linguas em seus doze apóstolos, dos quaes se a leon toda a Europa e Asia e Grecia e Palestina e Africa, quasi to loo mundo, o qual fogo se apazou já muita parte d'elle por meus peccados e por não achar corações limpos e puros em que ardesse, porque esses que havia quiz o grande pater-famílias recolher-os a sua gloria, para que já lh'o merecia, e porque somente destas partes, de Nosso Senhor tão esquecidas tantos mil annos ha, nunca se accendeu, nem se conheceu tal fogo; muito desejo eu que aquelles a quem Nosso Senhor o der, tenham tão grande cuidado que não se lhe apague, mas antes, alligando com a com-

munição dos sacramentos, com as orações ferventes, com as conversações castas e puras, com grande contrição do passado, e propósito com tanto do que está por vir, com a frequente meditação dos tempos passados, dos presentes, e dos que esperamos, que serão sem fim, com muita guarda dos sentidos, e muito mais do coração, o qual não o razão, que seja senhor delle simão o mesmo que o criou a sua imagem e similitude: e os outros com as, e outras muitas que o mesmo espirito do vida sabe muyto bem ensinar nos corações, onde entra, quera eu que de tal maneira ardesseis em charidade que até os mortos se queimassem com elle.

Oh! irmãos de Jesus Christo, herdeiros com elle da sua gloria, filhos perillados do Padre Eterno, vos sois as plantas, a nova semente, que o Senhor nestas partes pôz e plantou! Quem vos debem que não dáis fructo digno de se apresentar na mesa do Rei Celestial? Estas são as fazendas principaes que haveis do fizeo do Brasil neste o trato, que deve se fazer com os cidadãos do cildade de Jerusalem celestial, mandardos lá muitos gonudos, muitos settas de fogo; o portador, que leva e traz, e o mesmo Espirito Santo; o trato bendito não e de assuear, corruptivel, mas de graça, mais saberosa que layo de mel: que peccos ha que te ouerem ter? quão poucos mercadores da vida eterna se acham? Si es mercadores de pedras preciosas topassem contigo, venerariam tudo por te mercar, e em ti tratar: trato sem perigo, venerariam tudo por te mercar, não pode errar! trato de tanto perigo o piloto, que governa, não pode errar! trato de tanto perigo, no qual não se ganha um por cento, mas por um se dá cento, e a felicidade vida eterna em contrapeso! trato que neste mundo entrego e de graça, e no outro e gloria! trato sem desasosiego, mais quanto mais se trata, e quanto mais de pilotagem se ganha! trato onde nunca se perden ninguém, e todos possuem suas riquezas em paz! trato sem perigos, mas antes elle livra do perigos! trato onde amezar e meterer, e não peccar! trato, finalmente, onde o mal se abem senta na cidade de Deus celestial de ritas que torvata a seu Senhor, e a terra dos desterrados filhos de Adão, pecho no pecho no mercadorias espirituales de graça, de virtudes, de consolções! Deste trato quero eu, e desejo que haja muito nesse trato, ao menos sobre aquelles que bem sabem chegar seus negocios, deixando o trato maldito de peccar, pois por retorno não têm simão fogo de envolver, que queima, e humida a vida eterna: porque assim como por fogo se consuma a carne e os ossos e a sabedoria da vida, se burna a impureza do fogo infernal, assim a carne e o fogo do celestial se burna a impureza da vida e do fogo do infernal, e o que e de graça, e qual e de graça grande, e quanto da essencia divina, que a todos alarga e incende em si quando ao exterior estão; porque, como diz S. Paulo, desta conta ponca que o Espirito Santo reparta, livra a o outro grande e perillado o repartidor, que d'onde quer aspira, e que reparta muito aos Apostolos,

tanta perda de navios, para ganhar total aborrecimento à esta terra, o qual creio, que todos lhe tem já ganhado, si não é Sua Alteza, cujo coração christianissimo está nas mãos de Deus.

O que ao presente ha que escrever, direi brevemente, porquo si Nosso Senhor trouxer a armada, que cada hora esperamos, e ella tornar este anno, por ella o faremos mais largamente.

Os Padres e Irmãos estão de saude, *in utroque homine*, salvo o padre Navarro, que Nosso Senhor levou para si 601. como ta la saberão; todos procedem bem no que lhes e mandado. Na cidade reside o padre Antonio Pires, como Reitor da Casa, com o padre Ambrosio Pires, o qual agora tem cuidado de lér uma classe aos que mais sabem de latim, o tem tambem à seu cargo

60) Simão de Vasconcellos (*Chron.*, I. I., n.º 195) diz que Navarro morreu no Collegio da Bahia em 1555, e Franco (*Imag. da virt.*, em o *nov. do Coll. de Coimbra*, II, pp. 199 e 202) acrescenta que a 17 de Janeiro.

Quanto ao dia, não é possível aceitar-se a data, porque a 21 de Junho do mesmo anno escrevia Navarro em Porto Seguro a carta em que descreve a sua jornada ao sertão em 1553, ao que parece, publ. no proprio anno de 1555 em Coimbra e d'ahi traduzida pelo Visconde de Porto Seguro na *Hist. Ger.*, 1.ª ed., t. I, pg. 400; será reproduzida nas *Cartas avulsas de Jesuitas*.

Quanto ao anno, tambem não se póde admitir: 1.º porque sabe-se (*Rec. do Inst.*, XLIII, 1880, p. 1.ª, pg. 154) que Nobrega assistiu a sua morte no Collegio da Bahia, quando este se ali chegou de S. Vicente a 30 de Julho de 1556; 2.º porque pelas *Letras quatr. de Setembro*, (de 1556) a *Janeiro* de 1557 e pela *Quadrimestre* de Nobrega de Janeiro ate Abril de 1557, vese que Navarro ainda vivia; 3.º porque Navarro se chegou de Porto Seguro à Bahia em 1556, antes da parti da da nau do Bispo que se perdeu (em Junho) em viagem para o Reino (Blasques, *De alg. cousas que irou em a nau do Bispo*, na *Rec. do Inst.*, LXIX, p. 1.ª, pg. 7).

Na carta a Thomé de Sousa de 5 de Julho de 1559, diz Nobrega: « Neste tempo nos levou Nosso Senhor ao padre Navarro... e concedeu-nos que d'ahi a pouco tempo viesse Men de Sá. » A vinda do 3.º Governador, foi em 1557, depois de 11 de Agosto, como em outro lugar dissei.

Em appendice à *Quadrimestre* de Nobrega de Janeiro a Abril de 1557, dá-se noticia da morte de Navarro, sem declaração de mez nem dia, mas vese que foi 1.º, depois da quaresma, pois ainda era vivo na quinta feira santa (15 de Abril). Este acontecimento (*Rec. do Inst.*, XLIII, p. 1.ª, pp. 152-155) escripto em hospitalol, provavelmente pelo padre Blasques, começa: « Por el cabo desta me pareceo convenientemente poner el bienaventurado transito del padre Navarro. »

Blasques na carta da Bahia do ultimo do Abril de 1558, que tracta de Maio de 1557 em deante, não diz palavra sobre Navarro, prova que ja não existia nesse periodo.

A morte do padre Navarro foi pois provavelmente entre 15 e 30 de Abril de 1557.

as pregações da cidade; ficaram com Antonio Blasques os que menos sabiam; ha na mesma Casa, assim mesmo, escola de ler a alguns meninos do Gentio, e com elle se ensinam outros da cidade, e de todos tem cuidado um irmão; os estudantes do fora, não são mais que tres ou quatro meços capellães da Sa: mais de casa são onze ou doze, d'elles irmãos, e outros meços orphaos, d'aquelle que pareceu mostrarem e lerem melhor habilidade para estudarem e melhores partes para poderem ser da Companhia: todos os mais orphaos são dados a officios, salvo dous ou tres, que nem são para serem da Companhia, por serem mal dispostos, nem para se darem a officios, por nao serem para isso: a estes não vemos outro remedio, salvo tornal-os lá a morder.

Nesta Casa de Nossa Senhora do Rio Vermelho residio eu agora com o irmão Antonio Rodrigues (61), e d'aqui visito, quando posso, aos irmãos, porque a falta do padre Navarro me obriga a isso. Na Igreja de S. Sebastião reside o padre Joao Gonçalves com um irmãozinho mal disposto.

A manutenção de todos agora é as esmolas da cidade, a qual tomou a cargo manter-nos ate havermos algum remedio com a vinda dos mais, que esperamos; porque d'El-Rei nao nos dao nada, nem ha que dar, e, si Nosso Senhor nao abrija este caminho, não sei que fora de nos, porque nem com vender os ornamentos, e edificios da Igr ja, fóra possível manter-se toda a gente. Esperamos maneira de sustentação.

Com os Christãos fazemos ca pouco, porque aos mais tomos cerradas as portas das confissões, e de milagre achamos um, que seja capaz da absolvição, como por vezes lá e escripto, e não sinto poder-se a estes dar remedio; sinão o que me parece, que não se ha de por, é para nos grande desconsonação; com o confio tambem se faz pouco, porque a maior parte d'elles, que eram freguezes d'estas duas egrejas, fugiram; a causa d'isto foi tomarem-nos os Christãos as terras em que tem seus mantimentos, e, por todas as maneiras que podem, os lançam d' terra, usando de todas as manhas e tyrannias que podem, dizendo-lhes, que os não de a alim, como vier esta gente, que se esperava esta é a commun pratica de maus Christãos, que com elles tratam, e de todos seus escravos; e cuidam que salvam a alma em os deitar d'aquí e fazer-lhes mal pelo grande odio que todos lhes têm.

É porque alguns se asseguravam com as nossas palavras, inventaram a dizer-lhes que nos os queriamos ter juntos para os melhor matarem, e com este medo de os matarem e com lho

61 Este irmão foi admitido no Brasil: era filho de um dos Indios
Rel. do Bibl. Nac., I. (p. 63).

reparta tambem com essa terra seu quinhão, porque querendo elle e querendo vós ouvil-o, tenho por certo que alegrareis a cidade de Deus com o impeto do rio de lagrimas, e com a emenda de vossos peccados, e por mim rogareis todos ao Senhor, pois vol-o digo com entranhas de amor, e muito mais o desejo.

Agora esperamos pastor 55), e tambem Padres da Companhia, o que tudo nos ajudará.

Desta Bahia.

—
Sem data, mas deve ser de 1557, depois de 27 de Abril e antes de 27 de Maio, isto é, depois da Paschoa e antes da Ascenção, como se vê do contexto.

Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1.^a, pp. 81-87.

55) Porque talvez sido morto o Bispo em Junho de 1556.

XVIII

PARA O PROVINCIAL DE PORTUGAL.

(1557)

Navas de Men do Sá.—Morte do padre Navarro.—Antonio Pires, Ambrosio Pires, Antonio Blasco.—Orphãos.—Antonio Rodrigues, João Gonçalves.—Christóvão e Indras.—Estado da terra.—Caripó.—Capitania de S. Vicente.—Martim Affonso de Sousa.—Castelhanos e Portuguezes.—Luiz da Grã, Manuel de Chaves.

Por via de Pernambuco escrevi duas cartas, uma a Vossa Reverendissima e outra ao padre Dom Leão 56), a qual tambem servia de informação a Vossa Reverendissima; por outro navio, dos Ilheos, escrevemos por diversas vezes, *scilicet*: uma carta com as do governador D. Duarte e outras por via de um Francisco d'Andrade, porque esteve nos Ilheos, e outras em que iam os quadrimestres, com as da mulher de Antonio Cardoso 57), que Deus haja.

Agora o faço tambem por via de Porto Seguro, para que não vá de ca navio sem carta nossa, e isso mesmo deviam lá de usar, de mandarem sempre por todos os navios alguma carta, para qualquer destas capitánias que venha, porque em todas se achará quem as encaminhe a esta Bahia.

Agora não ha que escrever, porque temos já escripto muito e de nada temos visto resposta, e em muitas cousas estamos suspensos, por tardar tanto o recado que esperamos.

No fim de Julho 58) chegou aqui uma caravela d'El-Rei que trazia o cado: esta deu nova, como Men do Sá, governador, partira de Cabo Verde, vespera da Ascenção 59), primeiro que este navio tres dias; espantam-se todos não ser já aqui, e tememos haver arribado, ou permittir Nosso Senhor algum desastre, para que venha sobre esta terra toda periglio e descomsolagão possível, porque até a futura desta, não é chegada; presumimos virem allí Padres, posto que ninguém nel-os saia certificar; estas trabalhosas e venturosas viagens causam partirem navios de lá tão tarde e virem tão fora de tempo, que, si da vinda escapam, ás vezes não escapam da tornada, e sera muita parte,

56) Henriques, o confessor d'el-rei D. Henrique.

57) de Barros.

58) de 1557.

59) 27 de Maio de 1557.

tanta perda de navios, para ganhar total aborrecimento à esta terra, o qual creio, que todos lhe têm já ganhado, si não é Sua Alteza, cujo coração christianíssimo está nas mãos de Deus.

O que ao presente ha que escrever, direi brevemente, porque si Nosso Senhor trouxer a armada, que cada hora esperamos, e ella tornar este anno, por ella o faremos mais largamente.

Os Padres e Irmãos, estão de saúde, *in utroque homine*, salvo o padre Navarro, que Nosso Senhor levou para si 600. como já li saberio; todos procedem bem no que lhes é mandado. Na cidade reside o padre Antonio Pires, como Reitor da Casa, com o padre Ambrosio Pires, o qual agora tem cuidado de lér uma classe aos que mais sabem de latim, o tem tambem à seu cargo

60) Simão de Vasconcellos (*Chron.*, I, I., n.º 195) diz que Navarro morreu no Collegio da Bahia em 1555, e Franco (*Imag. da virt. em o n.º. do Coll. de Coimbra*, II, pp. 199 e 202) acrescenta que a 17 de Janeiro.

Quanto ao dia, não é possível aceitar-se a data, porque a 21 de Junho do mesmo anno escrevia Navarro em Porto Seguro a carta em que descreve a sua jornada ao sertão em 1553, ao que parece, publ. no proprio anno de 1555 em Coimbra e d'ahi traduzida pelo Visconde de Porto Seguro na *Hist. ger.*, 1.ª ed., t. I, pg. 460; será reproduzida nas *Cartas arcaicas de Jesuitas*.

Quanto ao anno, tambem não se póle a limitar: 1.º porque sabe-se (*Rec. do Inst.*, XLIII., 1880, p. 4.ª, pg. 151) que Nobrega assistiu à sua morte no Collegio da Bahia, quando este só ali chegou de S. Vicente a 30 de Julho de 1555; 2.º porque pelas *Letras quade. de Setembro*, (de 1556) a Janeiro de 1557 e pela *Quadrimestre* de Nobrega de Janeiro até Abril de 1557, vê-se que Navarro ainda vivia; 3.º porque Navarro só chegou de Porto Seguro à Bahia em 1556, antes da partida da nau do Bispo que se perdeia (em Junho) em viagem para o Reino (*Blasques. De alg. cousas que tra em a nau do bispo*, na *Rec. do Inst.*, LXIX, p. 4.ª, pg. 7).

Na carta a Thomé de Sousa de 5 de Julho de 1559, diz Nobrega: « Neste tempo nos levou Nosso Senhor ao padre Navarro, e concluzimas que fazi a parte tempo a esse Me. de Sa. » A vinda do 3.º Governador, foi em 1557, depois de 11 de Agosto, como em outro lugar disse.

Em appendice à *Quadrimestre* de Nobrega de Janeiro a Abril de 1557, dá-se noticia da morte de Navarro, sem declaração de mez nem dia, mas vê-se que foi logo, depois da quaresma, pois ainda era vivo na quarta feira santa (15 de Abril). Este aclutamento (*Rec. do Inst.*, XLIII, p. 1.ª, pp. 152-155) escripto em castelhano, provavelmente pelo padre Blasques, começa: « Por el cabo desta me pareceo convenientemente poner el bienaventurado transito del padre Navarro, &c. »

Blasques na carta da Bahia do ultimo de Abril de 1558, que tracta de Maio de 1557 em diante, não diz palavra sobre Navarro, prova que a não existia nesse periodo.

A morte do padre Navarro foi pois provavelmente entre 15 e 30 de Abril de 1557.

as pregaçãoes da cidade; ficaram com Antonio Blasques os que menos sabiam; ha na mesma Casa, assim mesmo, escola de ler a alguns netinhos do Gentio, e com elles se ensinam outros da cidade, e de todos tem cuidado um Irmão; os estudantes do fora, não são mais que tres ou quatro moços capellães da Sé; mas de casa são onze ou doze, d'elles irmãos, e outros moços orphãos, daquelles que pareceu mostrarem e terem melhor habilidade para estudarem e melhores partes para poderem ser da Companhia: todos os mais orphãos são dados a officios, salvo dous ou tres, que nem são para serem da Companhia, por serem mal dispostos, nem para se darem a officios, por nao serem para isso; a estes não vemos outro remedio, salvo tornal-os la a mandar.

Nesta Casa de Nossa Senhora do Rio Vermelho residio eu agora com o irmão Antonio Rodrigues (61), e d'aqui visito, quando posso, aos Irmãos, porque a falta do padre Navarro me obriga a isso. Na Igreja de S. Sebastião residio o padre Joao Goncalves com um Irmãosinho mal disposto.

A manutenção de todos agora e as esmolas da cidade, a qual tomou a cargo manter-nos ate havermos algum remedio com a vinda dos mais, que esperamos; porque d'El-Rei nao nos dão nada, nem ha que dar, e, si Nosso Senhor nao obrára este caminho, não sei que fora de nós, porque nem com vender os ornamentos, e calices da Igr. ja, fora possível manter-se toda a gente. Esperamos maneira de sustentação.

Com os Christãos fazemos cá pouco, porque aos mais temos cerradas as portas das confissões, e de milagre achamos um, que seja capaz da absolvição, e de vez em quando se dá remedio, e não sinto poder-se a estes dar remedio; são o que me parece, que não se ha de pôr, e para nós grande desconsolação; com o Gentio tambem se faz pouco, porque a maior parte d'elles, que eram freguezes d'estas duas igrejas, fugiram; a causa d'isto foi tomarem-lhe os Christãos as terras em que tem seus mantimentos, e, por todas as maneiras que podem, os lançam da terra, usando de todas as manhas e tyrannias que podem, dizendo-lhes, que os hão de matar, como vier esta gente, que os espera e esta e a commun pratica de uns Christãos, que com elles tratam, e de todos seus escravos; e ainda que saíam a alma em os deitar d'aqui e fazer-lhes mal pelo grande odio que todos lhes têm.

E porque alguns se asseguravam com as nossas palavras, inventaram a dizer-lhes que nós os queriamos ter juntos para os melhor matarem, e com este medo de os matarem e com lho

(61) Este Irmão foi admittido no Brasil: era interprete dos Indios (Lett. de Bibl. Nac., t. 1, p. 63).

tomarem as roças e terras, que é outro genero de os matar, se foram muitos, outros ficaram ainda, que tambem esperamos que se irão si a cousa vai como vai; o Governador nisso não pode fazer nada, nem sei si o que vier fará alguma cousa; para nós é grande dôr esta, porque vemos que são forçados irem-se onde não poderemos ter conta com elles, e levam-nos os filhos, que já estavam doutrinados, e, si não os baptisamos é porque sempre tememos isto de se fazer, ou por sua vontade ou forçados da necessidade, pela má vizinhança dos Christãos, assim que nenhuma ajuda nem favor temos nisto dos Christãos, mas antes muitos estorvos, assim de suas palavras, como do exemplo de sua vida, dos quaes muitos lhes não ensinam, sinão a furtar, e adulterar e fornicar com as Indieis, e outros males, de que o Gentio se escandalisa, e estamos furtos de ouvir ao Gentio contar cousas vergonhosas dos Christãos; e certo que nos envergonham e tapam a boca, que não ousamos de lhe extranhar os seus peccados que nelles são muito menos.

De maneira que por todas as vias está esta terra muy perdida e desbaratada, nem ha nisso Justiça nem remedio, porque acharam que Indieis não podem testemunhar nada contra Christãos, e por isso, quem quer, se atreve a viver como quizer, ainda que seja peccar notoriamente perante o Gentio; somente se guardam que christão que os não veja fazer peccado e fazer muitos aggravos ao Gentio e tomá-lhe o seu, porque não ha justiça contra elle, que attente nisso, e ainda que queira attentar, como não ha prova de Brancos ficam absoltos, como aconteceram os dias passados, que um barco que estava ao resgato da banda d'alem da Bahia, porque se botou ao mar um escravo que lhes haviam vendido, porque teria saudade da mulher e filhos que lhe ficava, podendo haver o seu por o mesmo Senhor, que lho havia vendido, que estava ainda no navio; movidos os Christãos de raiva diabolica, mataram a sete ou oito pessoas, *scilicet*: ao mesmo senhor do escravo, velho tolhido, e os mais, mulheres e moços, pelo qual se levantaram todos os d'aquella parte, de guerra, e têm feito ja muito mal, e se quebraram as pazes, que tinham com os Christãos, prenderam alguns, que fizeram isto, e por não haver provas, sinão de Indios, sahiram soltos.

E, todavia, com estes peccos, que nos ficaram, trabalhamos, e a muitos baptisariamos e casariamos ja, si as cousas se puzessem em seu lugar; a ordem que desejamos era fazerem ajuntar ao Gentio, este que está sujeito em povoações convenientes e fazer-lhes favores em favor de sua conversão e castigar nelles os males que forem para castigar e mantel-os em justiça e verdade entre si, como vassallos d'El-Rei, e sujeitos á Igreja, como nesta parte são, e fazer-lhes tambem justiça nos aggravos, escandalos dos Christãos, o que se faria bem, si a Justiça secular e ecclesiastica fosse mais zelosa, como convém á honra de Nosso

Senhor e bem commum da terra; e d'esta maneira podiam ir cada dia ganhando gente e sujeitando-a ao jugo da razao.

E os que não quizessem recebê-lo, sujeital-os e fazel-os tributarios ao serviço d'El-Rei e dos Christãos, que os ajudassem a senhoriar, como se fez em todas as terras novas que sao conquistadas, como do Perù e outras muitas.

Com a escravidão se faz muito agora mais fructo em sua doutrina e pregações na sua lingua e confissões, maiormente as do artigo da morte, de que cremos resultar muito proveito a muitas almas. Creio que pelas movermos a contricção dos seus peccados, são salvas. Muitos meninos Genticos mandamos a Nosso Senhor regenerados com o baptismo, e muitos que parecem que querem morrer, depois de baptisados, vivem, que e causa de os virem ja trazer a creche a offerecer a Nosso Senhor com suas ofertas, d'isso que tem. De S. Vicente e do Espírito Santo não temos ainda cartas, mas temos novas que estão todos bem, e trabalham o que podem no serviço de Nosso Senhor com edificação dos proximos.

Des que fui entendendo, por experiencia, o pouco que se podia fazer nesta terra na conversão do Genticos, por falta do nao serem sujeitos, e ella ser uma maneira de gente de condicão mais de feras bravas que de gente racional, e ser gente servil, que se quer por medo, e conjuntamente vêr a pouca esperança de se a terra senhorear, e vêr a pouca ajuda e os muitos estorvos dos Christãos d'estas terras, cujo escandalo e mau exemplo bastara para não se convencer, posto que foi gente de outra qualidade, sempre me disse o coração que devia mandar aos Caribys, os quaes estão senhoreados e sujeitos dos Castelhanos do Paraguay e mui dispostos para se nelles fructifical com outras gerações que tambem conquistam os Castelhanos, e juntamente com isto fazerem-me de la instancia grande por muitas vezes, *scripta* o Capitão e os principaes da terra, tendo todo o favor e ajuda necessaria para bem empregar nossos trabalhos assim entre os Christãos como Genticos; tive tambem cartas de pessoas que estavam nesta ilha com bons desejos de servirem a Nosso Senhor nesta Companhia, de muito boas partes para isso, e com isto vêr, que a capitania de S. Vicente se vai pouco a pouco despovoando, pela pouca conta e cuidado que El-Rei e Martim Alfonso de Sousa tem, e se vão ja passando ao Paraguay pouco a pouco, e considerar eu os muitos irmãos que ha em S. Vicente e o pouco que se faz ali e parecer-me que seria bom ter a Companhia la um ninho onde se recolhesse, quando de todo S. Vicente se despovoasse; juntava-se a isto parecer-me que estando la os da Companhia se apagaram alguns escandalos que os Castelhanos têm dos Portuguezes, e a meu parecer, com muita razão, porque usaram mui má com uns que vieram a S. Vicente, que se perderam de uma armada do Rio da Prata; vi-endo eu com este desejo, o deixei de por por obra, por nao

ter quem mandar, e algumas vezes estive determinado de eu mesmo sair a saber o que se poderia fazer; nisto chegou (62) o padre Luiz da Grã, o qual desejei muito que fosse, mas porque o achei de opinião contraria *aliquiess concilio epus*, e tive o meu espirito por suspeito; depois, vindo eu agora ha um anno á esta Bahia (63), achei cartas do Provincial, o Dr. Torres (64), em resposta do que sobre isto lhe tinha escripto, depois de as ler aos Padres, que aqui estavam, pedi a todos seu parecer, os quaes mandei com as cartas ao padre Luiz da Grã, tirando-me a mim afora, sem dar parecer, de sim nem de não, dizendo-lhe que fizesse fazer oração, e aconselhando-se com as cartas, que lhe mandava de Portugal, e com parecer dos Padres e Irmãos si lá parece-se bem, entrasse *in nomine Domini*: agora recobi carta sua, em como feito o que lhe escrevi, todos os Padres e Irmãos, tirando um só, eram de opinião que fossem áquella terra; e por isso estava determinado de ir, si o caminho, que aquelle tempo estava perigoso, se assegurasse mais; o que sempre nos detevo foi parecer-nos que Sua Alteza poderia ter d'isto algum desgosto e esta foi a principal razão que isto estorvou até agora; si lá o seu fitem podem e escusar, como lhes parecer melhor, e além da tal ida ser muito de serviço do Nosso Senhor, convinha para se ordenar cinco ou seis Irmãos de S. Vicente, com o Bispo, que já lá é, e e muito mais conveniente ordenarem-se lá, que virem á Bahia, quanto mais que não ha Bispo, nem sabemos quando o haverá nesta costa.

Escreve-me o padre Luiz da Grã que agora não pôde levar mais que um Irmão lingua por companheiro, para se lá ordenar, que é o irmão Chaves (65), uma boa cousa, e pede-me que mande quem d'aquelles Irmãos tenha cuidado, pelo qual será obrigado de quatro que aqui estamos, que aqui ha de fazer muita falta; portanto se deve lá trabalhar por nos mandarem socorro logo, ao menos de um Provincial, e de alguns Padres e Irmãos, que ajudem, porque a mim devem-me já ter por morto, porque, ao pre-

62) Luiz da Grã chegou a S. Vicente em Maio de 1555 (Nobrega, p. 109) e a 15 (Franco, *Inag. do Coll. de Coimbra*, II, pg. 221).

63) Como já se viu (nota 45), Nobrega chegou á Bahia de S. Vicente a 30 de Julho de 1556, e pelo seu dizer esta carta foi escripta em Agosto; como se vê do contexto, ainda não tinha vindo Men de Sá.

64) Miguel de Torres.

65) Manuel de Chaves, admitido em S. Vicente: era interprete dos Indios (*An. da Bibl. Nac.*, I, pg. 61).

sente, fico deitando muito sangue pela boca; o medico de ca ora diz que é veia quebrada, ora que é do peito, ora que pode ser da cabeça; seja d'onde fôr, eu o que mais sinto e ver a tebre ir-me gastando pouco a pouco.

(Da Bahia, 1557.)

Sem data : provavelmente escripta em Agosto, antes do dia 14.
Publicada no t. XLIII (1880) da *Rec. do Inst.*, p. 1.^a, pp. 157/132.

XIX

AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL.

(1550)

Egreja de S. Paulo. — Os feiticeiros. — Punição de um crime. — Christovão da Costa. — Offícios da Semana Santa. — Simão da Gama. — Sebastião da Ponte. — Grande sacca. — Os Indios. — O melhor Indio da terra. — Vasco Rodrigues de Galdas. — Egreja de S. João. — Miragaoba. — Noxas dos Ilheos. — Egreja do Espirito Santo. — Morte do padre João Gonçalves. — Antonio Rodrigues. — Francisco Pires. — Antonio Pires. — Demonios. — Uma conversão. — Feiticiarias. — Mãe vida dos Christãos.

A paz e amor de Christo, &c.

As novas que de nós ha escreverem a V. R. e a nossos dilectissimos Padres e Irmãos para que, como verdadeiros membros, se alegrem no Senhor commoço de nossa consolação e se compadeçam tambem commoço de nossas tristezas e trabalhos.

Pelos derradeiros navios que desta Bahía partiram o anno passado, escrevi largo do que até aquelle tempo passava; agora direi o que depois succedeu. É espanto-se V. R. e meus Irmãos como tenho entendimento, nem mãos para o fazer, por a desconsoação que cá temos de não podermos ter resposta das muitas cartas que são escriptas, porque as que trazia este navio de João Gomes não nos deram, porque o principal maço em que deviam de vir se perdeu ou alguém as tomou, de maneira que não vieram á nossa mão; as que trazia o navio de Domingos Leitão tão pouco, porque o navio não aportou cá. A armada d'El-Rei que esperavamos já tarda tanto que não se espera este anno, e por isso não poderei contar as cousas com todas suas circumstancias, mas contentar-me-hei com as dizer de qualquer maneira que puder.

Depois da vinda de Men de Sá 66, Governador, se fizeram tres egrejas em tres povoações de Indios e muitas mais se fizeram,

66 Ainda não está averiguado o mez em que chegou Men de Sá á Bahía. Quanto ao anno agora fica de uma vez assentado.

Na carta 18.ª diz Nobrega (p. 137): «No fim de Julho (de 1557)

si houvera Padres e Irmãos para nellas residirem; outras duas ou tres junctas de Indios estão junctas esperando por Padres para os doutrinarem: estas são visitadas de nós quando podemos por se dotarem assim até serem soccorridos. A primeira igreja que se fez, a uma legua desta cidade, chama-se S. Paulo; a segunda, S. João, tres leguas; a outra Sancti Spiritus sete leguas; mas será razão dizer o que em cada uma aconteceu em particular.

chegou aqui uma caravelha d'El-Rei que trazia novo: esta deu nova como Men de Sá, governador, partira de Cabo Verde, vespera da Ascensão (27 de Maio de 1557), primeiro que este navio tres dias, estanto-se todos não se já aqui e tememos haver arribado ao presentir Nosso Senhor alguma desgraça; e mais adeante acrescenta: e Si Nosso Senhor trouxer a armada, que cada nota esperamos, e ella trazer esta carta... *

Histórias, na carta da Bahia da Ilha de Abel de 1558 (*Hist. do Brasil*, XLIX, p. 1.ª, pg. 27) que tracta de Maio de 1557 em deante « até a partida dos navios », diz: « Esperando toda a terra navios de Portugal, por haver muito tempo que não vinham, chegou uma caravelha e vinha para ir daqui a S. Thome; esta deu novas como Men de Sá havia tres dias que tinha partido da Ilha do Cabo Verde em uma nau, em companhia de uma caravelha, quando esta mesma partia e que de razão não havia de tardar muito. Estando assim todos com grande alvoroço esperando, vespera de Nossa Senhora de Agosto (11 de Agosto de 1557) chegou uma nau muy famosa da India, que era a capitania, em que m. D. Luiz, filho do Arcebispo de Lisboa, por entrego-môr e veio com elle a caravelha que vinha com Men de Sá, e disse que se havia separado delle por acaso antes da partida. Dahi a alguns dias e quando estavam receosos com a tardança de Men de Sá, chegou outra caravelha, que vinha carregada de escravos da Guiné, da Ilha do Principe. Esta disse como a nau de Men de Sá fôra aportar aquella ilha com grande aperto e fal a d'agua e que d'ahi tinha já partido no mesmo dia que esta partira, mas contudo não podia chegar, que en-gava os espiritos de esperar, até que Nosso Senhor por sua misericordia a trouxe. »

Men de Sá chegou pois em 1557, depois de 11 de Agosto. Vichiera (*Mat. e Art.*, l. 2.ª, p. 3) e Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Brasil*, l. 3.ª, c. 6.ª), accusam a vinda no referido anno. Simão de Vasconcellos porém, fiantona *Carta*, como na *Vida de Anchieta*, dá a vinda de 1558, que tem sido sempre os dos historiadores. O Visconde de Porto Seguro assigna e põe em Maio de 1558 (*Hist.*, vol. 1201); acrescenta publico (*Hist. Geog.*, l. 4.ª, c. 1, pg. 463) e carta de Men de Sá a El-Rei, data de 15 de Maio de 1558, na qual já dá noticia da morte de sua filha Fernão de Sá na conquista do Espirito Santo. E não era esta a primeira carta de Men de Sá a El-Rei, porque, por Duarte de Costa, escrevem algumas cartas antes não declaro a resposta da Rainha, publico pelo príncipe Paulo segundo (*Hist.*, pg. 284, sem data, mas que deve ser posterior a 4 de Setembro de 1558; porque accusa-lhe uma carta desta data.

Em começando em S. Paulo que foi a primeira, dei primeiramente a ordem que teve e tem em proceder aqui a escola dos meninos que são para isso cada dia uma so vez porque tem o mar longe e vão pelas manhãs pescar para si e para seus paes que não se mantem d'outra cousa e as tardes têm escola tres horas ou quatro. D'estes ha hi cento e vinte por rol, mas continnos sempre ha de oitenta para riba. Estes sabem bem a doutrina e cousas da Fe, leem e escrevem, hi cantam e ajudam hi alguns a missa. Estes são ja todos baptisados com todas as meninas da mesma idade e todos os innocentes e lactantes. Depois da escola ha doutrina geral a toda gente e acaba-se com *Salve* e cantada pelos meninos e as *Virgins*.

Depois uma hora, de noite, se fange o sino e os meninos têm cuidado de ensinarem a doutrina a seus paes e mais velhos e velhas, os quaes não podem muitas vezes ir a igreja e e grande consolação ouvir por tod s as casas louvar-se Nosso Senhor e dar-se gloria ao nome de Jesus.

Aos domingos e santos têm missa e pregação na sua lingua e de continuo ha tanta gente que não cabe na igreja, posto que é grande; alli se toma conta dos que faltam ou dos que se ausentam e lhes fazem sua estagio: o meirinho, que é um s u Principal dellos, prega sempre aos domingos e festas pelas casas de madrugada a seu modo. A obediencia que têm é muito para louvar a Nosso Senhor, porque não vão for: sem pedir licença, porque l'ho temos assim mandado por sabermos onde vão para que não vão communicar ou comer carne humana ou embobedardar-se a alguma aldeia longe; e, si algum se desmanda, e preso e castigado pelo seu meirinho e o Governador faz delles justiça como de qualquer outro Christiano e com maior liberdade. Si algum adocece, é obrigado a mandar-nos chamar e de nós curado e remediado assim no corpo como na alma, o melhor que podemos, e assim poucos morrem que não sejam baptisados no artigo da morte quando elle mostram signaes de fe e de contrição, e assim destes como dos innocentes regenerados com a agua do baptismo se salvam muitos.

Os enfermos são de nos paraguaios e outros muitos e cartas que tinham se vão firando, mas dos casos particulares que conturei poderão entender melhor o que digo. Aconteceu que um irmão do meirinho e Principal da villa se foi a uns matos onde uma velha estava guardando a fruela e a matou, dizendo que esta velha e o seu espirito o fizera estar doente muito tempo; este foi preso e por ser a primeira justiça e por amor de seu irmão o meirinho, foi açoitado e lhe cortaram certos dedos das mãos, de maneira que pudesse ainda com os outros trabalhar: disto ganharam tanto modo que nenhum fez mais delicto que merecesse mais que estar alguns dias na cadeia.

Em um engenho se levantou uma Santidade por um escravo que desinquietou a toda a terra, porque os escravos dos Chris-

lhos são os que nos fazem ea a principal guerra por o deseuio de seus senhores. Aconteceu que vindo um Indio de outra aldeia a pregar a Santidade que andava, um o recolheu e lhe ajunton gente em J. e para ouvir e a Santidade que pregava era que aquelle Santo fizera bailar o engenho e ao senhor com elle, e que converteria a todos os que queria em passares, e que matava a Lagarta das roças que entoncez havia, e que nós não críamos para o restar e como havia de destruir a nossa egreja, e os nossos casamentos que não prestavam, que o seu Santo dizia que fyxossem muitas mulheres e outras cousas desta qualidade; o estando em esta pratica não pode ser tão secreta que alguns não o viessem dizer ao irmão Christovão da Costa (67) que alli residia com outro, o qual mandou lá o moirão que o tomasse e o levasse ao Governador, mas elle fugiu pelos matos des que viu que era scufido; mas prendeu o que o recolheu, e outros culpulos nisso, os quaes se soltaram e fugiram de noite. Sabendo o Governador onde estava, o mandou buscar; mas elle tambem fugiu dos homens brancos, ferido em um braco; depois tomou por seu conselho vir pedir misericordia e foi-lhe dada penitencia que se disciplinasse em um domingo na egreja e pedisse perdão a Deus e ao povo do escandalo que dera em recolher ao que trazia a feibéria, o que elle fez melhor do que lhe foi mandado, não somente elle mas tambem os outros culpulos; e metteu nos outros tanto fervor e devoção assim vieram-no como se acoitava eramente com a pratica que fez que moveu a muitos, que se sentiam culpulos em suas consciencias, a virem confessar seu peccado secreto e a disciplinarem-se tambem com elle em publico, que foi tanto de muita devoção a todos e alguns Brancos que alli estavam ficaram pasmados de verem o que viram; o que trouxe a Santidade fugiu para longe e não se pode mais haver.

Na semana santa me fui para esta egreja de S. Paulo com alguns irmãos para ali fazermos os officios d'aqueillo tempo; achou-se ali todos estes dias Simão da Gama e sua mulher e a filha e seu cunhado Basílio de Ponto, os quaes com seu exemplo muito nos ajudaram. Fizemos a procissão de Ramos muy solenne e todos os mais officios das Trevas e encoramos o Senhor, porque Simão da Gama tomou por sua devoção cunhado de a armar muito bem e de accomoditar o Senhor com toda sua casa e crioulos; mas o que aconteceu em a noite das Trevas é muito para louvar ao Senhor porque, quando vão ao *Miserere nobis Deus*, que se diz por derradeira, os irmãos se disciplinaram todos quando o diziam as escuras; os Indios que da Paixão de Nosso Senhor

67) Este irmão provavelmente foi admitido no Brasil.

Jesus Christo ja tinham alguma noticia, *verum spiritus Domini in eis*, e movidos de grande compunção se davam de bofetadas mui asperamente, derramando muitas lagrimas, segundo soube de todos os Christãos brancos que na egreja estaviam. Ao seguinte das Endoenças vieram todos ou a maior parte da gente, assim pequenos como grandes, disciplinando-se a cidade e chegaram a tempo que entraram na procissão que os Christãos faziam, o que foi de muita edificação de todos os christãos.

Mas sempre nossas consolações desta qualidade se bebem com mistura de fezes amargosas, porque aconteceu no mesmo dia de Endoenças estando eu para encerrar o Senhor, mandou o Cabido um monitorio a mim e a todos os Christãos que presente estaviam que não encerrasse ali o Senhor, e a Simão da Gama e a Bastião de Ponte, sob pena de excomunição e de vinte cruzados, que logo se viessem a cidade; mas eu declinando o foro não deixei de o encerrar, nem Simão da Gama se quiz ir, mas demos gloria a Deus, posto que com desconolação e turbação; na cidade tambem lançaram fama que eram descomungados quem viesse visitar o Senhor a S. Paulo. Estes são os favores e ajudas que dos Padres desta terra recebemos na conversão do Gentio.

Ao Sabbado Santo logo seguinte, fizemos o officio das Fontes mui solenne e baptisamos naquelle dia a muitos, os quaes estaviam confessados e aparelhados assim para o baptismo como para o casamento que haviam de receber depois do dia da Resurreição. Houve muitos desposados e fizemos a procissão mui solenne, porque veio folia da cidade que Simão da Gama ordenou a Bastião da Ponte, seu cunhado, os meninos cantando na lingua, em portuguez, cantigas a seu modo, dando gloria a Nosso Senhor, e foram todos os irmãos em procissão, assim homens como mulheres, tendo as ruas limpas e bem enramadas, de que muito se alegrou meu espirito em o Senhor.

Dia de *Corpus Christi* 68) seguinte se fez outra procissão solenne da mesma maneira e muitas vezes se fez, pelas necessidades que occorrem, com sua ladainha, a qual dizem os meninos e respondem todos: principalmente uma fizeram pedindo chuva pela grande secca que havia, de maneira que seccavam os mantimentos e foram ouvidos de Nosso Senhor: todos têm já por costume quando seus filhos adoecem trazerem-nos à egreja com suas pobres offeras a offerrecer a dos que morrem fazemos-os enterrar com pompa funeral, e dizem-lhe seus officios de que si elles muito edileam; quando podemos têm missas cantadas em festas principaes.

A carne humana que todos comiam e mui perto da cidade e agora tirada e muitos tomam ja por injuria lembrar-lho aquelle tempo, e si em alguma parte se comem, são admoestados e castigados por isso; isto em partes onde ainda não poude chegar a doutrina, como foi pela bahia a dentro sete ou oito leguas desta cidade, um Principal não quiz sinão comel-a com testas. Mandou o Governador prendel-o e fevo-o um anno preso por isso e por desobedeecer e é agora o melhor Indio que ha na terra; outros foram á guerra e mataram contrarios e deixaram-nos de trazer por medo do Governador; e estes são os de Apacé 69) e de Cerigipae 70) e da ilha de Taparica 71), entre os quaes se fariam ja egrejas si houvesse Padres para as sustentarem. Os do Paracú 72) estavam mui soberbos e não queriam paz com os Christãos, mas antes vinham assaltar os barcos e tomaram um sem gento, porque se lhe acolheu a gente, mas pagaram-no muito bem, porque foram tres vezes a guerra a elles e mataram muitos e captivaram grande somma queimando-lhes suas casas e tomando-lhes seus barcos, pelo qual pediram paz e llicá deram, com tributo de certa farinha e galinhas e que não comerão carne humana e serao christãos quando lles mandarem Padres e estarão a obediencia do Governador.

O mesmo quizeram os de Tintaro 73), que são da mesma geração, por estarem bem com os Christãos, e é esta uma cousa tao grande, que nunca os Christãos desta terra souberam desejar nem querer tanto, porque tinham por impossivel poderem-se domar aquelles, nem poderem se lles dar guerra em suas aldeias, por serem os caminhos de muitos rios e aguas e serras fragosas, e fez isto um mancebo que se chama Vasco Rodriguez de Caldas, e mandado do Governador, com bem pouca gente, que não eram oitenta pessoas, mas ajudaram mui bem os nossos catholicos destas tres povoações, os quaes, com muita fidelidade e diligencia, servem nestas guerras e a sua custa, e pelegam ja de outra maneira, porque vão armados com o nome de Jesu, e quando partem se encommendam a Deus e pedem-nos que ro-

69) Hoje diz-se Passe.

70) Hoje diz-se Sergipe (do Coude).

71) Taparica.

72) Em outros lugares lê-se Paracatu; hoje diz-se Paraguaçu.

73) Ilha da costa da Bahia que já em 1531 era conhecida com esse nome que parece indigena. A 24 de Março do anno foi visitada por Martin Alfonso de Sousa; Pero Lopes no seu *Diario* chama-lhe *Tyndaræa*. Em Julho de 1535 a armada de Simon de Alvaraz, tambem ali esteve e Alonso Velador na sua *Relación (Arch. de Indias, V, pg. 114)* escreve *Tencreques*. É o actual morro de São Paulo.

guemos a Deus por elles, e Nosso Senhor ouve a elles e a nós, porque sempre até agora, lhe tem dado vencimentos grandes com não lhes matarem la ninguem, posto que vêm delles feridos e saõ curados de nos, com a caridade que pudemos.

Um Principal, dez ou doze leguas daqui, tendo dez ou doze contrarios para matar, sendo admoestado pelo Governador não quiz sinão comei-os com muita soberbia e queria sobretudo vir dar guerra a uma fazenda dos Christãos; mas logo lho foi socorrer em breve e elles não ousaram chegar, antes todos os daquella comarca e parentes daquelles que se acharam nas festas, de medo despovoaram e deixaram roças e casis e foram se fazer todos fortos no sertão com este; estava determinado darem nelles por ser terra para cavallos la poderem ir, e fazendo-se prestes a gente sobretem a nova dos Ilheos, que estava em guerra, e quatro engenhos que ahi havia despovoados e roubados do Gentio: foi necessario acudir la o Governador levando consigo alguns Christãos e os nossos cathecumenos e outros Gentios; mas este Indio e todos estão amedrontados e pedem pazes e peñam escravos aos Christãos para que os façam amigos do Governador.

Na villa de S. João se procede da mesma maneira, posto que com menos fervor, porque o Principal delles, que tambem servia de meirinho, não ajudava, mas estorvava e desobedecia muitas vezes ao Governador e aos Padres e, sendo contrario dos do Paracuti, entrava com elles desobedecendo nisso ao mandado do Governador, do qual se temia alguma traição por ser Indio mui sabio e mui estimado e por isso mui soberbo; este se chama Miragaoba, pelo qual de conselho dos Christãos que todos suspeitavam mal delle fazer pazes com seus contrarios; foi preso e humilhado, e agora foi ajudar ao Governador com todos os seus e dizem que o faz tão bem que vai merecendo soltarem-n'o de todo. Nesta villa de S. João me achem dia de Santo Antonio, onde me deram novas das victorias que o Governador houve nos Ilheos, e fizemos com os Indios proeissão solemne, dando graças a Nosso Senhor, onde se acharam alguns Christãos e suas mulheres presentes, por estar esta casa perto de algumas fazendas e alguns domingos e festas irem alli a missa.

D'esta igreja se visita outra villa da tanta gente e mais, que está uma legua pequena, a qual ajuntamos de outros Indios que eram contrarios d'estes de S. João, que ainda quando se foi o padre Ambrosio Pires se comiun com grande crueldade, a que não podemos fazer mais que baptisar os lactantes e saber dos doentes, para que não morram sem lhos offerecer a Jesu Christo Nosso Senhor.

A terceira igreja que se chama Sancti Spiritus, sete leguas d'esta cidade, principiou o padre João Gonçalves e em ella começaram a lançar os primeiros fundamentos em companhia do irmão Antonio Rodrigues, o qual, como é lingua e mui fervente obreiro,

vai sempre deante a esmoitar a terra : aqui se ajuntou mais gente que em nenhuma ; aqui ha cento e cincoenta moços de escola, afora outros muitos que ainda se não puderam ajuntar, aqui baptisou o padre João Gonçalves grande numero de meainos lactantes, dos quaes falleceram muitos. Este e um fructo grande e seguro de almas regeneradas que a Nosso Senhor mandamos de todas estas tres povoações e de outras vizinhas. Mas antes que vá adeante quero contar do transito glorioso do padre João Gonçalves. Sendo mandado, como digo, a Sancti Spiritus a doutrinar aquellas almas e baptisar os habitantes, porque a estes baptisamos logo pelo perigo que correm, elle o aceitou com muita alegria, como aceitava tudo o que lhe era mandado, e de lá escrevia cartas de sua consolação grande, por ser logar onde juntamente com doutrinar se podia dar a oração, de que elle era mui zeloso, e por ser o sitio muito aprazivel, e como era devoto de Nossa Senhora da Conceição, determinou em aquelle dia baptisar os innocentes e fazer aquellas almas limpas á honra da pureza de Nossa Senhora, e escreve-me que me pedia que pregasse em seu dia as grandezas desta Senhora e que dissesse que soubessem negociar com Nosso Senhor por meio della que não podia haver outro melhor negociar e outras palavras, o que eu fiz o melhor que soube por que o amava e reverenciava muito por suas virtudes.

Aconteceu que no mesmo dia de Nossa Senhora, acabando de baptisar os meninos, havendo sido largo o Officio e solemne, lhe deu grande febre e, todavia, acabou a missa de Nossa Senhora da Conceição, a derradeira que disse com muito trabalho, e des que disse a primeira missa ate aquella murea deixou dia por dizer missa, por mais trabalho e mais fraco e doente que estivesse. Foi tão grande a febre e trazia tão grande febre a chamma-o, que em 13 ou 14 dias expirou neste Collegio, onde foi trazido já mui mortal, e dia de Nossa Senhora ante Natal esteve tão bom e resou commigo e fallamos longos de Nossa Senhora, que me parecia a mim que m'o queria Nosso Senhor dar; mas logo sobre a noite entrou em trangua de sono no qual expirou a noite de S. Thomé 74. Foi levado a esteja para lhe fazerem os officios, onde por ser dia santo e porque era amado de todos, concorreu toda a cidade a seu enterramento e faziam todos grande pranto não cessando de lhe beijar os pés e as mãos e com trabalho l'ho tiramos para l'ho dar sepultura ; mas eu a hum chorava e não deixo de chorar quando me acho sem elle, porque de todas as partes fiquei orphão ; elle era meu exemplo, minha columna em que me arrimava e consolava, seus conse-

lhos sempre me foram saudáveis, tão fiel companheiro nunca ninguém perdeu como eu; elle me descansava e não fazia dormir meu sono quieto porque tomava todos meus trabalhos sobre si, por elle e pela graça que Nosso Senhor lhe deu; vivia eu assim no espirito como no corpo *quid amplius de fratre nostro*, nos trabalhos o primeiro, no descanso o derradeiro, na conversão dos Gentios servente, e zeloso com os Christãos, muita caridade e humildade no serviço de seus irmãos e dos pobres, mui diligente na obediencia, mui prompto nos conselhos, mui maduro na governança da casa que teve, mui vigilante na observancia das regras, mui cuidadoso: *O frater, quis mihi docet ut pro te morere?* por que assim acobara um mau de escandalisar o ficara um candea de luz e bom exemplo nesta casa e nesta terra.

Mas pois ja comecei de contar o castigo e a que Nosso Senhor me castigou a mim e a meus irmãos levando-nos tal companheiro, proseguirei esta materia até acabar. Foram este anno tantas doencas e trabalhos que houve nesta casa que não saberei contar, porque todos os Padres chegaram ás portas da morte e passaram *per ignem et aquam*.

O padre Francisco Pires, depois do fallecimento do padre João Gonçalves, adoeceu tambem muito.

O irmão Antonio Rodrigues da mesma maneira, e porque não foi sangrado, foi sua enfermidade mais prolixa, porque lhe sahio aquelle sangue em apstemis e sarna por todo o corpo a durou muito tempo; mas assim não deixava de fallar e tratar com os Indios o negocio de Nosso Senhor, estando em S. Paulo.

O padre Antonio Pires veiu de S. João, onde residia, ajudou as confissões da Quaresma, mas no fim della adoeceu, estando eu em S. Paulo a semana santa, e foi tão grande e perigosa sua enfermidade que eu o tive por morto, e permittiu Nosso Senhor porque, ja que eu não sentia a morte a meu Senhor Jesu Christo por si, siquer assim atribulado me lembrasse della. Não vinha portador nem escripto da cidade que eu não fosse sobresaltado, uniformemente por ser em tempo de doencas, não havendo quem armasse a igreja nem quem fizesse os officios e encerrasse o Senhor, porque ainda a este tempo Francisco Pires não era bem são e eu desejava que na cidade e em S. Paulo se glorificasse Nosso Senhor naquelles dias e via-me eu só, tambem com muitas nuqueiras de tal maneira que com muito trabalho podia andar si me não levavam. Mas tudo Nosso Senhor ordenou de maneira que tudo se cumprisse, posto que com muito trabalho.

Deixo de contar de outras enfermidades de irmãos e gente desta casa que seria numeroador por tornar a contar da casa de Sancti Spiritus, na qual se procede com a mesma ordem que nas outras. Esta casa trabalhou o inimigo mais por estorvar que nenhuma, porque aconteceu, depois do fallecimento do padre João Gonçalves, que os officios que lá trabalhavam adoeceam

alguns e punham-n'o ao sitio, sendo elle o melhor que ha na terra, pelo que ninguem lá queria ir trabalhar. E ao Governador e a todos parecia que do sitio viria e queriam impedil-a o passar-se d'alli, o que nunca me pareceu, antes mui confiado em Nosso Senhor, mandei la Antonio Rodrigues, mal são, com ter os mais dos dias febres, e foi são. O padre Antonio Pires, que tambem não podia reconvalescer e recalia muitas vezes, foi-se la e deu-lhe Nosso Senhor saude perfeita, de maneira que d'onde os outros fugiram por não adoeer, mandava eu os enfermos a sarar, no que se viu ser aquillo estorvo do humigo, porque d'esta casa e elle mui conquistado.

Aqui aconteceram casos mui notaveis que eu não poderei dizer todos, mas somente me contentarei com alguns poucos. Uma creanca esteve morta chorada de seu pae e mãe e, estando para expirar, foi baptisada do humão e logo sarou, de que todos ficaram espantados e mui edificados com o credito de baptismo.

Estando eu lá um dia aconteceu que estando os meninos na escola dizendo as orações *Pater Noster*, chegando aquelle passo de *et ne nos inducas in tentationem*, foi arrebatado do espirito maligno, segundo que todos julgamos pelos signaes que fez naquella hora e tres dias continuos, e elle mesmo como assombrado das visões que via, branava e não queria estar sinão com os olhos tapados, dizendo que via demônios, e foi mui cruelmente atormentado de tal maneira que parecia que morria e tornei a baptisal-o e sarou, pela misericordia de Nosso Senhor.

Aconteceu que dalli me fui a outra povoação adiante, que esta duas leguas desta, onde não podemos residir por nao haver quem, onde chamam o Chorão, e baptisei os lactantes pelo perigo que passam e fizemos rol deaquella gente toda: algumas creanças doentes se escondiam, porque os feiticieiros dizem que com o baptismo as mataromos, mas pela muita diligencia do humão e porque sempre ha alguns bons que lhe contur daquillo; todas, mandando-as buscar onde as escondiam e depois de baptisadas muitos destes enfermos viveram, outros entraram no Ceu.

Aconteceu um dia que estando um feiticieiro tirando uma palha a um doente, um menino da escola se chegou e estando o feiticieiro gloriando-se de haver tirado a palha, que era a doença daquelle, o moço movido por Nosso Senhor e com zelo da Fé, porque era já christão, lh'a arrebatou da mão, dizendo que era grande mentira e lança a fugir e mostral-a ao irmão Antonio Rodrigues, que não lh'ava folego para lhe contar daquillo; mandou chamar aquelle feiticieiro e os penitentes e depois de feita practica e reprehender aquillo, disse aos principaes que levassom o feiticieiro ao Governador preso; elle ouvindo isto rom eu a casa de palha e foi-se e andou pelos matos maltratado, mas tomando bom conselho se veio a humilhar e pedir penitencia e deram-lho que trabalhasse nas obras da igreja que se fazia.

A um Principal morreu um filho pequeno sem baptismo por não chamarem ao Irmão, porque estes meninos de Sancti Spiritus ainda não são baptisados até não serem mais instruídos na Fé, mas tem-se tanto que não morram sem baptismo: foi logo chamado a juízo perante locos os principaes e depois de bem reprehendido mandou aos principaes que em ferros o levassem ao Governador e obedeceam-lhe, mas juntaram-se todos os moradores da villa e postos de grollhos, poltram ao Irmão que o não mandasse, mas alli lhe desse penitencia e prometteram que nunca nenhuma morreria sem o chamarem; e desta maneira se vão tirando seu costume e vão tomando obediencia e aborrecendo os felleiros e tomando credito ao baptismo.

Passando nós por uma aldeia onde nunca se ensinou, achamos um menino muito doente, e na casa onde estava, muitas felleiras e laços armados para prender a morte se alli viesse, e fallando em Nosso Senhor não queria o pae nem a mãe que lhe baptisassem seu filho, porque um felleiro seu, que alli estava, dizia que não fiz o chamar e perguntado por qualha quem lhe ensinara a sciencia, disse que seu pae e conseguiu-se a vangloriar de sua sciencia e que dava saúde aos doentes. Depois de tomada sua confissão, fiz apunlar a gente da aldeia toda e disse-lhes o Irmão: *Via de a vir a casa felleiro e a casa Deus em quem credeis, e sobre isso lhes fallou largo e depois disse que cada um levasse seu fígão de lume e a lenha que pudessem e que o queimassem no meio do terreiro que assim o mandava o nosso Deus verdadeiro. E todos rogavam-lhe pela vida e vendo que não aproveitavam dizia que o queimassem fóra da aldeia por não felder uns christãos que se alli acharam, o puzeram no terreiro e achegavam-lhe lume já, o que se fazia para fazer medo aos outros até que vieram uns principaes velhos e postos os grollhos em terra lhe pediam a vida e que o levasse consigo para tapar nas tapas de Sancti Spiritus, que se fazia, e eu o levei, não para tapar mas para se doutrinar na Fé e doutrina com os outros. Desta maneira está a terra agora e esta é a condição do Gentio e todavia o pae e a mãe do menino consentiu depois que lhe baptisassem o filho.*

Com os Christãos desta terra se faz pouco, porque lhe temos cerrada a porta da confissão por causa dos escravos que não querem sino fer e resgatar mal e porque geralmente todos ou os mais estão amancelados das portas á dentro com suas negras, ensidos e soffertos, e seus escravos todos amancelados, sem em um caso nem no outro quereem fazer consciencia e acham la outros Padres liberos da absolvição em que vivem da mesma maneira, mas confidido não deixo o Advento passado e a quarenta e festas e os mais dos domingos, de lhes pregar e alambiar a lei de Deus; somente as mulheres e gente pobre que não alcançam escravos são confessados de nós.

Escola de ler e escrever se tem em casa, estudo houve muito tempo até que os estudantes, que era gente da sé, não quizeram

vir; espera-se pelo Bispo 75) para pôr tudo em seu lugar. Isto é, amado Padre, o que agora se pôde escrever de pressa e com tristesi por tardar tanto a consolação e remedio que esperamos nas orações sacrificios de Vossa Reverendissima, e de nossos charíssimos Padres e Irmãos queremos ser encommendados em Christo Jesu Nosso Senhor. De S. Vicente não são chegados navios nem temos novas que escrever; aguarda-se cada dia. Novas do Espirito Santo saberão pela cópia 76) que com esta vai.

Desta Bahía a 5 de Julho de 1559.

Inutilissimo filho de V. R.

Inedita.

75) D. Pedro Leitão, que, segundo S. de Vasconcellos, chegou a 9 de Dezembro de 1559.

76) Fica reservada a sua publicação para as *Cartas avulsas de Jesuitas*.

XX

A' THOMÉ DE SOUSA.

[1550]

JESUS

Christãos e Gentio. — Morto do Bispo. — Maus exemplos dos clérigos. — Fructo feito em S. Vicente. — Odo dos Gueirões ao Gentio. — Uso da antropophagia. — Tapajutu de S. Vicente. — Gentio do Gato. — Pecados da terra. — Capitania do Espírito Santo. — Men de Sa. — Mirangaoba. — Maus tratos aos Indios. — Indios e Christãos. — O melhor Indio da terra. — O Governador e o payo. — Gareia d'Avila. — Gentio do Paraguay. — Vassa horriqua de cartas. — Destroças de Indios. — Pazas. — A gente do Brasil. — Guerra dos Ilheos e Porto Seguro. — Castolhanos do Paraguay. — Tapis e Carijós de S. Vicente.

A paz e amor de Christo Nosso Senhor seja sempre em seu continuo favor e ajuda. Amen.

Rezão é que, pois Vossa Mercê por sua boa condição se tanto communiquea commigo tão indigno, e me dá conta com tanto amor de si, de seus gostos e desgostos, por suas cartas, pelas quaes Nosso Senhor me muito consola, que eu tambem não deixo cousa de consolação ou desconolação de que lhe não dê parte. E, si for mais longo e prolixo do necessario, Vossa Mercê o adtrá na caridade com que o amo, a qual esta muy desejosa de se dilatar por carta, pois mais não pode, sendo certo que a muita que em Vossa Mercê ha, terá paciencia e folgará de ler carta prolixa, ainda que nisso se perva algum tempo.

E primeiramente quero fazer pranto sobre esta terra e dar-lhe conta d'ella particular de cousas que mais tenho na alma des o tempo que a Vossa Mercê deixou, e, ainda que isto não sirva de mais que de mover as orações de Vossa Mercê a que com mais fervor e piedade roguem a Nosso Senhor por ella, com isso me contentarei, porque devem ellas agora ser muito acceptas deude o divino acatamento, como de viuvo, velho e prudente, que cada dia espera pela conta que lhe ha de tomar

cedo, cujos desejos sou eu certo que serão os do outro Simeão, que desejava *lumen ad revelationem gentium, et gloriam plebis tue, Israel: dolerentur pro lacrymis oculi mei, conturbata sunt viscera mea, effusum est in terra jecur meum*, porque vejo o mau caminho que esta terra leva, cada vez vai merecendo a Nosso Senhor os grandes castigos, e castigada pelos seus peccados espera outros maiores castigos, porque cada vez se faz mais incorrigivel e lança maiores raizes em sua obstinação.

Des que nesta terra estou que vim com Vossa Mercê, douz desejos me atormentaram sempre: um, de ver os Christãos d'estas partes reformados em bons costumes e que fossem boa semente transplantada nestas partes, que desse chetro de bom exemplo; e outro, ver disposiçao no Gento para se lhe poder pregar a palavra de Deus e elles fizessem-se capazes da Graça e entrarem na igreja de Deus, pois Christo Nosso Senhor por elles tambem padecou, porque para isso fui com meus irmãos mandado a esta terra, e esta foi a intençaõ do nosso Rei, tão christianissimo, que a estas partes nos mandou, e porque para ambas estas cousas eu via sempre por esta costa toda muito aparelho. O quantos edicões de amargura e de angustia bebia a minha alma sempre! E disto alguma cousa აღentrará a Vossa Mercê porque eu communicava com elle sempre minha dor, posto que ainda naquello tempo não me amargavam tanto as fozes d'esto calix, por não entrar tanto nelas.

Destes dois desejos que digo, me nasciam outros, que era desejar os meios para que isto fivesse effeito, e d'estes escolhia douz que me pareciam melhores: um, era desejar Bispo, tal qual Vossa Mercê e eu o pintavamos cá para reformar os Christãos; e outro, ver o Gento sujeito e mettido no jugo da obediencia dos Christãos, para se nelles poder imprimir tudo quanto quizessemos, porque é elle de qualidade que domado se escrevera em seus entendimentos e vontades muito bem a fô de Christo, como se fez no Perú e Antilhas, que parece Gento de uma mesma condiçãõ que este, e nos agora o começamos de ver a olho por experiencia, como abaixo direi, e si o deixam em sua liberdade e vontade, como é gente brutal, não se faz nada com elles, como por experiencia vimos todo este tempo que com elle tratamos com muito trabalho, sem d'elle tirarmos mais fructo que poucas almas innocentes que nos seus mandamos.

Trouxe Nosso Senhor o bispo D. Pedro Fernandes, tal e tao virtuoso qual o Vossa Mercê concideu, e muy zeloso da reformaçãõ dos costumes dos Christãos, mas quanto ao Gento e sua salvaçãõ se dava pouco, porque não se tinha por seu Bispo, e elles lhes pareciam incapazes de toda a doutrina por sua bruteza e bestialidade, nem as tinha por ocellas de seu cural, nem que Christo Nosso Senhor se dignaria de as ter por lous; mas nisto me ajude Vossa Mercê a bouvar a Nosso Senhor em sua providencia, que permittir que fignado elle dos Gentos e

da terra, tendo poucos desejos de morrer em suas mãos, fosse comido d'elles, e a mim que sempre o desejei e pedi a Nosso Senhor, e mettendo-me nas occasiões mais que elle, me foi negado. O que eu nisso julgo, posto que não fui conselheiro de Nosso Senhor, é que quem isto fez, porventura quiz pagar-lhe suas virtudes e bondade grande, e castigar-lhe juntamente o desuido e pouco zelo que tinha da salvação do Gentio. Castigou-o, dando-lhe em pena a morte que elle não amava, e remunerou-o em ella ser tão gloriosa como já contariam a Vossa Mercê que ella foi, pois foi em poder de Infieis com tantas e tão boas circumstancias como teve.

O Bispo, posto que era muito zelador da salvação dos Christãos, fez pouco porque era só, e trouxe consigo uns clérigos por companheiros que acabaram com seu exemplo e mal usaram e dispensaram os Sacramentos da Igreja de dar com tudo em perdição. Bem lembrará a Vossa Mercê que antes que esta gente viesse, me dizia: está esta terra um religião, porque peccado publico não se sabia que logo por o zelo de Vossa Mercê e diligencia de meus Irmãos não fosse tirado, e descretos refinamos absolvição a alguns, até tirarem toda a occasião e perigo de tornar a pecar. Mas como elles vieram, introduziram na terra estarem clérigos e dignidades amancebados com suas escravas, que para esse effeito escolhiam as melhores e de mais preço, que achavam, com achoque que haviam de ter quem os servisse, e logo começaram a fazer filhos, e fazer-se crização, porque convinha muito ao Brasil haver cá este tratado de dignidades e conegos, como os ha em outras egrejas da Christandade, e não sem muito desuido dos prelados, a quem Nosso Senhor castigará a seu tempo. E este lhe sei dizer que têm cá por o melhor proceder e mais quieto, porque quando elles não tinham escravas nem com que as comprar era peor, porque eram forçados de seus peccados abusarem nas com escandalo da terra e de seus visinhos, e porque já disto no tempo de Vossa Mercê 77) havia muito e muito notorio, me dizia muitas vezes: Melhor nos fora que não vieram cá. Começaram tambem de usar de suas orden: e dispensar os sacramentos e desatar as almas com que nos definhamos as almas, e a dar jubileus de condemnação e perdição às almas, dando o santio a cães e as pedras preciosas a porcos, que nunca souberam cabir de todo de seus peccados, pelo qual não somente os maus, mas algum bom, si o havia, tomou liberdade de ser tal qual sua má inclinação lhe pedia. E assim esta agora a terra nestes termos que, si contarem todas as casis desta terra, todas acharão cheias de peccados mortaes, cheias de adulterios,

77) 1549-1553.

Pela costa que corremos achamos assaz de miserias e peccados que chorar, até chegar a S. Vicente, onde por eu ali achar irmãos da Companhia 80) e muitos meninos do Gêntio em casa e algum pouco melhor apparelho para com o Gêntio entender, por achar ali irmãos que entendiam a lingua e o Gêntio menos escandalizado dos Christãos, me deixei ficar, e Vossa Mercê se tornou em paz 81).

Nesta capitania se fez algum fructo, posto que muito à força de braço, porque Nosso Senhor favorecia a salvagão de alguns predestrados que tinha, que outra ajuda nenhuma não tinhamos, porque geralmente nesta terra todos são para estorvar o serviço de Nosso Senhor, e um só se não acha para favorecer o negocio de salvar almas.

Em todas estas capitancias, além d'estes peccados que tenho dito, notei outros, que muito mais que todos offendem a Divina Bondade e mais lhe aliram de rosto, porque são contra a caridade, amor de Deus e do proximo. e estes peccados têm sua raíz e principio no odio geral que os Christãos tem ao Gêntio, e não somente lhe aborrecem os corpos, mas também lhes aborrecem as almas, e em tudo estorvam e tapam os caminhos que Christo Nosso Senhor abriu para se ellas salvarem, os quaes direi a Vossa Mercê, pois já comeccei a lhe dar conta de minha dor.

Em toda a costa se tem geralmente por grandes e pequenos que e grande serviço de Nosso Senhor fazer aos Gêntios que se comam e se traveem uns com os outros, e nisto têm mais esperanza que em Deus vivo, e nisto dizem consistir o bom e segurança da terra, e isto approvam capitães e predados, ecclesiasticos e seculares, e assim o põem por obra todas as vezes que se offerece, e d'aqui vem que, nas guerras passadas que se tiveram com o Gêntio, sempre dão carne humana a comer não somente a outros indios, mas a seus proprios escravos. Louvam e approvam ao Gêntio o comerem-se uns a outros, e já se podem Christãos mastigar carne humana, para darou com isso bom exemplo ao Gêntio.

Outros matam em terreiro a maneira dos Indios, tomando nomes, e não somente o fazem homens baixos e Mamaluços, mas o mesmo Capitão, às vezes! O cruel costume! O deshumana abominacao! O Christãos são cegos! que, em vez de ajudarem ao Cordeiro, cujo officio foi (diz S. João Baptista)

80) Muitos se achavam os padres Leonario Nunes, Dingo-Jacome e Manoel de Paiva e alguns irmãos admittidos no Brasil.

81) Também se ignora o mez em que voltou Thomé de Sousa em 1533 e a data a que chegou á Bahia; suppõe-se porém que em Junho entregou o governo ao seu successor D. Duarte da Costa.

lirar os peccados do mundo, elles, por todos os modos que podem, os mettem na terra, segundo a bandeira de Lucifer lomicia e mentiroso desde o principio do mundo! E não e muito que sigam a seu Capitão gentio, que não sei si alguma hora do anno esta sem peccado mortal! Lembra-me que o anno passado disputei em direito esta oppuaõ, e mostrei sua falsidade por todas as rezões que soube, e mandei a meus Irmãos para se ver por lettrados.

D'este mesmo odio que se tem ao gentio, nasce não lho chamaram sinão cães, tratarem-nos como raes, não othando o que dizem os Santos que a verdadeira justiça tem compaixão e não indignação, e quanto maior e a cegueira e a dureza do Coraõ e sua erronia, tanto se mais havia o verdadeiro Christo apiadar a ter delle misericordia, e ajudar a remediar sua miseria quanto nelle fosse, a imitação daquelle Senhor, *qui venit vocare oves que perierat* deixando as noventa e nove no deserto *et manebat cum peccatoribus et publicanis*, o que veio a basear não justos, mas peccadores para salvar, *et venit quærevit et salvum facere quod perierat*, e disse: *beati misericordios, monent ipsi misericordiam consequuntur* e apudou-se do roubaõdo e ferido dos ladrões, deixado d'elles meio morto no deserto, o qual estes sacerdotos e Levitas d'esta terra deixam, passavam sem d'elle fazer caso nem usarem de misericordia com elle. Oul'ro peccado nasce tambem d'esta infernal raiz, que foi ensinarem os Christãos aos gentios a ferirem-se a si mesmos e vendorem-se por escravos. Isto ensinam, mais que em nenhuma capitania, achei no Espirito Santo, capitania de Vasco Fernandes 82), e por haver alli mais disto se tinha por melhor capitania.

Em S. Vicente não usam isto aquelles gentios Topinacibus; mas os Christãos de S. Vicente no Rio de Janeiro haviam do gentio do Gato muitas femcas que pediam por mulheres dando a seus paes algum resgate, mas ellas feavam escravas para sempre. Em Pernambuco ha tambem muito trato d'isto, principalmente depois das guerras passadas, que os Indios, por mais não poderem, davam.

O mesmo se introduziu nesta Bahía em tempo de D. Duarte 83), porque ainda em tempo de Vasco Meirão não havia disto nella, e isto depois da guerra passada, de que os Indios feavam mulheres, e por meio d' sujeição dos Christãos, e tambem por causa do resgate, vendem os mais desamparados que ha entre

82) Coutinho, que, segundo Fr. Vicente do Salvador, chamava a sua capitania pela abundancia de viveres, *O meu é tudo parte*.

83) 1553-1557.

elles, os de Porto Seguro e Ilhéus nunca se venderam, mas os Christãos Illes ensinaram que aos do sertão, que vinham a fazer sal no mar, os saltassem e vendessem, e assim se pratica a os do mar venderem aos do sertão quantos podem, porque Illes parece bem a rapina que os Christãos Illes ensinaram e porque isto é geral trato de todos, me conveiu cerrar as confissões, porque ninguem quer nisto fazer o que é obrigado e tem toda outra clerecia que os absolve e Illes approvava.

Desta mesma raiz nasceo darem-se pouco os Christãos pela salvação dos escravos que têm do gentio, deixando-os viver em sua lei, sem doutrina nem ensino, em muitos peccados e si morrem os enterram nos monturos, porque delles não pretendem mais que o serviço e para terem mais quem os sirva, trazem gentios a casa para se contentarem de suas escravas, e assim estão amancebados Christãos com os Gentios. E porque não haja peccado que nesta terra não haja, tambem foyei com opiniões lutheranas e com quem as defendesse, porque, já que não tinhamos que fazer com o gentio em Ille trar suas erromas por argumentos, tivessimos heregos com quem disputar e defender a Fé Catholica. Pois que direi das tyrannias, aggravaos e sem razoes que se fazem aos Indios, maiormente nesta capitania e onde se d'onde os Christãos têm algum dominio sobre os Indios? Vossa Merce as poderá julgar, pois ja cá esteve: de maneira que a sujeição do gentio não é para se salvarom e conhecerem a Christo e viverem em justiça o razão, sinão para serem roubados de suas roças, de seus filhos e filhas o mulheres, e dessa pobreza que têm, e quem disso usa mais, maior serviço Ille parece que faz a Nosso Senhor, ou, por melhor dizer, a seu senhor, o príncipe das escuridades. Mui mal olham que a intenção do nosso Rei santo 84), que esta em gloria, não é para povoar tanto por esperar da terra ouro nem prata, que não a tem, nem tanto pelo interesse de povoar o fazer engenhos, nem por ter onde agasalhar os Portuguezes que lá em Portugal sobejam e não cabem, quanto por exaltação da Fé Catholica e salvação das almas.

Mas, pois Vossa Merce ouviu os peccados da terra ouca agora o cuido que teve a Divina Justiça de os castigar. A capitania do Espírito Santo, onde mais reinava a iniquidade dos Christãos e onde os Indios estavam mais bravados entre si com guerras, porque vissem que sua esperança que tinham nos Indios estarem diferentes não era boa, permittiu Nosso Senhor que se destruisse por guerra dos Indios, morrendo nella os principaes, como foi D. Jorge e D. Simão 85) e outros, o todos perderem com isso suas

84) D. João III; morreu a 41 de Julho de 1557.

85) D. Jorge de Menezes e D. Simão do Cast-Illo Branco. Estes dois naufragos acompanharam a Vasco Fernandes Coutinho, quando veiu

fazendas : e a terra, depois que de novo se tornou a povoar, sem haver emenda do passado, não deixa a vara do Senhor do castigar, porque poucos a poucos os viu consumindo, e misericórdia é do Senhor mui grande que de todo os não destrue ; mas não tem quietação com guerras e sollevitos até agora de Indios e agora de Francezes, e os Topinachins do Porto Seguro que tinham por si e chegavam lá, tem agora levantados. E nestes trabalhos morreu Bernalde Pimenta e Manuel Ramalho, que eram os que mais zelavam contra o Gentio, que V. Mercê bem conheceu : e sobre tudo de continuo tem guerras civis entre si, que pouco a pouco se consumem, e permittin a Justiça Divina, a qual faz seu officio 86).

Esta capitania da Bahía me parece que tem o segundo lugar na maldade e os peccados d'esta se parecom mais com os daquella, porque aqui ha o menos Gentio que em nenhuma, e esse se dividiu em tempo de Vossa Mercê entre si ; mas, porque nella havia os peccados que bem sabe, foi destruida, e seu capitão Francisco Pereira 87) comido dos Indios ; e depois que El-Rei, que está em Gloria, a tornou a povoar com tanto zelo e com tanto custo, mandando a Vossa Mercê a lançar bons fundamentos na terra e Bispo e Clerigos e Religiosos para fazerem serviço a Nosso Senhor, e para que todos entendessemos em curar esta Babilonia ; mas ella não ficou curada, mas permittiu o Senhor que fuisse uma nau que levava o Bispo e a principal gente da

conquistar e povoar a esta capitania do Espírito Santo. Gabriel Soares (pg. 72) diz que elles vieram por mandado a cumprir suas penitencias a estas partes. « Como se ve, eram degradados e foram mortos na capitania de Vasco Coutinho que tinha ido ao Reino. »

Do D. Jorge Caraveo Fr. Vicente do Salvaor (*Hist. do Brasil*, l. 2.ª, c. 4.ª) : « No qual tempo os Gentios fizeram tão cruel guerra que lhe queimaram os engenhos e fazendas e a elle mandaram as frezeladas, sem lhe valer ser tão grande Capitão, e que na bahia Madrae e outras partes tinha feitas muitas cavallarias. » Barroyma, capitão da Madrae, representou ao Imperio « por ser o capitão-mór desta fortaleza na India, vindo della capitulado para o Reino. » (*Diário de São Paulo*, l. IV, Est. III.)

A respeito do segundo fidelgo diz Fr. Vicente : « O mesmo fizeram a D. Simão de Castello Branco que lhe succedeu na capitania. »

86) Com effeito. Vasco Fernandes Coutinho foi desafortunado nesta sua donataria. Delle escreve Gabriel Soares (pg. 74) : « No povoar desta capitania gastou Vasco Fernandes Coutinho muitos mil cruzados que adquiriu na India e logo paria com o que tinha em Portugal, que não para isto venha, o qual acabou nella tão pobremente, que morreu e daram-lhe de comer por amor de Deus e não sei si teve um lençol seu, em que o amortalhassem. »

87) Coutinho. A seu respeito veja-se o que diz Capistrano de Abreu nos *Mat. e Ach.*, l. pg. 71.

terra 88), e fosse toda comida dos Indios 89). Allí acabaram clérigos e leigos, casados e solteiros, mulheres e meninos. Ainda escrevendo isto, se me renova a dôr que tive, quando vi que não havia casa em que não houvessem prantos de muitas viúvas e orphãos.

Pernambuco tambem por seus peccados foi mui castigado e muitas fazendas perdidas, como é notorio.

S. Vicente, da mesma maneira, sempre perseguida dos contrarios, e em uma guerra que com elles tiveram morreram os principaes nella, mas não permittiu o Senhor que de todo se perdesse, tendo um Gentio tão grande e tão unido, sem haver entre elle as divisões que he no das outras capitãniãs; mas porque tambem não conhece o dia de sua visitação, e cercada de todas as partes de seus inimigos, *scilicet*: contrarios e Francezes.

Pois que direi da capitania dos Ilheos e Porto Seguro, as quaes tambem tem um só Gentio todo conforme e grande? A estas duas capitãniãs dilato mais Nosso Senhor o castigo, mas agora chegou o tempo em que pagou alguma cousa do que deve, e disto direi abaixo mais largo.

Deixo de dizer um geral agoute, que cada dia vemos nesta terra com perdas de barcos e gente comida dos Indios, a qual por experiencia veiu ser mais a que nisso se gasta, que a que se de novo acrescenta à terra. E disto podera contar muitas particularidades, as quaes, assim porque Vossa Mercê sabe ja muitas, como por vir a outras que mais folgára de saber por serem de mais perto, as deixarei de dizer, e todavia não deixarei de relatar o agoute de Nosso Senhor que deu a esta Bahia nas guerras civis, que permittiu que houvesse entre o Bispo e governador D. Duarte 90), o qual eu não tenho por o mais somenos

88) A *Queixa* dos moradores da Bahia contra D. Duarte feita a 18 de Dezembro de 1556 dá a seguinte relação: «Antonio Cardoso de Barros, Lázaro Ferreira, Francisco Mendes da Costa, S. Justino Ferrreira, que he por procurador da cidade, marido de Clementina Dorra, a mulher de Alvaro de Freitas, a mulher L. Braz Ferreraes, seu pae Antonio Pinheiro, a velha que vem com as orphãs, o capitão Blas, o Deão e outros dois Congos, os quaes todos iam com assos agravaos a queixar-se a Vossa Alteza e fazendo muita falta na terra e todos morreram com outros muitos innocentes.»

89) Blasquez (Carta de 10 de Junho de 1557) diz que escaparam 40 pessoas. Fr. Vicente do Salvador (*Hist.*, I, 3.^o, c. 3.^o) escreve que apenas escaparam «dois Indios que com da Bahia e um Portuguez, que sabia a lingua.» Jabonão (*Orbe Ser.*, Direr. II, Est. III) tambem observa que foram todos mortos e comidos, «menos dois Indios manseos da Bahia e um Portuguez, por serem linguas.»

90) Sobre essas dissensões veja-se a carta do Bispo de 1551 e as do Governador e Jorge Fernandes de 1555, na *Rev. do Inst.*, XLIX

castigo, e que mais danno fizeram na terra que as guerras que se teve com o Gentio, porque naquellas não morreu nenhum homem, e nestas se engendrou a morte a muitos e perderam a honra e fazenda, e a terra perdeu muitos povoações. E isto note Vossa Mercê a bondade de Nosso Senhor, juntamente com sua justiça, que de tal maneira castigou que também houve misericórdia: não quiz que os Indios prevalecessem contra os Christãos, porque têm muitas suas creaturas que salvar entre elles, e da guerra bem dada ou mal dada soube tirar esse bem que os Indios fizessem sujeitos e medrosos e dispostos para agora receber o Evangelho, e a doutrina de Christo poder entrar com elles, como abaixo direi, e contentou-se seu furor com levar aquelles cento a ser comidos dos Indios.

Estando eu em S. Vicente, e sabendo a victoria dos Christãos e sujeição dos Gentios e que ao Bispo mandavam ir, parecendo-me que lá se poderia trabalhar com o Gentio e tirar algum fructo, me tornei a esta cidade (91), trazendo conmigo alguns irmãos que soubessem a lingua da terra, e entre outras cousas, que pedi a D. Duarte, governador, para bem da conversão, toram duas, *scilicet*: que ajuntasse algumas aldeias em uma povoação,

(1586). n. 1x, pp. 557-581; e ainda a *Queixa dos moradores da cidade de São Vicente contra D. Duarte da Costa e seu filho e Pedro Bezerra*, feita a 18 de Dezembro de 1556, da qual possuem cópias Sua Magestade o Imperador (n.º 5710 do *Cat. da Exp. de Hist. do Bras.*) e a Bibl. Nacional (n.º 19587 do *cit. Cat.*).

91) Nobrega só voltou a Bahia a 30 de Julho de 1556, tendo partido de S. Vicente a 3 de Maio, como já ficou dito. Os irmãos que com elle chegaram, segundo Simão de Vasconcellos (*Chron.*, I, II, n.º 4), foram o padre Francisco Pires e os irmãos Antonio Rodrigues, Antonio de Sousa e Pabiano Laurem. Blasquos, que estava na Bahia quando Nobrega chegou, diz que foram quatro irmãos e um Padre, cujos nomes não declara. (Carta de 4 de Agosto de 1556.) O seu vestimhento deve ser pois lascupito. O nome porém do outro irmão por ora não se sabe: Anchieta, segundo parece, não foi, apesar do que alguns costumam de Alencar dizer (*Med. e Arch.*, I, pg. XIII) que elle chegou com Nobrega à Bahia em 1555. Isto, porque em Dezembro de 1553 desceu Anchieta com carta de Piratininga (*Ann. da Bibl. Nac.*, I, 268), e a que refere que em 1.º de Novembro elle e mais irmãos passaram-se e entraram em processo na igreja nova do mesmo lugar; 2.º, porque se vê na carta qu'elle, de 4 de Janeiro de 1554 (*Dezembro de 1556*), e que se vê na carta qu'elle, de 4 de Janeiro de 1554, dat. de Pinar, e que em 1.º de Abril deste anno: 3.º, porque não parecia possível que si Anchieta tivesse chegado à Bahia a 30 de Julho com Nobrega, se em 1.º de Outubro estivesse em Piratininga de volta.

Nobrega na 45.ª carta de Piratininga, 1556 diz: « Nem com eu agora levar cinco ou seis irmãos, delles para o Espírito Santo e oes para a Bahia, » Agora, si ficou algum irmão no Espírito Santo e o que também não sei por enquanto.

para que menos de nós bastassem a ensinar a muitos e tirasse o comer para carne humana, ao menos aquelles que estavam sujeitos e ao redor da cidade, tanto quanto seu poder se estendesse. Não lhe pareceu a elle bem, nem a seu conselho, porque Sua Alteza lhe tinha mandado que desse paz aos Indios e não os escandalisasse: mas todavia nos favoreceu em duas egrejas que fizemos de palha, das quaes se visitavam quatro aldeias aqui perto da cidade, e lhos mandou que não comessem carne humana, de tal maneira, que ainda que a comessem, não se fazia por isso nada, e assim a comiam a furto de nós e pelas outras aldeias ao redor, mui livremente.

Nos, por ter que fazer alguma cousa, ensinavamos a doutrina; havia escola de meninos em cada uma d'estas duas egrejas, pregavamos o Evangelho com muita desconolação, pedindo a Nosso Senhor que alguma hora tivesse por bem que nossos trabalhos não fossem sem fructo. Neste tempo nos levou Nosso Senhor ao nosso companheiro o padre Navarro, que era um grande operario d'esta obra, e, como tinha atravessado nas entranhas o zelo e amor da conversão dos Genticos, *usque in finem dilexit eos*, porque morrendo disse que por isso somente partia triste d'este mundo, por não ver cumpridos seus desejos; mas eu creio que Nosso Senhor ouviu lá suas orações mais perto, e concedeu-nos que d'ahi a pouco tempo viesse Men de Sá com um regimento de Sua Alteza, em que o mandava mui de proposito ajudar a conversão, por paz ou por guerra, ou como mais conveniente fosse. E agora começarei a contar o estado d'esta terra mais pelo mundo, si Vossa Mercê tiver paciência para o ouvir, pois que o dito ate agora foi relatar cousas e trazer-as á memoria, que Vossa Mercê já saberá.

Como Men de Sá tomou a governança, começou a mostrar sua prudencia, zelo e virtude, assim no bom governo dos Christãos como do Genticos, pondo tudo na ordem que Nosso Senhor lhe ensinou; primeiramente cortou as longas demandas que havia, concertando as partes, e as que de novo nasciam atalhava da mesma maneira, ficando as audiencias vazias e os procuradores e escrivães sem ganho, que era uma grande inmundicia que comia esta terra e fazia gastar mal o tempo e engendrava odios e paixões. Tirou quanto pôle o jogo, que era outra traça, fazendo a todos entender em seus trabalhos com fructo, e, avitado este, se evitaram muitas offensas de Nosso Senhor, como blasphemias e rapinas que na terra havia; finalmente mostrou-se mui diligente em tudo o que pertencia a serviço de Deus e d'El-Rei.

Acabou o engenho, e acabou-se celo a Sé, e com o exemplo de sua pessoa convidou a todos a bom viver de tal maneira, que sabe Nosso Senhor quanta inveja lhe em tento. Na conversão do Genticos nos ajudou muito, porque fez logo ajuntar quatro ou cinco aldeias que estavam derredor da cidade, em uma po-

voação junto ao rio Vermelho, onde pareceu mais conveniente, para que toda esta gente pudesse aproveitar-se das roças e mantimentos que tinham feito, e aqui mandou fazer uma igreja grande, em que coubesse toda esta gente, a que chamam S. Paulo. Mandou apregoar por toda a terra, *scilicet*: oito e nove leguas ao derredor, que não comessem carne humana, e por se mostrar ao Gentio foi ouvir a primeira missa da do S. Paulo 92), acompanhado de todos os Principaes da terra, e naquelle dia se baptisáram muitos, onde deu a todos de comer, grandes e pequenos; esta sera uma legua da cidade. Outra igreja mandou logo fazer, de S. João Evangelista, quatro ou cinco leguas de cidade, onde se ajuntaram outras tantas aldeias do Gentio de Miraguaba. A terceira mandou fazer no chamado o rio de Joanne, esta se chama Sancti Spiritus; aqui ha mais gentio junta que em todas: esta sete ou oito leguas da cidade, perto da costa do mar. Nestas tres igrejas se faz agora muito serviço a Nosso Senhor, e o Gentio vai conhecendo que so a Jesu Christo se deve crer, amar e servir.

As cousas que nisto ha particulares para muito dar graças a Nosso Senhor, faço eu escrever a meus Irmãos; si muito desejo tiver de a saber, elles lho dirão lá.

Em todas ha escola de muitos meninos; pequeno nem grande morre sem ser de nós examinado si deve ser baptisado, e assim Nosso Senhor vai ganhando gente para povoar sua Gloria, e a terra se vai pondo em sujeição de Deus e do Governador, o qual os faz viver em justiça e razão, castigando os delinquentes com muita moderação, com tanta liberdade como aos mesmos christãos. E cada povoação d'estas tem seus metruhos, os Principaes e outras os quaes por mandado da Governador prendem e lhe trazem os delinquentes, e assim lhes tira a liberdade de mal viver e os favorece no bem.

Alem d'estas tres estão juntas outras muitas aldeias em duas povoações grandes, e estas não têm igrejas porque esperam por sacerdotes e quem resida entre elles, mas somente são visitados a tempo das outras casas, porque somos poucos e não podemos supprir a muita gente que ha, e por esta causa não ordenamos em Aracê e Urugupe, e na illa de Tapariqua e no Paraquê, nos quaes ha já aparelho para se tratar com elles, si tivessemos Padres: tudo isto se deve a Nosso Senhor e ao bom zelo da Governador. E des que eu isto vi na terra, comenci a resuscitar e já não quero ser heathen, nem morrer, por dar graças muitas a Nosso Senhor e ter que o louvar em suas misericordias e me alegrar não sóra em si peccador

92) Provavelmente, dia da Conversão de S. Paulo, a 25 de Janeiro de 1558. E' mais uma prova que Men de Sá chegou a Bahia em 1557.

quo faz penitencia, mas sobre muitos que de sua infidelidade se convertem a Christo.

Mas o inimigo da humana geração, a quem muito magoaram estas obras, trabalha pelas estorvar e nos desconsolar, tomando por seu instrumento muitos maus que ha nesta terra, os quaes não favorecem nada esta obra, mas por muitas maneiras trabalham cerrar as portas todas a salvação do gentio, pelo odio que communmente se tem a esta geração. O primeiro golpe que começou a dar foi desinquietar os Indios de S. Paulo, tomando-lhe suas terras e roças, em que sempre estiveram de posse e nunca fizeram por donde as perdessem, antes na guerra passada estes ajudaram aos Christaos contra os seus proprios. A causa que tinham os Christaos por si não era outra sinão que as haviam mister, e porque misto o Governador e eu estorvamos essa tyrannia, contra elle e contra mim conceberam má vontade, o que me fez lembrar da dada de terras que Vossa Mercê deu a este Collegio, e fiz as marcar e achou-se que as mais de aquellas terras que os Indios possuam, estavam na nossa dada, e por isso abrandou alguma cousa sua perseguição; mas os Indios que acceteram a ter terras fora da nossa dada ainda agora são perseguidos, e sendo agora os Indios com o Governador a guerra dos Ilheos, os Ilheos tomam suas roças e os perseguem ainda.

Outra grande desinquietação se dá aos Indios, por gente de mau viver, que anda entre elles e que Ilheos furtam o que têm e Ilheos dão pancadas e furdas pelos caminhos, tomando-lhe seu peixe, hurtando-lhe seus mantimentos. E nisto não pode haver justiça, porque recebe a o Ouvidor Geral uma opinião muy prejudicial, que sem prova de dous ou tres Christãos brancos não se castiga nada, ainda que seja notorio, pelos Indios, a qual prova é impossivel haver-se, e assim fica tudo sem castigo. Outros muitos estorvos temos, os quaes conhecerá pelo os casos particulares que contarei.

Bem alenibrará a Vossa Mercê e como em seu tempo se dividiram estes Indios desta Bahia, *scilicet*: os do Tubarão com os de Mirangaola, com que Vossa Mercê folgou muito e os Christãos todos, e em tempo de D. Duarte se encarnicaram tanto em tão grande amizade, que cada dia se matavam e comiam, porque não estavam mais de meio legua uns dos outros, e desta cidade duas ou tres, e tão desassozoados andavam que não era possível poder-se-lhes ensinar doutrina a uns nem a outros. Pelo qual mandou o Governador ajuntal-os os de uma parte em povoações sobre si, e mandou-lhes que em montes se ajuntavam, não guereassem, nem tambem queria que fossem amigos, a quo ellos obedeceram; e depois de juntos, tendo já contentamento do tempo da paz, não quizeram guerrear, nem tão pouco estão amigos, posto que alguns parentes se entraram a furto, os quaes com as guerras d'antes ficaram divididos, por se acharem daquelle banda. Estes, assim uns como outros, são agora doutrinados, e todos bem

sujeitos á obediencia do Governador. Por esta causa, se levantou tambem grande murmuração entre os Christãos, dizendo que os deixassem comer que nisso estava a segurança da terra, não olhando que, ainda para o bem da terra, é melhor serem elles christãos e estarem sujeitos, que não como de antes estavam, pondo mais confiança nos meios de Satanaz que nos de Christo, maiormente em tempo que os Christãos estão tão poderosos contra elles, e elles tão sujeitos e abatidos que soffrem a quem quer dar-lhe muita pancada, posto que seja longo d'aquí.

E cuida esta gente do Brasil que, estando os Indios diferentes, não poderá Nosso Senhor castigá-os; si quizer, o não escarmentam ainda, vendo quão mal foi a terra toda, e quanto castigou Nosso Senhor o porrisso e em tomarem as ilhas dos Indios por mancebas, e em outros similiantes ardis, e não nelle, a confiança, pois nas capitánias em que elles estavam mais divisos e mais amancebados com as ilhas do Gentio, deu maiores trabalhos, como acima disse, na guerra em que a capitania do Espirito Santo se destruiu; estando todos os Indios entre si divisos, se fizeram amigos para contra os Christãos, porque a Justiça Divina o queria assim. Melhor conselho seria fazer penitencia e emenda de seus peccados, o assim teriam a Nosso Senhor de sua parte, o deixava sua justiça de os castigar, e porque ou isto não vejo, antes se multiplicam os peccados e a gente se diminue, temo perder-se tudo.

Outros zelando por parte dos Indios, ou por parte de Satanaz, murmuram por serem presos e castigados por seus delictos, e por serem apremiados á doutrina e a bons costumes, temendo que por isso se levantem, e não murmuram pelas sem razões que elles fazem aos Indios que é maior occasião de se elles amotinarem, porque nós, posto que por uma parte os apremiamos a bem viver, por outra lhe mostramos entranhas de amor, perguntando por elles em tudo e defendendo-os de tyrannias e servindo-os e curando-os de suas enfermidades com muito amor, do que elles são bem em conhecimento, e por outra parte estes Christãos, si algum Indio lhe prejudica em uma palha do sua fazenda, querem logo que seja crucificado.

Acima disse como o Governador mandara notificar a estes da Bahia que não comessem carne humana; muitos obedeceram, mais não um Principal da ilha de Corurupoba 93, que está pela bahia dentro seis ou oito leguas, que matou e comeu com testas seus escravos, e sobre isso não quiz vir a chamado do Gover-

93) Simão de Vasconcellos (*Chron.*, l.º II, n.º 53) diz que este Principal se chamava-se então os seus *Cuerrupoba*, que em nosso fal ar vem a dizer *Sapo batulor*. A etymologia vai por conta do chronista. Provavelmente a ilha tomou o nome do Principal.

nador, fallando palavras de muita soberba, porque estes nunca haviam conhecido sujeição, e entrava-se com estes de novo, pelo que mandou o Governador a Vasco Rodrigues de Caldas com quinze ou vinte homens buscal-o por força, e trouxeram ao pa e e filhos presos, sem os seus ousarem a os defender. Este foi o tormento de grande escandalo nesta terra, porque tiveram logo os maliciosos que murmurar e occasião de levantar mentiras: disseram que aquelles Indios haviam morto certos escravos do engenho que foi de Antonio Cardoso que lá estavam perto, e como se conheceu ser mentira, disseram que um barco que o Governador havia mandado a Tatuapara o haviam os Indios tomado e morto a gente, tudo por entristercerem ao Governador, o que tambem logo se soube ser mentira. Este Príncipeal esteve preso perto de um anno e agora é o melhor e o mais sujeito que ha na Terra.

Por estas cousas tem concebido todos grande aborrecimento ao Governador, uns porque lhes tirou o ganho das demandas que antes havia, outros porque perderam a liberdade que antes tinham de jogar e adulterar, outros porque os obriga a trabalhar nas obras d'El-Rei e em prol da terra, maiormente aos que tem sohlo d'El-Rei, os quaes antes viviam mui á larga, e os outros porque lhes não pagam a sua vontade, e nisto só tem alguma razão; mas não sei si tem nisso o Governador culpa, pois não o ha tanto que baste a contentar a todos, mas a maior occasiao que têm de o aborrecerem de graça é isto que tenho dito dos Indios e ainda direi mais por onde conheço o que tenho dito e o estado da terra.

O ajuntar dos Indios que o Governador faz, para se melhor poderem doutrinar, den tambem muita occasião de escandalo a muitos que tinham Indios perto de suas fazendas, dos quaes se ajudavam em seus serviços, deixando-os viver em seus costumes e morrer sem baptismo, nem haver quem lhes lembrasse a Jesu Christo Nosso Senhor: outros, depois que viram o Gentio, com estas cousas que se fizeram entre elles, domados e mettidos no jugo e sujeição que nunca tiveram, cobigaram ser repartidos para seu serviço, como se fez nas Antillas e Perú e assim o pediu a Câmara ao Governador: mas a elle não lhe pareceu bem por não haver causa para isso justa, porque os mais delles nunca fizeram por d'onde merecessen isso, antes na guerra passada se lançaram da banda dos Christãos, e para os que foram na guerra passada tão pouco havia causa justa, pois a guerra se nao honve la por justa da parte dos Christãos e mandou El-Rei, que está em Gloria, restituil-os em suas terras, como de antes estavam, e já que l'hos houvessem de repartir, como no Perú, haviam de ser obrigados a terem um Padre para sua doutrina como lá tamem se costuma, o que esta gente nao pode fazer, assim por não terem possibilidade de manter um Capellao, como tambem porque não se tracta de salvar al-

mas nesta terra, sinão de qualquer seu interesse, e dos proprios seus escravos se tem tão pouco cuidado que os deixam vivos como Gentios e morrer como bestas e assim os enterram pelos monturos e não é muito, pois elles de suas proprias tem tao pouco cuidado de as salvar e muito por enriquecer o levar boa vida, segundo a carne nos vicios e peccados que, segundo a pobreza da terra, se pode ter nella.

Bem me pareceria a mim conquistar-se a terra e repartir-se os Indios per os moradores obrigando-se a doutrina-los, que ha hi muitos que podem a sujeitar, mas não ha hi homem que por isso queira levar uma ma noite, e si o Governador por segurança da terra quer fazer alguma coisa ou castigar algum Indio todos llo estorvam e ninguém o ajuda; e agora que vem os Indios sujeitos sem custar sangue de Christao nenhum, nem guerra (posto que da passada ficaram amedrontados); agora que estão juntos com egrejas para se doutrina-rem; e agora os querem repartidos, e assim não falta quem va tirar nossos Indios que temos juntos com muito trabalho e leva-los as suas roças a viver; e muitos vão por fugir a sujeição da doutrina e viverem como seus avos e comerem carne humana como de antes.

Estas cousas todas e outras desta qualidade que o Governador não consiute e outras que faz, conformando-se commosco no que nos parece gloria de Deus e bem das almas e proveito da terra, engendram escandalo em todos e tumulto no povo contra elle e contra nós, porque sempre no serviço de Nosso Senhor ha cousas contrarias ao que pretendem de seus interesses e a estas acerescentam mil falsidades e mentiras que levantam, porque assim é costume do povo, quando esta mau affeição.

Agora entram os queixumes que eu tenho de Garella d'Avia: e elle um homem com quem eu mais me alegrava e consolava nesta terra, porque achava nelle um rasto do espirito e bondade de V. Merço de que eu sempre muito me contentei, e com o ter ca me alegrava, parecendo-me estar ainda Thomé de Sousa nesta terra. Tinha elle uns Indios perto de sua fazenda. Quando o Governador os ajunctava, pediu-me llo alcançasse do Governador que llo deixasse, promettendo elle de os meninos iram cada dia à eschola a S. Paulo, que estava meia legua d'elle, e os mais iriam aos domingos e festas à missa e pregação. Concederam-lhe; mas elle teve mau cuidado de o cumprir, sendo de miim muitas vezes admoestado, antes deixava viver e morrer a todos como Gentios; e tinha alli um homem que llo dava bonco por elle nem os escravos, e muito menos o Gentio nem a missa. Pelo qual fui forçado de minha consciencia a pedir que os aja, e llassen com os outros em S. Paulo, e posto que ainda llos não tiraram, contudo elle muito se escandalisou de mim, assim que, nem a elle, nem a outro nenhum ja tenho nem quero mais que a Deus Nosso Senhor e a razão e justiça, si a eu tiver.

Tambem começou a entender com os do Para aqui e com os da ilha de Tapariqua, que são todos uns; e isto por razão dos escravos dos Christãos que para elles fugiam e não os davam e isto contentou a todos, porque lhes tocava em seu proveito. Os de Tapariqua obedeceram, mas os do Para aqui muitos delles não quizeram paz nem dar os escravos, antes tomaram um barco de Pero Gonçalves, de S. Thomé, com ferramenta que levava, e os negros de Guiné fugiram e esconderam-se pelos matos e por isso escaparam. Depois sendo requeridos com paz e com restituirem o barco e os escravos, não quizeram, pelo qual lhe pareceu mandar a elles com conselho de muitos a tomar-lhes os roeiros, que tinham feitos com que determinavam fazer a guerra aos Christãos, e mandou a Vasco Rodrigues de Caldas com a gente e barcos que pôde, o qual deu nelles, sabindo em terra, matando muitos e trazendo outros captivos. Aqui se quebrou o desencantamento do Para aqui, onde ninguém ousava sair em terra e perderam os Christãos o medo que tinham àquelle Gentio, vindo com muita victoria, sem lhe matarem ninguém.

Não puderam muitos que aborreciam ao Governador dissimular sua paixão do bom successo e porventura folgaram mais de succeder alguma desgraça ao Governador para ficar mais desacreditado em suas obras.

Com esta boa fortuna alguns Indios principaes do Para aqui vieram a pedir paz ao Governador, trazendo-lhe o barco dos Christãos que haviam tomado aos outros para com elle atacaurem paz para si, ficando os outros em sua pertinacia e fazendo-se fortes. Tornou a elles Vasco Rodrigues e deu em uma aldeia que estava meia legua do mar, por um caminho mui aspero que andaram de noite e deram nella, que era grande e toda a gente mataram, porque os tomaram dormindo, salvo vinte ou trinta pessoas, meninos e mulheres, que trouxeram por escravos, de que não escapou mais de um Indio ou dois, mal feridos, para levarem novas aos outros.

Outra vez, terceira, tornou lá Vasco Rodrigues já com maior animo dos Christãos e todo perdido o medo; queimou muitas aldeias, matando muitos sem lhe matarem ninguém.

E com esta se renderam os mais e pediram paz e se fizeram tributario, à El-Rei, obrigando-se a pagar certa farinha e galinhas e de não comerem carne humana e serem sujeitos e christãos, como lá lhe mandassem Padres, os quaes eu desejo que haja para lhes dar e fazer-lhes lá egrejas, dando elles cá alguns filhos para segurança e refens, agora pelo principio que elles darão de boa vontade; o mesmo fizeram os de Tapariqua e os de Timaré e todos desejam estar bem com os Christãos e se obrigam a pagar o tributo que tenho dito.

A mim me lembra ser este mesmo o espirito que regia a Vossa Magestade quando governava esta terra e commigo o praticava muitas vezes, desejando subjital-os e dar-lhes qualquer jugo e

tinha entonces muito maior apparelho e muito mais gente que agora, mas estorvaram os meus peccados e a gente desta terra, a qual tinha tão impresso na mente o medo que lhes ficou da guerra de Francisco Pereira 94) e do Espirito Santo, que por ali queriam medir tudo, não lançando suas contas com Deus, nem lhe levando sua gloria e honra e salvagão das almas e que Nosso Senhor sempre favorece quem anda por seus caminhos e dá graça aos humildes e resiste aos soberbos que não dello põem sua confiança, porque amam a paz que o mundo dá, mas Christo a derrota.

O' si entonces Vossa Mercê começara, quantas almas se ganharam em Nosso Senhor! Favorecera e povoara a terra melhor do que a povoou e levava tudo melhor fundamento, porque se fundaram na pedra viva que é Christo Nosso Senhor, e para maior prova desta verdade que só em Christo e com Christo se devem fundar estas cousas lhe contarei outro caso que aconteceu.

A capitania dos Ilheos e Porto Seguro, as quaes tinham o gentio Topinacum grande e todo amigo, e que mais favoravel se mostrou sempre aos Christãos e em cuja amizade os Christãos confiavam muito e mais perseveravam que outro qualquer da costa, havendo nestas capitannas muita gente mais m'í pouco temor de Deus, nem zelo de sua honra, mas muitos peccados e favoreciam o comer da carne humana e ensinavam-lhe outros peccados, que elles nem seus avós tinham, porque esta gente do Brasil não tem mais conta que com os seus engenhos e ter fazenda, ainda que seja com perigão das almas de todo o mundo, aconteceu que por matarem um Indio em Porto Seguro e outro nos Ilheos, sem lhes fazerem satisfação de justiça, elles se levantaram e mataram dons ou tres homens que acamaram no caminho dos Ilheos para Porto Seguro e deram em uma roça de Christãos nos Ilheos e passando pelo engenho de S. João, em que estava Thomaz Alegre, matou Nosso Senhor tanto n'ello nos ossos dos Christãos que despojavam o engenho, sem Indio atirar flechas; antes se cre que se satisfizem da morte nos seus se contentavam, porque a muitos Christãos que puderam matar e roubar muy liberalmente deixaram ir. Como isto se soube entrou o mesmo medo nos outros engenhos e sem verem Indio despojavam e largam tudo, recolhendo-se na villa, o que vende os Indios, ao recolher de Thomaz Alegre, lhe tomaram alguns escravos que puderam alcançar e entraram e roubaram o que acharam nas fazendas; e assim justos os Christãos em cerco, mandaram pedir socorro a esta Bahia ao Governador de gente, munição e mantimentos, porque não tinham sino branças. E agora ouca o que succedeu.

94) Continha o infeliz donatario da Bahia.

Pondo o Governador isto em conselho, uns diziam que elle devia de ir e outros que não, mas, finalmente, por um só voto do mais, se determinou que fosse: mas como as principaes pessoas eram de opinião que não fosse e esta opinião agradava mais aos pobres, porque estes são por derradeiro os que se levam e deixam suas casas e temiam levarem-nos, depois de todavia se determinar sua ida, contentando-se mais de suas razões que não da obediencia e parecer do Governador e dos outros, entrou em muitos a murmuração, similhante à de Judas que dizia: *potest impunita istud venditari multo et dari pauperibus, non quia de regis pertinebat ad eum, sed quia fur erat*, e assim esta gente, havendo de consolar e ammar aos pobres que haviam de ir, diziam que para que era levál-os e tirar a gente de suas casas e isto não por se tanto doerem delles, como por temerem que poderia calir o céu e suas fazendas correrem ventura, não vendo que o Governador levava muita gente dos lulos e os que ficavam não haviam de osar de bolir consigo, maiormente estando tão sujeitos, nem ollavam que em tempo de tão extrema necessidade como estavam, havia obrigação de lhes socorrer. E com este desgosto que todos os principaes tinham e a gente popular bramava, se embarcou o Governador sem haver quem o ajudasse naquella armada, pobre, feita mal e por mal cabo e mal aviado, com muita desconsolação, que houvera Vossa Mercê lastima si o vira, como o eu vi, porque uns não ajudavam, outros estorvavam, outros mordiam e todos com fastio e outros o desaetavam, de maneira que como a homem de capa cahida quem quer se lhe atreve, porque dizem que não tem lá no Reino ninguem por si e tuao lhe convertem em mal, até a morte de seu filho⁹⁵), que elle sacrificou por esta terra. Mas neste negocio, de Garcia d'Avila só sei que se lhe offereceu para ir com elle, porque quando é tempo sabe bem usar da boa criação que Vossa Mercê nelle pôz; mas o Governador o escusou: outro se lhe offereceu, parecendo-lhe que tambem o escusasse o Governador, mas lançando mão por sua palavra, se tornou a escusar, querendo mais padecer vergonha no rosto que magua no coração. Desta maneira o tractam, mas elle se lia com muito soffrimento e paciencia em tudo.

95) Fernão de Sá, na conquista do Espírito Santo. Veiu com Men de Sá e morreu antes do 1.º de Junho de 1558, porque na carta do Governador desta data já falla na sua morte. Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Brasil*, l. 3.ª, c. 7.ª) narrando os acontecimentos assim escreve: « Foi isto se foram os companheiros de Fernão de Sá a S. Vicente e Cabri à Bahia, onde o Governador os não quiz ver sabendo como haviam deixado matar seu filho, e quando elles não tiveram esta culpa nem por isso a devemos dar ao pae em fazer extremos pela morte de tal filho. »

Depois de embarcado, ventando sudoeste e sendo a força do inverno, quiz Nosso Senhor haver piedade daquellas almas que nos Ilheos estavam e se mandou ao vento, vento prospero, com que em dois dias chegaram lá e achou-os em tanto aperto que, si mais tardara oito dias, dizem que os achara comidos dos Indios, e si viveram embarcação todos hontem já despoçando, e logo que chegaram, tomada a informação da terra, desembarcou á meia noite, começaram a examinar pela praia com a sua gente e outra da terra, que tala estava sem alma e sem espiritos vivos e com sua ida tomaram em si e foi-se pela praia, pelo caminho que vai para Porto Seguro, e tomaram umas espigas dos Indios que foram logo mortas e presas; ficou dar em uma aldeia, onde mataram tres ou quatro pessoas, porque os mais fugiram e nao pueram mais fazer que queimarem-lhe as aldeas, tornando-se a recolher para a villa; vinham os Indios ladrando de traz as frechadas: metten-se Vasco Rodrigues que levava a diaboira em cilada no matto e deixou-os passar, e como os teve deante de si mataram um se os Christãos, porque todos se recolheram ao mar, com os quaes se lançaram tambem os nossos Indios da Bahia que o Governador levou e foram nadando uma grande legua e lá tiveram uma forte batalha; mas os nossos, ajudando-os o Favor Divino, sendo ja alguns doslles christãos, mostraram muito esforço e mataram ja alguns e outros trouxeram mal feridos, que na praia acabaram de matar. Outras vezes foram a outras partes e não acharam já Indios, que todos se afastaram longe. De todas estas vezes foi o Governador em pessoa, e todas se espantam do seu animo e forças, porque elle mostrou sentir raços e caminho, sendo elle de muitas saudades e muitas aguas e matos mui bravos.

Depois vem outra nova, e é que, parecendo aos Indios dos Ilheos que o Governador seria ido, porque viram sair alguns barcos e navios, os quaes mandaram e tiveram for buscar mantimentos e a buscar Indios que pediam pazes e se offereciam a pelear contra os outros, dizendo que não foram consentidores do que os outros fizeram, determinaram de vir ao salto e vieram ter a uma roca de Andre diaño, onde estavam oito negros de Guiné, doentes e fracos, e foi mandado Vasco Rodrigues com a gente a fazer-lhes curaa e pizeram-se em quatro partes, para não poderem escapar por nenhuma, e entraram na cilada sessenta negros valentes, homens e mocinhos, e todos foram tomados, sem nenhum escapar: os quatroenta mataram ali logo, os vinte trouxeram, os quaes o Governador tom para por elles e haver algumas criancas que ainda estão em poder dos Negros e alguma fazenda dos Christãos; mas, todavia, os outros Negros de Guiné acharam mortos por estes 60 antes que a cilada se desaldrasse. Dizem que ali, tornada de dous dias se faziam tortos os Indios com cerea; esperava-se por bom tempo para

darem bella, e, si estes forem vencidos pela misericordia do Nosso Senhor, acabar-se-a aqui, porque todos os mais pedem pazes, e na verdade mostram-se sem culpa e submettem-se à obediencia. Vinham umas canoas de Indios do rio das Caravellas, e foram tomadas, em que vinha uma grande Santidade sua; estes todos e seus parentes se quizerem vir viver aos Ilhéos, para os guardarem e defenderem, os quaes dizem que são de outra geração, que ja em outro tempo se comiam com estes que deram a guerra, do que eu tambem collijo que, quando Deus quer ajudar, os amigos se fazem inimigos em favor dos Christãos, e quando quer castigar, faz dos inimigos amigos: e uma cousa e outra se viu nesta terra por experiencia. E por isso em Nosso Senhor só se deve esperar, como diz o sabio no Ecclesiastico: *respicite, filii, nationes hominum et scitote quia nullus sperabit in Domino et confusus est*: e o propheta diz: *spera in Domino et fac bonitatem*.

Deste negocio se deve muito a Vaseo Rodrigues de Caldas, a quem Nosso Senhor deu tão boa fortuna como até agora tem dado e por seu esforço tira o medo aos Christãos desta terra e se cre que os Indios nao são serpes, mas gente nua, dos quaes estou espantado, porque não parecem que são da casta dos Portuguezes que lemos nas chronicas e sabemos que sempre no mundo tiveram o primado em todas as gerações e pelas historias antigas e modernas se lê. Estando tanta gente nos Ilhéos, sem verem mais que queimarem uma casa de uma roça, largam engenhos e fazendas e quanto tinham e põem-se em um oitreiro, vendo que lhes matavam o gado e lh'o comiam perante elles e todos encurralados, que seriam mais de mil almas de pejeja com escravos e tudo! E o mesmo será de todas as outras capitancias, emmentes o Gentio não fór senhoreado por guerra e sujeito, como fazem os Castelhanos nas terras que conquistam e no Paraguay o fizeram com mui pouca gente, senhoreando o maior Gentio que ha na terra; e assim estão as fazendas e vilas dos homens na mão dos Indios cada vez que quizerem, si não si fór nesta Bahia, onde já o Gentio está sujeito e mebroso, este que está perto dos Christãos. Meu conselho seria ou bem se ganhar e se segurar ou largal-a, porque si se espera que com qualquer paz se irá povoando, eu vejo que cada vez ha menos gente, menos resistencia aos Indios e mais gente vai do que vem, e outros que morrem á mão de Indios, em barcos que se perdem. Si isto fosse, os Indios seriam christãos e a terra se povoaria em serviço de Deus Nosso Senhor e em prol do Reino.

Em S. Vicente, onde eu creio que ha mais gente para senhorear Indios que em nenhuma capitania, porque além de haver muitos Brancos e Mamaluços, ha ali muita escravaria, não se tracta de ganhar a terra, sinão de se darem á boa vida e com ardis e manhas mui prejudiciaes ás suas almas e com

peitarem os Indios querem lograr suas cous com suas queixadas sãs, e assim vivem a merce dos Indios.

O anno passado me escreveram que vieram os Castellhanos a vingrar a morte de alguns Christãos e Indios Carijós, que os Tupis de S. Vicente haviam morto, hesendo o Capitão do Paragnay feito pazes entre os Tupis e Carijós, que não lhe cumpriram, pelo qual vieram Castellhanos e Carijós a vingrar isto e foi a mortandade tanta que fizeram nos Tupis, que despovoaram o rio Grande e vinham fugindo para o mar de S. Vicente, com medo dos Castellhanos. Entre estes Castellhanos vinham alguns Portuguezes, dos que fugiram de S. Vicente, o qual conhecerao os Indios e por isso determinarao de se amargarem nos Portuguezes de S. Vicente o que fizem com determinação de matarem os elistãos de Paratitina, si Nosso Senhor não socorrera e foi que morreu na vontade a dois Principes do campo, os quaes deliveram a muita gente que lá caminhava com aquelle mau proposito e fizeram os toroar. A gente de S. Vicente e Santos ouvindo estas novas mandaram lançar fanga que era chegada a uma canyella cheia de Castellhanos, que haviam de ir por terra e outros haviam de vir do Paragnay e tomariam no meio a todos e os matariam.

O que isto pretendiam era por metter medo ao Gentio que não viesse, mas como souberam da mentira, não serviu de mais que de ficarem mais descreditados com os Indios. de maneira que aquella capitania esta em grande pendura, e não está em mais que em quemem os Indios, porque, ainda que ha muita gente, é toda triste e desumada e agora se lhe accrescentou outra desaventura, que foram os Francezes a hono vir alguma triste nova e estão muy arrependidos de não haver já tirado meus irmãos de lá, porque segundo parece muy claro, está aquella terra com a canodia na mão, por que cada vez se lhe accrescenta a desventura e lhe falta o socorro.

O Capitão do Paragnay se mandou offerrecer por vezes que sujeitaria os Tupis a S. Vicente si lhe dessem licença e querem com os Portuguezes tracto e conversação e ajudal-os contra o Gentio e outros inimigos, e nem o querem aceitar nem querem ganhar a terra, mas deixam-se estar esperando que por uma parte os matem Francezes e os contrários, por outra, e os Indios da terra que se levante e os acabem de consumir e comer a todos. Este segredo eu não o entendo, mas vejo n'isso a perder tudo.

Já tenho dito muita parte de minha dor a Vossa Merce; muitas mais dozes me ficaram para com elle desabafar que

23) *Inscripções*, escreve Anchieta (*Ann. de B. M. N. S.*, 1, pp. 260, 270, 273, 274).

por carta se não pôdem dizer : peço-lhe pela caridade de Christo Nosso Senhor com que sempre me amou, que a soberba e ignorancia que nesta conhecerá, emende paternamente em quanto nelle for : faça socorrer a este pobre Brasil do que elle bom sabe que lhe sera necessario para tantas enfermidades quantas tem, para que esta pequena lãsea de Fê e amor divino que agora se começa accender nos corações deste Gentio, se continue e não se apague, pois Christo Nosso Senhor. *Venite hunc ipsem mittere in terram et vultus accendatur.* Elle lhe dê por sua misericordia a sua paz na terra e gloria nos céus. Amen.

Desta Bahia, a 5 de Julho de 1559.

Orada esq̃ do de v. nd. em xp̃o

Manoel donobrega

Foi publicada pela primeira vez em 1835 por B. da Silva Lisboa nos *Ann. do Rio*, VI, pp. 63-100; depois reproduzida por Accioli nas *Mém. historics da Bahia*, III, pp. 210-235.

A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro guarda o original (que segundo Barbosa Machado achava-se] em 1753] no archivo do Collegio de S. Roque de Lisboa) desta interessantissima carta, com as palavras « Orador e servo de V. M. em Christo » e a assignatura escriptas do proprio punho do veneravel Jesuita.

A assignatura combina perfeitamente com a da carta a D. João III, existente na Torre do Tombo, cujo *fac-simile* publicado na pz. 93 nos foi mandado pelo nosso prestimoso amigo Lino de Assumpção.

Na ultima pagina da carta achase averbado: « Brazil. 1559. — Copiou-se e mandou-se a Thomé de Souza. » Quer dizer que os Padres em Portugal receberam a carta, remetteram copia ao ex-Governador do Brasil e archivaram o original.

É mais uma preciosidade que possui a Bibliotheca Nacional.

Em Barbosa Machado vem errado o anno, lendo-se 1560. O bibliographo portuguez diz que a carta consta de 9 paginas; mas são 9 folhas de folio, de muito boa letra.

A gravura do *fac-simile* deve-se igualmente ao Sr. Manuel J. da Costa Pinheiro.

XXI

AO INFANTE CARDEAL (D. HENRIQUE).

(1560)

Conversão do Gentio.—Christãos e Indios da Bahia.—Guerra dos Ilhéos.—
 os Indios do Paraguay.—Pazes.—Chegada de uma armada á Bahia.—Men
 de Sá — Vasto Vercules Continho.—Conquista do Rio de Janeiro.—France-
 zes.—Guerra aos Indios.

A paz de Christo Nosso Senhor seja sempre em continuo favor
 e ajuda de Vossa Alteza.

O anno passado de 1559 me deram uma de Vossa Alteza em
 que me manda que lhe escreva o avizo das cousas desta terra,
 que elle deve saber. E pois assim m'o manda, lhe darei conta
 do que Vossa Alteza mais ~~fora~~ de saber que é da conver-
 são do Gentio, a qual, depois da vinda deste governador Men
 de Sá, creceu tanto que por falta de operarios muitos doixamos
 de fazer muito fructo, e todavia com esses poucos que somos,
 se fizeram quatro egrejas em povoações grandes, onde se ajun-
 to muito numero de Gentio, pela boa ordem que a isso deu Men
 de Sá, com os quaes se faz muito fructo, pela sujeição e obe-
 diencia que tem ao Governador, e em mentes durar o zelo delle
 se irão ganhando muitos: mas, cessando em brevo se acabará
 tudo, ao menos entretanto que não têm ainda lançadas boas
 raizes na Fé e bons costumes.

A causa por que no tempo deste Governador se faz isto, e
 não antes, não é por agora haver mais gente na Bahia; mas
 porque pode vencer Men de Sá a conversão de todos os
 Christãos desta terra, que era quererem que os Indios se comes-
 sent, porque nisso punham a segurança da terra, e quererem
 que os Indios se furtassem uns aos outros, para elles terem es-
 cravos, e quererem tomar as terras aos Indios contra razão e
 justiça, e tyrannisarem-nos por todas vias, e nao quererem que
 se ajuntem para serem doutrinados, por es terem mais a seu
 proposito, e de seus serviços e outros inconvenientes desta

maneira, os quaes todos elle vence, a qual eu não tenho por menor victoria que as outras que Nosso Senhor Ihe deu, e defendeu a carne humana aos Indios tão longe quanto seu poder se estendia, a qual antes se comia ao redor da cidade, e às vezes dentro nella, prendendo os culpados e tendo-os presos até que elles hem conhecessem seu erro, sem nunca mandar matar ninguém; e isto só bastou para subjugar a muitos e obrigar-los a viver segundo lei de natura, como agora se obrigam a viver; mas isto custou-lhe de contentar a muitos e por isso ganhar inimigos, e certifico a Vossa Alteza que nesta terra, mais que nenhuma outra, não poderá um Governador e um Bispo e outras pessoas publicas, contentar a Deus Nosso Senhor e aos homens; e o mais certo signal de não contentar a Nosso Senhor é contentar a todos, por estar o mal assim introduzido na terra por costume.

Depois succedeu a guerra dos Ilhéos, a qual começou por matarem um Indio no caminho de Porto Seguro, e creio que foi por desastre, ou, por melhor dizer, querer Nosso Senhor castigar aquelles Ilhéos, e feril-os para os curar e sarar; e foi assim que, estando os engenhos todos quatro queimados e roubados, e a gente recolhida na villa em muito aperto, foi lá o Governador a socorrer com Ihe contradizerem os mais, ou todos da Bahia por teremem que, ido elle se poderiam levantar os da Bahia; mas com elle levar muitos Indios da Bahia consigo, cessava todo este inconveniente, e o que é muito para louvar a Nosso Senhor é que, sendo isto no inverno em tempo de monções contrarios para ir aos Ilhéos, na hora que foi embarcado Ihe concertou o tempo e Ihe veio vento prospero, tanto quanto Ihe era necessario, e não mais nem menos, e lá deu-se tão boa mão, que em menos de dous mezes que lá esteve, deixou os Indios sujeitos e tributarios, e restituiram o mal todo que tinham feito, assim aquelle presente, como todo o passado, e obrigados a refazerem os engenhos e não comegem carne humana e receberam a doutrina, quando houvessem Padres para Ihe dar; de maneira que já agora a geração dos Topinaquins, que é muito grande, podera tambem entrar no Reino dos Cens. Neste tempo, que o Governador era ido ao socorro dos Ilhéos, succedeu que uns pescadores da Bahia se desmandaram, e foram pescar às terras dos Indios do Parauassú, os quaes sempre foram inimigos dos Christãos, posto que a este tempo alguns tinham feito pazes com o Governador, e lá foram tomados e mortos quatro pessoas.

Depois, tornado o Governador, Ihes mandou pedir os matadores, e por Ihe não quererem dar, Ihes apregou guerra, e foi a elles com toda a gente da Bahia que era para pelear e com muitos Indios entrou pelo Parauaçú, matando muitos, queimando muitas aldeas, entrando muitas cercas, destruindo-lhes seus mantimentos, cousa nunca imaginada que podia ser, porque

do Rio de Janeiro. Esta capitania se tem por a melhor cousa do Brasil depois do Rio de Janeiro : nella temos uma casa, onde se faz fructo com Christãos e com escravos, e com uma gôrção do Indios, que alli está que se chamam do Gato, que alli mandou vir Vasco Fernandes do Rio de Janeiro; entendem-se tambem com alguns Tapinaguins, e si Nosso Senhor der tão boa mão ao Governador á tornada como lhe deu em todas as outras partes, que os ponha a todos em sujeição e obediencia, poder-se-á fazer muito fructo, porque este é o melhor meio que pode haver para sua conversão.

D'alli nos partimos ao Rio de Janeiro, e assentou-se no conselho que dariam do supito no Rio de noite, para tomarem os Francezes desaparecehdos; e mandou o Governador a um que sabia bem aquelle Rio, que fosse adiante guiando a armada, e que ancorassem perto d'onde pudessem os bateis deitar gente em terra, a qual havia de ir por certo logar; mas isto aconteceu de outra maneira do que se ordenara, porque esta guia, ou por não saber, ou por não querer, fez ancorar a armada tão longe do porto que não puderam os bateis chegar sinão de dia, com andarem muita parte da noite, e foi logo vista e sentida a armada.

No mesmo dia que chegamos, se tomou 99) uma nau que estava no Rio para carregar do Brasil : a gente della fugiu para terra e recolhêu-se na fortaleza : tomou-se conselho no que se faria, e vendo todos a fortaleza do sitio em que estavam os Francezes o que tinham consigo os Indios da terra, temeram do a combaterem, e mandaram pedir ajuda de gente a S. Vicente ; mas os de S. Vicente sabendo primeiro da vinda do Governador ao Rio, já vinham por caminho, e como chegaram determinou-se o Governador de os combater ; mas toda a sua gente lho contradizia, porque tinham já bem espiado tudo, e pareciam-lhes cousa impossivel entrar-se cousa tão forte, e sobre isso lhe fizeram muitos desobediencias e desobediencias. Mas eu sobre isto tudo, a maior difficuldade que lhe achava era ver aos Capitães da armada tão pouco unidos com o Governador e ver tão pouca obediencia em muitos, toda aquella viagem em que me achei presente; e isto nasceu de se dizer publicamente e saberem que o Governador estava mal acreditado no Reino com Vossa Alteza, e que se haviam lá dado capitulos delle por pessoas que com paixão informaram lá mal a Vossa Alteza e parece que com pouca razão, porque as mais das cousas me passavam pela mão como terceiro que era nellas para as remediar, e por isso quem quer se lhe atrevia, e por dizer que tinha lá inimigos no Reino e poucos que favorecessem sua

99) Pela galé *Esaura*.

causa, o que lhe tirou muito a liberdade de bem governar: mas agora ouça Vossa Alteza as grandezas do Nosso Senhor.

A primeira me parece que foi dar Nosso Senhor graça ao Governador para saber soffrer tudo, e dar-lhe prudencia para em tal tempo saber trazer as vontades de todos tão contrarias á sua a confusenderem com aquillo que elle entendia o Nosso Senhor lhe inspirava: e foi assim que á sua per vergonha, a outros por vontade, lhe pareceu bem de commetterem a fortaleza.

A segunda maravilha do Nosso Senhor foi que, depois do empedida dois dias (100), não se podendo entrar e não tendo já os nossos pólvora, mais que a que tinham nas cunhas para atirar; e tratando-se já como se poderiam recolher aos navios sem os matarem todos, e como poderiam recolher a artillaria, que haviam posto em terra, sabendo que na fortaleza estavam sessenta Francezes de peleja, e mais de oitocentos Indios (101) e que eram já mortos nos nossos dez ou doze homens com bombas e canhões, mostrou então Nosso Senhor sua misericordia, e deu-lhe grande medo nos Francezes e nos Indios que com elles estavam, qui se recolheram da fortaleza e fugiram todos, deixando o que tinham sem o poderem levar (102).

100) A 15 de Março accommetten Mon de Sa os Francezes. (Carta cit.) O Governador escreve: « Naquelle dia entramos a ilha, onde esta a fortaleza posta, e todo o dia e o outro pelejamos sem descansar de dia nem de noite, ate que Nosso Senhor foi servido de a entrarmos com muita victoria e morte dos contrarios e dos nossos francezes: e si esta victoria me nao tocara tanto, para achemar a Vossa Alteza que ha muitos annos que se mata lra outra tal entre Christãos; porque posto que vi muita e ha meaos, a mim me parece que se não viu outra fortaleza tão forte no Mundo. »

101) Mon de Sa na carta citada diz: « Havia nella 74 Francezes ao tempo que chegou e alguns escravos, depois mataram mais de 40 Indios de um e outros que andavam em terra: havia sobre mais de mil homens dos do Gento da terra, tudo gente escolhida e mo bons espingardeiros como os Francezes; e nós viamos 120 homens Portuguezes e 100 dos do Gento, os mais e os menos e com pouca vontade de pelejar: a armada trazia 18 soldados moços que nunca viram pelejar. »

O Governador escreveu a Li-Rei logo depois da conquista, como diz em outra carta (tambem descripta do Rio de Janeiro a 31 de Março de 1501) como se lê em *O Rio de Janeiro*, pp. 294, ainda indistincta e da qual posso copiar a Bibl. Nat. A carta em que dá conta da victoria, prova immoção de todos os momentos, porque foi rescripta sobre a impressão da carta, deve ser muito interessante, mais infelizmente não se sabe onde para. Nesta carta al'ou conta Mon de Sa, a que lhe succedeu na guerra que teve com o Gento do Paraguai, segundo declara.

102) G. de S. os Francezes não captularam, e amozem o Visconde de Porto Seguro (*Hist.*, p. 389) e La Populain (*ibid.*, segundo Gallarel

Estes Francezes seguiam as heresias de Allemanha, principalmente as de Calvino, que está em Genebra, e segundo soube delles mesmos e pelos livros que lhe acharam muitos, e vinham a esta terra a semear estas heresias pelo Gentio; e segundo soube tinham mandados muitos meninos do Gentio a aprendel-as ao mesmo Calvino e outras partes para depois serem mestres, e destes levou alguns a Villagalião que era o que fizera aquella fortaleza, e se intitulara Rei do Brasil.

Deste se conta que dizia que, quando El-Rei de França o não quizesse favorecer para poder ganhar esta terra, que se havia de ir confederar com o Turco, promettendo-lhe de lhe dar por esta parte o conquista da India, e as naus dos Portuguezes que de lá viessem, porque poderia aqui fazer o Turco suas armadas com a muita madeira da terra; mas o Senhor olhou do alto tanta maldade e houve misericordia da terra e de tanta perdição de almas, o *mentita est iniquitas sibi*, e desfez-lhe o ninho e deu sua fortaleza em mão dos Portuguezes, a qual se

(*Hist. du Brésil François*, pg. 313). Entretanto Porto Seguro com-
 e cita as cartas de Nobrega e Men de Sá. Da carta deste que é
 a mesma que chama de officio e que vem como de 19 de Junho, exi-
 dente lapso typographico, provavelmente conheceu as edições de Pi-
 zarro e Silva Lisboa, edições em que em vez de *as tempo que chegou*
 trazem *ao tempo que negociou*; deste grave erro typographico infiri-
 o illustre historiador para assegurar que Men de Sá diz que e ne-
 gociara » com os Francezes, dando esta palavra entre aspas como
 aqui está. A edição Barbosa Machado e a que merece ser, porque o
 chronista declara que a carta foi copiada do original existente na
 Torre do Tombo, tav. 2, maço 10. A edição da *Hist. Seb.* de Santos
 menos correctea que a precedente, tambem traz *chegou* e diz-se à mar-
 gem que o misc. está na Torre do Tombo, gaveta *exteas*. O *Almanac*
 de Duarte Nunes e a cópia que se acha nos *Ann. do Rio*, misc. cit.
 na nota 97, em tudo conforme a edição da *Hist. Seb.* trazem tambem
chegou.

Porto Seguro diz que « os Francezes, sem agua nem polvora, ca-
 pitularam em numero de 71 e alguns escravos; aos quaes depois se
 uniram mais de 40, dos de um navio apresado, e de outros que andava-
 ram em terra, » Men de Sá porém é bastante claro, pois quando falia
 dos 71 Francezes e alguns escravos que estavam na fortaleza, quando
 chegou, nos que depois entraram, mais de 40 dos da nau tomada (pela
 zale *Esouva*), e outros que andavam em terra, e nos mais de mil
 Gentios espargardeiros, dá ao mesmo tempo a força portugueza e a
 sua auxiliar brasileira, confrontando-as por consequente.

Anchieta, que estava em S. Vicente quando ali chegaram Men de
 Sá e Nobrega com a nova da victoria, dá na carta do 1.º de Junho de
 1500: « E quando já nas naus não havia polvora e os que peljavam em
 terra desfalleciam já pelo muito trabalho, fugiram os Francezes,
 desamparando a torre e recobriram-se as povoações dos Barbaros em
 canoas de madeira que é de crer que mais fugiram com espanto que
 lhes fez o Senhor do que com as forças humanas. »

destruiu o que della se podia derrubar, por não ter o Governador gente para logo povoar e fortificar como convinha.

Esta gente ficou entre os Indios, e esperam gente e soccorro de França, maiormente que dizem que por El-Rei de França o mandar, estavam alli para descobrirem os meaes que houvesse na terra: assim ha muitos Francezes espalhados por diversas partes, para melhor buscarem, parece muito necessario povoar-se o Rio de Janeiro e fazer se nella outra cidade (103) como a da Bahia, porque com ella ficara tudo guardado, assim esta capitania de S. Vicente como a do Espirito Santo, que agora estão hem fracas, e os Francezes lançados de todo fora, e os Indios se poderem melhor sujeitar, e para isso mandar nas moradores que soldados, porque doutra maneira pôde-se tomar com razão *ne videat manuum spiritibus cum suis septem nequeantibus se, et sint novissima peiora prioribus*; porque a fortaleza que se desmaelou, como era de pedras e rocha, que cavaram a pedra, facilmente se pôde tornar a reedificar e fortalecer muito melhor (104).

Depois de fundada a fortaleza deu o Governador em uma arde de indios e matou muitos, e não pôde fazer mais porque tinha necessidade de concertar os navios que das bombardadas ficaram malavindos, e fazei-os puestas para se tornarem, o que veio fazer a esta capitania de S. Vicente (105), onde eu deo por assim o ordenar a o cienteia; e que mais houver para escrever, o Provincial, que agora e o padre Luiz da Grá, o lar da Bahia (106).

(103) Nobrega pouco tempo depois contitolou mais do que ninguém para a fundação da cidade e povoar sobre do Rio de Janeiro, como o confirma Anchieta (*Mitt. e Act.*, t. 1, pp. 24); e Do collegio do Rio de Janeiro foi o primeiro o padre Manuel da Nobrega e me o começou a *fundamentis* e nelle se acham a velha, lemos de deixar toda aquella terra sem povoar, e acham e acham Indios Timucos, caribos e veracinos, e tudo se pôde a El-Rei, seu Le. Pa. e que mais ha de povoar della, porque deo a seu conselheiro, fazer e fundar se com esta capitania e levou ao cable a povoação do Rio de Janeiro.

(104) E a actual fortaleza de Villegaigneu.

(105) Sobre a empresa de Men de Sá veja-se a carta de Anchieta da mesma data da presente, publicada por P. da Silva Lisboa nos *Ann. do Rio de Janeiro*, VI, pp. 111-139. Anchieta assim descreve o estado de Nobrega quando chegou a S. Vicente: e Com o Governador veio o padre Manuel da Nobrega muy doente e magro, com os pés e ouros inchados, pernas chotas de que se tomou a passar melhor; e os ouros na bondade de S. João e no pouco a pouco lhe irão dando vida.

(106) Luiz da Grá achava-se então em S. Vicente e chegou à Bahia a 29 de Agosto de 1560 em companhia de Men de Sá (Carta de Ray

Nosso Senhor Jesu Christo dê a Vossa Alteza sempre a sua graça. Amen.

De S. Vicente o 1.º de Junho de 1500.

Foi publicada pela primeira vez em 1835 por Balthasar da Silva Lisboa nos *Ann. do Rio de Janeiro*, VI, pp. 102/111. Depois reproduzida na *Rev. do Inst. Hist.*, V (1813), pp. 328, 333, e na ed. de Lisboa de 1865 da *Chron.* de S. de Vasconcellos, vol. II, pp. 312/317.

Barbosa Machado dá-lhe a data de 1 de Julho, que evidentemente é erro typographico, e diz que o seu original achava-se no archivo do Colégio de S. Roque de Lisboa.

Nos *Ann. do Rio de Janeiro*, *msc.*, da Bibl. Nac. (n.º 5521 do *Cat. de Esp. de Hist.*), acha-se ella transcripta, declarando-se á margem que a possuia João Pereira Ramos (de Azeredo Coutinho), que foi Guarda-mór da Torre do Tombo. Esta cópia que tinha Azeredo Coutinho é talvez o próprio *msc.*, que possui a Bibl. Nac., offerecido mais tarde por Diogo de Toledo Lara Orlonhez.

Pereira, da Bahia de 15 de Setembro de 1500, nos *Ann. do Rio de Silva*, Lisboa, VI, pp. 162). Fr. Vicente do Salvador (*Hist.*, l.º 3.º, c. 9.º) diz erradamente que o Governador chegou em Junho.

Esclarecimentos

Homem Santo (Barcaclúé), pg. 18.

Simão de Vasconcellos (*Chron.*, l. 1, n.º 131) diz que Nóbrega era muito conhecido nos sertões do Paraguay, nos quaes se chamavam *Barcaclúé*, « que vai o mesmo que *Loureiro Santo*. » Ali dominavam os Carijós (Guaranis), que fallavam a mesma lingua dos Indios da costa do Brasil.

A respeito desta palavra *Barcaclúé* foram consultados os Srs. Conselheiros H. de Beaurepaire Rohan, Dr. Macedo Soares e Hilario Peixoto, que me deram as seguintes indicações:

O Conselheiro Beaurepaire Rohan:

« *Barcaclúé* não é, nem poderia em caso algum ser vocábulo guarani, já pela sua estrutura, que vai de encontro à prosodia desta lingua, e já pela presença da letter *l*, que não existe no seu alphabeto. *Barcaclúé* é evidentemente o resultado ou de um erro de escripta servilmente copiado pela typographia, ou de uma edição, se tem reproduzido em todas as outras. Seria inútil talar a interpretação deste pseudo-vocabulo, si Simão de Vasconcelles me não tivesse dado a traducção em portuguez. Segundo este auctor, *Barcaclúé* quer dizer *homem santo*. Em guarani, *homem* se traduz em *Abá*. Quanto a *santo*, em falta de termo equivalente, podemos recorrer a diversos adjectivos na accepção de bom, honrado, virtuoso, attributos necessarios dos Bemaventurados. Entre esses adjectivos, temos *cutueté*, composto de *cutá*, bom, e *eté*, superlativo, significando portanto *muito bom*, optimo. A versao de *homem santo* seria pois *Abá-cutueté*. Mas como esse homem de quem se trata era um sacerdote, eu adopto inteiramente a opiniao do Sr. Valle Cabral de que as primeiras quatro letras *Barcaclúé* são o estropeamento de *Abácuté*, pela suppressão do *A* inicial, e troca do *é* final por *e*. As seguintes *clúé*, o são, quanto a mim, do *cutueté*, e facilmente corrigiveis como se segue: *cuté* = *cuté*; *lu* = *tu*; *clé*. Desta sorte o incomprehensivel *Barcaclúé* fica traduzido a *Abá-cutueté*, cuja traducção litteral é *sacerdote optimo*. »

M. e Ach. H.

O Dr. Macedo Soares:

« A palavra *baracaché* com que, sg. Simão do Vase., *Chron.*, I, n.º 131, os Indios dos sertões do Paraguay designavam o padre Mamel da Nobrega, significando « homem santo », salta aos olhos que não é guaraní. A lingua geral não tem /, nem syllaba trillitera de mais de uma consoante (*bar, ctu, arc*), nem consoantes junctas, mesmo de syllabas diversas, com vogal intercalada (*r-r, e-l*). Ha visivelmente grande erro de graphia, ou do copista do mss. de Vasconcellos, ou do seu impressor, nesse epitheto de *baracaché*.

« Como restituir a palavra original ?

« Homem santo » em guar. é *ohé maramangá* — *maramangá* = *paracangá*. Mas, aos Padres do Paraguay chamavam os Indios *paí-abacé* padre homem — outro, diferente do *pajé*, o padre delles, como se explica na *Conquista Espiritual*, § 14. Ora, um *abacé* grande, illustre, maioral da communidade, distinguindo-se de todo, como o Nobrega, é um *abaré-eté* = *eté*. Não será *baracaché* completa perversão graphica de *abaré-eté*, escrevendo-se talvez o adj. com *tt* (*ette*), e dando assim mais uma haste para as lettras de *ctué* ?

« Estará a glosa longe do motto ; mas, não está fóra do sentido. Em falta de melhor, é a interpretação que alcanço. »

O Sr. H. Peixoto :

« *Baracaché*. Analyticamente a fórma graphica deste vocabulo, tal como chegou até nós, não representa os sons que apprehendeu o ouvido : em abañen não existem as semivogaes (vulgo consoantes liquidas) *l* e *r* (esta com o som trillante, ou, melhor, continuo) ; assim os phenomenas *r* e *cl* não occorrem na palavra que tentou-se reproduzir. Atribuindo a corruptela em parte a má interpretação de manuscrito (*e* em vez de *é*), dahi o erro typographico ; em parte á infidelidade do ouvido (*cl* por *c*) ; temos para fórma primitiva *barécaé* = *abaré-ctuéra*, por apherese de *a* e apocope de *ra*, ambas syllabas atonas, phenomeno devido á conhecida lei do menor esforço. São innumeros os exemplos destas alterações, e notadamente da ultima manifestam-se elles no Rio Grande do Sul, Rio da Prata e Paraguay, onde, — ao contrario do que da-se no centro e norte do Brasil, — persiste a tendencia de fazer agudas as palavras de origem abañen. Cp. Capanão : Capanema ; Piratinim (melhor Piratiny) = Piratininga ; Yherá = Uheraba ; etc.

« Assim explicado, o vocabulo significa *padre salvador, esforcado* ; porquanto *abaré* = padre, *ctuéra* = são, valente, esforcado, salvar, etc., como diz o Montoya em definições e exemplos ; e ainda quanto ao adjectivo, e elle demasiado corrente (*P. e um cueva*, etc.) no Brasil para que caregamos adduzir mais provas.

« É digno de reparo que se depare variação como *barracludé* na mesma obra em que Simão de Vasconcellos avança não terem nossos Indios nem *fé*, nem *lei*, nem *rei*, só porque desconheciam as suas iniciaes daquellas palavras. »

Segundo Simão de Vasconcellos, os Padres em geral eram chamados pelos Indios *Aparés* (*Chron.*, l. 1, n.º 54) e também *Abacripigues* (*Chron.*, l. 1, n.º 108). Os de S. Vicente chamavam (S. de Vasc., *Chron.*, l. 1, n.º 68) ao padre Leonardo Nunes *Aburebé* « Padre que voa. » Timon (João Francisco Lisboa) diz (*Jornal de T. non.*, 1553, pag. 365). « Nobrega partiu para S. Vicente a dar pressa a conciliação da paz, e Anchieta ficou como em refens. Tão multiplicadas e ruidas viagens fazia Nobrega, em proveito commum, que os Indios a mirados lhe *parem* o nome de *Abare-Bebe*, *Padre contador*. » Não declara porém a fonte do que se serviu. Seria confuso de Timon com o nome com que designavam os Indios o padre Leonardo Nunes, ou a melhor explicação que achou para dar a palavra *Barracludé*?

Este homem com um seu genro, pg. 49.

Efectivamente o Paulo Dias Adorno o genro de Bego Alvares, o *Caranuru*, a que se refere Nobrega, como o comprova esta carta do ouvidor geral Pero Jorge de Igida a D. Catharina, o cujo original achou-se na Torre do Tombo, part. 1.ª, Alça 102, Doc. 129.

« Senhora. — Paulo Dias é dos primeiros povoadores desta capitania da Bahia, e quando a ella veio Thomé de Sousa, Governador Geral, nestas partes do Brasil o achou nella com mulher e filhies. Serviu desde aquelle tempo até agora muy bem em tudo o que o encarregavam de serviço de Sua Alteza a sua propria custa e com seus navios e escravos, e agora na guerra que houve na capitania do Esprito Santo puzo bem. Disse-me que o escrevesse a Vossa Alteza, digo que passa assim na verdade e que o padre Vossa Alteza encarregar em alguma capitania de algum navio, porque é muito para isso e entende do mar bem e porque elle vai enfadado desta terra e o por que Vossa Alteza o pode mandar sair delles e será necessario nella por e que della sabe, deve-o Vossa Alteza mandar encarregar em alguma cousa nestas partes e será como digo de alguma de algum navio, porque é para isso. Desta cidade de Salvador a 7 do Agosto de 1558. — O doutor Pero Borges. »

Paulo Dias ia a Portugal e parece ficar explicada a razão porque elle era condecorado e veio a capitania do Rio de Janeiro com Estacio de Sá, commandando um dos navios da armada.

Como diz Fr. Vicente do Salvador, Paulo Dias foi a conquista do Espirito Santo com Fernão de Sá, e Pero Borges o confirma:

« e agora na guerra que houve na capitania do Espirito Santo muito bem. » Talvez pois que um dos seus desgostos, que allega a carta do Ouvidor Geral, fosse o Governador não o querer ver por causa da morte do filho, que se deu antes do 1.º de Junho de 1558 (v. nota 95).

Simão da Gama e sua mulher, pp. 137, 138.

Segundo Fr. Vicente do Salvador (*Hist.*, l. 3.ª, c. 2.ª), mandado por D. João III, chegou à Bahia em 1550 com uma armada, em o galeão *Velho*. A seu respeito escreve o historiador: « Foi este fidalgo em esta cidade grande republico e d'ahi a muitos annos morreu nella de herpes, que lhe deram em uma perna, deixando uma capella perpetua de missas na Igreja da Misericordia, onde está sepultado com um epitaphio que diz assim:

*Pella sua ama charidade
de Christo crucificado,
está aqui sepultado
Simão da Gama dantrale
para ser resuscitado. »*

O Visc. de Porto Seguro (*Hist.*, pg. 242): « Terras do esteiro de Pirajá sabemos porém que foram dadas a Simão da Gama de Andrade, o qual tendo vindo por commandante do galeão S. João Baptista, preferiu alli ficar, recebendo uma legua de sesmaria, além da ilha dos Frades, em 17 de Janeiro de 1552. »

Sua mulher chamava-se Leonor, segundo diz o padre Leonardo do Valle na carta da Bahia de 26 de Junho de 1562; Gabriel Soares falla de um engenho desta senhora situado no rio Pirajá, acrescentando-lhe o appellido Soares, « mulher que foi de Simão da Gama de Andrade. » Este portanto em 1587 já era fallecido. D. Leonor Soares era provavelmente irmã de Sebastião da Ponte.

Sebastião da Ponte, pp. 137, 138.

Mais tarde este poderoso morador da Bahia deu causa a differenças entre o bispo D. Antonio Barreiros e o governador Luiz de Brito de Almeida, segundo o testemunho de Fr. Vicente do Salvador (*Hist.* l. 3.ª, c. 21): « Havia nesta terra um homem alias honrado e rico, chamado Sebastião da Ponte, mas cruel em alguns castigos, que dava a sous servos, fossem brancos ou negros; entre outros chegou a ferrar um homem branco em uma espadua com o ferro das vacas, depois de bem açoitado: sentido o homem disto se embarcou e foi para Lisboa, onde,

esperando uma manhã a El-Rei quando he para a Capella, deixou cahir a capa que só levava sobre os hombros e lhe mostrou o ferrete pedindo-lhe justiça com muitas lagrimas.

« Fy formado El-Rei do caso, escreveu ao Governador, que lhe mandasse preso a bom recado ao Reino o dito Sebastião da Ponte.

« Teve elle noticia disto e acolheu-se a uma ermida de Nossa Senhora da Escada, que está junto a Pirajá, onde o reu então morava: demias disto clamou-se ás ordens, dizendo que tinha as menores, e andava com habito e tonsura, porque nao era casado, pelas quaes razões deprecou o Bispo ao Governador nao o prendesse, mas nao lle valeu, e como logo a proceder a censuras e finalmente chegou o negocio a tanto, que houveram de vir ás armas correndo com ellas o povo nescio e inconstante, ja ao Bispo com o temor das censuras, ja ao Governador com o temor da pena capital, que ao som da caixa se publicava, e o que mais era que ainda depois de todas postadas ao Governador, seis proprios filhos, que estudavam para se ordenarem, com pedras nas mãos contra seus paes, se acostavam ao Bispo e a seus clerigos e familiares.

« Porém emmum *Quæstio regis nupçbat*, e se mandou o preso ao Reino como El-Rei o mandava, onde foi mettido na prisão do Limoeiro e nella acabou como suas culpas mereciam. »

Quando se deram estes factos o Bispo « não era chegado de muitos dias », como diz Fr. Vicente. Agora, segundo o *Cat. dos bispos* até 1676, que acompanha as *Constituições prin. do Arceb. da Bahia*, ed. de Coimbra de 1720, o Bispo chegou á Bahia no dia d'Ascenção (31 do Maio) de 1576; mas Anchieta (*Mat. e Ach.*, I, pag. 9) diz que elle veit em 1575. O Visc. de Porto Seguro o dá como empossado a 15 de Agosto (dia d'Assumpção) de 1576.

Quanto a capella de Nossa Senhora da Escada, que lhe dá accessõ estreito caminho de barro, está situada em um pequeno alto em Itacaranha, logar pittoresco do reconcevo da Bahia. A seu respeito escrevia Gabriel Soares em 1587: « É uma formosa igreja dos Padres de Companhia, que a têm muito bem concertada, onde as vezes vão convalescer alguns Padres de suas enfermidades, por ser o logar para isso: a qual igreja está uma legua do rio Pirajá e duas da cidade. »

Ha 20 annos a vi no mais completo abandono o muito arruinada; mas, segundo informações fidedignas, foi restaurada a poucos annos e a ha-se de presente em muito bom estado.

A povoação de Pirajá, muy distante da embocadura do rio, dista talvez uma legua ou pouco mais de Nossa Senhora da Escada.

Gabriel Soares falla de um engenho « que se diz de Sebastião da Ponte, no rio Matom; de um « curral de Sebastião da Ponte », e de outro « engenho de Sebastião da Ponte », no rio Una.

Jaboatão, que não conheceu nem a *Historia do Brasil* nem a *Chronica da Custodia do Brasil*, escriptas por Fr. Vicente do Salvador, escreve: « Desta (Bahia) passou para as terras do Cayrú um Sebastião de Pontes, de posses e cabedaes, deixando nas da Bahia fabricados já dous engenhos, e, com outros Portuguezes mais, foi escolher por morada e vivenda as terras que naquelle paiz rega e fertilisa um dos seus principaes rios, chamado *Una*; e nellas fabricou o terceiro engenho, domesticando muitos dos naturaes Tapuyas ao seu mando e serviço, fazendo-se na terra, sobre poderoso, insolente. Por esta desordem foi accusado na Côte, e, entre os crimes que lhe imputaram os offendidos, foi um nomearem-n'o nor Rei ou Regulo do Brasil, pelo qual foi levado ao Reino, e do Limoeiro sem se fallar mais nelle, depois de muitos annos foi levado á sepultura, com o custo só de um bastão, diz o que nos dá esta noticia. » (*Orbe Seráfico*, Digr. IV, Est. V, n.º 77.)

Vasco Rodrigues de Caldas, pp. 139, 160, 162, 165, 166.

Este conquistador dos Indios da Bahia era Portuguez, nobre, Capitão de gente, serviu de Vereador da Camara e ia a Portugal em 1562, como tudo se collige da seguinte carta dirigida a D. Catharina:

« Senhora. — O portador se chama Vasco Rodrigues de Caldas, que este anno presente serviu de Vereador nesta cidade. É pessoa de qualidade e nobre e ha muitos annos que habita nesta cidade e tem boa experiencia da terra e servido muito bem Sua Alteza nas guerras desta capitania e dos Illicos; e sendo Capitão de gente fez muito boas cousas, como leva por instrumentos. Pedimos a Vossa Alteza que delle se informe sobre o que escrevemos a Sua Alteza e do mais que não se pôde escrever, porque é pessoa de qualidade e nobre, a quem se pôde dar inteiro credito. E dará boa informação de tudo e do estado em que a terra fica.

« Escripta nesta cidade do Salvador, sob nossos signaes e sello da dita cidade. Braz Alcoforado, escrivão da Camara della por Sua Alteza, a fez aos 22 de Julho de 1562 annos. — *João Fernandes Coelho* (?). — *Gaspar de Barros Magalhães* (?). — *Francisco Pantoja* (?). — *Sebastião Alvares*. »

O original desta carta está na Torre do Tombo, parte 1.ª, maço 105, doc. 141.

INDICE

	VIDA DO PADRE MANUEL DA NORREGA, pelo padre Antonio Franco.....	1 — 46
	CARTAS :	
I.	Ao PADRE MESTRE SIMÃO RODRIGUES DE AZEVEDO (1549)	47 — 51
	Chegada á Bahia.— Estado da terra.— Occupações dos Padres e Irmãos.— Padre Navarro, irmão Vicente Rodrigues.— Caramuru.— Um Indio christão.— Leonardo Nunes, Diogo Jacome.— Os sacerdotes da terra.— O Governador.	
II.	PARA O PADRE MESTRE SIMÃO (1549).....	52 — 53
	Os sacerdotes da terra.— Conversão de um contrario.— S. Thomé e suas pegadas.— Espanto dos Indios.— O Governador.— Necessidade de Vigário Geral.	
III.	Ao PADRE MESTRE SIMÃO (1549).....	54 — 61
	Falta de mulheres.— Saltos aos Indios.— Causa da guerra da Bahia.— Carijós.— Padres em S. Vicente.— Necessidade de Bispo.— Logar escolhido para o Collegio — Pedido de officiaes.— Os degradados.— Faltas de roupa.— Antonio Pires.— Leonardo Nunes, Diogo Jacome, Navarro, Vicente Rodrigues.— Missa cantada.— Procissão de Corpus Christi.— Agradecimentos ao Governador e outros.— Pedidos.	
IV.	Ao DR. NAVARRO, SEU MESTRE EM COIMBRA (1549)..	62 — 68
	Cidade do Salvador.— Clima.— Os naturaes.— Anthropophagia.— Immortalidade da alma.— Noção do Demonio.— Noticia do Diluvio.— S. Thomé.— Prêgações e baptismos.— Padre Navarro.— Morte de um Christão.— Uma execução.	

- Medo dos Indios. — Apêgo aos Padres. — O nome de Jesus popularizado. — Um Indio revela o estado com Deus no Paraiso. — Conversão de um feiticeiro.
- V. INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO BRASIL (1549)..... 69 — 73
 Clima, fructos e mantimentos. — Goyanazes, Carijós, Gaimares, Topiniquins e Topinamóás. — Frades Castelhanos. — Pae Tupane. — Os feiticeiros. — Morte dos prisioneiros. — Agouros. — Liberalidade dos Indios. — O diluvio. — Perguntas sobre Deus. — S. Thomé.
- VI. AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (1550)..... 74 — 82
 Padre Navarro. — Caramuru. — Odio aos Christãos. — Sublevação. — Vicente Rodrigues e Simão Gonçalves. — Antonio Pires. — Feitiçarias. — Anthropophagia. — Leonardo Nunes e Diogo Jacome. — Ilhéos. — Porto Seguro. — Padres Hspanhoes. — Tupiniquins. — Padres mandados por D. Manuel. — Maus exemplos dos Christãos. — Um sacerdote de má vida. — Padres de Santo Antonio em Porto Seguro. — Necessidade de mulheres. — Escravos. — Pragnica dos senhores. — Pedidos. — Clima da terra. — Fumo. — Ouro.
- VII. AOS PADRES E IRMÃOS (1554)..... 83 — 85
 Gentios e Christãos. — Casamentos. — Padre Navarro. — Os orphãos de Lisboa. — Pernambuco. — Perda de dois barcos de Indios na Bahia. — O Governador determina correr a costa. — Estado de Pernambuco. — Maus costumes dos clérigos. — Obras da casa da Bahia.
- VIII. PARA OS IRMÃOS DO COLLEGIO DE JESUS DE COIMBRA (1551)..... 86 — 89
 Chegada a Pernambuco. — Padre Antonio Pires. — Fructo feito entre Indios e Christãos. — Odios reconciliados. — Maus exemplos dos sacerdotes. — Uma India meirinha. — Casamentos. — Predicas e confissões. — Duarte Coelho.
- IX. A' EL-REI [D. João III] (1551)..... 90 — 93
 Maus costumes de Pernambuco. — Os ecclesiasticos. — Odios. — Reconciliações. — Duarte Coelho. — Precações. — O Gentio da terra. — Necessidade de Padres e Irmãos. — Os escravos. — O Collegio da Bahia. — Pedido de escravos de Guiné. — Thomé de Sousa. — Noticias de ouro.
- X. PARA O PADRE PROVINCIAL DE PORTUGAL (1552).... 94 — 97
 Chegada do Bispo. — P. Antonio Pires. — O Collegio. — O Governador. — Pedido de Padres

- e meninos.— Necessidade de escravos de Guine.
— Vicente Rodrigues, Salvador Rodrigues, Navarro. Affonso Bratz, Leonarilo Nunes, Diogo Jacome, Paiva, Antonio Pires, Francisco Pires.
— Dois meninos da terra pregadores.— Franceztes.— Thomé de Sousa.— O sertão.
- XI. A' EL-REI D. JOÃO (1552)..... 98 — 100
O Bispo.— Pedido de mulheres.— Desafeição dos moradores á terra.— Thome de Sousa.— Pedido de Padres.— Necessidade de moradores.
- XII. AO PADRE MESTRE SIMÃO (1552)..... 101 — 105
O estado da terra.— Carijós.— O Governador.— O Bispo.— Duvidas a respeito dos Genticos.— Diogo Alvares, o Caranirú.
- XIII. PARA EL-REI D. JOÃO (1554)..... 106 — 108
Gentio do sertão.— Orphãos da terra.— Povoação de João Ramalho.— Martim Affonso de Sousa.— Piratininga.— Guerras da Bahia.— O Bispo.
- XIV. PARA O PADRE IGNACIO [DE AZEVEDO] (1556)..... 109 — 110
Chegada do padre Luiz da Grã a S. Vicente.— Nova da ida do Bispo ao Reino.— Os Genticos da Bahia.— O Gentio da terra.— Os mestiços.
- XV. PARA O PADRE IGNACIO [DE LOYOLA] (1556)..... 111 — 115
Padre Luiz da Grã.— Orphãos.— Meninos da terra doutrinados em S. Vicente.— Occupações dos Padres.— Matheus Nogueira.— Informações do estado da Companhia.
- XVI. QUADRIMESTRE DE JANEIRO ATÉ ABRIL DE 1557, AO PADRE IGNACIO..... 116 — 121
Indios e Christãos.— Anthropophagia.— Padre Navarro. Antonio Pires e João Gonçalves.— Um frateiro.— Confissões de Genticos e escravos dos Christãos.— Ambrosio Pires.— Falta de mantimento.
- XVII. AOS MORADORES DE S. VICENTE (1557)..... 122 — 126
Exhortações aos moradores.— Padre Antonio Pires.— Falta de Bispo.
- XVIII. PARA O PROVINCIAL DE PORTUGAL (1557)..... 127 — 133
Novas de Men de Sá.— Morte do Padre Navarro.— Antonio Pires, Ambrosio Pires, Antonio Blasques.— Orphãos.— Antonio Rodrigues, Joao Gonçalves.— Christãos e Indios.— Estado da terra.— Carijós.— Capitania de S. Vicente.— Martim Affonso de Sousa.— Castellanos e Portuguezes.— Luiz da Grã, Manuel de Chaves.

- XIX. AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL (1559)..... 134 — 145
 Igreja de S. Paulo. — Os feitiçeiros. — Punição de um crime. — Christovão da Costa. — Offícios da Semana Santa. — Simão da Gama. — Sebastião da Ponte. — Grande secca. — Os Indios. — O melhor Indio da terra. — Vasco Rodrigues de Caldas. — *Essaia* de S. João. — Mirangaoba. — Novas dos Ilheos. — Igreja do Espírito Santo. — Morte do Padre João Gonçalves. — Antonio Rodrigues. — Francisco Pires. — Antonio Pires. — Demônios. — Uma conversão. — Feitiçarias. — Má vida dos Christãos.
- XX. A' THOME DE SOUSA (1559)..... 146 — 168
 Christãos e Genticos. — Morte do Bispo. — Maus exemplos dos clérigos. — Fructo feito em S. Vicente. — Odio dos Christãos ao Genticos. — Uso da anthropophagia. — Tupiniquins de S. Vicente. — Genticos do Gato. — Peccados da terra. — Capitania do Espírito Santo. — Men de Sa. — Mirangaoba. — Maus tratos aos Indios. — Indios e Christãos. — O melhor Indio da terra. — O Governador e o povo. — Garcia d'Avila. — O Genticos do Paraguay. — Vasco Rodrigues de Caldas. — Destroços de Indios. — Pazos. — A gente do Brasil. — Guerra dos Ilheos e Porto Seguro. — Castelhãos do Paraguay. — Tupis e Carijós de S. Vicente.
- XXI. AO INFANTE CARDEAL [D. HENRIQUE] (1560)..... 169 — 176
 Conversão do Genticos. — Christãos e Indios da Bahia. — Guerra dos Ilheos. — Os Indios do Paraguay. — Pazos. — Chegada de uma armada a Bahia. — Men de Sá. — Vasco Fernandes Coutinho. — Conquista do Rio de Janeiro. — Francezcos. — Guerra aos Indios.

- 445

- 468

- 476